CÉLIA CHAVES GURGEL DO AMARAL

Relações Familiares, Adolescência, Gênero e Representações Sociais de Adolescentes

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Célia Chaves Gurgel do Amaral e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 11 de setembro de 1997

Assinatura: _____
(orientador)

CAMPINAS

1997

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA :
T/UNICAMP
Am13r
V. 1 Ex.
TOMBO BC/ 32675
PROC. 895/98
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 19/03/98
N.º CPD

CM-00104551-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

Am13r

Amaral, Célia Chaves Gurgel do.
Relações familiares, adolescência, gênero e representações sociais de adolescentes / Célia Chaves Gurgel do Amaral. -- Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador : Salvador Antonio Mireles Sandoval.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Família. 2. Adolescência. I. Sandoval, Salvador Antonio Mireles. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de DOUTOR em EDUCAÇÃO na Área de Concentração: Administração e Supervisão Educacional à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Salvador Antônio Mireles Sandoval.

Comissão Julgadora:

***Dedico** este trabalho aos meus filhos muito amados,*
***Daniela e Lucas,** minha inesgotável fonte de*
inspiração, pela força nos momentos mais
difíceis e pela paciência durante as
horas em que deles me afastei
para me dedicar apenas
aos estudos...

Agradecimentos

Durante todo o período de estudos e mesmo bem antes de começar meu Curso de Doutorado, várias pessoas foram muito importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Portanto, neste espaço, deixo registrada minha mais profunda gratidão...

... ao Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará, especialmente às colegas e amigas Consuelo Landin, Eliza Maria Maia Gomes, Helena Selma Azevedo e Maria Clarisse Ferreira Gomes, pelos ricos momentos de reflexão e pelo apoio integral para a realização efetiva de meus estudos;

...ao professor Salvador Antônio Mireles Sandoval, querido orientador, pela amizade, confiança e respeito que demonstrou durante todo o período de nossa convivência;

...à professora Letícia Bicalho Canêdo, pelas primeiras orientações;

...à psicóloga, professora e amiga Susana Menin, membro da Banca do Exame de Qualificação, por sua cuidadosa leitura dos meus textos e sugestões dadas para o aprimoramento de minha tese;

...à professora, educadora e amiga Maria Luíza Santos Barros, responsável pelo curso de Português no Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, pela gentileza e sensibilidade que demonstrou ao meu trabalho cedendo material que muito contribuiu para seu enriquecimento;

...à psicóloga, colega da UFC e amiga Maria de Fátima Severiano, pelos ricos momentos de discussão e pelo valioso apoio emocional em momentos decisivos dos meus estudos;

...à antropóloga, colega da UFC e amiga Isabelle B. Peixoto da Silva pelo incentivo e pelas opiniões valiosas dadas ao meu trabalho;

...à psicóloga e amiga Maria da Conceição Monteiro pelas discussões enriquecedoras ao estudo e pela agradável convivência durante os meses em Paris;

...aos professores François de Singly, Elisabeth Lage, Geneviève Fraisse e Michel Bozon pelas estimulantes discussões sobre meu objeto de estudo durante meu período de estudos em Paris;

Meus agradecimentos, ainda, à Universidade Federal do Ceará e à CAPES, pelo significativo e valioso apoio dado durante todo meu período de estudos no Brasil e no exterior.

- Resumo -

Este estudo trata sobre as representações sociais de adolescentes, em suas relações familiares e em referência à sua idade, que lhes dão a noção do ser homem e do ser mulher. Assim, o estudo foi orientado pela seguinte questão: Quais são e como se constituem as representações sociais de gênero de adolescentes entre 14 e 17 anos no contexto do cotidiano familiar e enquanto integrantes de uma determinada categoria de idade, a adolescência?

Aspectos de suas relações familiares assim como aspectos referentes à adolescência, constituíram o recorte dado para compreender o processo de construção de suas representações sociais de gênero.

Foram utilizados seis instrumentos para a pesquisa empírica: formulário sobre a situação familiar, entrevista semi-aberta com uso de gravador, redações, desenho, reuniões de dinâmicas de grupo e sessões de grupos focais. Os variados instrumentos de pesquisa possibilitaram aprofundar o problema e o cruzamento dos dados.

O grupo de informantes da pesquisa compreendeu vinte e seis meninas e dezesseis meninos, cuja participação atendeu à um convite dirigido a mais de cem adolescentes de ambos os sexos. Assim, o estudo tentou priorizar aspectos qualitativos mas aspectos quantitativos também foram preservados uma vez que o universo considerado foi de adolescentes pertencentes ao primeiro ano do segundo grau de uma escola privada na cidade de Campinas, São Paulo.

Gênero apareceu como elemento de ancoragem presente em todas as representações sociais dos indivíduos ao mesmo tempo que, ele próprio, detém significados diferenciais sobre o ser homem e o ser mulher, o ser masculino e o ser feminina.

Se gênero foi considerado como elemento de ancoragem nos estudos das representações sociais foi porque isto foi indicado nas relações familiares dos adolescentes e em suas relações com outros adolescentes. O estudo incluiu, portanto, aspectos substantivos do seu cotidiano familiar, de seu processo adolescente e como gênero aí aparece constituindo substantivas representações sociais que daí derivam.

- Resumé -

Cette étude a comme objectif de discuter le genre en tel qu'element de la construction des représentations sociales dans les rapports familiaux dans la vie quotidienne des adolescents. Ainsi, l'étude a été orientée par la question: Quelles sont et comment se forment les représentations sociales des adolescents de 14 à 17 ans dans leur contexte familial et en tant qu'intégrant d'une categorie determiné d'âge: l'adolescence? L'âge de la vie, qu'on appelle l'adolescence, tel comme les relations familiales ont constitué la tranche pour bien comprendre les aspects de la construction de ses représentations sociales du genre.

Six instruments ont été employés pour la recherche empirique: formulaire sur la situation familiale, interview sémi-ouverte avec un magnétophone, rédaction, dessin, réunions de dynamiques de groupes et réunions de groupes focalisées.

Ces méthodes d'enquête sur le terrain ont permi d'approfondir le problème et de croiser toutes les donées ainsi obtenues. Parmi les quarente-deux informants, vingt-six étaient du sexe féminin et seize du sexe masculin.

Cette recherche a priorisé les aspects qualitatifs, mais les aspects de quantité ont été préservés une fois que le nombre d'adolescents dans l'univers considéré, c'est-à-dire, les élèves de trois classes de seconde d'un lycée privée, a été significatif.

Le genre, en tant qu'une catégorie présente dans toutes les représentations sociales des individus, est lié au processus d'ancrage dans les études des représentations sociales. De la même façon, le genre comprend des éléments qui apportent des significations différentielles entre l'être féminin et l'être masculin.

Si le genre a été consideré en tant qu'élément d'ancrage dans les études des représentations sociales, c'est parce que cela a été indiqué dans les relations familiales des adolescents et entre leurs relations avec d'autres jeunes qui forment leurs groupes d'amitiés. D'autre côté, les représentations sociales du genre ont été obtenues par rapport aux références des adolescents sur ce qu'ils croient être femme et être homme.

Cette étude inclue aussi les aspects substantifs sur la vie en famille et l'adolescence et, par extension, toutes les représentations sociales qui en découlent.

- Abstract -

This study focuses on the social representations of adolescents in terms of their family relations and in reference to their age, aspects which provide them with the notion of being a man or a woman. In this regard the study was guided by the following question: which social representations about gender are constructed by adolescent between 14 and 17 years of age within the context of their daily family lives and as part of determined age category, adolescence.

Aspects of family relations as well as aspects of adolescence constituted the limits given to the analysis of the process of construction of adolescents' social representation of gender.

Six instruments were used for data collection: a questionnaire on family situation, taped semi-open interviews, a written composition by the subjects, and focal group sessions. The various research instruments allowed for more detailed analysis and data correlations.

The study sample consists of twenty-six adolescent girls and sixteen boys who participated in the project through an invitation extended to more than 100 adolescents of both sexes. In this way, the study pretended to emphasize a qualitative approach even though the quantitative aspects were also preserved since the universe considered was of adolescents in the first year of secondary education of a private school in the city of Campinas, São Paulo, Brazil.

Gender appears as an anchoring element present in all the social representations of the individuals at the same time that it, itself, has significant differences with regards to being a man or a woman, being masculine or feminine.

If gender is considered as an anchoring element in social representation studies it is because this was present in the family relations of the adolescents and in their relations with other adolescents. The study included substantive aspects of everyday family life, in its adolescent form and how gender appears in the constitution of substantive social representation derivations.

SUMÁRIO GERAL

Volume 1

INTRODUÇÃO 1

1. A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO 5

1.1. Delimitação Teórico-metodológica 11
1.1.1. Representações Sociais 13
1.1.2. Gênero 23
1.1.3. Família 31
1.1.4. Adolescência 40

1.2. Procedimentos Metodológicos 57
1.2.1. Estabelecimento de Contatos 57
1.2.2. Aproximação e Composição do Grupo de Informantes 59
1.2.3. Aplicação dos Instrumentos 62
1.2.4. Análise dos Dados 73

2. ADOLESCENTES E TEIA FAMILIAR 77

3. RELACIONAMENTOS NA FAMÍLIA 97

3.1. A Convivência 98

3.2. Relações com os Pais 107
3.2.1. Conversas com os Pais 110
3.2.2. "Pais e filhos: o difícil diálogo" 119
3.2.3. Autoridade: permissões e proibições 128

3.3. Relações com o Pai 134

3.4. Relações com a Mãe 139

3.5. Relações com outros Familiares 146

4. SENTIMENTO DE FAMÍLIA 154

4.1. Constituição de Família: Caso de Amor 158
4.1.1. Reprodução e Produção 164
4.1.2. Casamento e Ruptura 168

4.2. Representações de Família 181

5. COTIDIANO FAMILIAR E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS..... 193

5.1. Trabalho dos Pais 198

5.2. Trabalho Doméstico 201

5.3. Vida Profissional 219

Volume 2

6. IDADE E ADOLESCÊNCIA..... 227

6.1. Representações Sociais das Idades: Adolescência e Idade Adulta..... 233

6.2. Sexualidade e Liberdade Sexual: das Concepções às Representações 247

6.3. Representações do Ser Idealizado..... 258

6.4. Representações Sociais nos Grupos de Convivência..... 265
6.4.1. Momentos de Lazer 273

7. REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO..... 280

7.1. As Diferenças 293
7.1.1. Os Meninos falam das Diferenças..... 301
a. Atitudes..... 305
b. Relações Afetivas 308
c. Relações com os Pais 310
d. Permissões 311
e. Cotidiano Familiar..... 312
f. Engajamento Político 314
g. Relações de Trabalho 315
7.1.2. As Meninas falam das Diferenças 317
a. Atitudes..... 325
b. Relações Afetivas 327
c. Relações com os Pais 329
d. Permissões 329
e. Cotidiano Familiar..... 331
f. Engajamento Político 332
g. Relações de Trabalho 333
7.1.3. Mas afinal, quais são essas diferenças? 333

7.2. O que é Ser Homem e o que é Ser Mulher?..... 335
7.2.1. Para os Meninos..... 338
7.2.2. Para as Meninas..... 342

CONCLUSÕES 355

BIBLIOGRAFIA 373

ANEXOS 380

ANEXO I RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA POR INSTRUMENTO 381

ANEXO II MODELOS DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA 384

ANEXO III O POEMA 391

ANEXO IV DESENHOS DOS MENINOS 393

ANEXO V DESENHOS DAS MENINAS 407

LISTA GERAL DOS QUADROS

Volume 1

Quadro 1. Número de Adolescentes por Sexo e Idade 62

Quadro 2. Número de Adolescentes por Sexo e Roteiros Utilizados na Pesquisa 70

Quadro 3. Número de Adolescentes, por Sexo, por Tema de Redação 71

Quadro 4. Tipos de Arranjos Familiares dos Adolescentes 81

Quadro 5. Situação das Meninas no Núcleo Familiar 87

Quadro 6. Situação dos Meninos no Núcleo Familiar 89

Quadro 7. Níveis de Escolaridade dos Pais 91

Quadro 8. Profissão e Ocupação de Pais e Mães 93

Quadro 9. Representações do Pai através de Conceitos 139

Quadro 10. Representações da Mãe através de conceitos 144

Quadro 11. Adolescentes em Atividades Domésticas 213

Volume 2

Quadro 12. Representações da Adolescência 239

Quadro 13. Características Femininas e Masculinas 295

CÉLIA CHAVES GURGEL DO AMARAL

Relações Familiares, Adolescência, Gênero e Representações Sociais de Adolescentes

Volume 1

Capítulos 1 ao 5

CAMPINAS

1997

SUMÁRIO

Volume 1

INTRODUÇÃO 1

1. A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO 5

1.1. Delimitação Teórico-metodológica 11
1.1.1. Representações Sociais 13
1.1.2. Gênero 23
1.1.3. Família 31
1.1.4. Adolescência 40

1.2. Procedimentos Metodológicos 57
1.2.1. Estabelecimento de Contatos 57
1.2.2. Aproximação e Composição do Grupo de Informantes 59
1.2.3. Aplicação dos Instrumentos 62
1.2.4. Análise dos Dados 73

2. ADOLESCENTES E TEIA FAMILIAR 77

3. RELACIONAMENTOS NA FAMÍLIA 97

3.1. A Convivência 98

3.2. Relações com os Pais 107
3.2.1. Conversas com os Pais 110
3.2.2. "Pais e filhos: o difícil diálogo" 119
3.2.3. Autoridade: permissões e proibições 128

3.3. Relações com o Pai 134

3.4. Relações com a Mãe 139

3.5. Relações com outros Familiares 146

4. SENTIMENTO DE FAMÍLIA 154

4.1. Constituição de Família: Caso de Amor 158
4.1.1. Reprodução e Produção 164
4.1.2. Casamento e Ruptura 168

4.2. Representações de Família 181

5. COTIDIANO FAMILIAR E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS..... 193

5.1. Trabalho dos Pais 198

5.2. Trabalho Doméstico..... 201

5.3. Vida Profissional..... 219

LISTA DOS QUADROS

Volume 1

Quadro 1. Número de Adolescentes por Sexo e Idade 62

Quadro 2. Número de Adolescentes por Sexo e Roteiros Utilizados na Pesquisa 70

Quadro 3. Número de Adolescentes, por Sexo, por Tema de Redação 71

Quadro 4. Tipos de Arranjos Familiares dos Adolescentes 81

Quadro 5. Situação das Meninas no Núcleo Familiar 87

Quadro 6. Situação dos Meninos no Núcleo Familiar 89

Quadro 7. Níveis de Escolaridade dos Pais 91

Quadro 8. Profissão e Ocupação de Pais e Mães 93

Quadro 9. Representações do Pai através de Conceitos 139

Quadro 10. Representações da Mãe através de conceitos 144

Quadro 11. Adolescentes em Atividades Domésticas 213

INTRODUÇÃO

Relações Familiares, Adolescência e Gênero nas Representações Sociais de Adolescentes, procura discutir as representações sociais de gênero de adolescentes sob dois ângulos de visão específicos: primeiro, quais as representações sociais dos adolescentes construídas em suas relações familiares e em relação à própria idade da vida que atravessam e como o elemento gênero aparece ancorando estas representações sociais. Segundo, quais são as representações sociais de gênero de adolescentes construídas em suas dimensões cognitivas, afetivas e sociais considerando seu *habitus*.

O trabalho tem início com os questionamentos que deram origem à pesquisa, parte esta chamada de Construção do Objeto de Estudo, compondo o capítulo 1. Nele estão traçados a Delimitação Teórico-metodológica e os Procedimentos Metodológicos utilizados. Na delimitação teórico-metodológica são colocadas reflexões que envolvem aspectos sobre Representações Sociais, Família, Adolescência e Gênero. Nos procedimentos metodológicos estão descritos os passos dados na composição das estratégias para a pesquisa de campo.

As discussões e os resultados da pesquisa empírica, estão apresentados em outros cinco capítulos, formando o corpo do trabalho.

O capítulo 2, Adolescentes e Teia Familiar, identifica os adolescentes e apresenta, sobretudo, sua estrutura familiar objetivando situá-lo em seu *habitus*.

Nos capítulos que tratam sobre família o estudo explora e discute os dados sobre a formação familiar e as relações familiares dos adolescentes enfatizando os aspectos estruturais, relacionais e afetivos.

Os aspectos relacionais, tratam das relações existentes entre pais, filhos e outros parentes que estão apresentados nos capítulos 3, Relacionamentos na Família. Os aspectos afetivos aparecem no capítulo 4 na discussão dos dados sobre Sentimento de Família e as tendências a sua Constituição bem como as Representações de Família manifestadas pelos adolescentes.

Na referência específica a Relacionamento Familiar além das formas do adolescente se relacionar com os pais, enquanto conjunto e separadamente, e com outros familiares, ou seja, irmãos, irmãs, avós e tios, está destacada também a convivência familiar em que os adolescentes informam os momentos de encontros dos parentes que propiciam suas relações. Este conceito se distingue do conceito de cotidiano pois, à medida em que a noção de cotidiano compreende relação espaço e tempo, a convivência se refere aos momentos neste espaço e neste tempo.

No capítulo 4, Sentimento de Família, é discutido como, para os adolescentes, família supera as formas de organização e estruturação de grupo fechado na unidade doméstica e expressa um relacionamento

permanente entre pais e filhos, mesmo que seu cotidiano não inclua uma convivência constante. Neste capítulo estão incluídas discussões sobre a Constituição e Representações de Família. Para o adolescente, família se forma através de formas idealizadas de ligações amorosas e românticas com o casamento, quando já se atinge a idade adulta. Ao mesmo tempo família foi, via de regra, associada a maternidade, a feminino, fato conseqüente e circunstancial de entrada na vida adulta, aliado à questões afetivas e ao amor explicitando-se, aí, uma representação social objetivada pelo gênero em referência aos aspectos estruturais, relacionais e afetivos desta.

Assim, os quatro aspectos marcantes no discurso dos adolescentes em referência a família como sua teia ou composição, as relações familiares, o sentimento e o cotidiano constituíram-se partes específicas do trabalho.

Os capítulos 2, 3, 4 e 5 Adolescentes e Teia Familiar, Relacionamentos na Família, Sentimento de Família e Cotidiano Familiar, indicam como gênero ora aparece objetivando ora aparece ancorando as representações sociais dos adolescentes e quais os núcleos mais marcantes na definição destas representações, quando se referiam ao cotidiano e às relações familiares.

O capítulo 5 discute a dinâmica do cotidiano familiar em que aparecem as representações sociais dos adolescentes diante desta dinâmica em relação ao trabalho nas esferas pública e privada e à vida profissional dos pais.

O capítulo 6, Idade e Adolescência, trata das representações sociais que os adolescentes constróem referentes à idade, à sexualidade, ao ser idealizado, aos grupos de convivência fora da família. Assim, a objetivação e

a ancoragem nas representações sociais dos adolescentes nestes contextos tem gênero como referencial básico.

O capítulo 7 trata, especificamente, sobre as Representações de Gênero dos adolescentes. Neste capítulo foi discutido como os adolescentes expressaram os significados relativos às concepções sobre o "ser homem" e o "ser mulher", sobre o "ser masculino" e o "ser feminina", tendo a si próprio, sua família e outros adolescentes como referenciais.

No capítulo 8, as Considerações Finais, através de uma exposição sintética das diversas representações sociais dos adolescentes construídas em suas relações familiares, com outros adolescentes e amigos, estão traçadas as principais conclusões acerca dos dados obtidos e quais as contribuições do trabalho para o estudo das representações sociais de gênero.

1. A Construção do Objeto de Estudo

Trabalhando com a Orientação e Supervisão de Estágios de Licenciatura em Economia Doméstica, que se realizavam em escolas públicas de 1° grau no então "campo de estudos" Práticas Integradas do Lar (Economia Doméstica), estava em contato permanente com estudantes das classes de 5a. à 8a. séries e com alunos de Curso Técnico em Economia Doméstica (com idades entre 11 e 17 anos).

É sabido que, desde a época do Império, o ensino de Economia Doméstica esteve presente nas escolas como um ensino exclusivamente feminino, dirigido às moças mais pobres, através de cursos de lavanderia, cuidados com crianças, preparo de alimentos ou às moças mais ricas, com aulas de bordado, culinária, orçamento familiar, piano, etc.

Este ensino, portanto, estava explicitamente dirigido para as moças, como parte fundamental de sua educação. Mas, de acordo com a origem social dessas moças, o que se ensinava nas Escolas de Economia Doméstica seria diferenciado.[1] O próprio Sistema Educacional Brasileiro,

---

[1] RODRIGUES, Leda Ma. P. *A instrução Feminina em São Paulo: subsídios para sua história até a proclamação da República.* São Paulo, 1960, 315p. Tese (Provimento efetivo da Cadeira de História do Brasil), Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", PUC.

através de leis orgânicas, caracterizava este ensino como feminino, enfatizando o "instinto materno", a "sensibilidade da mulher para assuntos domésticos" e que a "mulher nasceu para a missão sublime de cuidar do lar". Portanto, havia necessidade que, ao freqüentar a escola, a mulher não esquecesse seu "papel de mãe" e que se preparasse para "cuidar bem da sua família". Neste sentido, a mulher deveria estudar Economia Doméstica[2]. Escolas de rede particular e pública ofereciam cursos ou ministravam aulas de Economia Doméstica exclusivamente para classes femininas acompanhando esta visão de domesticidade da mulher.

Em 1971 houve a Reforma do Ensino de 1º e 2º graus (Lei 5.692/71) com o espírito de introduzir, sobretudo, o ensino profissionalizante obrigatório no 2° grau. Assim, a partir do 1° grau as escolas deveriam "sondar e preparar para o trabalho" através da Formação Especial. Esta Formação incluía o ensino obrigatório e compulsório de Técnicas Industriais, Técnicas Comerciais, Técnicas Agropecuárias e Economia Doméstica, também denominada Práticas Integradas do Lar ou Educação para o Lar, destinados às classes de 5ª à 8ª séries. Assim todos os estudantes, meninos e meninas, de escolas públicas e privadas de todo o país naquelas classes teriam, pelo menos, um semestre letivo de aulas de Economia Doméstica.

Com o passar do tempo, porém, a prática escolar foi progressivamente alterando o espírito desta reforma, e estas aulas continuaram a ser direcionadas para as classes femininas. As escolas, praticamente, não mantiveram seus currículos segundo a legislação vigente em função de

---

[2] Veja os livros de SERRANO, Izabel de A. *Noções de Economia Doméstica.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, s. d. e de ALBUQUERQUE. Irene de. *Noções de Educação Doméstica.* Rio de Janeiro: Editora Aurora, s.d.

diversas circunstâncias políticas, sociais e econômicas.[3]

Em 1982 nova legislação sobre o ensino (7044/82) viria alterar a Reforma de 1971, como conseqüência da própria dinâmica da escola e a tensão permanente entre os defensores do ensino privado e o ensino público e as críticas por parte dos intelectuais da educação. Nesta lesgislação o ensino de Economia Doméstica, como os demais da então chamada Educação para o Trabalho - Técnicas Agropecuárias, Técnicas Industriais e Técnicas Comerciais, deixaram de ser obrigatórias e as escolas, aproveitando os professores remanescentes, ofereciam estes cursos de acordo com os "interesses dos alunos".[4]

Se, por um lado, as transformações nas relações sociais de produção alteraram a posição da mulher no mundo do trabalho e se os movimentos feministas rediscutiam a condição da mulher neste contexto, estas questões pareciam não ser consideradas no planejamento escolar e nas relações de sala de aula.

Na verdade, o ensino de Economia Doméstica era desenvolvido nas escolas descolado de muitas questões relevantes ao cotidiano familiar dos alunos. Este se detinha em aspectos técnicos e práticos sobre preparo de alimentos, cuidados com vestuário, distribuição do espaço e decoração da

---

[3] Vários trabalhados foram elaborados por entidades de educadores criticando a Reforma do Ensino, em função da forma autoritária como foi introduzida. Inúmeros pesquisadores também criticaram a Reforma de 71. Destacaria, ARAPIRACA, J. O. *A USAID e a Educação Brasileira.* São Paulo: Cortez, 1982; CUNHA, L. A. *Política Educacional no Brasil: a profissionalização no ensino médio.* Rio de Janeiro: Eldorado, 1977; FREITAG. B., *Escola, Estado e Sociedade.* São Paulo: Moraes Ltda., 1984 e WARDE, M. J. Educação e *Estrutura Social - a profissionalização em questão.* São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

[4] Veja pesquisa de AMARAL, Célia C.G. "A Prática Docente do Economista Doméstico em Escolas de 1o. e 2o. graus" publicada nos *Anais do V Encontro de Diretores e /ou Coordenadores de Curso e Representantes de Classe de Economia Doméstica,* realizado em Pelotas em 1988.

casa, cuidados com saúde e higiene pessoal, etc. Assim, a nível de planejamento e de execução, as aulas omitiam discussões sobre gênero, negando, de certa forma, a sexualização de suas práticas educativas.

Em várias escolas a separação de aulas consideradas para homens, como de Marcenaria, Tipografia e de aulas consideradas para mulheres, como Preparo de Alimentos ou Vestuário, institucionalizavam a divisão das classes escolares por sexo[5].

Sempre me preocupou o fato das escolas, onde eu orientava os estágios de Economia Doméstica manterem uma separação das classes de meninos e de meninas de acordo com a disciplina ou conteúdos ministrados.

A pesquisa que realizei sobre o ensino de Economia Doméstica em Fortaleza mostrou que era preponderante o número de escolas que pareciam reproduzir o "sexismo" através mesmo das áreas da antiga Preparação para o Trabalho (lei n° 5692/71), uma vez que as classes eram divididas para meninos e meninas de acordo com a disciplina de preparação para o trabalho que era ministrada. Neste sentido, estas áreas de conhecimento continuavam sendo instrumentos para reforçar a separação masculino-feminino.

A Economia Doméstica, antes de ser uma disciplina ou curso no sistema escolar, pode ser compreendida como o conjunto das práticas relativas à administração e organização das atividades relativas ao espaço privado no cotidiano das pessoas. Estas atividades se referem,

---

[5] Em 1988, realizei pesquisa junto ao Departamento de Economia Doméstica da UFC, sobre *O Ensino de Economia Doméstica nas Escolas de 1o. Grau de Fortaleza*, em que apareceram evidências que este ensino se mantinha com forte tendência para classes femininas e principalmente em escolas públicas ou particulares que atendiam as camadas mais pobres da população.

principalmente, ao planejamento dos gastos, preparo de alimentos, cuidados com a higiene e conservação do vestuário, planejamento, organização e higiene do ambiente, cuidados com a saúde, cuidados com os dependentes, crianças ou idosos, etc. Considerando que, na dinâmica da vida familiar essas práticas domésticas são assumidas principalmente pela mulher, isto tem reforçado e caracterizado a economia doméstica como feminina[6]. Da mesma forma, o feminino está associado, invariavelmente, ao mundo doméstico. Este fato tem sido suficiente para explicar todo tratamento sexualmente diferenciado da economia doméstica, enquanto ensino na instituição escolar, na prática cotidiana de cada pessoa ou na vida dos profissionais desta área de trabalho.

É inegável que, a economia doméstica, enquanto prática nas relações familiares, detém representações que estão incorporadas ao imaginário de cada indivíduo e da sociedade como um todo, que a caracterizam como atividade essencialmente feminina.

Os pressupostos de economia doméstica bem como as evidências que encontrei em minha prática profissional, me trouxeram muitas inquietações, que eram mais do que o aspecto da profissão ou "campo de estudos" na escola. Estas evidências diziam respeito, principalmente, ao cotidiano do estudante com quem eu convivia e que representações estes adolescentes estariam processando em torno do "ser feminina" e do "ser masculino".

---

[6] As pesquisas sobre esta temática se desenvolveram com os estudos feministas, em que o debate com o marxismo levanta questões acerca da relação reprodução-produção, principalmente. O Grupo de Trabalho Mulher e Força de Trabalho da ANPOCS, vem desenvolvendo e publicado estudos que situam os debates sobre esta questão. Veja, por exemplo, COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (Org.) *Questões de Gênero*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

O fato concreto acerca do ensino de Economia Doméstica, em que se evidenciava a separação de alunos e alunas, independente se eles teriam ou não interesse em estar nestas aulas, me motivou a investigar, a partir da perspectiva dos próprios adolescentes, sobre esta condição dual do ser masculino e ser feminina.

A economia doméstica, sendo tratada como inerente à condição feminina, reafirma a separação entre as atividades de "reprodução" e produção", desconhecendo-se que esta separação é perfeitamente contestável dada a realidade nos dias de hoje. Mas qual seria, de fato, esta realidade? A cristalização dessa idéia de separação masculino e feminina, demarcada seja no aspecto econômico, (reprodução - produção), seja no aspecto biológico (diferenças sexuais), ou no aspecto político (igualdade - desigualdade de direitos), revela como esta idéia tem sido "naturalizada" nos grupos de convivência.[7] A meu ver, as relações sociais estão demarcadas por esta separação e na escola, assim como em outras instituições isto é facilmente perceptível.

Em função de todas estas vivências e enquanto professora atenta a estas questões, procurei desenvolver um estudo que me possibilitasse explorar como os próprios adolescentes percebiam os significados destas categorizações.

Assim, defini como objetivo do estudo conhecer como os adolescentes - meninos e meninas - nas suas relações cotidianas, constróem suas representações de gênero e como estas representações são expressadas.

---

[7] ORTNER, Sherry B. Está a Mulher para o Homem assim como a Natureza para a Cultura? IN: ROSALDO, Michelle Zimbalist, & LAMPHERE, Louise. *A Mulher, a Cultura, a Sociedade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.95-120.

Parti do pressuposto que os adolescentes teriam elementos significativos, nas relações familiares e com outras pessoas com quem convivessem, os colegas de escola, por exemplo, tendo ou não certo grau de amizade, para construir as representações de gênero a partir, também, de sua condição de adolescente.

A questão original do estudo, portanto, surgira de uma preocupação diante de um fato concreto ocorrido em escolas de 1° grau. Esta preocupação gerou, conseqüentemente, uma outra que foi como os estudantes adolescentes, meninos e meninas, compreendiam o ser homem e o ser mulher no seu cotidiano. Portanto, para mim, a questão se colocava sobre as Representações Sociais de Gênero e a questão orientadora do estudo passou a ser a seguinte: Quais são as representações sociais de gênero no cotidiano de adolescentes?

1.1. Delimitação Teórico-metodológica

Ao explorar mais profundamente os conceitos propostos e à medida em que estruturava o instrumental para a pesquisa empírica, percebi que a questão inicial se colocava em sentido duplo: gênero, ao mesmo tempo que detém significados próprios é um elemento estruturador de relações sociais pois, enquanto "conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais" ele é referência para representações que as pessoas, no caso específico deste estudo, os adolescentes, construiriam nas suas interações sociais cotidianas. Neste sentido, procedendo as primeiras análises dos dados, a pesquisa empírica me apontou que o problema

indicava uma tendência à discussão tanto sobre *suas representações sociais de gênero e como gênero aparecia presente nas suas diversas representações sociais cotidianas.*

Foi muito importante perceber a reflexibilidade desta questão, pois à medida que eu procurava desenvolver o estudo das representações sociais de gênero dos adolescentes, os dados apontavam que gênero se apresentava como elemento definidor e estruturador das suas relações cotidianas. Gênero estaria compondo seus referenciais de representações sociais fossem na família, nos seus grupos de convivência, consigo mesmos e nas demais relações sociais. Por outro lado, nas suas relações cotidianas ao mesmo tempo que os adolescentes deteriam os significados e atribuiriam representações sobre o ser homem e o ser mulher, instituindo-lhes conceitos, estariam afetos a incorporar estas mesmas representações e expressá-las em atitudes e comportamentos específicos.

Assim, previamente delimitado na formulação dos objetivos, o desenvolvimento do trabalho também foi processando uma redefinição e ampliação do objeto em função dos dados encontrados na pesquisa empírica.

Tornava-se claro que, este estudo, se desenvolveria no sentido de analisar e discutir como o processo de construção das representações sociais dos adolescentes, tanto em relação à sua idade, nas suas relações familiares como entre outros adolescentes, teria gênero como elemento de ancoragem.

Assim, seria necessário dialogar com as argumentações teóricas colocadas nos estudos de Gênero, Adolescência e Família, bem como das

Representações Sociais e os próprios dados empíricos apontavam para tal.

Mesmo o problema tendo sido originado no âmbito da prática escolar, optei por trabalhá-lo na esfera das relações familiares, colocando a investigação até mesmo independente da ação da escola. Neste sentido, interpretar as representações de gênero resultantes destas relações e como reflexo do processo adolescente, me parecia suficiente e decidi não me deter no aspecto escolar ainda que, nesta fase da vida, a escola esteja, na maioria dos casos, integrada ao cotidiano do adolescente.

As concepções de gênero, de adolescência e de família sendo construídas no contexto de determinados grupos sociais e momentos históricos definidos, constituem e propiciam a elaboração de representações associadas a conhecimentos dos *universos consensuais* mas que teriam origem nos *universos reificados*. Estes são produzidos no contexto espacial e temporal da vida cotidiana. Assim, o estudo foi desenvolvido tomando estas reflexões como referenciais.

1.1.1. Representações Sociais

> *"C'est une forme de conaissance, socialement élaboré et partagée, ayant une visée pratique concourant à la construction d'une réalité commune à un ensemble social."*
>
> *(Denise Jodelet, 1989)*

Tanto para a obtenção como análise das informações, foi pressuposto que cada adolescente, enquanto sujeito do estudo, seria como um universo em constante construção. Este, vivenciando suas práticas nas suas relações familiares e com o grupo de convivências mais próximas, formariam suas

estruturas subjetivas e comporiam suas representações sociais.

Neste sentido, ao discutir o problema proposto foi necessário compreender as concepções de família, adolescência, do ser homem e do ser mulher expressada pelos adolescentes, buscando apreender o processo de construção de suas representações e como gênero aparece neste processo.

As representações sociais podem ser consideradas como produto e produtoras do *habitus* de cada adolescente o qual se insere em uma determinada posição social, em um determinado momento histórico.

"Habitus é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em conseqüência, o habitus produz práticas e ***representações*** *que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social."*[8]

O *habitus* estrutura e é estruturado pelas representações sociais para a produção e reprodução das práticas e para a formação dos valores e atitudes. As representações seriam, portanto, constituídas no processo interno classificatório e de esquematização das práticas cotidianas, ocorrendo mediante incorporação das estruturas do mundo social ao qual o indivíduo pertence. Ao mesmo tempo, a idéia de gênero presente no seu

---

[8] BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.158. (grifo meu). Este conceito foi desenvolvido por Bourdieu e está presente em toda sua obra como norteador de suas análises.

cotidiano, constituiria um referencial estruturador de diversas representações.

Habitus se refere a um processo propriamente individual de apreensão do mundo e de interiorização das normas e dos valores, anteriores à ação, preexistindo, internamente, às representações sociais.

"O habitus, que é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como, através das experiências formadoras da primeira infância, de toda história coletiva da família e da classe..."[9]

Desta forma, ao se considerar as representações sociais dos adolescentes, percebe-se uma associação imediata a um processo de esquemas classificatórios, constituídos no decorrer das suas vivências. Estas fazem parte de um universo de conhecimentos do senso comum, do pensamento prático e, enquanto tal, constróem uma realidade própria a um determinado conjunto social. As representações tendem a se reproduzir, ao mesmo tempo que podem ser passivas de ocasiões em que sofram rupturas e sejam superadas.

Se a concepção de *habitus* possibilita compreender o processo interno de construção das representações simbólicas, a noção de representações sociais complementaria as discussões, análises e interpretações das informações por ocasião do estudo de campo.

Nesta pesquisa empírica os dados obtidos incluíram conteúdos de expressão gráfica, oral, escrita e visual dos sujeitos. Neste sentido, as

---

[9] BOURDIEU, P. Op. Cit., p. 131.

noções de *habitus* e de representações sociais, constituídas e consideradas na perspectiva de um processo contínuo de construções no cotidiano social, ofereceu adequado instrumental teórico-metodológico para discuti-los. Tornava-se necessário aprofundar mais reflexões sobre esta categoria teórica.

A idéia de representação foi introduzida, primeiramente, por Durkheim,[10] sob uma ótica que sintetiza a compreensão coletiva dos fenômenos sociais, fazendo uma analogia entre as leis sociológicas e psicológicas do fato social.

"A vida coletiva, como a vida mental do indivíduo, é feita de representações; é pois presumível que representações individuais e representações sociais sejam, de certa forma, comparáveis."[11]

Para ele, tanto as representações individuais quanto as sociais têm o mesmo substrato de uma herança cultural e as representações coletivas predominam sobre o ser individual. O autor discute e questiona a idéia puramente psíquica da representação, revelando sua natureza como um construto da vida social associada à vida psíquica.

Por outro lado, os estudos de Representações tomam como foco o indivíduo em sua relação com o mundo. Neste sentido Moscovici[12] rediscutiu o conceito de representações coletivas desenvolvido por Durkheim, negando a força do coletivo sobre o individual e acrescentando que as representações não se originam apenas da herança cultural, mas em um processo contínuo

---

[10] DURKHEIM, E. "Representações Individuais e Representações Coletivas". In:____ *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Forense, 1970

[11] DURKHEIM, E. Op. Cit. p.16

[12] MOSCOVICI, S. La psychanalyse, son image et son public (1961). Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

de construções individuais no cotidiano social. As representações sociais estariam, desta forma, afetando e sendo afetadas pelas ações dos indivíduos em relação com o mundo em sua vida cotidiana. Elas compreenderiam o conhecimento dos *universos consensuais* produtos e produtores da interação social cotidiana.

Assim a representação social não é uma opinião, ou seja, não é uma reação dos indivíduos ou de uma única pessoa a um dado objeto ou fato. Ela também não é uma simples imagem, uma reprodução da imagem externa. Mas ela é produto da relação que um indivíduo, detentor de experiências e conhecimentos próprios, ou seja, com seu próprio *habitus*, estabelece com uma realidade que ele interpreta. A representação é pois, reflexo tanto do objeto enquanto bem simbólico quanto produto da atividade do sujeito que o conhece.

No mesmo sentido, os estudos de Jodelet colocam que, as representações, mais amplamente, designam uma forma de pensamento social.

"Les répresentations sociales sont des modalités de pensée pratique vers la communication, la compréhension et la maîtrise de l'environnement social, matériel et idéel. En tant que telles, elles présentent des caractères spécifiques au plan de l'organisation des contenus, des opérations mentales et de la logique.

Le marquage social des contenus ou des processus de répresentation est à réfèrer aux conditions et aux contextes dans lesquels émergent les représentations par lesquelles elles circulent, aux fonctions qu'elles servent

dans l'interaction avec le monde et les autres."[13]

Foi considerando estas concepções que o estudo passou a refletir propriamente sobre como gênero, enquanto concepção referida às relações sociais que se estabelecem entre homem e mulher, e enquanto compreensão do masculino e feminino no seu contexto cotidiano, tem sido revelado nas representações sociais dos adolescentes. Nas relações familiares e em relação à fase da vida chamada adolescência, os adolescentes tenderiam a expressar suas representações sociais perpassadas pela concepção de gênero;

Gênero refere-se à concepções oriundas das relações sociais, que são determinantes de desigualdades entre homens e mulheres, seja de diferenciação, ou de subordinação em circunstâncias do convívio social, e é referencial para estabelecer parâmetros de identificação duais do ser masculino ou feminino de coisas e atitudes.

Há um nexo entre os estudos de representações sociais e os estudos de gênero, pois na medida em que gênero é um referencial de análise sobre a classificação, a categorização e construção dos conceitos, as representações indicam como as pessoas expressam sua concepção, seus valores e atitudes frente ao seu mundo vivenciado. Neste sentido, seria necessário apreender das relações, interações e ações dos adolescentes o

---

[13] JODELET, D. Représentation Sociale: Phénomènes, Concept et Théorie. In: MOSCOVICI, S. (Direction) *Psychologie Sociale.* Paris: Presses Universitaires de France, 1984, p.361-2. "As Representações Sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Enquanto tais, elas apresentam características específicas no plano da organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica.

A marcação social dos conteúdos ou dos processos de representação são referidos às condições e aos contextos dos quais emergem as representações, às comunicações pelas quais elas circulam, às funções que elas servem na interação com o mundo e com os outros". (tradução minha)

que eles falam de gênero quando estão falando das representações ou quais os referenciais de representação quando eles falam de gênero.

Segundo La Torre[14] o processo de aquisição da identidade de gênero tem início por volta dos dezoito meses de idade, quando o indivíduo adquiriria a percepção da imagem corporal e com o processo de descoberta das diferenças sexuais. Com o passar do tempo estas percepções do corpo vão sendo associadas à determinadas formas de se comportar e agir que são aprendidas e associadas a determinadas condutas socialmente aceitas, segundo expectativas anteriormente definidas, como sendo masculinas ou femininas.

O processo de construção da identidade masculina e feminina passaria, portanto, por etapas comuns, porém as formas de perceber e interpretar as representações simbólicas existentes, a partir de seu *habitus*, estabeleceriam diferenciações nas suas atitudes expressas nos próprios discursos e práticas das pessoas.

Considerando as características fundamentais das representações sociais apresentadas por Jodelet, compreende-se o fato da representação social de gênero como um processo contínuo de produções simbólicas, seja de imagens, linguagem, atitudes e relações. Ao mesmo tempo ela se constitui a partir de duas dimensões: a dimensão de contexto, em que o sujeito constrói suas representações dadas as situações de estímulos e de interação social, e a dimensão de pertencimento, em que o processo de elaboração de idéias, valores e modelos do sujeito são inerentes ao grupo a

---

[14] LA TORRE, Ronald A. *Sexual Identity.* Chicago: Nelson Hall, 1979.

que pertencem.

No caso específico do estudo, as representações sociais e os referenciais de gênero seriam, assim, para os adolescentes produto tanto do processo de interação como de pertencimento destes a um determinado grupo, seja o familiar como o de convivências mais próximas, na escola ou vizinhança, por exemplo.

Ao conceber gênero como um conceito relacional, o processo de objetivação teria uma "materialização" relativa para cada pessoa e grupo social. Isto é, enquanto o sexo biológico determinaria uma condição da sexualidade macho ou fêmea, o gênero feminino ou masculino poderia adquirir seu significado diante das construções culturais, estando referido ou não à imagem do corpo, e não, necessariamente, subordinados a este dado. Assim, as representações sociais de gênero para meninos e meninas poderiam ser diferenciadas entre si mas terem em comum os determinantes sociais a que estão submetidos. Desta forma a construção de representações sociais dos adolescentes afetas às suas vivências ocorre como um processo individual classificatório mas também produto individual de suas relações sociais. (Dimensões de contexto e de pertencimento).

Obviamente as representações se produzem e reproduzem no contexto de um cotidiano concreto e real. Esse cotidiano é estruturado espacial e temporalmente.[15] A estrutura espacial do cotidiano leva em conta a convivência das pessoas, sua interação e o contato face a face em situações reais. A estrutura temporal da vida cotidiana impõe e limita os fatos

---

[15] BERGER, I. P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.

a serem vividos numa dimensão do tempo convencional, simbolizado pelo calendário e pelo relógio.

Assim, as representações na vida cotidiana diriam respeito tanto às estruturações no âmbito do espaço social, família, escola, grupo de amigos, colegas de escola, vizinhos, etc. como às estruturações no sentido do tempo, construção da idade, horários de atividades durante o dia, por exemplo. A idéia de espaço, enquanto determinante da construção de representações, coloca indícios referentes às diferenças sexuais na medida em que ela estaria associada a uma outra categoria de gênero. O fato dos adolescentes, por exemplo, atribuírem a distribuição de algumas atividades domésticas a determinados espaços da casa, e que destas atividades podem ser diferenciadas entre homens e mulheres, induz a uma categorização do espaço segundo o gênero. A idéia de temporalidade da vida cotidiana também pode ser associada à idéia de gênero ao se reconhecer que as idades da vida detém, entre si, assim como a concepção de gênero, uma relação de poder e dependência. Pode-se pensar que determinada idade, como a adulta, por exemplo, detém mais domínio sobre a infância e a velhice. E que a adolescência detém um valor diferenciado de todas as outras fases da vida. Neste sentido os espaços domésticos, associados às atividades mais femininas ou mais masculinas e as idades, detendo uma relação de poder e hierarquia entre si, teriam uma relação de gênero.

As concepções de trabalho doméstico e adolescência, portanto, evidenciariam questões de gênero nesta relação espaço e temporalidade da vida cotidiana.

As classificações de gênero submetidas àquelas representações

ancoradas, primariamente, na condição do sexo biológico podem ser ampliadas segundo as vivências do indivíduo no seu mundo cultural e social. Assim é que, o adolescente desenvolveria todo o processo de construção de representações de gênero desde as primeiras relações que estabelece, seja com seus familiares ou não, e passaria a categorizar objetos, fatos, atitudes em função, ainda, de seu processo cognitivo, afetivo e emocional, mediante os símbolos e a linguagem que são incorporados.

Neste sentido as representações existentes para a construção tanto da idéia das diferenças sexuais como da idéia de adolescência, seriam inerentes às próprias experiências do adolescente que se encontra em um processo contínuo de desenvolvimento físico e mental.

A relação que se estabelece entre os sexos, tem sido construída no contexto de determinado grupo social, da mesma forma que a idéia de adolescência tem sido assimilada, em um determinado momento histórico. Ambas são representações associadas a conhecimentos dos *universos consensuais* mas que têm origem nos *universos reificados* e são produzidas no contexto espacial e temporal da vida cotidiana. Que tipos de práticas e atitudes meninos e meninas desenvolvem diante das representações construídas sobre o ser homem e o ser mulher em suas relações familiares e com amigos?

"Se eu fosse mulher, teria uma personalidade completamente diferente, pois acredito que seria educado de maneira diferente pelos meus pais."(Fabrício, 15a.)

"Se eu fosse homem, aproveitaria para fazer o que não posso devido ao fato de ser mulher..."(Débora, 14a.)

Tomando, pois, a perspectiva das representações sociais, as questões básicas foram delimitadas aos estudos de gênero, família e adolescência,

estes constituindo os referenciais teóricos para desenvolver e contextualizar o trabalho de pesquisa.

1.1.2. Gênero

> *"... é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos..."*
>
> *(Joan Scott, 1990)*

Os estudos de gênero levantam discussões fundamentais como por exemplo, a relação natureza-cultura, diferença-identidade, igualdade-desigualdade, dominação-submissão entre homens e mulheres em função dos contextos históricos e sociais dos grupos.

Mesmo sendo objeto dos estudos antropológicos e da psicologia diferencial, a concepção de gênero foi tratada, inicialmente, enquanto tal nos estudos feministas, e agora tem sido largamente empregada como uma categoria de análise para refletir sobre as representações construídas nas relações sociais sobre o masculino e o feminino.

Fortemente associada a práticas sociais que estabelecem diferenciações entre os sexos, a concepção de gênero foi construída como uma maneira de evidenciar as diversas formas de dominação e opressão masculina e, conseqüentemente, exclusão e submissão feminina, tanto a nível privado, como público nos diversos contextos sócio-históricos. As pesquisadoras feministas desenvolveram inúmeros trabalhos que se tornaram importantes para argumentar e estruturar a concepção de gênero enquanto uma categoria de análise.

Scott[16] faz um levantamento histórico da formação deste conceito, destacando uma série de abordagens teóricas de natureza descritiva ou causal. No estudo, pelo menos três das abordagens de Scott puderam ser evidenciadas pelos dados, como fornecedoras de substratos essenciais para se pensar na perspectiva das relações no cotidiano familiar: a origem do patriarcado, das relações sociais de produção e a produção e reprodução da identidade de gênero. Estas abordagens estão relacionadas entre si, uma vez que destacam a necessidade de considerar as diferenças socialmente construídas por uma determinação biológica como forma de superar as relações de desigualdades entre homens e mulheres.

Uma outra concepção acerca da categoria gênero que os dados da pesquisa apontam, é o conceito desenvolvido por De Barbieri. Ela identifica o conceito de gênero com o sistema hierarquizado de poder e prestígio social, com as relações na divisão social do trabalho e este sistema de poder resultado de um conflito social.[17]

Tanto as discussões de Scott como as De Barbieri tomaram os estudos desenvolvidos com base em vertentes comuns, seja o funcionalismo, o marxismo ou o pós-estruturalismo para desenvolverem este conceito.

Considerando as várias concepções de gênero entre as diversas pesquisadoras feministas, destaca-se uma preocupação em introduzir este conceito no mundo acadêmico como uma estratégia para respaldar as pesquisas sobre mulher, mas, acima de tudo, eliminar o androcentrismo das

---

[16] SCOTT, J. W. *Gender and the Politics of History.* New York: Columbia University Press, 1988.

[17] DE BARBIERI, Teresita. Sobre a categoria gênero. Uma introdução teórico-metodológica. In: AZEREDO, S. & STOLKE, V. *Direitos Reprodutivos.* São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

pesquisas científicas e, conseqüentemente, da ciência.[18]

Strathern enfatiza o conceito de gênero relacionado ao imaginário social que categoriza não só as pessoas mas os eventos e artefatos e se reflete na natureza das relações sociais. Carole Pateman não utiliza o termo "gênero" pois considera que o termo "sexo" compreende uma concepção suficiente para levantar questionamentos e desenvolver as discussões colocadas atualmente para gênero. Zilah Eisenstein discorda de Pateman e reconhece que a concepção de gênero, compreendida como determinante de relações sociais entre homens e mulheres é totalizante, pois contesta o sentido essencialista que o uso do termo "sexo" expressa.

Diante das várias posições depreende-se que, para compreender a categoria gênero, é necessário desenvolver um pensamento anti-essencialista; criticar a identidade universal de homens e mulheres; criticar a visão dualista produção-reprodução e criticar a concepção de mulher e homem como identidade dada pelo sexo.

No estudo, as representações de gênero se apresentaram tanto na perspectiva da dualidade do ser masculino e do ser feminina como nas relações de diferenças e igualdades entre homem-mulher nos seus universos de convivência, seja nas relações de trabalho, de poder no cotidiano familiar, de referenciais nos grupos de amizade ou na projeção de atitudes.

Não resta dúvida que o mundo está ordenado sob a distinção de gênero masculino e feminino. Todas as nossas ações estão demarcadas

---

[18] Diversas foram as formas de construção do conceito de gênero. Estudos de Joan Scott (1988), Jane Flax (1986, 1987), Shulamith Firestone(1970), Marilyn Strathern(1980), Carol MacCormack (1987), Sheila Benhabib (1987), Zilah Eisenstein (1988) e Carole Pateman (1988), por exemplo, constituem-se em importantes referenciais sobre este tema.

pela distinção de gênero, demarcação esta atribuída por significados estruturados em relação a nossa realidade cultural. Portanto, pode-se atribuir gênero a coisas, objetos, formas e atitudes, por exemplo. Assim, as coisas são sexuadas quando são marcadas pelas significações e sentidos de diferenças de gênero que lhes foram atribuídas. Mas quais os elementos presentes nestes objetos, coisas e atitudes que me levam a agrupá-los nas mesmas categorias, a lhes atribuir um significado comum? Qual o referencial para este processo?

Acredito que qualquer grupo constrói suas representações de gênero, ou seja, sobre o que seria masculino, feminino ou qualquer outro tipo de variação percebida nas atitudes e comportamentos socialmente categorizados, a partir da herança cultural e dos valores e experiências inerentes a estes grupos. Do mesmo modo, cada indivíduo, a partir de suas experiências e nas vivências cotidianas no grupo de pertencimento, vai incorporando e elaborando suas próprias representações a partir destes referenciais estruturados ao mesmo tempo que, suas estruturas subjetivas, também compõem seu universo de significados.[19]

Assim, ao mesmo tempo que gênero evoca representações, por si só, ele detém significados. Ao identificar as representações de gênero de adolescentes, portanto, foi possível perceber o nível a que estas se referiam: de diferenciações sexuais, de relações de poder ou outro nível qualquer, percebendo gênero como um esquema analítico que me permitiria compreender essas diferenciações quando são postas nos diversos

---

[19] Veja BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1990.

contextos de convivência destes adolescentes.

Na verdade Scott[20] ressaltou que, enquanto elemento constitutivo de relações sociais, fundamentadas nas diferenças sexuais, gênero compreende os símbolos culturalmente disponíveis, conceitos normativos que interpretam estes símbolos, as concepções definidas em âmbito institucional e político e a construção de uma identidade subjetiva. Considerando gênero como relação de poder, Scott apresenta uma versão histórica das relações políticas entre homens e mulheres e como o poder é articulado pelo gênero. Assim a condição biológica do corpo teria sido o referencial primário que, historicamente, evocaria a distribuição de poderes opostos ou diferenciados entre homens e mulheres.

Enquanto Scott trabalha com uma concepção histórica e complexa sobre gênero, De Barbieri apresenta-a de forma contextualizada no momento histórico definido:

"...conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram a partir da diferença anatômico-fisiológica e que dão sentido à satisfação dos impulsos sexuais, à reprodução da espécie humana e, em geral, ao relacionamento entre as pessoas". [21]

Neste sentido, a concepção de gênero é compreendida como resultado de práticas de homens e mulheres, resultado de construções sociais sobre o feminino e o masculino, e que são tomadas a partir, sobretudo, das diferenciações biológicas. Assim, a construção de representações de gênero também teria o determinante sexo biológico como

---

[20] SCOTT, J. W. Op. Cit.
[21] DE BARBIERI, Teresita. Op. Cit. p. 30

referencial. Mas de que forma este determinante aparece?

"Diferença?... prá mim é só física. E diferença é o que a que a sociedade impôs...(Léo, 16a.)

Constantemente referido pelos adolescentes como o elemento definidor mais evidente da determinação do ser homem e do ser mulher, o sexo biológico tem sido, também, a referência na representação do ser feminina e do ser masculino. Neste ponto vale salientar que as instituições legais da sociedade reconhecem apenas dois sexos: feminino e masculino. No entanto, na dinâmica social ocorre uma clara evidência de que existe um sexo biológico e um sexo social, que podem ou não ser opostos entre si. O sexo social tem o mesmo sentido do conceito de gênero pois refere-se às construções sociais existentes nas relações entre homens e mulheres. Para Nicole-Claude Mathieu[22] nem as definições de sexo nem as fronteiras entre sexo e gênero não são muito claras. No entanto, para um determinado grupo, vivenciando um contexto social e histórico concretos, existem elementos que identificam o ser homem e o ser mulher e são tomados como referência para as representações de gênero.

Na família e demais instituições, se aprende a pensar e atuar de acordo com as normas sociais, que consideram os gêneros duais, opostos e com diferenças entre eles. Neste sentido, é possível considerar que as representações de gênero, como processo subjetivo, seriam influenciadas por significações diferenciadas para homens e mulheres. A sociedade estaria, por assim dizer, estabelecendo um modelo do ser feminina e do ser masculino. No entanto, o ser individual, seja homem ou mulher, teria

---

[22] MATHIEU, Nicole-Claude. *L'anatomie politique - catégorisations et idéologies du sexe*. Colombia: Côté-femmes, 1991.

possibilidades de superar estas imposições e manifestar suas representações à parte das concepções consensualmente impostas? Ter consciência desta imposição é suficiente para contestá-la e assumir novas atitudes?

Ao mesmo tempo que reconhecem e admitem que a sociedade impõe a forma de ser do homem e da mulher pela condição do sexo biológico, meninos e meninas manifestam suas idéias acerca de sua própria identidade neste contexto.

"Se eu fosse homem, acho que minha vida no aspecto interior seria a mesma coisa, mas já no exterior, seria um pouco diferente..."(Simone, 14a.)

Este exterior revela, justamente, as determinações sociais que estabelecem as normas e valores a serem seguidos e incorporados.

"Se eu fosse mulher, não acho que a vida seria diferente... apenas por pequenos detalhes..."(Mário, 15a.)

Assim é que, o processo de construção das identidades masculina ou feminina dos adolescentes poderiam passar por etapas comuns, porém as formas de perceber e interpretar as representações simbólicas existentes, a partir de suas experiências, daquilo que lhes é transmitido em suas relações familiares e grupais, estabeleceriam as normas de diferenciações. Estas são expressas nos seus próprios discursos e práticas enquanto indivíduos e não apenas como pertencente a uma determinada categoria sexual. Neste caso, considero que o *habitus* propicia ao indivíduo formas diferenciadas de construir suas representações.

Justamente diante de uma realidade tão diversificada, em que convivem diferentes estruturas e relacionamentos familiares, em que as concepções de masculino e feminino às vezes parecem difusas em algumas

circunstâncias da vida dos adolescentes, uma questão subseqüente a este estudo poderia ser colocada: Como as representações de gênero dos adolescentes, construídas a partir de sua convivência em família e com amigos, participam do seu processo de construção de identidade? Mas, no estudo esta posta, sobretudo a questão: O que é para este adolescente o se sentir homem e o se sentir mulher? Esta concepção teria, por si só, um sentido essencialista ou relacional?

O presente estudo não pretende aprofundar discussões sobre o processo de construção de identidade de gênero de adolescentes mas elucidar como gênero tem sido elemento de ancoragem das suas representações sociais no seu cotidiano e como eles elaboram suas próprias representações de gênero.

A expressão dos adolescentes sobre os símbolos culturalmente disponíveis e sobre os conceitos normativos destes símbolos presentes no seu cotidiano familiar e na sua relação com amigos, por exemplo, que opõem masculino e feminino, constituem elementos indicadores sobre suas representações de gênero.

Dessa forma, quando um adolescente fala das dificuldades, proibições, permissões, limitações, diferenças e desigualdades que percebe nos relacionamentos sociais, ele estará expressando suas representações e estas perpassam, de alguma forma, o significado de gênero que ele atribui:

"...Acho que mesmo na sociedade é mais fácil pro homem... é mais fácil, né? Mesmo o pai, tipo assim, se eu com quatorze anos arrumasse uma namorada, meu pai não ia falar nada, mas se fosse uma menina era diferente. Ele... bom, prá tudo é mais fácil pró homem... homem, tem muita coisa que homem faz porque o pai deixa, porque se fosse menina o pai não deixaria."(Léo, 16a.)

Assim, por exemplo, as formas de comportamento que o adolescente incorpora, a preferência por determinados jogos, as permissões de acesso a certos locais, os horários apropriados para sair de casa, a escolha e uso de determinados tipos de roupas e de outros objetos, são identificados como feminino ou masculino segundo aprovação do meio social. Certos símbolos como a cor azul para o enxoval do bebê menino e a cor rosa para o enxoval do bebê menina detém uma significação para o atributo gênero, por exemplo.

Mas o importante no estudo não é revelar a ocorrência de um fato como este por si só, mas discutir por que e em que circunstâncias as atribuições acontecem. E estas circunstâncias, neste estudo, foram tomadas em referência às relações do cotidiano familiar e em relação à idade da vida que vivenciam - adolescência. Considerando, ainda, que os grupos de convivência mais próximas também são determinantes na formação do *habitus*, foi dirigido um olhar para estas relações de modo a discutir como as representações de gênero aí se manifestam.

1.1.3. Família

> *"...bom, meus pais são separados... meu pai casou de novo então desde pequeno eu tenho duas famílias mesmo..."*
>
> *(Paulo, 15a.,1994)*

O grupo familiar do adolescente, enquanto um instituição socialmente construída, não detém um modelo único de estrutura, de dinâmica ou de funcionamento. Na diversidade destas estruturas, porém, existe uma permanência daquilo que se chamaria "sentimento de família". Considerando

que, na pesquisa empírica, os dados demonstraram uma forte evidência do contexto familiar enquanto um "sentimento" que extrapola a estrutura ou o espaço físicos, houve certa ênfase na expressão deste sentimento. Por outro lado, dados sobre a constituição e estruturação do grupo familiar e posição do adolescente neste grupo aparecem como importantes referenciais sobre as relações que se estabelecem influenciando, possivelmente, no processo de representações sociais.

Considerando família enquanto uma construção social, "uma ilusão, no sentido mais primário do termo" reconhece-se que ela é uma "ilusão bem fundada", como diz Bourdieu.

"...parce que, étant produite et reproduite avec la garantie de l'État, elle reçoit à chaque moment de l'État les moyens d'existir et de subsister."[23]

Esta noção circunscreve, inclusive, estruturas em que não há o contrato legal de casamento pois a sociedade reconhece a constituição de um núcleo familiar, e o Estado mesmo tem mecanismos de amparo social, quando existe coabitação e descendentes na relação homem-mulher.

É crescente o número de famílias que estão se formando sem o contrato legal de casamento. A preocupação das instituições do Estado se voltam para este fato, discutindo, inclusive questões que se colocam para o casamento de pessoas do mesmo sexo.[24] Assim, novos arranjos familiares convivem com as chamadas formas tradicionais; relações monoparentais e

---

[23] BOURDIEU, P. À propos de la famille comme catégorie réalisée. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* Paris: n.100 Décembre, 1993. p.36."...porque sendo produzida e reproduzida com a garantia do Estado, ela recebe a cada momento do Estado os meios de existir e subsistir."(tradução minha)

[24] LENOIR, Remi. La famille, une affaire d'etat. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales - La famille dans tous ses états.* Paris: Seuil, n.113 juin. 1996. p. 16-30.

sociedades conjugais, em que o casal não coabita ou entre homossexuais, estes dois últimos mesmo com dependentes, filhos legítimos ou adotados, são cada vez mais numerosas.

O surgimento do sentimento de família, tal como ainda hoje tem sido colocado, teve seus primórdios já no século XVI.[25] E a contínua alimentação deste sentimento tem sido uma forma para que as estruturas de parentesco e a própria família, independente de sua constituição, se perpetuem. Segundo Ariès, este sentimento é, ao mesmo tempo, princípio de coesão afetiva e econômica. Mas como este sentimento se mantém nas relações familiares hoje?

Família também tem sido discutida como uma instituição que se encontra em crise ou processo de desestruturação, seja em face de indicadores sobre a diminuição da fecundidade, ocasionada por formas mais eficientes de anti-concepção ou pela crescente participação da mulher no mercado de trabalho, seja pelo aumento de taxas de divórcio. Mas este discurso de desestruturação familiar leva a reflexões bem mais complexas acerca das mudanças de comportamento a nível familiar e das condições de vida da população.[26]

As variedades de rearranjos familiares colocam em crise a nomenclatura existente para as relações entre as pessoas que se reagrupam ou constituem uma nova família. Como, por exemplo, uma menina chamaria

---

[25] ARIÈS, P. Op. Cit., p.200.

[26] GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu - De Trajetórias e Sentimentos*, Campinas, n.1, p.65-110, 1993. SINGLY, F. de. La famille: transformations récentes (Dir. número especial) *Problèmes politiques et sociaux*, 1992, n.685; *Sciences Humaines hors série*, n.7, Paris: décembre 1994 - janvier 1995

o homem que se casou com sua mãe após o divórcio desta com seu pai? Que relação de parentesco existe entre eles? Que relação de parentesco existiria entre a mãe desse homem e aquela menina? Certamente esse homem não é seu padrasto, uma vez que seu pai está vivo. Ela terá três avós? Esta discussão tem sido levantada pelos estudiosos da família e, ao que aparece, novos rearranjos familiares e tipos de parentesco tornam-se uma atrativa fonte de investigação para os pesquisadores da área.[27]

Inicialmente apontada como uma das causas da desestruturação familiar, a participação cada vez maior da mulher no mundo economicamente ativo e a questão da dupla jornada de trabalho suscitaram muitos estudos que levaram a discussões sobre a sexualização das ocupações no mercado formal e sobre as relações de trabalho no cotidiano doméstico.

Os estudos sobre a condição feminina, por exemplo, sempre apresentam uma estreita vinculação entre a temática família, cotidiano doméstico e, conseqüentemente, trabalho doméstico.[28] Por outro lado, os estudos sobre família, salvo raras exceções, assinalam a forte presença da mulher, associando-a à dinâmica familiar e trabalho doméstico. Estes estudos discutem sobre as condições em que a mulher, associada a um determinado "universo feminino", induz à formação de um estereótipo definido. Assim é que, estudos sobre família não poderiam deixar de discutir sobre mulher e relações de trabalho doméstico.

---

[27] SINGLY, F de. *La famille, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 1993;; BOURDIEU, P. Des Familles sans nom. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris: Seuil, n.113, juin. 1996, p.3-5.

[28] CHAUDRON, Martine. Vie de famille, vie de travail. In: SINGLY, François de.(Org.) *La famille: l'Etat des Savoirs*. Paris: Éditions La Découverte, 1992, p.133-144. No Brasil pesquisas sobre mulher, família e trabalho doméstico são numerosas. Mariza Corrêa em Mulher & Família, Resenha publicada no BIB n.18 de 1984, trata da evolução das pesquisas nestas temáticas.

Na América Latina foram realizados vários estudos sobre a mulher, inicialmente com base em análises marxistas do desenvolvimento da força de trabalho feminina.[29] A participação cada vez maior no chamado trabalho produtivo demonstrava que à mulher não caberia o estereótipo "doméstico", tão depreciado, seja no senso comum, seja no campo científico. Estudos sobre as concepções de trabalho na visão marxista, buscavam conceituar trabalho doméstico, objetivando uma análise teórica que lhe desse o significado acadêmico.

Trabalho doméstico, por outro lado, não é considerado como trabalho no senso comum, pois diversas vezes quando se refere a alguém que cuida dos filhos e da casa, se diz: "ela não trabalha, fica em casa com os filhos..."

Para Seccombe[30], *"...trabalho doméstico figura substancialmente no valor relativo da força de trabalho, mas não é parte de sua equivalência expressa no salário. É claro que salário e força de trabalho são de igual valor e, assim, substancialmente, iguais quantidades de trabalho social são gastas em cada lado da equação, mas esta eqüivalência, concretamente, não é uma identidade."*

A compreensão de que, a força de trabalho economicamente ativa necessitaria de condições de sua reprodução a nível doméstico, justificaria a relação trabalho doméstico e trabalho enquanto um valor, mas não enquanto produção de mais-valia. Gerstein[31] reconhece, então, que este processo é

---

[29] Veja AGUIAR, Neuma. *Mulheres na Força de Trabalho na América Latina: um Ensaio Bibliográfico*, Resenha publicada no BIB n.16 de 1983.

[30] SECCOMBE, W. The housewife and her labour under capitalism. *New Left Review*, n.83, january, 1984.

[31] GERSTEIN, Ira. Domestic work and capitalism In: *Radical America*, V. 7, n.4 e 5, July-October 1973, p.101-128.

independente da formação econômica capitalista e que trabalho assalariado e trabalho doméstico, *"são categorias econômicas independentes, obedecendo suas próprias leis e fundadas em diferentes relações sociais."*

As discussões sobre a questão do trabalho doméstico enquanto relação própria à dinâmica familiar, procuraram elucidar o seu valor nas relações sociais. Ao mesmo tempo, estas discussões colocam em pauta as mudanças nas relações familiares mediante, não apenas, a progressiva inserção da mulher no mercado de trabalho como também do crescente desenvolvimento tecnológico de bens de consumo domésticos a que a família moderna tem acesso.

Assim, diante do fato concreto, que é a participação da mulher no trabalho dito produtivo, pode-se pensar em uma estrutura familiar dinâmica, em que as responsabilidades com os afazeres domésticos poderiam ser distribuídos com outras pessoas da família, substituindo mesmo a contratação de pessoas para este fim. Mas haveria, de fato, uma tendência do trabalho doméstico ser dividido por todos da família? Sabe-se que ainda persiste uma imagem predominantemente feminina, em se tratando de assuntos de cuidados com a casa. Mas será que esta idéia ainda prevalece entre os adolescentes?

A transmissão sexuada das maneiras de cuidar da casa, segundo Kaufmann[32] tem sido propiciada pela forma diferenciada de educar filhos e filhas, de acordo com uma concepção sectária entre o masculino e feminino. E hoje, será que os trabalhos domésticos continuam sendo uma transmissão

---

[32] KAUFMANN, J.C. Les habitudes domestiques, In: SINGLY, François de, (Org.) *La Famille: L'État des Savoirs*. Paris: Editions La Découverte, 1991.

explícita de mãe para filhas?

"Bom, minha mãe faz o almoço, jantar, claro que minha irmã ajuda ela no que ela pode..."(Adriano, 15a.)

O fato deste menino enfatizar *"claro que minha irmã ajuda..."* demonstra a forte associação do feminino à cozinha.

As atitudes aprendidas, muitas vezes por imposição em função do sexo biológico, o simbolismo incorporado às brincadeiras e jogos infantis, têm propiciado uma certa tendência de reconhecer que as atividades domésticas são próprias a determinada pessoa por ela ser menina. Esta é uma situação constante nas relações familiares do cotidiano doméstico que tanto estrutura como é estruturante das representações acerca de feminino e masculino. Para ilustrar, pode-se observar os tipos de brinquedos infantis que são destinados às meninas. São inúmeros os relacionados às atividades domésticas tais como, fogão, panelas, ferro de passar, bebê no berço, etc. que os pais ou mães jamais ofereceriam ao filho menino. Já está implícito, no significado social destes brinquedos, que eles são para as meninas.

Assim, os estudos sobre família que tratam das relações de trabalho doméstico sempre colocam discussões sobre estudos de gênero. Da mesma forma, existem muitos estudos sobre gênero que tratam de questões relativas à condição da mulher nas relações familiares e sua dupla jornada de trabalho.[33] Estudos sobre a relação família, mulher e trabalho doméstico,

---

[33] Veja SINGLY, François de. "Les relations conjugales". In: DE SINGLY, François. (Org.) Op. Cit. p.107-115. e CASTRO. Mary G. & LAVINAS, Lena. "Do feminismo ao gênero: a construção de um objeto". In: BRUSCHINI, Cristina & COSTA, Albertina de Oliveira. *Uma questão de Gênero.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. São dois trabalhos distintos que falam sobre a preocupação com os estudo de gênero. No primeiro trabalho, François de Singly analisa a vida conjugal quando a mulher trabalha fora e sua implicação no cotidiano doméstico. No segundo estudo, as autoras fizeram reflexões acerca da relação trabalho e gênero e apresentam um levantamento de muitas pesquisas durante dez anos, de 79 a 89, sobre as condições e relações de trabalho de mulheres.

estimulam discussões sobre gênero, enquanto uma categoria que trata de refletir sobre as relações políticas e sociais entre homens e mulheres. Os estudos que tratam de trabalho doméstico têm sido feitos, na maioria dos casos, na perspectiva dos estudos sobre a mulher e família.[34]

Podemos considerar que as situações de trabalho doméstico demarcam diferenças, seja no sentido do masculino e feminino, seja no sentido de solidariedade ou exploração, por exemplo. Assim é que, ao pensar nestas relações, colocaria a idéia discutida por Durkheim[35].

Ao discutir sobre a questão da divisão do trabalho, Durkheim destaca que esta tem uma função moral na medida em que a partilha de funções entre homens e mulheres estabeleceria relações de amizade e criação de sentimento de solidariedade. Ele aponta que a divisão sexual do trabalho está na origem da sociedade conjugal e na sua consolidação.

"...é a divisão do trabalho sexual que é a origem da solidariedade conjugal, e aí está porque os psicólogos fizeram justamente notar que a separação dos sexos tinha sido um acontecimento capital na evolução dos sentimentos; é que ela tornou possível talvez a mais forte de todas as tendências desinteressadas." [36]

A divisão de trabalho doméstico e não doméstico entre homens e mulheres estaria assim compreendida como uma forma de estabelecer uma solidariedade conjugal. Por outro lado, Martine Chaudron[37] discute as relações de exploração que se estabelecem na família em função da "divisão

---

[34] BRUSCHINI, C. *Mulher, Casa e Família*. São Paulo: Vértice, 1990.
[35] DURKHEIM, E. Da Divisão do Trabalho Social, *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
[36] DURKHEIM, E. Op. Cit. p.71.
[37] CHAUDRON, M. "Vie de Famille, Vie de Travail". In: SINGLY, F. Op. Cit., p.133-44.

sexual do trabalho", onde a mulher produz um trabalho gratuito na família, o trabalho doméstico.

Então, uma coisa que se destaca nas relações de trabalho doméstico, é uma separação das práticas de homens e mulheres no cotidiano familiar.

Revendo as posições de ambos os autores, particularmente acredito que, ao mesmo tempo em que a divisão do trabalho determina certo sentimento de solidariedade conjugal ocorre claramente uma situação que eu não diria ser de exploração da mão-de-obra feminina mas de acomodação e assunção voluntária das funções domésticas, o que pode ser explicado em diversos estudos antropológicos. Haveria pois um pressuposto implícito que se estabeleceria uma hierarquia de poder na qual àquelas pessoas que executam as atividades domésticas, as mulheres, estariam submissas àquelas que não as executam, os homens.

No entendimento de Chaudron[38] esta relação desigual entre homens e mulheres presente no mundo doméstico, tenderia a se reproduzir no espaço público de forma a ser vivenciada por todos como um fato "natural" nas relações de trabalho produtivo. Na minha compreensão, estes fatos são simultâneos e não conseqüentes.

No entanto, considerando as relações familiares descritas pelos adolescentes, o que seriam, de fato, para eles estas relações de trabalho doméstico? A execução de atividades domésticas é vista pelos adolescentes como uma forma solidária de divisão do trabalho ou como uma relação hierárquica e desigual entre homens e mulheres no cotidiano familiar, ou

---

[38] CHAUDRON, M. Op. Cit.

como nenhuma das duas situações? Será que os adolescentes percebem uma desigualdade nas relações de trabalho fora de casa como fato conseqüente ou simultâneo das relações do espaço doméstico? Os adolescentes constróem representações duais de gênero a partir das relações de trabalho doméstico, inerentes ao cotidiano familiar?

1.1.4. Adolescência

> *"Ah!... é uma idade assim, de descobrir as coisas... uma idade assim que é meio indefinida.... há coisas que você pode e que não pode fazer..."*
>
> *(Simone, 14a. 1994)*

Considero que, para falar da adolescência se torna necessário, antes, discutir um ponto essencial que delimita no tempo, a marcação desta fase da vida: a idade.

Ao pensar nas idades da vida pode-se percebe-las como detentoras de significados de gênero por deterem relações de hierarquia e poder. Assim é que, a infância e a velhice seriam femininas e as idades jovem e adulta seriam masculinas. A hierarquia embutida nesta sexualização das idades incorporaria uma relação de poder e dominação de uma idade sobre outra, associada à idéia de submissão e dependência, principalmente no interior das relações familiares. Assim, a criança é dependente do adulto, a ele está submetida e a ele deve obediência. Por outro lado, na velhice, o outrora adulto depende do mais jovem que agora controla e domina a situação. Nas relações sociais considera-se que o mundo feminino e masculino estão em posições hierarquizadas em que o masculino domina o feminino. As idades

da vida, portanto, estariam "sexualizadas" à medida em que se percebe esta confluente relação de hierarquia.

A demarcação das idades da vida sofreu alterações de acordo com as circunstâncias históricas, sociais e mesmo políticas. Galland lembra que no século XVI havia uma tendência de definir o ciclo da vida como um ciclo natural das estações, sob a influência da "força imperiosa da natureza". No entanto, a definição das idades ganhou maior precisão e complexidade graças à investigação psicológica.

"...l'investigation psychologique pourra alors définir des catégories en rapport avec les étapes de l'existence comprises nom plus tellement comme cette circularité inexorable qui mène, selon un destin commun à tous, de la naissance à la mort, mais plutôt comme une sucession de paliers qui permet à chacun de progresser vers un destin à construire."[39]

Na sociedade moderna considera-se, via de regra, a idade do indivíduo associada às circunstâncias sociais para compreender e conceituar as fases no processo de desenvolvimento das etapas da vida. Neste sentido a infância, hoje,pode ser subdividida em primeira e segunda infância, em função de momentos próprios dentro do contexto da instituição escolar, por exemplo. Após a infância, diante do desenvolvimento fisiológico e psicológico, a criança, então púbere, ingressaria na adolescência, o que ocorre, em média, por volta dos doze ou treze anos, e se estenderia até os dezessete anos, idade esta demarcada pela entrada conclusão do 2° grau ou

---

[39] GALLAND, Olivier. *Sociologie de la jeunesse.* Paris: Armand Colin, 1991. p.11. "... a investigação psicológica poderá então definir as categorias em relação às etapas da existência compreendida não somente como esta circulaidade inexorável que conduz, segundo um destino comum a todos, do nascimento à morte, mas antes como uma sucessão de etapas que permitem a cada um progredir em direção a um destino à construir."

pela entrada no curso universitário, se for pensado em termos de educação formal. Desta idade até os vinte um ou mesmo vinte e cinco anos, este indivíduo é considerado jovem adulto, quando podem ocorrem o fim da escolarização, a entrada no mundo do trabalho e o casamento, eventos estes simultâneos. Galland considera que existiriam, pelo menos três determinantes de entrada na vida adulta: a saída da família de origem, a entrada na vida profissional e a formação de casal.

Ao admitir que este processo não ocorreria por "força da natureza", Galland[40] reconhece as diferenças nas relações sociais que alteram, sobremaneira, o percurso de escolarização, o processo de desenvolvimento psicológico e social desejáveis em uma sociedade onde todos os indivíduos têm direito a ser cidadãos. Assim é que, a nossa realidade social apresenta situações flagrantes em que estas etapas da vida, tal como colocadas, são negadas a determinadas categorias sociais. Existem adolescentes que mal tiveram tempo de concluir seu desenvolvimento pubertário e já são "intimadas" a assumir vida de adulto, trabalhando para manter a família. Neste sentido, pode-se reconhecer nas concepções colocadas por Galland, o que se espera que ocorram numa sociedade onde todos têm direito à cidadania.

A juventude seria, portanto, uma circunstância do desenvolvimento físico aliada às relações sociais do indivíduo. Nesta etapa da vida os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, estabeleceriam fases bem definidas como a puberdade, a adolescência e a idade de jovem adulto.

---

[40] GALLAND, O. 1991, Op. Cit.

A idade adulta, por outro lado, compreende, hoje, algumas fases próprias definidas tanto em função da entrada como à saída no mundo do trabalho. Assim, diante da aposentadoria, apareceram denominações como a terceira e mesmo a quarta idade. As instituições sociais, portanto, seriam as grandes definidoras das divisões das idades da vida.

A idéia de adolescência, tendo sido assimilada e valorizada no início do século XX por determinada fração da sociedade, passou a ser considerada como uma etapa significativa no processo do desenvolvimento da vida.

Mesmo considerando o desenvolvimento físico como o determinante significativo para a idade, pode-se dizer que a adolescência, na perspectiva das relações sociais, é uma construção social. Assim é que, dos estudos sobre ritos de iniciação e de passagem, de desenvolvimento físico, psicológico e de formação da personalidade, à concepção da existência de uma idade de transição e de maturação, obtém-se evidências que, cada realidade cultural e cada civilização teria lidado com diferentes parâmetros para reconhecer e caracterizar esta fase da vida.[41]

Da mesma forma que nas sociedades mais primitivas existem rituais de passagem para a idade adulta, Michel Bozon admite que, na sociedade moderna, poderia se falar em ritmos de passagem para outra idade. Por exemplo, poderia se pensar que o processo de escolarização é um ritmo de passagem institucionalizado nas sociedades modernas. Assim, do ingresso no segundo grau até à conclusão de um curso de formação profissional, seja

---

[41] Sobre estes aspectos faço referência especial dos estudos antropológicos de MEAD, M. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988 e em *Macho e Fêmea*. Petrópolis: Vozes, 1971.

universitário ou não, demarcaria a plenitude da adolescência.

A separação das classes escolares por idade, que foi uma decisão datada do século XVIII, poderia ser considerada como a primeira preocupação de tratar a infância e adolescência como fases da vida diferenciadas. Na época, esta fase era uma parte da então denominada juventude que compreendia, inclusive, os indivíduos até trinta anos e este termo ainda hoje tem o sentido genérico de disposição, vitalidade e força, qualidades alegadas como "próprias" dos mais jovens.

Na pesquisa empírica deste estudo os adolescentes assinalaram a escolarização de segundo grau como referência ao período da adolescência. De fato, a demarcação das classes escolares por idade é um determinante que se faz presente no seu universo de representações.

Dolto[42] reconhece que na sociedade moderna não existiria um único rito de passagem, e que isto pode, de certa forma, apresentar mais conflitos para os sujeitos nesta idade da vida, do que nas sociedades em que há um ritual definidor desta passagem. Por outro lado, projetos de vida a longo ou a curto prazo poderiam dispensar estes ritos, mas não substituí-los enquanto rituais de iniciação para a entrada na idade adulta.

Os ritos de passagem existentes em diversas sociedades à época da adolescência com objetivos de introduzir o indivíduo na idade adulta teriam, por assim dizer, uma função psicológica, segundo estudiosos da área, pois resolveriam conflitos edipianos de afirmação da identidade sexual ou de estabilização dos papéis sexuais.[43]

---

[42] DOLTO, Françoise. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

[43] CLAES, Michel. *L'experience adolescente*. Liège: Mardaga, 1994.

A vivência da adolescência é muito importante para o desenvolvimento do indivíduo pois nesta etapa da vida ocorrem diversas facetas de natureza psicológica e social, com decisivas definições de natureza identitária, social e sexual.

As circunstâncias e eventos que se passam em todo o processo adolescente podem influenciar na de construção das representações sociais dos adolescentes importantes para afirmação da sua personalidade.

Sobre a representação da adolescência, ela aparece na retratação dos mitos que se constituíram em arquétipos de juventude, beleza e sedução. Assim, ela foi figurada em símbolos mitológicos e em obras de arte mesmo antes da era cristã. Pintores, escultores e poetas a retrataram em obras famosas, através de imagens femininas e masculinas. Sua representação plástica, portanto, antecede a sua própria concepção enquanto uma fase da vida definidora de mudanças num mundo social e culturalmente constituído.

Segundo Ariès[44], a partir do século XX, após a primeira guerra mundial, o sentimento de adolescência se consolida e se generaliza, e este termo é amplamente empregado na sociedade atual.

Justamente a partir do início deste século, os adolescentes passaram a ser preocupação e objeto de estudo na área da psicologia social com Stanley Hall, nos Estados Unidos. Através de um estudo de psicologia genética, Hall discutiu a evolução biológica do adolescente segundo parâmetros da teoria da evolução para compreender o desenvolvimento das espécies que, na época, estava em efervescência. Para ele a adolescência

---

[44] ARIÉS, P. 1981, Op. Cit.

seria como aquele período da evolução humana em que o homem passaria da barbárie à vida social. Assim, a socialização do adolescente, tal como aquela etapa da evolução da espécie humana, encontra muitas dificuldades, parece mesmo intransponível. Ele considera que as potencialidades do adolescente, em função de sua natureza instável e conflituosa, não atingiriam facilmente as condições e possibilidades de realização na sociedade.[45] Esta visão da adolescência enquanto um período da vida caracterizada por conflito, instabilidade e contradições, permaneceu durante muito tempo na psicologia americana.

Além do estudo de Hall outros trabalhos de cunho científico também foram realizados na Europa, procurando conhecer, caracterizar e, em alguns casos, aconselhar aqueles que lidam com adolescentes. Inúmeras obras foram publicadas destinadas aos educadores ou aos próprios adolescentes com objetivo de aconselhamento ou como formação moral, social e de higiene.

Michel Claes fez um extenso levantamento bibliográfico dos principais estudiosos da adolescência e de adolescentes na Europa.[46] Na Inglaterra: TANNER, J. M. Growthat. "Adolescence". Oxford: Black well Scientific Publication, 1962. SCHOFIELD, M. "The sexual behavior of the young people". London: Green and Co., 1965; RUTTEER, M. "Changing yoouth in a changing society." Cambridge: Harvard University Press, 1980. Na França ele destacou Pierre Mendouse, que em 1910 publicou "L'âme de l'adolescent"; Maurice Debesse cuja obra central foi "La crise d'originalité

---

[45] Veja HALL, G.S. *Adolescence (Vol. I e II)* New York: Appelton, 1904, 1905.
[46] CLAES, M. Op. Cit. p. 30.

juvénile", em 1941, mas publicou antes, em 1936, "Comment étudier les adolescents". Claes cita ainda Bianka Zazzo, cuja obra "La psychologie différentiele de l'adolescence" publicada em 1966 ele considera a primeira obra francesa de cunho verdadeiramente científico.

Ariès[47] discute sobre a primeira manifestação do sentimento de adolescência que encontrou, revelado na música *Siegfried,* de Wagner. Esta expressava uma mistura de sentimentos como pureza, espontaneidade, força física e alegria de viver, que caracterizam o adolescente moderno típico. Este sentimento, manifestado no período romântico, se expande após a primeira grande guerra, por volta de 1914, quando então, os adolescentes tratam de se opor às velhas gerações. É justamente a partir do século XX que novos valores sobre vigor e saúde são difundidos e associados àquelas pessoas cujas idades e condições físicas se manifestam expressivamente. O sentimento de adolescência se institui e ela passa a ser reconhecida como uma idade da vida onde a virilidade e pureza se misturam ao mesmo tempo que novos valores são incorporados, e atitudes de contestação e rebeldia são reconhecidos como formas próprias que o adolescente tem de tratar o mundo. Segundo Ariès, portanto, a adolescência é considerada a idade privilegiada do século XX, assim como a infância o foi no século XIX.

Ao falar sobre a construção do sentimento de adolescência, parece-me que Ariès destaca uma visão unicamente masculina da adolescência na medida em que apresenta suas reflexões a partir de documentos e materiais do universo masculino.

---

[47] ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

"...a consciência da juventude começou como um sentimento comum dos ex-combatentes, e esse sentimento podia ser encontrado em todos os países beligerantes..."

Enquanto se sabe que as primeiras representações plásticas da adolescência simbolizavam figuras andróginas, que a adolescente já aparecia em pinturas de Rafael, símbolo de virgindade, pureza e sedução, a adolescência referida por Ariès está situada num contexto de luta e combatividade. Assim o sentimento de adolescência seria diferenciado para homens e mulheres. Mas este sentimento teria tido a mesma origem para ambos? Talvez não, e, neste caso, poderia se perguntar, então, como teria sido esta forma diferenciada da construção deste sentimento.

A adolescência, não resta dúvida, é um período de grandes mudanças físicas e psicológicas. Enquanto as transformações pubertárias que marcam o corpo obedecem à mesma seqüência e são universais para todos os indivíduos da espécie humana, as diferenças culturais e costumes das diversas sociedades ou civilizações podem estabelecer delimitações diferenciadas quanto ao período adolescente e ao ingresso na idade adulta.

Meninos e meninas têm suas próprias representações do "ser adolescente", do "ser homem" e do "ser mulher". Mas, a partir de que estas representações são introjetadas pela menina e pelo menino? Considerando não apenas o referencial sexo, poderia se supor que, o sentimento de adolescência tenderia ser diverso para ambos, mesmo participantes de um mesmo *habitus*. Resta saber como e em que suas classificações e representações do mundo se assemelham ou se diferenciam.

São inúmeras as representações, no cotidiano familiar e social, que

delineiam a concepção de adolescência estabelecendo "modelos" que são incorporados e reproduzidos pelos indivíduos.

Inicialmente aliada às idéias de virilidade e força, esta concepção esteve mais associada a um estereótipo masculino, pois foi justamente com base nas iconografias e a partir de modelos masculinos que Ariès fez suas análises e deduções. O próprio termo "adolescente" no vocabulário latino se refere aos verbos: *adulescentior, ari*: comportar-se como homem; *adulescenturio,ire*: tomar o caráter de um jovem.[48]

Tomando-se esta perspectiva, se perceberia que a construção do sentimento de adolescência estaria relacionado ao mundo masculino, ao homem, como uma decorrência do próprio androcentrismo da ciência. Por outro lado, tomando as representações plásticas, esta diferenciação não parece tão evidente, uma vez que a adolescência de meninos e de meninas aparece, igualmente, com um ar de pureza virginal e de sedução. Neste caso, se perguntaria como é hoje a representação da adolescência para meninos e meninas?

No estudo, adolescência é tratada como uma fase da vida como as outras, sem desconhecer, porém, que à ela são atribuídos inúmeros significados. Uma fase em que não só as influências externas estão interferindo nos indivíduos, mas estes mesmos indivíduos, vivenciando experiências em suas relações sociais, constróem seu universo de representações.

---

[48] ROCHEBLAVE-SPENLÉ. Anne-Marie. *O Adolescente e seu Mundo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. p.15

"Dos doze aos dezoito, vinte e pouco, é uma vida gostosa. Às vezes sai de uma irresponsabilidade prá arcar com responsabilidades. Acho que vai criando maturidade... acho que a adolescência é a principal idade da vida. Se você não trabalhar com ela, você não vai ser uma pessoa adulta."(Gláucia, 15a.)

Aliada a todo um processo se definir, de se encontrar, de se identificar como pessoa, comportamentos agressivos constantes são tomados, muitas vezes, por patologias ou "crises normais da adolescência":

"É, tem dias que dá pé-de-guerra, assim... de vez em quando...todo mundo cansado, eu cansada... aí a gente começa a discutir... porque toda vez que eu chego de algum lugar, eu deixo o tênis largado na sala..."(Priscila, 16a.)

Na verdade este conceito de "crise" estaria fortemente relacionado a posições ideológicas e políticas que, em determinados períodos históricos, quando a geração mais jovem rompia com as idéias da geração anterior. Claes (1994) considera que esta concepção de uma adolescência tumultuosa, dominada por tensões internas, conflituosa, teria sido tomada pela psicologia moderna com base nas idéias de Stanley Hall. Nos seus estudos, Hall, com a utilização do vocábulo "storm and stress" caracterizaria o período adolescente influenciando nesta representação de adolescência.

Foi na psicanálise que se desenvolveram estudos sobre os tipos e origens das perturbações psicológicas desta fase da vida e, através destes, se conseguiu estabelecer a demarcação entre as noções de perturbações adolescentes e de adolescência normal. Esta perturbações psicológicas é que definiriam o estado de "crise".

Através de representativas pesquisas empíricas, desenvolvidas nos Estados Unidos e na Europa (Douvan & Adelson, 1966; Zazzo, 1966; Rutter, 1976) observou-se que o conceito de "crise adolescente" não tem o apoio

científico e a situação de crise no desenvolvimento do adolescente é algo de excepcional.

Nas pesquisas da psicanálise os sujeitos em estudo são recrutados dentre outros que apresentam sérias dificuldades psicológicas que justificam a terapia mas esta amostra de adolescentes não representa a população média dos adolescentes.

Ao contrário do que se poderia considerar, a concepção de "crise" refere-se mais a uma postura da geração adulta de reprovação da geração mais nova, às circunstâncias cotidianas do seu processo de auto-afirmação, de ruptura da tutela parental e de contestação à autoridade instituída pelas instituições sociais.

Assim como em outras idades, na adolescência, todo o processo de vivências do indivíduo estaria repleto de símbolos e representações, adquiridos e formados no decorrer de sua vida, o que lhes conferiam um significado para o que percebem, apreendem e para o desenvolvimento de suas ações.

"Ah! Uma idade assim de descobrir as coisas, tô conhecendo pessoas que estão fora do meu ambiente, né? Que eu convivo, né? Tipo, ah... gente nova, diferente... ah, uma idade que é meio indefinida, né? Há coisas que você pode e que não pode fazer..."(Simone, 14a.)

A adolescência, não só pelos atributos advindos do próprio contexto social como também pelas transformações corporais inerentes a esta fase da vida, propicia mudanças nos aspectos biológicos, mentais e sociais.

"...le corps est profondément modifié lors de la poussée pubertaire, la pensée change également et fait l'objet de remaniements quantitatifs et qualitatifs, la vie sociale évolue sous un double mouvement d'emancipation

de la tutelle parentale et d'engagement de nouvelles relations avec les pairs, enfin, la représentation de soi s'engage dans une nouvelle subjectivité qui s'exprimera au sein de l'identité, fruit des transformations sexuelles, cognitives et sociales."[49]

Para Claes, na adolescência ocorrem, basicamente, modificações em quatro zonas de desenvolvimento: no corpo, no pensamento, na vida social e na representação de si.

A representação de si em se tratando do corpo, em função, talvez, das rápidas modificações, não são muito bem aceitas:

"...porque tem vezes, assim, que eu me olho no espelho e me acho um verdadeiro monstro... horrorosa..."(Juliana, 16a.)

É na adolescência que o indivíduo, principalmente quando escolarizado, alcança a capacidade do pensamento abstrato e das perspectivas temporais. Também na adolescência, pode-se dizer que o indivíduo atinge uma subjetividade a ponto de modificar a representação de si e do outro. Na sociedade moderna são atribuídas à adolescência, cada vez mais, uma série de símbolos de forma a torná-la a fase da vida mais atraente.

No estudo, cada adolescente, ao mesmo tempo que foi considerado como um indivíduo com suas vivências particulares, foi relativizado em sua vivências particulares e sociais.

---

[49] CLAES, M. Op. Cit. p. 56 "... o corpo é profundamente modificado no momento da puberdade, o pensamento muda igualmente e é objeto de modificações quantitativas, qualitativas, a vida social evolui em um dupio movimento de emancipação da tutela parental e de engajamento em novas relações com os pares, enfim, a representação de si se engaja em uma nova subjetividade que se exprimirá no seio da identidade, fruto das transformações sexuais, cognitivas e sociais". (tradução minha)

As condições estruturais e estruturantes do cotidiano dos adolescentes perpassam a situação do espaço e tempo e assim, pressuponho que, os adolescentes incorporariam muitos valores e constituiriam representações vivenciadas em função de sua condição de idade. Procurou-se discutir quais as próprias concepções dos adolescentes sobre adolescência e como elas são construídas, uma vez que existe toda uma institucionalização simbólica em relação a essa idade da vida. Como as representações de adolescência estão ancoradas na noção de gênero ou como esta noção está evidenciada na concepção de adolescência?

O que os adolescentes falam sobre adolescência pode ser, provavelmente, não só o que vivenciam em suas experiências cotidianas mas também as informações através de livros e meios de comunicação de massa, modelos e formas de agir que recebem através da educação familiar e escolar, conhecimentos transmitidos por amigos e grupos de convivência, e mesmo da tradição cultural do contexto social que vivenciam.

Estas condições e mediações sociais, isto é, o *habitus* destes adolescentes possibilita o complexo encadeamento de seu processo de representações sociais. Durante esta etapa, também, o adolescente alarga seus campos de identificação além das relações familiares e constitui seu grupo de referência fora da família. O processo de socialização com seus pares é marcante e é importante como fonte de identificação de conduta e afirmação pessoal.

Durante a adolescência, os grupos de amizade vão, pouco a pouco, assumindo um importante referencial de identificação e de pertencimento:

"Eu não tenho muitos amigos, mas os amigos que eu tenho são amigos prá valer mesmo..." (Gláucia, 15a.)

As amizades, na adolescência, detém um significado especial pois é através dos amigos que os adolescentes se sentem aceitos por seus semelhantes que têm a mesma idade e interesses comuns. A sua formação identitária depende, em grande parte, da estabilidade emocional que perpassa não só nas relações familiares mas também entre as pessoas que eles escolhem como companhia: os amigos. É na adolescência em que os grupos de amigos começam a se formar com mais estabilidade, diferentemente do que acontecia na infância.

"O relacionamento com os amigos é diferente do que tinha antes... nos assuntos... todo lugar que freqüento também, é outro ambiente... a gente sai junto, sei lá... não é mais vai lá na casa do amiguinho brincar. É aquele... vamos lá prá sair, vamos lá prá sair na casa da menina, sempre é diferente."(Daniel, 14 a.)

Enquanto a formação de grupos de amigos é fato comum desde a infância, na adolescência este processo ocorre à medida em que os jovens buscam uma emancipação da tutela parental.[50] O despertar da sexualidade nesta etapa da vida propicia a aproximação dos pares, a princípio, do mesmo sexo e, depois, de sexos opostos. A escolha ou a definição da preferência sexual tem ocorrido, com muita freqüência, nesta fase.

Os adolescentes buscam, em suas amizades, um referencial de identidade, de auto-confiança e auto-estima. Seus sentimentos, na maioria dos casos, expressam formas positivas de relacionamento, buscando um aceitação do grupo que escolheram e encontro de pessoas com interesses comuns aos seus.

---

[50] CLAES, M. Op. Cit. p.153

Piaget[51] identificou diferentes formas de agrupamento de crianças e adolescentes segundo a idade e reconhece que, na adolescência ocorreria o que ele chamou de fase positiva pois se dá uma expansão das relações, contrariamente a uma fase negativa na infância, que ele categorizou como egocêntrica.

Ao apresentar a discussão sobre as relações com seus pares, Zazzo afirma que a preferência pela vida exterior ao ambiente familiar foi mais freqüente entre os adolescentes mais velhos (com mais de 17 anos). No entanto este fato esteve mais ligado ao desejo de autonomia do que propriamente a uma ruptura afetiva com os familiares. Esta necessidade do adolescente alargar o campo de relações sociais tem sido identificada através dos tempos e nas mais diversas sociedades.

"De toute façon le besoin d'amitié, s'il existe à tous les âges, se présente à l'adolescence avec une force et une tonalité particulières."[52]

A sociedade moderna tem propiciado diferentes formas de agrupar as pessoas por idade cronológica, seja em atividades, em espaços físicos específicos, tipos, horários e locais de lazer, e identificá-las mesmo pela forma de se vestir, falar ou se comportar. A escola é uma das inúmeras formas de constituir os grupos de pessoas por idade.

No estudo, os adolescentes destacaram justamente a escola como o local de maior possibilidades de encontrar e manter relacionamentos com amigos.

---

[51] PIAGET, J. "Les stades du développement de l'enfant de l'adolescent". In: *Le problème des stades en psychologie de l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France. 1956.

[52] ZAZZO, Bianka. *Psychologie différentielle de l'adolescence*. Paris: Presses Universitaires de France, 1966, p. 322.

"...Aqui na escola é que eu tenho as melhores amigas..." (Danielly, 16a.)

Nas relações de amizade os adolescentes estabelecem vínculos de identificação, encontram afinidades de idéias, se percebem atravessando momentos de mudanças físicas e com interesses e práticas semelhantes. Mantém relações de amizade com quem se identificam e estas também compõem e participam da formação de seu esquemas de classificação e categorização, de seu *habitus*.

"Eu sempre andei com gente do meu nível, que gosta das mesmas coisas que eu gosto... mesmo estilo meu, sempre. Nunca gostei de andar com gente que faz coisas diferentes do que eu. Sempre é do mesmo nível, do mesmo estilo de vida..."(Janaína, 15a.)

Nesta situação, em que os adolescentes se percebem e se categorizam, percebem e categorizam o outro, suas representações vão sendo construídas e passam a compor seu universo de classificação. Por outro lado, seria o caso de se indagar de que forma gênero se constituiria em um determinante na constituição dos grupos de amizade.

O elemento amizade poderia elucidar as representações diante do fato de pertencimento a um grupo de escolha e, conseqüentemente, a expressão das atitudes, valores e interesses presentes em função deste pertencimento.

"Eu gosto de ficar rodeado de amigos. Não importa onde. Se eu estiver com meus amigos, eu estou bem. Meus amigos mesmo, não esse pessoal..."(Paulo, 15a.)

Em todas as fases do desenvolvimento humano, observa-se que o indivíduo estabelece vínculos de relacionamento e, em cada etapa, estes vínculos têm adquirido características próprias.

Considerando que existem diversas situações no cotidiano dos

adolescentes, inclusive sua própria idade, que propiciam a construção de representações sociais, o recorte do estudo priorizou, especificamente, situações em dois grupos de convivência: família e outros adolescentes com os quais eles se relacionam.

1.2. Procedimentos Metodológicos

A escolha da metodologia do trabalho foi sendo definida ao longo do processo da pesquisa. No entanto, o grupo a ser estudado, foi definido à priori: adolescentes.

Neste sentido, seria na escola se encontrariam os sujeitos que interessavam ao estudo com mais facilmente. Isto porque, na sociedade moderna, a escola é a instituição mais eficiente para proceder a formação de grupos por idade, com certa homogeneidade de capital cultural. Além disso, é na escola onde os adolescentes vivenciam grande parte de seu cotidiano. O estudo pretendia pesquisar estudantes adolescentes, dentre meninos e meninas de 14 a 17 anos, pertencentes a ma determinada categoria social que freqüenta escola privada.

1.2.1. Estabelecimento de Contatos

Em abril de 1994 diversas escolas da rede privada de ensino na cidade de Campinas-SP foram contatadas e obtive permissão para desenvolver o estudo empírico em uma escola católica.

Uma condição prévia estabelecida para selecionar os informantes era que estivessem morando em uma unidade doméstica, convivendo com pessoas que mantivessem entre si algum laço de consangüinidade e

dependência. A intenção, neste caso era evitar a inclusão de moradores de pensão ou repúblicas, pois aí estes informantes não teriam um cotidiano com pessoas com as quais mantivessem vínculo de dependência, nem teriam um cotidiano doméstico no contexto de relações familiares.

Considerando que o estudo pretendia identificar os elementos constitutivos das representações de cada adolescente presentes no seu cotidiano seja na casa, na escola ou em outros grupos sociais, seria fundamental definir a amostra com adolescentes que estivessem vivenciando um cotidiano familiar com todas as práticas a ele inerentes. Penso aqui, na convivência com parentes, nas formas de participar da organização e administração dos recursos, na relação com as atividades domésticas de conservação do espaço, dos equipamentos e utensílios ditos familiares, por exemplo.

Uma condição ideal encontrada nesta escola foi que os alunos nunca haviam tido qualquer experiência com aulas de Práticas Integradas do Lar, (Economia Doméstica) portanto, seus interesses, em termos de experiências no cotidiano escolar, provavelmente, seriam algo bem desvinculados de uma sistematização daquele ensino como na antiga "preparação para o trabalho".

Fui apresentada a estudantes de três turmas de 1° ano do 2° grau pela orientadora educacional da Escola que explicou minha presença e pediu a colaboração de todos para o meu trabalho. Distribuí cento e três cartas convite, com uma "Resposta de Consentimento" em anexo, para ser assinada pelo adolescente e o responsável (pai ou mãe), a ser destacada e devolvida àquela orientadora, atendendo a uma norma da escola. Somente uma aluna devolveu a resposta e a orientadora considerou impossível a

realização da pesquisa no estabelecimento.

Insisti com o diretor da escola para fazer novas tentativas argumentando que eu precisaria de um maior contato com os adolescentes, tanto para torná-los cientes do meu trabalho como para estabelecer um vínculo de aproximação e confiança em relação ao estudo pretendido.

Na realidade, eu tinha consciência que, uma aproximação com os adolescentes, via orientação pedagógica ou qualquer outra via administrativa da escola, colocaria uma barreira entre nós. Eu não desejava que meu trabalho de pesquisa fosse caracterizado como uma tarefa escolar e nem queria ser identificada por eles como alguém ligada à escola. Eu pretendia uma participação espontânea dos adolescentes, estando eles cientes dos objetivos do estudo.

Diante dos argumentos, o diretor da escola autorizou minha presença nas aulas de Português, durante o período que fosse necessário para a realização da pesquisa.

1.2.2. Aproximação e Composição do Grupo de Informantes

Durante os meses de maio, junho e agosto de 1994 compareci às aulas de Português nas três turmas do 1º ano do 2º grau, durante três dias na semana. Neste período, sentei-me ao lado dos adolescentes na sala de aula, conversava com eles e expliquei o objetivo da minha presença na Escola.

Durante estes meses pude observar que, em duas das três salas de aula, os adolescentes se distribuíam neste espaço da seguinte forma: as meninas se sentavam à direita, e os meninos à esquerda de quem entrava

na sala. Na terceira classe, havia uma distribuição irregular de meninos e meninas na sala, sem nenhuma preponderância de localização de lado esquerdo ou direito. Mas nas três salas, se formavam grupos definidos de meninas e meninos que trocavam idéias mesmo durante as aulas. A organização de grupos de estudo, porém, incluía tanto meninos como meninas. Indaguei à professora de Português para saber se havia alguma interferência da Coordenação Escolar na determinação dos lugares dos alunos. Ela informou que, no início do ano, a orientadora educacional tenta colocar em certos lugares aqueles alunos mais "problemáticos" mas que, com o passar dos dias eles próprios vão se recolocando na sala de aula da forma como quiserem. Esta professora disse ainda que, particularmente, não faz qualquer interferência nas escolhas dos locais que os alunos fazem para sentar.

Continuei os meus contatos na escola e, ao final do mês de agosto do mesmo ano expus novamente, em todas as salas de aula, minha intenção da pesquisa convidando, mais uma vez, todos os cento e três adolescentes - meninos e meninas - a participarem do meu estudo.

Marquei uma reunião, em horário diferente do horário da aula, na própria escola e que, segundo eles, seria conveniente uma vez que seria em hora posterior à aula de educação física. No entanto, apenas quatro meninas compareceram a este encontro. Expliquei a intenção do estudo com mais detalhes e pedi a elas que divulgassem com os colegas para ampliar a participação.

Uma ausência tão significativa me deixou intrigada. Primeiro porque os alunos com quem eu conversava pareciam se sentir à vontade com minha

presença e segundo porque eles haviam demonstrado curiosidade pela pesquisa. A professora de Português havia propiciado situações em sala de aula e fora dela para facilitar meu entrosamento com os adolescentes.

Ao serem indagados sobre a ausência à reunião marcada, muitos alegaram que esqueceram a data, outros apenas sorriram. Continuei a freqüentar as aulas de Português aguardando uma adesão mais significativa.

As dificuldades de todo pesquisador no processo de estruturação de suas hipóteses, determinação dos objetivos de seu estudo e pesquisa bibliográfica, não se comparam àquelas que encontramos quando se pretende uma pesquisa de campo. Neste momento é decisivo optar por alternativas que sejam convenientes mas que não prejudiquem nem desviem os objetivos do estudo. No caso deste estudo eu pretendia compor um grupo de informantes por adesão totalmente espontânea, mas isto não foi possível dada a limitação do tempo, tanto em relação ao ano letivo como ao prazo de conclusão da pesquisa. Neste sentido a professora de Português se predispôs a conversar com os adolescentes incentivando-os a participar do estudo como atividade da aula de Português, haja vista a própria natureza dos instrumentos de pesquisa que visavam expressão oral e escrita, basicamente. Neste momento trinta meninos e trinta meninas se apresentaram a quem eu distribuí o Roteiro I - Situação Familiar. Dentre estes sessenta adolescentes, dezesseis meninos e vinte e seis meninas devolveram o formulário, confirmando sua participação. No Quadro 1 apresento o número de adolescentes que aderiram à pesquisa por idade e sexo. O Anexo I apresenta a relação dos participantes da pesquisa por instrumento aplicado.

Quadro 1. Número de Adolescentes por Sexo e Idade

Idades (anos)	Número de Adolescentes		
	Meninas	Meninos	Total
14	02	01	**03**
15	11	09	**20**
16	12	05	**17**
17	01	01	**02**
Total	**26**	**16**	**42**

1.2.3. Aplicação dos Instrumentos

No estudo, portanto, da aproximação à formação do grupo de informantes procurei desenvolver uma metodologia de pesquisa que me propiciasse uma maior interação com estes agentes, que me colocasse o mais próxima possível dos seus universos simbólicos.

Escolhi técnicas de coleta de dados que captassem a expressão livre destes informantes, como discursos orais e escritos, desenhos, dinâmicas de grupo e até mesmo a linguagem do corpo, através de gravação em vídeo dessas dinâmicas. À medida em que um formulário e entrevista, mesmo semi-dirigida, possibilitam expressão estruturada a partir do ponto de vista do pesquisador, o desenho, a redação e discussão em grupo podem colocar outras expressões mais espontâneas e livres. Daí ter selecionado diversos instrumentos que possibilitassem enriquecer e possibilitar confirmação das informações sob diversos ângulos.

Utilizei seis instrumentos: Roteiro I: Formulário sobre Situação

Familiar; Roteiro II: Entrevista Semi-dirigida com uso do gravador; Roteiro III: Redação com o tema "Se eu fosse homem/mulher..."; Roteiro IV: Desenho do Cotidiano Familiar; Roteiro V: Dinâmicas de Grupo: "Escolha do Nome" e "Escolha do Objeto"; Roteiro VI: Guia de Discussão de Grupos Focais. (Anexo II).

No formulário Situação Familiar, solicitei informações de identificação do adolescente sobre sua constituição familiar, escolarização, profissão e local de trabalho dos pais, renda familiar aproximada, experiência de trabalho do adolescente e uma redação descrevendo seu dia-a-dia na semana.

No processo da Entrevista Semi-dirigida com uso do gravador, iniciei falando dos objetivos do meu estudo e da entrevista. Procurei colocá-los à vontade, explicitando-lhes que qualquer resposta colocada seria aceita pois eu queria que relatassem suas experiências. Pedi que falassem com detalhes sobre o que pensavam de sua própria idade, da idade adulta e da adolescência; sobre sua família, as relações familiares e a rotina doméstica; sobre as amizades e sobre a forma de ser dos meninos e das meninas.

A redação proposta "*Se eu fosse homem...*" para as meninas e "*Se eu fosse mulher...*" para os meninos, objetivava recolher elementos sobre a representação e projeção que eles têm e fazem sobre a forma de ser do outro ou da outra. A idéia de se colocar na situação de alguém de outro sexo possibilitaria identificar em suas projeções as representações que constróem sobre uma pessoa de outro sexo. Solicitei uma redação, tipo dissertação de, no mínimo, 20 linhas, para a qual entreguei folha própria.

Após a redação foi distribuído o roteiro IV com os adolescentes, para

que fizessem o desenho - história em quadrinhos sobre o cotidiano doméstico. O objetivo deste instrumento era: identificar o que eles representam de cotidiano; que ações estão representadas; quem são as pessoas retratadas; como eles se retratam neste cotidiano; que evidências de gênero aparecem nas situações representadas.

O desenho é uma dentre muitas técnicas de estudo utilizados na Psicologia e na Psicanálise. No entanto, meu trabalho não adentra nestas disciplinas, mas permanece no limiar da Psicologia Social, quando trata das Representações Sociais e da Sociologia da Família, quando busca especificamente situações no universo familiar as manifestações destas representações.

A introdução do desenho como instrumento de pesquisa complementaria os dados a serem obtidos de outros instrumentos utilizados, ou seja, um questionário, uma entrevista semi-diretiva, redações, dinâmicas de grupo e grupos focais. Através dele eu buscava a expressão gráfica, principalmente, do mundo familiar do adolescente, onde este poderia revelar dados sobre representações sociais de gênero nas suas relações cotidianas.

Considerando que a questão central do trabalho trata sobre as representações sociais e de gênero de adolescentes em suas relações familiares e em relação às idades da vida, especificamente a adolescência, foi nesta perspectiva que dirigi um olhar psicossociológico para os desenhos. O núcleo de investigação se referia às questões tanto sobre aspectos de seu cotidiano familiar no tocante às relações familiares, com outros grupos de convivências e em relação à adolescência. Assim o desenho funcionaria como elemento de confirmação, esclarecimento, negação ou mesmo

acréscimo de informações obtidas nos outros instrumentos. No questionário, assim como na entrevista, eles descreveriam seu dia-a-dia. Do mesmo modo, no desenho, eles desenhariam uma historia em quadrinhos sobre situações que ocorriam neste dia-a-dia.

As reuniões de grupos focais foram gravadas em fitas de vídeo e em fitas cassete. Foram realizadas quatro reuniões de grupos focais, uma vez que, na primeira, não houve número suficiente para o desenvolvimento das discussões.

Para a primeira reunião convoquei dez meninos para ter um número médio no grupo de discussão uma vez que, segundo a técnica, o máximo recomendado é doze e o mínimo oito. Marquei esta reunião para outro ambiente, que não sala de aula da escola: o consultório da terapeuta de grupo, onde havia espaço suficiente com almofadas e música ambiente. Esta convocação foi feita por telefone e todos meninos confirmaram a presença. No entanto, apenas três meninos compareceram e não foi conveniente realizar a discussão.

Em outro momento, contatei os meninos faltosos e eles afirmaram que não compareceram à reunião porque preferiam as reuniões na própria Escola.

Fiz nova convocação e desta vez realizei a reunião de grupo focal, na escola, com a participação de oito meninos. As discussões nos grupos focais foram precedidas pelas dinâmicas "História do Nome" e "Escolha do Objeto".

Estas dinâmicas tinham como principal objetivo descontrair o grupo, colocá-lo à vontade e estimular o entrosamento entre os componentes. Escolhi, porém, dois tipos de dinâmica que, de certa forma, poderiam me

fornecer algum elemento a mais a respeito de suas concepções de gênero. Não tenho uma pretensão imediata de explorar os dados que surgiram destas dinâmicas, porém, à medida que complementem ou ilustrem os instrumentos que considero centrais, como o formulário situação familiar, a entrevista semi-dirigida com uso do gravador, a redação e o desenho, estes poderão ser referidos.

Na dinâmica "História do Nome", cada um falou o que sabia sobre as razões e origem do seu nome, quem o escolheu e por que. O objetivo desta dinâmica era demarcar as representações em torno da evocação de uma forma de identificação: o nome. Considero que, além de se constituir um herança cultural ele também pode ser um indicativo de representação de gênero, haja vista que o nome de uma pessoa definiria, em várias circunstâncias, sua condição sexual influenciando em sua identidade de gênero. Assim, existem nomes que são próprios para mulheres e nomes que são para homens. Por outro lado, existem nomes que são comuns tanto para homens como para mulheres, como Deusimar ou Nadir, por exemplo. Nessa dinâmica cada participante evocou a origem do seu nome, fez associações a ele e descreveu o significado para si.

As histórias sobre o nome retratam, em grande parte, aspectos estruturantes da identidade da pessoa, uma vez que ele designa e conceitua alguém. Nesta ocasião os adolescentes puderam manifestar desagrado ou não sobre o que o nome representa para si.

Na dinâmica "Escolha do Objeto" os adolescentes, reunidos em grupo, escolheram objetos previamente selecionados em três conjuntos apresentados um de cada vez. Formei os três conjuntos do seguinte modo:

no primeiro, coloquei objetos de utilidades domésticas (cabide, lâmpada, fita adesiva, vela, pilha, pincel, chave, porta-retrato, cola e chave de fenda); no segundo conjunto, objetos utilizados notadamente por mulher (batom, esmalte, brincos, colar, porta-jóia, bolsinha, revista Nova, caderno diário, vidro de perfume e espelho de mão); no terceiro conjunto, coloquei objetos utilizados, principalmente, por homens (mini-game, carteira de cédula, óculos de natação, óculos escuro, boné, carrinho, chaveiro, revista 4 Rodas, bola, desodorante masculino). Apresentei cada conjunto separadamente. Cada pessoa foi à mesa onde estes objetos estavam e, em silêncio, escolheu um e voltou ao grupo. Depois, cada uma falava de sua escolha: por que aquele objeto foi escolhido e o que significava para si. Em todas os conjuntos apresentados, todos meninos escolheram um objeto e falaram sobre sua escolha. Ao final, pedi para que observassem os três conjuntos e explicitassem como os classificariam. O objetivo dessa dinâmica era provocar livres associações aos objetos apresentados e os significados que estes adolescentes tinham sobre eles. Detentores de uma classificação prévia, objetos de casa, objetos masculinos e objetos femininos, a expressão livre dos adolescentes desconstruiu esta categorização, demonstrando, assim, que as classificações não são rígidas. Mas pude perceber que, diante de suas expressões, alguns objetos mantém um forte significado associado à categoria sexual.

Após as dinâmicas, dei início à discussão no grupo focal segundo um guia de discussão o qual tinha, basicamente, três questões: a primeira, para falar do "ser mulher" e do "ser homem"; a segunda, sobre como formou a idéia do "ser homem" e do "ser mulher" e a terceira, sobre representações

que têm sobre "trabalho doméstico". A discussão foi aprofundada com questões específicas, e tomei cuidado para que todos participassem expondo suas idéias. A associação livre é uma forma de recolher a idéia ou a concepção sobre conceitos preexistentes ou objetos e atitudes de forma mais espontânea possível. A inclusão do termo "trabalho doméstico" para discussão nos grupos focais em seguida às expressões "ser mulher" e "ser homem", objetivava, justamente, evocar livres associações deste conceito ao seu conhecimento e às suas vivências cotidianas.

O objetivo das reuniões de grupos focais foi de aprofundar a expressão dos adolescentes e como os conceitos de gênero aparecem no processo de construção de suas representações associadas a estes conceitos. Em que bases foram construídas as representações desses significados?

Foram realizadas, basicamente, três reuniões de grupos focais: uma só com meninos, uma só com meninas, e outra, com meninos e meninas.

Nas dinâmicas de grupo e nos grupos focais os adolescentes tiveram oportunidade de interagir entre si, fazer livres associações expressando como e por que constituem as representações do "ser mulher", e do "ser homem".

Assim, tanto os guias de entrevista como o dos grupos focais, bem como o tema da redação, buscavam evidenciar o ponto em comum que foi sobre a representação de gênero, centrada na evidência homem-mulher, menino-menina. Mesmo correndo o risco de cair na armadilha do essencialismo, que se deve evitar ao estudar gênero, a questão direta sobre o "ser homem" e o "ser mulher", teriam como contraponto a questão livre

posta na entrevista das impressões sobre meninos e meninas. O risco do essencialismo no conteúdo da pergunta não conduziria, necessariamente, a uma visão essencialista na associação das idéias e respostas dos adolescentes. E se, de fato, isto ocorresse este poderia mesmo ser um dado a mais nas representações expressadas, tal como aconteceu.

Ao mesmo tempo em que se percebe o mundo separado em masculino e feminino, sejam objetos, coisas, atitudes, etc., as classificações podem, ao mesmo tempo que agrupar determinados objetos, separá-los em outros momentos, de acordo com nova classificação que pode ser feita. Isto ocorre porque as classificações vão estabelecendo relações, nexos entre os eventos e coisas. E gênero é um determinante nesta dinâmica, assim como outros tipos de classificação no contexto social como a idade, por exemplo.

A questão de fundo que orienta todas as reflexões do estudo é como gênero se coloca no cotidiano dos adolescentes? Qual ou quais as ancoragens das representações de gênero neste cotidiano? Como gênero é uma ancoragem para as representações sociais no cotidiano dos adolescentes? Nestes instrumentos, do relato de suas experiências, da expressão de suas atitudes, da associação de idéias, os adolescentes expressaram, de forma explícita e implícita, como e porque constróem suas representações de gênero no contexto de seus universos familiar e na relação com amigos.

Dentre os participantes, 16 *meninos* e 26 *meninas* responderam ao Roteiro I: Situação Familiar; *14* dos 16 meninos e *20* meninas dentre as 26 responderam ao Roteiro II - Entrevista Semi-dirigida com uso do Gravador; Roteiro III - Redação "Se eu fosse mulher/homem..."; Roteiro IV - Desenho

de seu Cotidiano Doméstico. As Dinâmicas de Grupo e os Grupos Focais foram desenvolvidas com 10 meninos e 10 meninas. (Quadro 2)

Além dos instrumentos inicialmente definidos para a pesquisa, tive acesso a cento e treze redações, cedidas pela professora de Português da escola, com as seguintes temáticas: "Pais e filhos: o difícil diálogo"; "A juventude de hoje e a liberdade sexual"; "Se eu fosse a mulher do caso do vestido...". Esta última, baseada no texto de Carlos Drumond de Andrade, "O caso do vestido" (Anexo III), explorado em sala de aula.

Estas redações tinham uma temática que suscitava discussões em torno das representações de gênero, fossem nas relações familiares ou amorosas, daí o interesse em acrescentá-las aos demais instrumentos.

Tratando-se de instrumentos não intencionais para o estudo, poderiam ser considerados de grande valor, pois eram documentos já disponíveis e que me permitiriam "triangular" estes dados com aqueles resultantes dos meus instrumentos.

Quadro 2. Número de Adolescentes por Sexo e Roteiros Utilizados na Pesquisa

Roteiros da Pesquisa	Número de Adolescentes		
	Meninas	Meninos	Total
Formulário sobre a Situação Familiar	26	16	**42**
Entrevista Semi-dirigida com uso do gravador	20	14	**34**
Redação "Se eu fosse homem/mulher..."	20	14	**34**
Desenho do Cotidiano da Família	20	14	**34**
Dinâmica: História do Nome - gravada em vídeo	10	10	**20**
Dinâmica: Escolha do Objeto - gravada em vídeo	10	10	**20**
Grupos Focais - gravados em vídeo	10	10	**20**

Por outro lado, havia o risco desse mesmo material constituir um desvio de informações, uma vez que, enquanto tarefa escolar, estas redações foram feitas com o objetivo de atender a uma expectativa da professora, ou seja, buscavam aprovação tanto na forma como no conteúdo.

No entanto, a título de amostra do estudo, este material constituiria um quadro diferenciado dos participantes já definidos, porque estas redações tanto eram de adolescentes que responderam e que não responderam ao Roteiro I, isto é, de adolescentes que estavam "incluídos" e "não incluídos" no grupo inicial que respondera ao Formulário sobre a sua Situação Familiar - Roteiro I.

Assim, este material a mais acrescentaria outros aspectos das questões propostas, sob o ponto de vista coletivo, não individualizado nos sujeitos determinados à priori.

No Quadro 3, apresento o número de adolescentes por sexo, que respondeu ou não ao Formulário Situação Familiar, ou seja "incluídos" e "não incluídos" no grupo original, por tema de redação cedidas pela professora de Português.

Quadro 3. Número de Adolescentes, por Sexo, por Tema de Redação

Redações cedidas pela professora	**Nº de Adolescentes**						**Total**
	Menina			**Menino**			
	Incluída	**Não Incluída**	**Total**	**Incluído**	**Não Incluído**	**Total**	
Pais e Filhos: o difícil diálogo	05	09	**14**	05	07	**12**	**26**
A juventude de hoje e a liberdade sexual	13	04	**17**	06	07	**13**	**30**
Se eu fosse a esposa do caso do vestido...	17	11	**28**	10	19	**29**	**57**
T o t a l	**36**	**23**	**59**	**22**	**32**	**54**	**113**

Como o estudo visava uma análise qualitativa dos dados, contemplando uma caracterização dos adolescentes enquanto indivíduos no contexto de suas relações cotidianas, das redações cedidas pela professora decidi considerar, sobretudo, as redações elaboradas pelas vinte e seis meninas e pelos dezesseis meninos que responderam ao Formulário Situação Familiar. As demais redações foram referidas na medida em que ilustraram idéias destacadas por estes, sendo devidamente identificadas.

Ao fazer um levantamento sobre o atendimento ao convite feito para participar da pesquisa, pode-se afirmar que as meninas se fizeram mais presentes que os meninos. Dentre um total de 51 meninas, 26 e dentre um total de 52 meninos, 16 se prontificaram a integrar a pesquisa conforme expus no Quadro 1.

Mesmo dentre as redações cedidas pela professora de português, o número de redações das meninas foi um pouco maior (60), apesar de ter tido acesso a um número significativo de redações de meninos (54), dentre os que haviam e que não haviam respondido ao Formulário Situação Familiar ("incluídos" e "não incluídos"). Foram 36 redações, das 26 meninas incluídas na pesquisa e 22 redações dos 16 meninos, o que significa que tinha menina e menino com mais de uma redação.

Todos estes instrumentos, me solicitaram um trabalho exaustivo de análise de conteúdo, principalmente. Priorizei, no estudo, análises comparativas e interpretativas sobre as diversas representações no contexto das relações do cotidiano familiar e de amizade que puderam indicar a forma como essas representações participam da construção de sua categorização do ser homem e do ser mulher, de sua concepção de gênero.

1.2.4. Análise dos Dados

Tendo utilizado diversos instrumentos na pesquisa empírica, foi preciso um cuidado adicional para proceder a um estudo minucioso das informações que seriam de real interesse para o problema colocado.

Neste sentido, dirigi um olhar aos variados instrumentos de pesquisa no sentido de extrair elementos relativos à estrutura familiar, às relações familiares, à dinâmica do seu cotidiano, às manifestações sobre a adolescência, enfim, procurei elucidar como as representações sociais de gênero se revelariam nestes contextos previamente demarcados. Assim, por exemplo, dados sobre o cotidiano familiar do adolescente esteve expresso tanto no formulário sobre a situação familiar, como durante a entrevista semi-aberta e no desenho. Neste sentido um olhar psicossociológico sobre o desenho, por exemplo, procurava descobrir elementos relativos à teia familiar do adolescente, aos aspectos referentes a características de sua idade, à convivência com as pessoas no seu cotidiano, as atividades mais presentes, e enfim, como gênero se revelaria neste contexto retratado.

A aplicação dos instrumentos ocorreu durante três meses, mas a análise das informações obtidas nestes instrumentos ocorreu durante dois anos, período em que estes foram lidos e relidos, comparados com os demais em suas semelhanças, contradições, omissões e confirmações de dados, contrapostos aos referenciais apropriados. Os dados revelados na entrevista semi-dirigida, no desenho, nas redações, nas reuniões de dinâmicas de grupo e nas sessões de grupos focais permitiram compor amplo material, suficiente para uma profunda discussão e interpretação.

Assim, realizei minuciosa leitura do formulário sobre a situação

familiar, das respostas dadas durante a entrevista, das redações e dos desenhos. Por outro lado, a complexidade das informações obtidas através dos vídeos sobre as reuniões das dinâmicas de grupo e das sessões de grupos focais exigiria, de minha parte, uma dedicação diferenciada para sua análise. Considerei, portanto, alguns elementos mais evidentes revelados através dos vídeos, sem me deter, porém, numa análise mais aprofundada, de outros dados, obtidos nas dinâmicas de grupo, escolha do objeto e história do nome, que poderá ser feito em ocasião posterior de meu percurso enquanto pesquisadora.

Neste sentido recolhi e registrei todas as informações, mesmo aquelas mais simples, voltando inúmeras vezes aos instrumentos, analisando os dados que eles revelaram, olhando para cada sujeito em relação ao que ele informara de seu ambiente familiar e dele mesmo, assim como em relação aos demais sujeitos, cercando os eventos realmente significativos ao problema. Por isso, a cada leitura vertical dos dados de cada sujeito pesquisado era necessário estabelecer um estudo comparativo com os demais sujeitos para compreender, discutir estabelecer o fio condutor do estudo.

Foi necessário um cuidadoso olhar para os dados a fim de deles extrair o substancial e significativo para análise e discussão do problema proposto.

A análise de conteúdo constituiu o instrumental básico para a análise dos diversos instrumentos aplicados, discussão dos dados e interpretação

dos resultados[53].

Foi realizado intensivo trabalho de leitura e releitura das informações obtidas nos diversos instrumentos de pesquisa utilizados. O referencial comparativo a partir de grupos de tipologias constituídos entre os adolescentes em função das variáveis previamente definidas, ou seja, idade, relações familiares, cotidiano e gênero, foi imprescindível para a análise e discussão dos resultados. Nestas se formaram os núcleos de sentido das representações sociais.

Os dados, obtidos nos diversos instrumentos utilizados, estabeleceram as tipologias de meninos com as meninas ou meninos e meninas separadamente, tanto em relação a gênero ou às formas de relações familiares existentes, como diferenciadores de suas representações sociais. As variáveis previamente definidas constituíram, assim, a estrutura do trabalho. **1. Família,** Teia, Relacionamento e Cotidiano Familiar; Sentimento, Constituição e Representações de Família. **2. Adolescência,** representações da idade da vida chamada adolescência e da idade adulta, aspectos da sexualidade, do ser idealizado e dos grupos convivência. Nesta fase a relação com os grupos de pertencimento por escolha, de convivência imediata, colegas de escola e os amigos, constituem importantes referenciais para as representações do ser homem e do ser mulher. **3. Gênero**, como elemento de ancoragem das diversas representações sociais constituídas no

---

[53] DE SINGLY, François. *L'enquête et ses méthodes: le questionnaire*. Paris: Nathan, 1992; KAUFMANN, Jean-Claude. *L'entretien compréhensif*. Paris: Nathan, 1996; ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez,1988; BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP Editora, 1993; QUEIROZ, Maria Isaura P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.* São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda. 1991.

cotidiano e enquanto elemento delineador das representações do ser homem e do ser mulher.

Foi realizado, também, algum tratamento estatístico dos dados em relação à freqüência, o que possibilitou situar a relação numérica de eventos e evidenciar certa objetividade versus subjetividade nas informações obtidas.

2. Adolescentes e Teia Familiar

"...tout le monde, en principe, appartient à une famille et en fonde une."

(Émile Durkheim, 1950)

A *família*, instituição contextualizada numa cultura social própria, afeta e afetando as normas de conduta e necessidades individuais das pessoas que convivem no cotidiano, e as *relações de amizade*, que aproximam e reúnem espontaneamente por afinidade, sujeitos que têm *habitus* ou gostos semelhantes e que são produtos de condições e condicionamentos sociais semelhantes, proporcionam situações para a construção de semelhantes representações de gênero.

Nas relações entre as pessoas da família, nas suas relações de amizade ou com pessoas de convivência mais constante, os adolescentes constróem seus esquemas de percepção e apreciação e os princípios de classificação que compõem os fundamentos organizadores da sua ação. Constróem, assim, suas representações de gênero, a partir de referenciais estruturados no seu *habitus*.

Pode-se considerar que, as pessoas de cada família que tem uma convivência comum, desenvolvem condutas e constróem esquemas de percepção e de apreciação do mundo, semelhantes entre si. São participantes de um mesmo grupo social, utilizam uma linguagem específica comum e são produtos de idênticas condições de existência que os coloca em sistemas de disposições semelhantes. Como afirma Bourdieu (1994) a família é um princípio de construção da realidade social e que este princípio é, de certa maneira, comum a todos os indivíduos socializados.

"Ce principe de construction est un des éléments constitutifs de notre habitus, une structure mentale qui, ayant été inculquée dans tous les cerveaux socialisés d'une certaine façon, est à la foi individuelle et collective..."[54]

Nas famílias com mesmo *habitus,* as representações tomadas pelos adolescentes nas relações familiares estão afetas à variações e condicionamentos semelhantes. As representações sociais aparecem, portanto, como produto do *habitus* de meninos e meninas na suas relações cotidianas na família, no seu grupo social imediato e resultado de influências culturais.

Este capítulo trata de descrever a teia familiar dos adolescentes a fim de situá-los em sua relações familiares reconhecendo nela componente importante na formação do *habitus* do adolescente. Assim, caracterizar e situar os adolescentes em sua família e descrever as relações que aí se estabelecem, possibilitam referenciar o processo de construção de suas

---

[54] BOURDIEU, Pierre. *Raisons pratiques.* Paris: Seuil, 1994. p.137. "Este princípio de construção é um dos elementos constitutivos de nosso *habitus,* uma estrutura mental que tendo sido inculcada em todos indivíduos socializados é ao mesmo tempo individual e coletiva." (tradução minha)

representações sociais.

Os adolescentes considerados na pesquisa, participam de diferentes formas de relacionamento familiar. Para eles a idéia de família está sempre associada à dinâmica de sua constituição. A mãe sempre foi mencionada ao falar de família e sua figura está presente nos desenhos de todos os adolescentes, o que não acontece com a figura do pai, que não está presente em todos os desenhos e só foi citado de imediato ao lado da mãe.

"Ah! Minha família é eu, minha mãe e meu irmão." (Tati, 16a.)

"Minha família? eu, meu pai, minha mãe, que moram na minha casa..." (Hariana, 15a.)

Acredito que cada adolescente constitui um universo peculiar, adquirindo, ao longo de sua vida, experiências e particularidades de comportamento e modos de pensamento próprios, decorrentes de suas vivências dentro e fora da família.

Neste universo individualizado e integrado a seu grupo cultural, eles formariam seu sistema de esquemas de percepção, produziriam e apreciariam suas práticas. Suas representações de gênero são construídas num processo contínuo e permanente de interação com o mundo que o rodeia.

Este estudo limitou-se a analisar a construção de suas representações sociais a partir de sua interação com o mundo familiar e social mais próximo e como os elementos presentes nesta interação se tornam disponíveis para seu sistema de classificações.

Não resta dúvida que são os indivíduos inseridos num determinado contexto histórico, quem determinam as formas de relações que existem na sociedade e estas relações são, por sua vez, decorrentes de situações

políticas e econômicas em que estão incluídos, estruturando e sendo estruturadas por suas condições de existência. Os indivíduos constróem, assim, suas relações e formam os grupos sociais.

Bourdieu (1993) discute a idéia de família enquanto construção social, e reconhece que ela... *"est un principe de construction à la fois immanent aux individus (en tant que colletif incorporé) et transcendant par rapport à eux (...) Ainsi la famille comme catégorie sociale objective (structure structurante) est le fondement de la famille comme catégorie mentale qui est le principe de milliers de représentations et d'actions (des mariages par exemple) qui contribuent à reproduire la catégorie sociale objective."*[55]

Reconhecendo que "Família" comporta inúmeras concepções e representações, mesmo sendo uma instituição universal torna-se difícil reconhecê-la sob uma única forma, sob uma única estrutura. Mas é certo que, para aqueles que a têm, família detém um significado fundamental na construção da identidade.

Assim é que, no tocante à constituição, as famílias dos adolescentes são bem diversificadas. O Quadro 4 apresenta os tipos de arranjos familiares presentes entre os adolescentes pesquisados.

Em quatro famílias de *meninos*, os pais são separados. Mário mora com a mãe e uma irmã mais velha; Léo mora com a mãe e irmão mais novo; Paulo é filho único e mora só com a mãe; Carlos mora com a mãe e avó, mas está decidindo ir morar com o pai, que já mora em outra cidade. Seu pai

---

[55] BOURDIEU, Pierre. Op. Cit.1993, p.33 e 34. *"...é um princípio de construção social ao mesmo tempo imanente aos indivíduos (enquanto coletivo incorporado) e transcendente pelas relações entre eles... assim família como categoria social objetiva (estrutura estruturante) é o fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria mental que é o princípio de milhares de representações e de ações (de casamentos, por exemplo) que contribuem a reproduzir a categoria social objetiva."(Tradução minha)*

casou de novo e ele fala de um novo arranjo familiar.

"O pai casou de novo e a mulher dele já tinha duas meninas, né? Então a gente, assim... chama de irmã mesmo, é considerada como irmã, mas... são amigas, tudo. É isso."(Carlos. 16a.)

Destes meninos, o pai de Mário mora em outro país e há muitos anos ele não o vê; o pai de Carlos casou de novo, tem outros filhos, mora em outro estado e quer que o filho vá morar com ele; o pai de Paulo mora em outro estado, casou de novo, e ele o vê em férias e fins de semana prolongados; o pai de Léo mora sozinho em Campinas, já fez tentativa de retornar a conviver com a mãe dele, mas permanecem separados. Eles se encontram em fins de semana.

Quadro 4. Tipos de Arranjos Familiares dos Adolescentes

Tipos de Arranjo	Número de Adolescentes	
	Meninas	**Meninos**
Pai, Mãe e Filhos	21	09
Pai, Mãe, Filhos e Avós	02	01
Pai, Mãe, Filhos e Tia	-	02
Mãe, Filhos e Avós	01	-
Mãe, Filhos e Padrasto	01	-
Mãe e Filhos	-	04
Total	**26**	**16**

Entre os *meninos*, 12 (75%) moram com pai, mãe e irmãos. Desses 12 *meninos* que moram com os pais, na casa de 3 moram ainda outros parentes. Daniel mora com pai, mãe, uma irmã mais velha e uma a tia; Tiago mora com pai, mãe um irmão mais velho e com a avó idosa; Camilo mora com pai, mãe uma irmã e um irmão mais novos, uma tia e prima. Assim, em 9

famílias de meninos (56,2%), teriam um relacionamento cotidiano familiar somente entre pais e filhos. Os meninos que moram apenas com os pais, irmãs e ou irmãos são os seguintes: Henrique, 15a; Alberto, 17a; Klaus, 16a.; Fabrício, 15a.; Adriano, 15a.; Marcelo, 16a; Eduardo ,15a; Luís, e 15a Danilo, 15a.

Dentre as famílias de *meninas*, os arranjos também são diversificados. Uma menina Tati, tem os pais separados e mora com mãe e irmão menor; outra menina, Camila, os pais se separaram, a mãe casou de novo, seu pai faleceu e ela mora com a mãe, o padrasto e dois irmãos mais velhos. Outra menina, Priscila, mora com a mãe, que é viúva, com os avós, um irmão menor e um primo.

Entre as *meninas*, portanto, 23 (88,4%) moram com o pai e a mãe. Duas meninas são filha única: Hariana, 16a. e Cássia, 15a. As demais meninas, moram com os pais e irmãos: Ticiane, 16a.; Nicole, 15a.; Débora, 15a; Karen 15a.; Gláucia, 15a.; Cristina, 15a.; Pérola, 15a.; Vanessa, 16a.; Juliana 16a.; Roberta, 16a.; Janaína, 15a.; Karla, 16a.; Simone, 14a.; Giovana, 15a.; Danielly 16a.; Kelly, 15a.; Ana, 16a.; Paula, 17a.; Cláudia, 16a; Fabiana, 16a. e Fúlvia ,15a.

Dentre estas, na casa de 2 *meninas* que moram com pai e mãe também tem outros parentes morando junto ou bem perto. Pérola mora com os pais, duas irmãs, uma mais nova e outra mais velha que ela, e com os avós; Débora mora com os pais, um irmão mais velho e a casa de seus avós é vizinha a sua, com uma passagem pelo jardim.

Apesar de existirem diferentes arranjos familiares entre estes adolescentes pesquisados, há uma predominância de arranjo familiar em que

pai, mãe, filhos e filhas convivem no mesmo domicílio, isto é, 35 casos em 42 (83%). Este dado confirma estudos demográficos apresentados em Goldani[56], em que, mesmo havendo uma tendência ao aumento de arranjos familiares em que a mulher é chefe de família, ainda se evidencia uma presença significativa de arranjos familiares com a presença do pai e da mãe.

No entanto, *"as simples estatísticas sobre a composição das unidades domésticas (ou sobre qualquer outra coisa) nunca nos podem informar sobre o significado e expectativas associados a atos comportamentais."*[57] Na verdade é preciso uma observação atenta sobre as diferenças entre as famílias, por assim dizer, fugir das regras a que estariam submetidas as famílias e que os estudos demográficos tentam demonstrar, para compreender as variáveis intrínsecas à sua dinâmica.

Neste sentido, ao identificar cada adolescente no interior de sua família, foi possível considerar as variedades de relações existentes. Categorizá-las, simplesmente, como "nuclear" ou "conjugal", é insuficiente, pois na realidade novos rearranjos se formaram, outras pessoas da família participam de sua dinâmica, propiciando diversidades de relacionamentos, de sentimentos e de cotidianos.

Mesmo estando sujeitos a diversos arranjos familiares e reconhecerem os novos rearranjos como forma de família, quando os adolescentes deste

---

[56] GOLDANI, Ana Maria realizou um vasto estudo demográfico sobre a família brasileira e discute as tendências de contração das estruturas familiares e a constituição de novos rearranjos familiares em áreas urbanas e rurais, interpretando o percurso da mulher na dinâmica da vida familiar. Parte deste estudo foi apresentado no *Colóquio Internacional Formação, Pesquisa e Edição Feministas na Universidade: Brasil, França è Quebec* realizado no Rio de Janeiro em 1994 e publicado pelo CIEC,

[57] GOLDANI, Ana Maria. "Retratos de Família em Tempos de Crise", *Estudos Feministas, Número especial*, 2°. Semestre, 1994 p.303-335.

estudo se referiram à estrutura da família, eles explicitaram, principalmente, a idéia do conjunto pais e irmãos, excluindo outros parentes, mesmo se eles moravam junto.

"...Tem minha avó... ela veio passar uns tempos, é isso... mas família eu considero mais meu pai, minha mãe e meu irmão..."(Tiago)

A exceção de uma menina, Priscila, cuja mãe é viúva e seus avós maternos e um primo moram juntos e ela os menciona, de imediato, ao falar de sua família:

"...meu irmão, meu primo, minha mãe e minha vó e meu vô, por parte de mãe..."(Priscila, 16a.)

Assim, a dinâmica da vida familiar comporta uma complexidade de formas e ações, impossibilitando delimitar sua concepção a partir de uma única perspectiva ou disciplina que a tenha estudado. Poderia se dizer que ela mais exprime relações de sentimentos que forma estrutural. Neste sentido, retomo o pensamento de Bruschini (1991) quando, após uma pesquisa sobre "Estrutura Familiar e Vida Cotidiana em São Paulo", refere-se à família como um...

"*grupo social formado por indivíduos diferenciados por sexo e por idade, que se relacionam cotidianamente, gerando uma complexa e dinâmica trama de emoções; ela não é uma soma de emoções, mas sim um conjunto vivo, contraditório e cambiante de pessoas com sua própria individualidade e personalidade.*"[58]

E foi assim que se apresentaram as famílias dos adolescentes deste estudo: como uma "complexidade de relações" entre pessoas. Estas

[58] BRUSCHINI, Cristina. em Família: uma visão sociológica, texto proferido em palestra no *IX Encontro de Assistentes Sociais do Hospital da Clínicas* - São Paulo, 1991.

relações, por outro lado, pareciam mutáveis em relação ao tempo e ao espaço social e, assim, não se poderia pensar "família" como uma "estrutura" definida ou única.

"...Eu me dou bem com meu irmão... a gente tem um bom relacionamento... agora, né? A gente tem um relacionamento bem gostoso. Quando a gente era pequeno, a gente brigava muito. Mas agora, os dois crescidos, tá muito bom... minha mãe é mais uma irmã do que minha mãe... com meu pai também converso..."(Débora, 14a.)

Cabe um pouco situar as reflexões que têm sido feitas em torno da temática família e que parecem pertinentes, uma vez que entre pesquisadores de uma mesma disciplina ou de disciplinas diferenciadas, concluíram que não se pode falar de "família", mas das "famílias".

Lasch (1991), por exemplo, inicia suas reflexões sobre família com a seguinte citação:

"Como principal agente de socialização, a família reproduz padrões culturais no indivíduo. Não só confere normas éticas, proporcionando à criança sua primeira instrução sobre as regras sociais predominantes, mas também molda profundamente seu caráter utilizando vias das quais nem sempre ela tem consciência. A família inculca modos de pensar e de atuar que se transformam em hábitos. Devido à sua enorme influência emocional, afeta toda a experiência anterior da criança."[59]

Ao contrário do que coloca Bruschini, a meu ver, Lasch personifica família enquanto grupo e estrutura, não se referindo às pessoas que a compõem e aos seus aspectos interativos. Pode-se pensar, também, que ele se refere a um determinado padrão de família, contextualizada em uma época e espaço social definidos. Não se pode perder de vista, porém, que as

[59] LASCH, C. *Refúgio num Mundo sem Coração - a família: santuário ou instituição sitiada?*. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p.25.

ações de reprodução na família são produto de uma trama de relações das pessoas que dela fazem parte. Não se pode pensar família como algo ou alguém com personalidade ou vontade próprios, como se tivesse poder de ser independente, mas como grupo de indivíduos que se relacionam e interferem nas ações uns dos outros. Assim houve adolescentes que, ao falarem de sua família fizeram referências, por exemplo, à sua educação, à como seriam preparados para a vida, ou seja às interferências que recebem no seu cotidiano:

"Gosto dos meus pais. Acho legal a educação que eles me deram... Eu acho que tem muitos pais que são muito liberais, que não liga pró filho..."(Cristina, 15a.)

Quando falaram de família na entrevista, desenho e redações, eles expressaram as representações que tem de família nos contextos do seu cotidiano, ressaltando aspectos estruturais e afetivos.

Os dados sobre a constituição familiar dos adolescentes assim como sua posição na estrutura familiar, são formas de situá-los relacionalmente neste grupo com os pais, irmãos e outros familiares, caracterizando seu *habitus* de forma a melhor compreender a internalização e expressão de suas representações.

Meninos e meninas, têm, portanto, uma posição na família que pode definir uma hierarquia de poder, responsabilidades, proibições ou permissões responsáveis pela construção de suas representações. E estas, naturalmente, poderiam ser influenciadas, também, por sua condição sexual. Assim construí dois quadros que apresentam a posição destes adolescentes na sua família. O quadro 5, apresenta a posição das meninas e o quadro 6, apresenta a posição dos meninos em sua respectiva teia familiar.

O resultado que se apresenta sugere algumas reflexões em torno destes dados: Existiriam relações diferenciadas no cotidiano familiar destes adolescentes em função de sua posição no grupo familiar? E entre eles e os irmãos?

Quadro 5. Situação das Meninas no Núcleo Familiar

Meninas	Filha Única	Mais Velha	Mais Nova	Filha do Meio	No. de Irmãos	No. de Irmãs	Mora com Pais	Mora com Mãe
Ticiane16	-	-	X	-	02	-	X	-
Nicole15	-	X	-	-	-	01	X	-
Débora14	-	-	X	-	01	-	X	-
Tati 16	-	X	-	-	01	-	-	X
Karen15	-	X	-	-	01	01	X	-
Gláucia15	-	-	X	-	01	01	X	-
Cristina15	-	-	-	X	03	-	X	-
Pérola15	-	-	X	-	-	02	X	-
Vanessa16	-	-	-	X	-	02	X	-
Juliana16	-	X	-	-	-	01	X	-
Roberta16	-	X	-	-	01	-	X	-
Janaína15	-	X	-	-	-	02	X	-
Karla16	-	-	-	X	02	-	X	-
Simone14	-	-	X	-	01	01	X	-
Giovana15	-	X	-	-	02	-	X	-
Hariana15	X	-	-	-	-	-	X	-
Priscila16	-	X	-	-	02	-	-	X
Camila16	-	-	X	-	02	-	-	X
Danielly16	-	X	-	-	01	01	X	-
Kelly15	-	X	-	-	01	01	X	-
Ana 16	-	-	X	-	01	-	X	-
Paula 17	-	X	-	-	-	03	X	-
Cássia15	X	-	-	-	-	-	X	-
Cláudia16	-	X	-	-	01	01	X	-
Fabiana 16	-	X	-	-	01	01	X	-
Fúlvia15	-	X	-	-	01	-	X	-
TOTAL	**02**	**14**	**07**	**03**	**25**	**18**	**23**	**03**

Ao conferir a situação no núcleo familiar, observou-se que, dentre os adolescentes, grande parte das meninas é filha mais velha em seu núcleo familiar (14 - 53%). Também é significativo o número de meninas que mora com os pais (pai e mãe), incluídos aí aquelas cujos avós também moram junto (23 - 88%). As meninas têm mais irmãos, (do sexo masculino) que irmãs. Desse modo, é significativo o número de meninas que faz parte de uma família onde elas são filhas mais velhas (53%); número de meninas com irmãos somente do sexo masculino (42%); e meninas que moram com pai e mãe (88%).

A posição mais freqüente dos meninos, em suas respectivas famílias, é como filho mais velho (08 - 50%) ou como filho mais novo (06 - 37,5%). O número de meninos que tem apenas irmãos meninos é igual a 50%. O número de meninos que tem apenas irmãs é 37,5%. A maioria deles mora com pai e mãe (12 - 75%), incluindo-se aqueles cujas avó, tia e prima moram junto.

As relações familiares que se estabelecem no cotidiano doméstico destes meninos, seriam muito diferentes daquelas que se estabelecem no cotidiano familiar das meninas? E entre os próprios meninos que têm posição diferente no grupo familiar? Que representações de gênero têm os meninos e meninas de diferentes arranjos familiares e de mesma ou diferente posição no grupo familiar no seu respectivo cotidiano?

Quadro 6. Situação dos Meninos no Núcleo Familiar

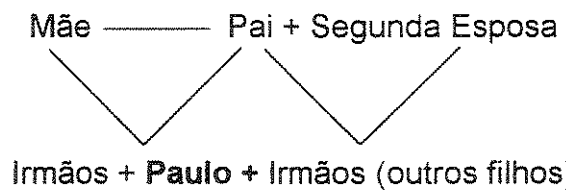
Meninos	Filho Único	Mais Velho	Mais Novo	Filho do Meio	No. de Irmãos	No. de Irmãs	Mora com Pais	Mora com Mãe
Mário15	-	-	X	-	-	01	-	X
Carlos16	-	-	-	X	03	-	-	X
Léo16	-	X	-	-	01	-	-	X
Henrique15	-	-	X	-	-	02	X	-
Alberto17	-	-	X	-	-	01	X	-
Tiago16	-	-	X	-	01	-	X	-
Paulo15	X	-	-	-	-	-	-	X
Klaus16	-	-	X	-	02	-	X	-
Camilo15	-	X	-	-	01	01	X	-
Daniel 14	-	-	X	-	-	01	X	-
Fabrício15	-	X	-	-	01	-	X	-
Adriano15	-	X	-	-	-	01	X	-
Marcelo16	-	X	-	-	01	-	X	-
Eduardo15	-	X	-	-	-	02	X	-
Danilo 15	-	X	-	-	01	-	X	-
Luís 15	-	X	-	-	01	-	X	-
TOTAL	01	08	06	01	12	09	12	04

Na Antropologia pode-se constatar, através de vasta literatura, a descrição de inúmeras e diversificadas estruturas familiares. Estudos antropológicos têm demonstrado que redes de parentesco, unidades domésticas e de reprodução nem sempre são coincidentes nas diversas estruturas familiares encontradas. Estudos de comunidades mais primitivas realizados por Malinovski, Lévi-Straus e Margaret Mead, por exemplo, demonstraram a existência de diferentes formas de estruturas familiares, diversidades nas redes de parentesco, formas e regras próprias para os relacionamentos entre parentes. No entanto, existiriam algumas regras

básicas para a constituição de unidades familiares percebidas entre diversas civilizações de diferentes localizações geográficas, que também são válidas na atual sociedade moderna dentro de um contexto moral. O "tabu do incesto", é o exemplo mais típico de regra universal para a constituição de uma unidade conjugal e uma família.

Ao estudar a constituição da teia familiar dos adolescentes, observou-se que cada estrutura familiar correspondia a uma unidade doméstica mas existem casos em que um adolescente, cujos pais estão divorciados, considera ter duas unidades domésticas, a do pai e da mãe, e ainda que a eles estão relacionadas não apenas uma, mas duas estruturas familiares diferentes.

A relação deste adolescente com suas duas estruturas familiares seria então representada da seguinte forma:



Constatando estas diversidades de relações, procurei identificar como o adolescente estabelece conexão entre as representações de gênero que eles construiriam e sua própria posição na estrutura desta teia. Assim, por exemplo, quando um adolescente expressa representações sobre sua idade, um dado referencial para compreender a construção deste significado seria a posição que este adolescente ocupa em sua família em relação aos seus irmãos. Quando fala do seu cotidiano doméstico ou de suas relações familiares, sua posição nesta teia, como filho ou filha mais velhos, pais separados ou não, existência ou não de outra unidade doméstica, indicaria

outras diversidades de representações.

Da mesma forma, aspectos concernentes aos seus pais, como por exemplo, a escolarização, profissão e atividades no trabalho, constituem importantes referenciais na composição de significados no seu cotidiano e para a construção de representações na medida em que estes são marcados pela condição do sexo (ser pai ou ser mãe). Os quadros 7 e 8 mostram estes dados.

Quarenta pais (o homem) têm nível superior (62,5%); vinte e cinco têm o 2° grau (30%) e três cursaram até o 1° grau (7,5%). O número de mães com nível superior é de vinte e dois (52,3%); quinze têm o 2° grau (35,7%); cinco cursaram até o 1° grau (11,9%).

Quadro 7. Níveis de Escolaridade dos Pais

Níveis de Escolaridade	Meninas			Meninos			Subtotal		TOTAL de Pais
	Mãe	Pai	sub total	Mãe	Pai	sub total	Mãe	Pai	
1o. Grau	04	02	**06**	01	01	**02**	05	03	**08**
2o. Grau	10	11	**21**	05	01	**06**	15	12	**27**
Superior	12	11	**23**	10	14	**24**	22	25	**47**
TOTAL	**26**	**24***	**50**	**16**	**16**	**32**	**42**	**40**	**82**

* Pai de duas meninas são falecidos.

A escolarização, a ocupação profissional, o acesso a bens culturais e econômicos e seu estilo de vida, delineiam a condição de classe. Todos estes elementos juntos indicam que ocorre uma diferença de capital cultural e econômico, o que pode indicar, também, a diferenciação de circunstâncias na formação do seu *habitus*, segundo Bourdieu .[60]

[60] BOURDIEU, P. & SAINT-MARTIN, M. Goûts de classe et styles de vie. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.5, Out. 1976, p. 18-43.

Assim, poderia se supor que a diversificação de nível de escolaridade e de ocupações entre os pais dos adolescentes pesquisados indicaria uma diferenciação de capital cultural e condição de classe social. No entanto, a oportunidade e as circunstâncias semelhantes da adoção do capital cultural na escolha da mesma escola para a educação formal dos filhos, indicaria uma semelhança de condição de classe entre estas famílias.

Todos os pais têm uma ocupação profissional, o que não acontece com algumas mães. Dentre os três pais que têm o 1° grau um é proprietário de restaurante, outro têm uma micro empresa agrícola e outro está aposentado mas continua em uma atividade que não foi especificada pela filha.

Dentre as cinco mães que têm o 1° grau, quatro delas trabalham no serviço doméstico em sua própria casa e uma trabalha em atividade de comércio. Mas existem duas mães que cursaram universidade e não exercem a profissão. Elas realizam os serviços domésticos no cotidiano familiar. Na realidade, dentre quarenta e duas mães, quatorze não trabalham fora de casa, (33,3%) ocupando-se unicamente da administração e execução das tarefas domésticas. As demais, isto é, 28 (66,6%) ocupam diversas ocupações profissionais.

Dentre as quatorze mães que se ocupam apenas das atividades domésticas, quatro têm o 1° grau completo, sete têm o 2° grau, uma está fazendo curso técnico de auxiliar de enfermagem e duas têm o nível universitário. Estaria aqui se evidenciando a mulher sempre como "dona de casa", uma vez que ela é assinalada como a pessoa que realiza os afazeres domésticos, independente de seu nível de escolaridade? Talvez não, se

Quadro 8. Profissão e Ocupação de Pais e Mães

Profissões	Mães			Pais			TOTAL
	Meninas	Meninos	Sub total	Meninas	Meninos	Sub total	
Advogado	01	01*	**02**	-	-	-	**02**
Agente Administrativo	-	01	**01**	-	-	-	**01**
Aposentado(a)	01	01	**02**	05	01	**06**	**08**
Bancário(a)	01	01	**02**	01	01	**02**	**04**
Comerciante	03	-	**03**	06	03	**09**	**12**
Corretor de Imóveis	-	-	-	01	-	**01**	**01**
Corretor de Seguros	-	-	-	01	01	**02**	**02**
Do Lar	08	04	**12**	-	-	-	**13**
Economista	01*	-	**01**	01	-	**01**	**02**
Empresária	01	-	**01**	-	-	-	**01**
Engenheiro	-	-	-	06	06	**12**	**12**
Escriturária	01	-	**01**	-	-	-	**01**
Farmacêutica	-	01	**01**	-	-	-	**01**
Ferramenteiro	-	-	-	01	-	**01**	**01**
Funcionária Pública	-	01	**01**	-	-	-	**01**
Industriário	-	-	-	-	02	**02**	**02**
Médico Bioquímico	-	-	-	01	-	**01**	**01**
Operador de Sistema	01	-	**01**	-	-	-	**01**
Pedagogia	07	06	**13**	-	-	-	**13**
Psicologia	01	-	**01**	-	-	-	**01**
Publicitário	-	-	-	-	01	**01**	**01**
Técnico Saneamento	-	-	-	-	01	**01**	**01**
TOTAL	**26**	**16**	**42**	**23****	**16**	**42**	**58**

*Não exerce a profissão.
**Três meninas não informaram profissão do pai dentre os quais dois são falecidos.

compararmos o número de mães que se dedicam ao lar, quatorze, ao número de mães que trabalha fora de casa, vinte e oito. Talvez sim, quando

se sabe que, é significativo o número de mães que, mesmo trabalhando fora, cabe a elas também administrar e, muitas vezes, até executar os serviços domésticos. E esta é uma realidade que, sem sombra de dúvida, faz parte do cotidiano de inúmeras famílias na sociedade moderna.

As acentuadas mudanças relativas à atuação da mulher além do espaço doméstico, as alterações dos modelos de família e as transformações por que têm passado as relações entre seus membros, são elementos que indicam mudanças no grupo familiar e, conseqüentemente, nas relações de trabalho doméstico. Diante disso, as relações na família no tocante ao trabalho doméstico tendem a se transformar, solicitando de cada pessoa uma parcela de participação.

Como os adolescentes participam deste cotidiano e em que medida estas situações no cotidiano contribuem para a construção de suas representações de gênero na família? E em relação ao trabalho fora de casa, que significados aparecem diante deste dado?

Das mães que têm uma ocupação fora de casa, esta atividade é, notadamente no magistério (13 mães - 46%). A profissão de professora ou orientadora educacional, tem se caracterizado pela incidência de um grande número de mulheres no seu exercício.

Profissões como enfermagem e magistério foram sendo incorporadas, pelo senso comum, como femininas. As demais mães (15 - 53%), exercem outras ocupações profissionais, que não se caracterizam, necessariamente, como "femininas" (advogada, economista, comerciante, farmacêutica).

Das vinte e oito mães que trabalham fora de casa, dezoito (64%) o fazem nos dois expedientes.

Aquelas que são professoras trabalham, em alguns casos, os três turnos: manhã, tarde e noite em expedientes e dias alternados.

As mães que trabalham fora têm, ainda, responsabilidades com a administração e organização dos serviços domésticos ou mesmo com a execução sistemática de algumas tarefas em casa. Isto constitui, certamente, uma realidade bem diferente descrito por Lasch[61] ao falar da formação do sentimento de família burguesa, quando a mulher estaria voltada, exclusivamente, para os afazeres domésticos.

A profissão ou ocupação dos pais é predominantemente a Engenharia, incluindo-se aí a engenharia agronômica, ou em atividades ligadas à indústria, como Ferramenteiro, Industriário e Técnico de Saneamento (37,5%), o que se justifica uma vez que existem muitas indústrias na cidade de Campinas e região. Há uma incidência de pais na atividade do comércio (21,42%), e existem seis pais aposentados e, dentre estes, um voltou a desenvolver alguma atividade. Na realidade são cinco pais realmente aposentados, com uma média de idade de cinqüenta e quatro anos e meio.

Considerando que o pai sempre teve um cotidiano mais afastado da rotina e das atividades domésticas, para os filhos, sua permanência em casa em função da aposentadoria, traria alguma mudança no cotidiano familiar? Existiria uma nova situação do cotidiano familiar diante da aposentadoria do pai? No momento em que apresento as idéias sobre o cotidiano, esta questão volta a ser discutida, uma vez que ela coloca gênero como significativo para determinar as representações que daí emergem.

Dentre as mães que trabalham fora de casa, ocorre uma ocupação

[61] LASCH, C. Op. Cit.

maior nas chamadas atividades femininas, como "pedagogia" enquanto os pais exercem, predominantemente, atividades consideradas masculinas no senso comum, como "engenharia". Nenhum pai é professor ou foi citado como responsável pelas atividades domésticas. A obviedade desta situação também vai ser discutida mais adiante quando, mesmo não dando ênfase como uma ocupação preponderante, meninos e meninas revelaram alguma participação dos pais em afazeres domésticos. O que se percebe porém é que esta participação não parece ser um fato marcante nas relações cotidianas da família.

3. Relacionamentos na Família

"A gente não se fala muito dos problemas. Mas...a gente tem um relacionamento legal, eles se preocupam comigo...mas é um relacionamento aberto até certo ponto."

(Karen, 15a.)

Os relacionamentos conjugais e familiares existentes, ao mesmo tempo que são produtos de ações individuais, são também frutos de todo um processo político e histórico mais amplo. Assim é que o sentimento de família, prevalecendo ou não os modelos de família estudados por esta ou aquela corrente teórica, tende a permanecer entre as pessoas propiciando uniões e reproduzindo-produzindo formas substantivas de vida familiar.

Quando se referiram às relações familiares, os adolescentes falaram dos momentos de convivência e de encontro da família, como se estabelecem as relações com pais e outros familiares. Falaram, ainda, sobre o sentimento de família e como concebem a constituição familiar, casamento e, enfim, expressaram as representações sociais de família.

Ao falar das relações familiares, priorizaram as relações com pai e mãe destacando as aproximações e os contatos assim como permissões e proibições. Estas relações estão demarcadas pelo elemento gênero à

medida em que eles acentuam presença e ausência, permissão e proibição associadas à categorização de mãe (ser mulher) e pai (ser homem). Da mesma forma, afinidades e preferências de convivência com outras pessoas da família, também foram evidenciadas à medida em que houve diferenciação tomando o referencial da linha materna ou paterna.

3.1. A Convivência

Os adolescentes falam sobre a convivência com os familiares no seu cotidiano, destacando, tanto na entrevista como nos desenhos, principalmente os horários de refeições como os momentos de maior possibilidade de encontros da família.

O café da manhã, na maioria das famílias, é um momento corrido. Nem todos se encontram nem dividem a mesa. Na maioria dos casos são os pais que levam os filhos para a escola e depois seguem para o trabalho.

Nas famílias em que pai e mãe trabalham fora, os encontros mais intensos ocorrem nos fins de semana. No dia-a-dia, os adolescentes falaram que é mais freqüente encontrar todos os familiares somente à noite, na hora do jantar.

O almoço é um momento em que, na maioria dessas famílias, a mãe está presente em casa. Mas, quando ela trabalha fora, pode acontecer um desencontro de horários. O pai, ao contrário, dificilmente almoça em casa.

"É porque é assim, meu pai tem dia que almoça em casa e tem dia que não. Precisa pedir muito do horário do serviço, daí minha mãe não almoça em casa..."(Karen, 15a.)

"Meu pai almoça na cidade... eu almoço sozinho, às vezes com minha irmã do meio..."(Henrique, 15a.)

"Minha mãe almoça em casa, meu pai não almoça em casa, meu pai só janta em casa. Em casa não tem hora prá se almoçar. Tem hora prá

jantar, sempre. Meu pai... todo mundo senta na mesa junto... na hora do almoço não, porque na hora do almoço eu como num horário, meu irmão chega um pouco mais tarde que eu... mas à noite a gente se reúne."(Fabrício, 15a.)

"No almoço, eu vejo minha mãe... muito raramente meu pai..."(Camilo, 15a.)

Alguns adolescentes almoçam só, e organizam sua refeição, previamente preparada pela mãe ou por outra pessoa da família.

"Aí eu faço meu almoço. Esquento, né? Eu almoço só, porque minha tia já almoçou. Almoço todo dia em casa."(Daniel, 14a.)

"...geralmente, eu sempre almoço sozinha porque eu chego muito tarde da escola... meus pais já almoçaram. Mas sempre à noite a gente procura se reunir, né? Comer todo mundo junto."(Simone, 14a.)

"...eu e meu pai, a gente almoça no restaurante (eles têm um restaurante onde Alberto trabalha com o pai após a escola)... *e minha mãe em casa, né? Em casa a gente janta junto, né?"(Alberto, 17a.)*

Dentre as família dos adolescentes, poucas se encontram na hora do almoço. Isto aparece também nos desenhos, onde os meninos que retrataram esta cena, sempre se desenharam almoçando sozinhos ou apenas com a mãe, mesmo quando têm irmãos. Este foi o caso de Klaus (Anexo IV, p. 401), Alberto (Anexo IV, p. 398), Camilo (Anexo IV, p. 402) e Henrique (Anexo IV, p. 397):

"Meu pai e minha mãe almoçam junto comigo, mas meu irmão não... à noite janta todo mundo junto..."(Tiago, 16a.)

Dentre as meninas, Débora (Anexo V, p. 410) e Karla (Anexo V, p. 420) desenharam o encontro da família durante o almoço. As mães dessas duas meninas são professoras e trabalham fora de casa.

"...a gente se vê mais no café da manhã... aí eu chego no almoço... encontro meu pai e minha mãe... a gente almoça juntos..."(Débora, 14a.)

No desenho de cinco dentre vinte meninas (25%), foi retratado encontro de família à hora do almoço e destas, quatro retrataram a família

assistindo TV à noite (Anexo V, p. 407).

A hora do jantar, foi referida por vários adolescentes durante a entrevista, como o momento em que é mais freqüente a família se reunir, seja em volta da mesa ou após o jantar, assistindo TV e falando de coisas "diferentes". À noite ocorre um momento de descontração para alguns adolescentes, momento de encontro de todos da família. Nos desenhos do cotidiano familiar este encontro de jantar foi pouco retratado. A hora do jantar, como encontro de família, apareceu no desenho de quatro dentre treze meninos (30%) que fizeram o desenho do cotidiano (Anexo IV, p. 393).

"No jantar a gente sempre janta todo mundo junto, depois, à noite a gente se reúne na salinha, fica conversando. A última vez que a gente se reuniu... ficou falando um sobre o problema do outro, isso foi muito bom."(Débora, 14a.)

"...eu almoço sozinha... mamãe almoça com meu irmão, tudo separado, assim. Só na janta que a gente se encontra mesmo."(Tati, 16a.)

"...aí de noite, janta todo mundo junto..."(Pérola, 15a.)

"Almoço é só eu e a mamãe. Jantar é todo mundo junto."(Klaus, 16a.)

Em algumas famílias, porém, nem sempre o horário do jantar tem o encontro familiar em volta da mesa. E isto ocorre, com mais freqüência, em famílias de pais separados e naquelas em que os dois, pai e mãe, trabalham o dia inteiro. Assim, nas famílias em que o pai ou padrasto não está presente, o jantar sempre é um lanche, onde cada pessoa se serve, em horários separados ou não, sem necessariamente a reunião em volta da mesa.

"...janta, nós nunca fazemos janta em casa, sempre é lanche..."(Léo, 16a.)

"...assim, a gente se vê basicamente... eu com minha mãe, a gente se vê logo de manhã antes de ir prá escola, na hora do almoço e à noite, na hora do lanche, que é a do jantar, mas a gente não janta. Um costume que a gente pegou desde que meu pai saiu de casa."(Mário, 15a.)

"...no jantar cada um se vira..."(Henrique, 15a.)

A convivência da família acontece mais intensamente, próxima aos horários de repouso: à noite e, sobretudo, ao acordar. Os encontros diários seja pela manhã, antes de início das atividades escolares e de trabalho dos pais, seja na hora das refeições estão delimitados pelo tempo do trabalho dos pais e os horários de atividades dos filhos. Para os adolescentes o horário de trabalho dos pais aparece como definidor do tempo da família e limitante da convivência de todos.

Nos desenhos das meninas (Anexo V, p. 407) a convivência em família foi retratada em várias situações: nas horas de refeição, dentro do carro para ir para a escola, chegando em casa e encontrando os pais, fazendo planos para viagem, na piscina e assistindo TV.

Dentre o desenho de cotidiano de vinte meninas, doze se retrataram, claramente, em ações demarcadas pela rotina escolar, trabalho dos pais, horários de refeições, de estudo, encontros da família e horários de dormir. Apenas duas meninas se retrataram sozinhas. As demais aparecem em relação com, pelo menos, uma outra pessoa da família, notadamente a mãe, mesmo que não retrate um dia comum do cotidiano.

Dentre os desenhos de meninos, (Anexo IV, p. 393) a convivência aparece de diferentes formas: Mário desenhou cenas em que sua mãe o censura por chegar tarde em casa (Anexo IV, p. 394); Carlos retrata cenas em que aparece comendo e sua mãe reclamando por ele não ajudar no trabalho doméstico (Anexo IV, p. 395). Ele se reconhece sempre sujando e sua mãe limpando; Léo desenhou as pessoas de sua família em diversos momentos: mãe varrendo, irmão na piscina e ele com a namorada. Ele não

retratou cenas de convívio (Anexo IV, p. 396); Henrique, desenhou ele e a mãe assistindo TV (Anexo IV, p. 397); Alberto, apesar de afirmar que convive mais com seu pai pois trabalha com ele, diariamente, no restaurante, ao se desenhar, se retratou sozinho em diversas cenas em casa (Anexo IV, p. 398); Tiago desenhou cenas diferentes onde sua mãe, sua avó e seu pai o censuram (Anexo IV, p. 399); Paulo desenhou cenas onde sua mãe tenta acordá-lo em vários momentos de um domingo (Anexo IV, p. 400); Klaus enfatizou sua convivência com a mãe quando se desenhou com ela em três cenas à mesa de refeições. Em outras cenas ele aparece sozinho na escola e deitado (Anexo IV, p. 401); Camilo desenhou cenas de convivência da família à hora de refeições, indo para a escola de carro com os pais e assistindo TV com pais e irmãos (Anexo IV, p. 402); Daniel não se desenhou em convivência familiar, mas retratou a mãe, a tia, o pai e a irmã em suas diversas atividades (Anexo IV, p. 403); Fabrício não desenhou convivência, mas cenas separadas de sua mãe dormindo, seu irmão assistindo TV e ele mesmo ouvindo música deitado na cama (Anexo IV, p. 404); Adriano desenhou uma cena em que aparece deitado e seus pais perto dele para lhe dar boa-noite (Anexo IV, p. 405); Marcelo não se retratou, e desenhou seus pais conversando sobre problemas do extermínio de menores no Rio (Anexo IV, p. 406). Portanto, dentre os meninos, quatro (30,7%) retrataram claramente o cotidiano demarcado pelas atividades de ir para a escola, estudar, fazer refeições, encontrar familiares e repousar, ou seja, atividades que são comuns ao cotidiano.

Enquanto dentre as meninas houve uma preocupação em retratar situações, mesmo não sendo do cotidiano, dentre os meninos, três (23%)

retrataram apenas pessoas da família sem contar nenhuma situação, e dois, dentre os que retrataram cenas do cotidiano, não incluíram nenhum diálogo no seu desenho. Três meninos (23%) retrataram-se em cenas do cotidiano em situações de discussão com o pai, ou com a avó ou com a mãe. Apenas um menino (7,6%) desenhou seu cotidiano retratando uma cena de situação afetiva com seus pais.

Assim, dentre os desenhos das meninas, (Anexo V, p. 407) a convivência familiar aparece em diversas situações: Ticiane se desenhou sozinha em diversos momentos do dia: no trabalho doméstico, estudando, diante da TV, com amigos e dormindo (Anexo V, p. 408); Nicole retratou cenas da volta da escola em que encontra o pai, irmã e mãe (Anexo V, p. 409); Débora desenhou cenas em que almoça e conversa com pai e mãe, estuda e dorme (Anexo V, p. 410); Tati desenhou os membros da família e as cenas em que aparecem ela, a mãe e o irmão assistindo à TV, à mesa e na piscina (Anexo V, p. 411); Karen retratou cenas em que sua mãe prevalece, dando ordens ao irmão, à ela mesma e ao pai para organizar a casa. Para ela, a mãe é a figura da autoridade tanto que, no desenho mesmo ela a denomina de "sargenta da casa" (Anexo V, p. 412); Gláucia não retratou convivência familiar, mas cenas em que uma mulher realiza trabalhos domésticos, provavelmente ela mesma, pois na entrevista ela falou desta atividade como sua obrigação em casa (Anexo V, p. 413); Cristina retratou ambientes de seu cotidiano em que aparece na escola e em casa e incluiu pai e mãe, na mesa de refeições e em frente à TV (Anexo V, p. 414); Pérola retratou momento de convivência da família no carro à caminho da escola (Anexo V, p. 415); Vanessa se desenhou em cenas discutindo com pai, em

relação ao horário de chegada em casa à noite, com as irmãs, disputando objetos e com a mãe, em que esta lhe diz para arrumar suas roupas (Anexo V, p. 416); Juliana não se desenhou, mas retratou pai e mãe discutindo sobre problemas de saúde que seu pai julga ter (Anexo V, p. 417); Roberta retratou sua família num dia de domingo indo à São Paulo assistir o irmão numa corrida de kart (Anexo V, p. 418); Janaína se desenhou com pais e irmãos viajando prá Fortaleza e se encontrando com avós (Anexo V, p. 419); Karla desenhou cenas em que aparece sua família à mesa de refeições e conversando com o irmão (Anexo V, p. 420); Simone se retratou em vários momentos do dia, do levantar ao deitar em que aparece com o pai e mãe, chegando da escola, almoçando, estudando e vendo TV (Anexo V, p. 421); Giovana desenhou cenas em que aparece pedindo permissão à mãe para sair e esta colocando limites (Anexo V, p. 422); Hariana se desenhou na escola, vendo TV, estudando e em um momento de convivência com os pais à noite, assistindo TV (Anexo V, p. 423); Priscila retratou momentos de encontro da avó com o irmão e com ela mesma (Anexo V, p. 424); Camila retratou diversas cenas do dia-a-dia em que conversa com a mãe ao levantar, ao chegar da escola, nas refeições e estudando (Anexo V, p. 425); Danielly desenhou uma seqüência de cenas em que aparece conversando com a mãe sobre sair para fazer compras (Anexo V, p. 426); Kelly não se desenhou, mas sim o seu irmão discutindo com a irmã e o pai intervindo. Poderia se pensar que Kelly se projeta no irmão uma vez que, na entrevista ela afirmou se identificar com o irmão e que considerava sua irmã autoritária (Anexo V, p. 427).

O contestar autoridade, tomar coisas emprestadas sem a permissão,

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

espalhar roupas e objetos pela casa, podem não ser ações cotidianas mas retratam a subjetividade atual deste período que elas vivenciam na família.

Os desenhos mostraram, em sua grande maioria, situações aparentemente amenas nas relações familiares. Os adolescentes que retrataram cenas de discussão com os pais e irmãos no cotidiano, mostraram situações de controle dos adolescentes pelos pais e suas críticas a determinadas atitudes que eles têm. Quando falaram que ocorriam brigas em casa, os adolescentes logo tratavam de negar que elas perturbassem a relação familiar.

Através de uma pesquisa realizada nos anos oitenta com uma amostra representativa de adolescentes de Liceu, ou seja, entre 14 e 17 anos, Phosphore (1988)[62] afirma que "relações serenas e confiantes" entre pais e filhos são comuns entre estes.

Da mesma forma Galland afirma que a harmonia familiar *"...est le résultat d'un modus vivendi qui permet aux jeunes de profiter du soutien parental tout en vivant leur vie personnelle sans que, dans ce domaine, les parents disposent d'un reel droit de regard ou d'intervention".* [63]

Realmente, as condições de vida destes adolescentes permitem que eles vivam sem a preocupação da subsistência e, ao mesmo tempo, o próprio capital cultural dos pais possibilita que se estabeleça, entre pais e filhos, uma relação livre de conflitos sérios ou de agressividades explícitas. Apesar de, tanto meninos como meninas, fazerem referências a atritos com os pais, eles sempre acrescentavam que consideravam estes atritos

---

[62] Apud GALLAND. Olivier, Op. Cit. p.198.

[63] GALLAND, O. Op. Cit. "...é o resultado de um modus vivendi que permite aos jovens aproveitar do sustento dos pais e viver sua vida pessoal sem que, neste domínio, os pais disponham de um real direito de controle ou intervenção". p. 198. (tradução minha)

"normais", que "existem em toda as famílias". Para eles, estes atritos não indicavam "problemas na família" e nem se reconheciam como "adolescentes problemáticos".

As relações familiares, segundo alguns estudiosos, tendem a ser conflituosas principalmente quando os adolescentes não tem, por exemplo, um projeto de vida. Ao contrário, o adolescente "não tempestuoso" sempre está engajado na...

"... exploração das tendências tecnológicas em expansão e opta, por conseguinte, a identificar-se com os novos papéis de competência e invenção e a aceitar uma perspectiva ideológica mais explícita."[64]

Os adolescentes em questão, ao que parece, podem ser identificados como detentores de projetos de vida definidos e fazem parte de estruturas familiares que lhes permitem um "modus vivendi" aparentemente estável.

A expressão de conflitos na convivência foi referida tanto por meninos como por meninas, não diferenciando a natureza destes conflitos.

Meninos e meninas bem demarcaram a convivência familiar registrando encontros em função dos horários de suas atividades cotidianas. Por outro lado, gênero como elemento diferenciador de convivência com pai e mãe, se coloca na perspectiva dos encontros em função da presença ou não do pai na unidade doméstica. Gênero se expressa, ainda, na forma como se estabelecem as relações com os demais parentes.

---

[64] ERIKSON, E. Op. Cit. p.130.

3.2. Relações com os Pais

Existe uma diferença entre a referência que os adolescentes fazem da relação com os pais, enquanto pai e mãe, e quando se referem a eles separadamente. A diferença foi bem explícita no discurso de meninos e de meninas que assinalaram o ser mãe e o ser pai como dado substancial desta.

Tanto os meninos como as meninas, quando iniciaram a falar de sua família durante a entrevista enfatizaram, sobretudo, aspectos positivos de suas relações com os pais, enquanto pai e mãe. Para estes, por exemplo:

"Todos se relacionam bem em casa"(Daniel); "A relação é tranqüila"(Adriano); "Há diálogo aberto em casa. Converso bastante com meus pais"(Danielly); "Tenho uma relação boa com meus pais"(Roberta); "Tenho uma relação de conversa diária"(Débora); "Me dou bem com meus pais e irmãos"(Klaus); "Qualquer um dos dois (pai ou mãe) serve prá conversar"(Fabrício); "Gosto de conversar com os dois (pai e mãe)" (Henrique).

Para os adolescentes relacionar-se com os pais em conjunto é algo diferente de relacionar-se com eles separadamente. Meninos como Daniel, por exemplo, falam de seu relacionamento com os pais (pai e mãe), considerando-o um relacionamento aberto:

"Ah!, eu acho legal. Acho bom porque, nem eu, conheço muita gente que não conversa com os pais, sei lá, não sei se têm medo ou vergonha. Então meu relacionamento é mais aberto com eles, né?(Daniel, 14a.)

Em outro momento, porém, ele coloca outra situação ao se referir à relação só com o pai:

"Apesar de meu pai ser bem... vamos dizer assim, não gostar muito de diálogo. Ele é fechado. O negócio dele é assim. Não gosta de ouvir muito. Ele não gosta de ouvir. O negócio dele é ele falar e não tem outro jeito."(Daniel, 14a.)

Ele destaca que:

"...há muitos assuntos difíceis de se conversar com os pais, como o sexo, drogas e até sobre a escola."(Daniel, 14a.)

Se, por um lado, há uma tendência dos adolescentes afirmarem que têm bons relacionamentos com seus pais (pai e mãe), por outro eles reconhecem e admitem que existem algumas dificuldades. É o que ocorre também com a Karen:

E´ uma relação muito conservadora, sabe?... (Karen 15a.)

Quando falaram de sua relação com os pais, os adolescentes destacaram aspectos como os contatos, as conversas, diálogos e a autoridade revelada com atitudes de permissões ou proibições. Falam, ainda, ter expectativas de relações sempre harmoniosas.

Algumas formas de relações com os pais estão presentes nos desenhos, dos adolescentes. Dentre vinte meninas, quatorze (70%) retrataram situações em que aparece a figura dos pais, ambos ou sós, à exceção de três meninas: Tati, cujos pais são separados (Anexo V, p. 411), Priscila, cuja mãe é viúva (Anexo V, p. 424) e Camila, que mesmo não tendo mais pai, retratou o padrasto (Anexo V, p. 425). Dentre as meninas que moram com pai e mãe: Giovana, retratou a si mesma e sua mãe, dando-lhe ordens (Anexo V, p. 422). Danielly retratou-se dialogando com a mãe (Anexo V, p. 426). Gláucia se desenhou em vários momentos do cotidiano (Anexo V, p. 413). Kelly não se desenhou, mas retratou pais e irmãos em que estes discutem e seu pai interfere (Anexo V, p. 427). Assim, há uma predominância de desenhos em que ambos, pai e mãe aparecem no desenho do cotidiano das meninas.

A representação dos pais nos desenhos representa, sem sombra de dúvida, a visibilidade da estrutura familiar. Houve casos de adolescentes que retrataram apenas a mãe, mas nenhum desenhou apenas o pai.

Assim, no desenhos de todos os meninos, aparece a figura da mãe (Anexo IV, p. 393). No entanto, dentre os dez meninos que moram com pai e mãe, cinco retrataram visivelmente a figura do pai, mas sempre ao lado da mãe, enquanto a mãe foi sempre desenhada sem necessariamente a figura do pai. Dentre os pais retratados, no desenho de Adriano pai e mãe aparecem velando o seu sono (Anexo IV, p. 405). No desenho de Tiago, seus pais o censuram (Anexo IV, p. 399). No desenho de Marcelo seus pais conversam mas ele não se retratou (Anexo IV, p. 406). Nos desenhos de Camilo (Anexo IV, p. 402), Henrique (Anexo IV, p. 397), Klaus (Anexo IV, p. 401) e Alberto (Anexo IV, p. 398), o pai foi retratado à mesa ou através da figura do carro, em cenas de ida e volta da escola, pois na entrevista eles falaram que era o pai quem tinha esta tarefa.

Assim parece evidente que o adolescente teria uma relação mais freqüente com a mãe, uma vez que se observou que esta tem uma presença mais constante no seu desenho. Todavia, a confirmação deste dado obteve-se com a entrevista, quando os adolescentes falaram sobre sua família.

Nas relações familiares foram referidas, além da convivência, as relações com os pais, através das conversas, lembrando também as dificuldades de diálogos entre pais e filhos, assim como aspectos da autoridade nestas relações.

3.2.1. Conversas com os Pais

Meninos falaram das dificuldades em conversar com os pais, seja pela sua ausência no cotidiano familiar por causa do trabalho, ou pela diferença de idade. Para eles isto provoca uma distância pais e filhos no espaço e no tempo. Na relação de Camilo com sua mãe, por exemplo, ele admite distância no espaço, uma vez que sua mãe não está presente na casa como ele gostaria. Para Mário, esta distância é no tempo porque, para ele, a diferença de idade entre ambos, estabelece vivências e percepções de mundo diferenciadas.

"A minha mãe ela era uma pessoa que falava assim, mais com a gente. Até um ano atrás, ela começou a trabalhar assim, seguir mais os interesses dela entendeu? E meu pai... ele trabalha demais..."(Camilo, 15a.)

"...mas eu não consigo falar com ela exatamente porque assim, ela, ela... não sei, pela extrema diferença de idade... eu não sei se... a diferença de idade... acho que falta bastante..."(Mário, 15a.)

Giovana afirma que sua família é normal, mas que não tem grandes papos com os pais, pois eles não tem nada a ver com ela:

"Ah!, assim, não tem nada a ver comigo. É, eu acho que eles são boas pessoas. Inclusive eles trabalham, né? Chegam cansados e tudo. Eles dão o melhor de si prá... inclusive, pelo que eu saiba, tudo, são honestos, entendeu? Meu pai, ele é religioso, assim, minha mãe já não freqüenta a igreja, não gosta muito dessas coisas. Mas meu pai, ele inclusive incentiva a ir, né? Minha mãe já não vai. Raramente vai."(Giovana, 15a.)

Giovana reconhece os pais como pessoas sem grande identificação com ela. Vale destacar que, à época da entrevista, havia ocorrido um recente atrito com os pais e pude perceber sua emoção quando ela fazia esta afirmativa. Giovana tem dois irmão menores e se queixava do controle excessivo que os pais fazem sobre seus horários e atitudes. O seu desenho sobre o cotidiano familiar apresenta apenas ela e a mãe e esta é retratada

com uma imagem maior, de olhos abertos e mais predominante que ela, numa evidente relação de autoridade e poder (Anexo V, p. 422).

Uma certa forma de relações de dominação dos pais para com os filhos, expressadas nos desenhos e entrevistas, podem ser compreendidas como conseqüências da dependência econômica e afetiva do adolescentes. Por outro lado os adolescentes manifestam reações que são desejos de emancipação, mais propriamente econômica que afetiva. Foi incorporada pela sociedade moderna toda uma prática da família que objetiva proteção aos filhos menores que subentende, a nível privado, atenção, cuidados e responsabilidade dos pais, mas que revela, de fato, uma íntima relação de controle e dominação.

Existem meninas que não destacam qualquer relacionamento conflituoso com os pais, tal como Karla. Mas esta menina vai fazer uma distinção quando sua relação é especificamente com o pai.

"Ah!, eles são excelentes pais. Mas na minha opinião, assim, eles são ótimos. Educação, assim, na parte da educação, deram, sabe, tão sabendo lidar... minha mãe, meu pai, assim, são jóia... tenho mais liberdade com minha mãe..." (Karla, 16a.)

As relações com os pais, portanto, podem retratar formas diferenciadas entre os próprios adolescentes, isto é, alguns meninos falaram que se estabelecem uma forma de relação com os pais que é diferente da relação mencionada pelas meninas. Na idade em que se encontram eles já atravessaram o que se chamaria de crise edipiana e os meninos percebem no pai, o definidor das normas. Isto poderá indicar a construção de representações de gênero diferenciadas para o menino e para a menina, uma vez que estas são produto de suas próprias vivências, determinadas por um processo individual, em interação com o social.

No discurso dos adolescentes "conversar com os pais" e "diálogo aberto" tem o mesmo significado de contar tudo o que fazem no seu cotidiano.

Meninas, mais que os meninos disseram "contar tudo para os pais" ou "não ter segredos para a mãe" colocando neste ato o sentido de dialogar:

"Minha mãe sabe tudo de mim. Tudo. Tem coisas assim que minha melhor amiga não sabe o que minha mãe sabe. Tudo, desde pequenininha, ela sempre soube..."(Débora, 14a.)

"... o que você quiser conversar, quem quiser conversar com minha mãe, ela dá todo apoio, ela discute, ela deixa bem aberto, sabe? Não tenho a menor vergonha de falar qualquer coisa, sexo, drogas, problemas na escola, problema com família, sobre namoro tudo posso falar com minha mãe."(Juliana, 16a.)

Obter as informações do que se passa com os filhos, através deles mesmos, fazer com que eles falem sobre o que fazem, é uma forma dos pais conhecerem e manterem um controle sobre as atitudes dos filhos. Ao mesmo tempo, eu diria, que os próprios adolescentes permitem, de forma inconsciente, este controle dos pais.

"Eu converso mais com minha mãe, mas também não escondo nada do meu pai... eu converso com bastante freqüência. Tudo o que acontece comigo, eu conto prá ela, mesmo aqui na escola, como foi o dia, eu conto, conto pró meu pai. Não escondo nada do meu pai. Namoro, nada, escondo nada."(Roberta, 16a.)

Por outro lado, existem posições contrárias a este tipo de controle:

"Ah!, eu acho que na minha família não tem nada assim de diferente, sabe? É convivência normal, sabe? Eu converso com minha mãe, não sobre todos os assuntos, sabe, é bem... é, como se diz? Ela não é uma amiga, sabe? Eu converso com ela e tal mas a maioria dos meus problemas não é com ela que eu trato. Muito menos com meu pai, né? (Karen 15a.)

Posta de uma forma aparentemente harmoniosa, na verdade as informações que os filhos fornecem aos pais, mantém a relação pais e filhos em um aparente equilíbrio: controle dos pais e sobre as atitudes dos filhos.

"Temos que nos abrir com nossos pais dizendo sempre a verdade em primeiro lugar para que não haja desconfiança de ambas as partes. Se cada

pai ou se cada mãe refletisse mais sobre seus problemas, o lar de todos seria um lar mais feliz e mais confiante."(Renata, 15a. Texto da redação "Pais e filhos: o difícil diálogo")

Para adolescentes e pais, um relacionamento harmonioso subentende o conhecimento dos pais de todas as ações dos filhos. E este fato ocorre tanto com os meninos, como com as meninas.

Giovana, no entanto, ao admitir que seus pais não têm nada a ver com ela, critica essa situação de aparente democracia, mas de real dominação dos pais:

"Porque acho que eles querem... eles falam tanto em diálogo que eles falam que adotam diálogo, né? Os meus pais. Tudo bem, eles não reclamam que não tenha isso, acontece que, acho que diálogo é quando as duas partes podem... uma tem que entender a outra, agora o caso... eu que tenho que entender a deles..."(Giovana, 15a.).

Detentores dos bens materiais e simbólicos, os pais "precisam" manter o controle das situações e uma "relação de dominação" com os filhos. A forma de resistência e adaptação dos adolescentes a esta "lei", é não ser "totalmente aberto" com os pais, é preservar sua intimidade expô-la para quem eles próprios escolhem para confidentes, como amigos, irmãos ou em alguns casos, uma tia, como foi citado.

Portanto este relacionamento, dito aberto e pleno de confidências, se relativiza à medida em que as meninas falam de algumas restrições aos assuntos que tratam nessas conversas. Há uma reserva à sua intimidade e, no caso, falar tudo para a mãe ou o pai representaria expor sua vida privada.

"Ah!, eu converso com minha mãe. É lógico que eu não conto tudo prá ela, né? Conto... as coisas que acontecem comigo, as coisas mais importantes, tal, né? Principalmente porque existe uma vergonha de contar as coisas prá mamãe, que eu acho que isso é natural, mas eu não tenho muito papo com minha mãe. Eu converso com ela. Mas eu converso mais com uma tia minha que eu tenho que é irmã da minha mãe, tia Sônia."(Camila, 16a.)

Ah! Minha mãe, ela, sei lá, eu não me sinto à vontade de conversar

com ela, mas ela pergunta prá mim, ela me explica as coisas, tudo, né? Tem coisa que converso mais com amiga, não com a família. Mas, é, ele, meu pai e minha mãe, não tenho liberdade prá comentar o que eu quero, eles explicam tudo..."(Nicole, 15a.)

A intimidade agora é diferenciada daquela que, até então, eles se referiram partilhar com os pais. Uma intimidade diferenciada, provavelmente, pelos novos interesses advindos com o despertar da sexualidade.

Segundo Dolto, justamente por volta dos quinze anos revela-se as "primícias da sexualidade" aliadas a um forte componente imaginário, mesmo antes do corpo se manifestar. Meninos e meninas escolhem com quem querem partilhar sua intimidade. Galland (1991) também discute sobre a esfera social e privada que o adolescente resguarda de seus pais, à medida em que restringe os assuntos que conversa com eles.[65]

Na realidade, quando falaram de "conversar" com os pais, os adolescentes citaram situações em que eles deveriam contar o que se passava com eles. Seria esta uma forma que os pais usam para controlar os filhos? Ideologicamente incutido como ser bom filho é conversar com os pais, contar o que se passa com ele mesmo, o adolescente aponta esta atitude como algo desejável mas não necessariamente usual. Ao qualificarem a relação com os pais como boas, eles apontam para as estratégias que utilizam para não gerar conflitos.

Adotar esta atitude significaria uma estratégia para manter a "harmonia no relacionamento familiar". Meninos e meninas afirmam conversar com os pais, mas reconhecem que eles controlam e dominam o tom dessas conversas. Neste sentido, as conversas teriam o mesmo sentido de diálogo?

---

[65] GALLAND, O. Op. Cit. em referência à pesquisa realizada pelo INSEE.

Meninos e meninas disseram que há uma busca de diálogo com amigos e amigas, pessoas da mesma idade, motivadas não só pela identificação, mas também para superar a falta de conversas com os pais. Assim, ao mesmo tempo que afirmaram conversar com os pais os adolescentes, meninos e meninas, citaram outras pessoas com quem preferem conversar.

Em todo caso, a identificação também pode ser evidenciada no âmbito familiar, quando os adolescentes falam de suas preferências entre pai ou mãe para conversar. Esta preferência, para alguns meninos, poderia ser em função do dado biológico sexo, ou seja, meninos conversariam com o pai e as meninas com a mãe, ou haveria assuntos a serem tratados com o pai e outros com a mãe. No entanto esta idéia não é muito prevalecente entre os adolescentes.

Desta forma poderia se pensar que eles acreditam na existência de afinidades dos meninos com o pai e das meninas com a mãe. Três meninos e uma menina, Gláucia lembraram algo neste sentido, uma vez que existiriam assuntos que, segundo eles, devem ser diferenciados para tratar com a mãe e para tratar com o pai.

Tiago afirmou que o filho deve ser educado pelo pai e a filha, pela mãe e que tem assuntos diferentes para conversar com os pais. Tiago é filho mais novo, tem um irmão e mora com os pais. Sua mãe é professora, trabalha meio expediente e seu pai é engenheiro.

"Ah!, eu converso mais com meu pai. Mas com minha mãe também. Com meu pai... é... ah!... com minha mãe eu falo muito coisas do colégio, como tô me sentindo lá e tal. Agora com meu pai eu falo outras coisas, com relação... é sexo, meninas e tal."(Tiago, 16a.)

Carlos, que mora com a mãe e a avó, e o pai mora em outro estado,

também acredita que os assuntos das conversas devem ser diferentes para cada um dos pais.

"Bom, o meu pai geralmente a gente conversa mais sobre... ultimamente a gente conversa mais sobre... assim, sobre as experiências que ele tem na vida, né?... contar as experiências dele... e minha mãe a gente conversa assim mais sobre... coisas assim, mais fúteis... como assim, comida, lugares de ir passear... meninas, de vez em quando, comenta alguma coisa... com meu pai eu também comento um pouco de mulher mas é... que não, eu não vejo muito ele, então não tem tempo... Converso com a mãe só coisas corriqueiras..."(Carlos, 16a.)

Esta também é a posição de Paulo, cujos pais são divorciados:

"Os assuntos de conversar com o pai são diferentes dos assuntos de conversar com a mãe..." (Paulo, 15a.)

Para estes meninos, portanto, o referencial gênero determinaria a preferência para conversar, mesmo se estas conversas com o pai, no caso específico deles, não possam ser mais freqüentes. Curiosamente, o pai destes dois meninos não tem uma convivência freqüente com eles.

Gláucia, ao mesmo tempo que se ressente da pouca disponibilidade de tempo de seus pais para conversar, também se refere ao determinante sexual para as preferências com quem conversar, no caso, a mãe. No entanto, no mesmo momento em que afirmava esta distinção, ela reconheceu que a sexualização dos assuntos e da educação dos filhos, é algo relativo:

"Converso pouco com meus pais porque eles não têm tempo mesmo. Quando têm, às vezes, a gente, sai discussão, entre eu e minha mãe, porque tenho... ela não tem tempo, a gente fica brigando com ela prá ver se ela dá tempo... Mas o que eu tenho prá falar, eu falo mais com minha mãe, não falo muito com meu pai. Sei lá, aquela velha história, né? Filha com mãe, filho com pai... mas eu conheço garotos que falam mais com a mãe..."(Gláucia, 15a)

Alberto confirmou que conversa mais com o pai por questão mesmo de proximidade física, pois passam o dia todo juntos no trabalho do restaurante, onde ele o ajuda:

"Converso mais com o pai que com a mãe porque trabalhamos juntos"

(Alberto, 17a.).

Ao mesmo tempo que Fabrício diz que gosta de conversar com a mãe, admite e reconhece que o diálogo é difícil, porque ela sempre faz as idéias dela prevalecerem.

"Eu gosto muito dos meus pais. Minha mãe... ela é uma pessoa... muito... é... dona da verdade, ela. É muito complicado conversar com minha mãe porque ela acha que a opinião dela, é uma opinião que... sobressai sobre as outras, mas ela é... tem... um coração bom, gosta de ajudar as pessoas... Meu pai, ele já é... ele discute, mas discute, não discutir, brigar, ele discute assim, qualquer assunto que a gente começa a conversar..."(Fabrício, 15a.)

Outro já admite que é o pai o mais intransigente durante as conversas.

"Porque meu pai, principalmente, sempre leva o assunto até às últimas conseqüências..."(Eduardo, 15a.).

Para Juliana e Henrique, cujas mães não trabalham fora, conversar com a mãe é em função de haver uma maior convivência, mas que conversam tanto com a mãe quanto com o pai:

"...claro que a gente tem mais contato com minha mãe. Eu fico, convivo mais com ela. Meu pai trabalha, minha mãe não. Mas assim, liberdade, eu tenho com os dois. Prá falar sobre qualquer assunto é com os dois, eles abrem bastante, eles não têm problemas de... não tem tabu de falar alguma coisa assim...(Juliana, 15a.)

"É eu converso muito com eles... vários assuntos, né? Qualquer coisa eu vou e pergunto, né? Eles respondem. Aí... não tem barreira entre eu e eles. Mas eu converso mais com minha mãe, porque ela fica mais tempo em casa, tô sempre falando com ela, pai chega só à noite, só..."(Henrique, 15a.)

Henrique e Juliana não explicitam a preferência para conversar mas revelaram que conversam com os dois, pai e mãe, e ambos falam da maior permanência da mãe em casa como uma justificativa da conversa ser mais freqüente com ela.

As conversas com a mãe, apesar de serem motivadas por proximidade física segundo as meninas e os meninos, são mantidas, normalmente, em

clima de afetividade. Mesmo nos desenhos, apesar de adolescentes retrataram momentos de discussão com a mãe ou o pai, foram mais presentes cenas de conversas amenas.

Em relação à natureza dos assuntos, dentre vinte meninas, sete afirmaram que alguns assuntos são "proibidos" tanto para a mãe quanto para o pai e que são tratados apenas com as amigas.

"Eu converso com os dois... não de tudo, mas tipo assim, mais com minha mãe. E às vezes também eu não... eu não... tudo, também não com minha mãe. Ah! tem coisa que tenho vergonha assim de contar, tal... Daí eu conto prá minhas amigas."(Ticiane, 16a.)

Por outro lado, quatro meninas foram enfáticas em afirmar que contam tudo, não têm segredos para os pais e as demais não explicitaram sobre a questão de assuntos mais privados e íntimos.

Existe uma maior proximidade de meninas e meninos com a mãe do que com o pai. A proximidade física, que levou os adolescentes a afirmarem que sempre conversam mais com a mãe do que com o pai, ocorre porque a mãe passa mais tempo em casa que o pai, mesmo se ela trabalha fora. Tanto meninas como meninos revelaram que o relacionamento com o pai não era tão próximo quanto com a mãe.

A preferência dos adolescentes para conversar entre pai ou mãe, tende então, a ser pela mãe, seja por proximidade física ou sua disponibilidade de tempo. Neste sentido não se pode reconhecer que haja preferência ou identificação maior com a mãe, uma vez que ambos admitem que a convivência é o que motiva esta aproximação para as conversas. Na verdade, eles consideram os dois, pai e mãe, nos momentos representativos da relação familiar, seja pela ausência ou presença.

Poucos meninos e meninas falaram sobre uma afinidade com o pai

maior ou igual a que têm com a mãe. Os meninos, no entanto, assinalaram, mais que as meninas, preferência de conversar com a mãe sem restrições. As meninas disseram conversar mais com a mãe do que com o pai, mas admitiram que as conversas têm suas restrições. Certos assuntos só com, amigas ou uma irmã ou uma tia. Reconheceram ter dificuldades de se abrir totalmente com a mãe. Por outro lado, nenhuma menina afirmou ter abertura para conversar com o pai.

Os meninos, por outro lado, mesmo afirmando preferir conversar com a mãe, admitiram conversar também com o pai e poucos falaram que tratam de assuntos diferentes quando conversam em separado.

Para os adolescentes o pai e a mãe são pessoas a quem devem "contar" fatos da sua vida cotidiana e eles valorizaram este ato, dando-lhes um significado de relacionamento harmonioso e sem conflitos.

Os adolescentes, no entanto, apresentam outras informações quando se referem, especificamente, à relação com a mãe ou com o pai, o que será apresentado mais adiante. Isto colocará o elemento gênero como definidor destas relações à medida em que diferencia a proximidade de pais e filhos e suas atitudes diante destas relações e situações.

3.2.2. "Pais e filhos: o difícil diálogo"

Este foi um dos temas de redação elaborada pelos adolescentes na aula de português e que foi cedida ao estudo pela professora de Português. Através deste material foi possível reconhecer que representações os adolescentes, meninos e meninas, constróem sobre diálogo com os pais e quais suas reações nesta situação específica.

Foi realizada análise de conteúdo em 26 redações das quais 12 de

meninos (46,1%) e 14 de meninas (53,8%). Dentre os 12 meninos, 5 (41%) e dentre as 14 meninas, 5, (35,7%) estão incluídos na amostra inicial, ou seja, responderam ao formulário Situação Familiar e estão bem caracterizados no seu contexto familiar neste estudo. Os demais adolescentes pertencem ao mesmo nível escolar e de idade, e suas redações foram consideradas à medida em que contemplavam aspectos colocados pelos adolescentes referenciais da pesquisa.

Estes outros adolescentes estão assim identificados: Lia, Jana, Letícia, Elaine, Renata, Lidiane, Caroline, Carol, Luciana, Tadeu, Roberto, Jefferson, Fábio, Gustavo, Walter e Leandro.

Através destas redações, o que se pode perceber foi que, falar de relacionamento com os pais e de diálogo pais e filhos, parece não ser a mesma coisa para os adolescentes. Por um lado eles afirmaram ter uma boa relação com os pais, mas ao se referirem ao diálogo entre pais e filhos de uma maneira genérica, o apontaram como difícil.

Deve-se considerar, entretanto que o próprio tema da redação (Pais e filhos: o difícil diálogo) era claramente tendencioso, pois qualificava, à priori, a relação pai e filho como difícil.

Tanto nas redações dos meninos como nas redações das meninas, as idéias foram desenvolvidas segundo as seguintes categorizações: **Concepções** acerca da relação pais e filhos, **Causas** para a dificuldade de diálogo, **Conseqüências** da falta de diálogo e **Soluções** para superar esta dificuldade.

Assim, várias idéias sobre as **Concepções** acerca do diálogo entre pais e filhos, foram colocadas.

Em ambos os discursos foi mais utilizado o uso da expressão "pais e filhos", no masculino. Algumas meninas, porém, referiram-se também à relação mãe e filha de forma explícita.

Tanto o discurso das meninas como o discurso dos meninos se deteve somente na discussão sobre as dificuldades de diálogo entre pais e filhos, tal como sugerido na temática da redação.

dentre os meninos 75% falou das dificuldades de relacionamento e de diálogo entre pais e filhos, apontando sua ocorrência sem nenhuma ponderação.

"Sempre quando conversamos com nossos pais, há um assunto que não corresponde com a idéia de ambos..."(Klaus, 16a.)

"O relacionamento pais e filhos está ficando cada vez mais difícil."(Daniel, 14a.)

"Nos dias de hoje está muito complicada a relação de pai para filho, que tem se revelado cada vez mais tensa e contraditória...é difícil encontrar uma família em que predomina o diálogo e a compreensão entre seus constituintes."(Tiago, 16a.)

As meninas, por outro lado, reconheceram formas diferenciadas de relacionamento entre pais e filhos, discordando que haja somente dificuldade de diálogos entre eles. Dentre elas, 21,4% desenvolveu seu discurso, portanto, contra argumentando a temática proposta.

"Mas não vamos generalizar e dizer que toda família segue o mesmo padrão...existem pais que têm um diálogo aberto e sincero com seus filhos, onde ambos conseguem tirar disso tudo uma amizade bastante sólida."(Jana)

Outras meninas porém também concordaram com a dificuldade de diálogo entre pais e filhos. E justamente uma menina que afirmara ter diálogo aberto com os pais, como por exemplo, Danielly admite a ocorrência desta dificuldade:

"A cada geração que passa, o diálogo entre pais e filhos fica cada vez mais difícil entre pais e filhos. Esta geração que estamos, é uma geração que

eu diria, muito avançada."(Danielly, 16a.)

Esta menina freqüenta a Igreja Evangélica e afirmou discordar da forma como muitos jovens se comportam em relação aos pais e ao namoro e não se inclui no grupo que ela considera "revoltado" ou "perdido".

Priscila, que é católica e freqüenta grupo de jovens, recrimina a forma de ser de muitos jovens de sua idade que desobedecem aos pais.

"...falta Deus na família e na vida dos jovens..."(Priscila, 16a.)

Dentre as meninas que fizeram referências às dificuldades de diálogo dos filhos com os pais, percebe-se uma tentativa de justificar o fato:

"...ainda hoje há uma restrição entre pais e filhos, no diálogo entre eles. Há um receio por parte de ambos... uma vergonha..."(Kelly, 15a.)

"Hoje em dia pais e filhos têm dificuldades em se expressar um para o outro..."(Hariana, 15a.)

"A maioria dos pais e filhos... não está se entendendo... há filhos que não podem dizer a verdade a seus pais porque têm a certeza que eles não os compreenderão..."(Renata)

"Nessa época em que estamos passando por várias mudanças, fica difícil os pais e filhos se entenderem."(Carol)

Dentre as **causas** apontadas para a dificuldade de diálogo os adolescentes destacaram a diferença de geração, o medo ou mesmo a vergonha dos filhos de falar com os pais e uma referência ao fato dos pais, principalmente a mãe, trabalharem fora.

Sobre as **causas** dessas dificuldades, meninos e meninas apontam, sobretudo, para o comportamento dos pais, mas também se referem ao comportamento dos filhos. Para eles as causas são muito variadas e se referem ao retraimento dos filhos para com os pais e vice-versa; ao desejo de liberdade dos filhos e o confronto na imposição de limites pelos pais bem

como a diferença de interesses das duas gerações - pais e filhos. Assim é que os meninos e as meninas citam inúmeras razões das dificuldades de diálogo.

Três meninos (25%) se referiram às diferenças de geração como **causa** da dificuldade de diálogo entre pais e filhos.

"A nova geração (jovens) dificilmente compreende e segue as orientações dos pais, pelo fato de acharem ser sempre os 'donos da verdade'."(Tiago, 16a.)

Cinco meninos (41,6%) falam de **causas** como medo, vergonha, desejo de liberdade e outras, que provocam dificuldades no relacionamento e diálogo entre pais e filhos.

*"Há muitos filhos que têm **vergonha** de expor seus problemas e pensamentos a seus pais. Outros têm medo, pois não conhecem seus pais direito e **temem** uma agressiva reação. Mas existem pais também que não sabem se relacionar com os filhos, são muito ignorantes, querem resolver tudo na base da 'porrada'..."(Daniel, 14 a.)*

*"**Liberdade**. E' isso o que os filhos de hoje querem... mas não têm a mínima responsabilidade de 'manusear' essa liberdade e por isso muitas vezes arrumam problemas..."(Danilo, 15a.)*

*"...pois na sua fase de amadurecimento, o jovem começa a não pensar mais nos seus pais e sim nos **amigos**, nas **namoradas** e nos barzinhos noturnos, tornando fora de seu alcance, o diálogo..."(Fábio.)*

Entre as meninas foi freqüente a referência às diferenças de geração e a permissividade ou liberdade legada aos jovens, como causa das dificuldades de diálogo entre pais e filhos - (50%).

*"São filhos que não aceitam os limites dos pais, pois acham que são **quadrados**, e pais que não aceitam a **liberdade** dos jovens de hoje."(Danyelle, 16a.)*

*"O **choque de gerações**, idéias diferentes... os pais muitas vezes ficam envergonhados em conversar alguns assuntos com os filhos como sexo, drogas, preservativos, etc."(Jana, 15a.)*

*"...na verdade, a **rebeldia** do filho e a **superproteção** dos pais, são os maiores causadores de todo esse atrito."(Giovana, 15a.)*

As **conseqüências** das dificuldades de diálogo entre pais e filhos são assinaladas pelos adolescentes refletindo-se, principalmente no interior das relações familiares. Meninas e meninos disseram que há uma busca de diálogo com amigos ou amigas, pessoas da mesma idade, também para superar a falta de conversas com os pais.

Dentre as conseqüências que os meninos apontaram pela falta de diálogo entre pais e filhos foi assinalada carência dos filhos e mal-estar na relação.

"...o filho fica carente da opinião paternal e os pais ficam sem conhecer seus filhos e seus problemas, achando sempre que está uma maravilha."(Daniel, 14a.)

"...gerando como conseqüência, um adolescente irresponsável e revoltado, pois fica muito carente..."(Leandro)

"...essa falta de diálogo faz muito mal para ambos..."(Danilo, 15a.)

Três meninos (25%) assinalaram **conseqüências drásticas** em função das dificuldades de diálogos entre pais e filhos:

"Com todos os problemas que pais e filhos enfrentam hoje em dia, se não houver diálogo entre eles, pode desestruturar a família e isso já acontece com muitas famílias e está abalando a sociedade"(Gustavo)

Meninos e meninas demonstraram preocupação com a possibilidade de falta de harmonia na relação pais e filhos. Para eles não deve haver conflitos na família, as relações familiares devem ser democráticas e de igualdade entre as pessoas da família. Mas estas idéias são colocadas de forma impessoal pois eles não se situam enquanto passíveis da ação de conflito em casa.

Os adolescentes indicaram **soluções** para superar as dificuldades no relacionamento pais e filhos e os conflitos causados pela falta de diálogo,

como alternativas e caminhos para o encontro do equilíbrio familiar. Há um indicativo para que a solução dos problemas da falta de diálogo seja tomada, preferencialmente pelos pais, mas os adolescentes se referem também à "tolerância" dos filhos para que tal ocorra.

"Os pais têm, por obrigação, ter um bom diálogo com seus filhos... o pai tem de se controlar e não partir para a violência..."(Fúlvia, 16a.)

"Temos que nos abrir com nossos pais dizendo sempre a verdade em primeiro lugar para que não haja desconfiança de ambas as partes. Se cada pai ou se cada mãe refletisse mais sobre seus problemas, o lar de todos seria um lar feliz e mais confiante."(Renata, 15a.)

Para 41,6% dos meninos, porém estas **soluções**, deveriam ser, sobretudo, de iniciativa dos pais.

Então o que se deve fazer é o seguinte: os pais devem suportar essas pressões dos filhos com muita firmeza e autoridade, pois assim, os filhos, aos poucos, começarão a respeitar os pais..."(Daniel, 14a.)

"...a melhor coisa que pode ser feita para melhorar o diálogo entre pais e filhos é os pais terem uma relação muito aberta com seus filhos e se atualizarem no modo de pensar."(Roberto, 15a.)

"Os pais devem ter mais carinho com seus filhos e estes, por sua vez, devem ter mais carinho e obedecer mais aos seus pais. Só assim o diálogo familiar será bem feito e será compreendido entre eles."(Walter, 16a.)

O desejo que a família seja democrática, com as relações entre pais e filhos mais abertas e equilibradas, é bem presente nos discursos de ambos - meninos e meninas - quando relatam problemas e soluções para as dificuldade de diálogo entre pais e filhos. Há uma expectativa constante pela manutenção da harmonia familiar, idealizando-se a família sem conflitos.

Pode-se apreender, pelos discursos dos adolescentes uma preocupação pela falta de um equilíbrio e de uma harmonia na relação pais e filhos. Os discursos foram todos na terceira pessoa, eles não se colocaram nas situações descritas, tratando o tema de forma impessoal. Porém existe uma estreita relação entre o que se descreve e o que se sente sobre o assunto e,

de certa forma, eles descreveram o que sentem e sabem deste universo que vivenciam.

Outros adolescentes indicaram diversas alternativas e caminhos para o encontro do equilíbrio familiar, **soluções** para acabar com as dificuldades de diálogo entre pais e filhos e resolver os conflitos existentes, de iniciativa de ambos:

"Enfim, o diálogo entre pais e filhos deve ser uma amizade, onde os filhos devem depositar nos pais todo seu amor e confiança e os pais lhes dando proteção, afeto, amor... para assim contribuir com a construção de uma união afetiva, num mundo onde as pessoas (pai irresponsáveis... e filhos revoltados) vivem desamparados e isolados."(Leandro)

"Para se ter uma boa amizade entre pais e filhos é preciso que os dois se entendam, ambas as partes, com calma e compreensão."(Jefferson)

Não foi significativo entre as meninas uma freqüência de propostas para superar as dificuldades de diálogos entre pais e filhos, mas aquelas que o fizeram consideraram que estas deveriam ser de iniciativa dos filhos:

"Temos que nos abrir com nossos pais dizendo sempre a verdade em primeiro lugar para que não haja desconfiança de ambas as partes. Se cada pai ou se cada mãe refletisse mais sobre seus problemas, o lar de todos seria um lar mais feliz e mais confiante."(Renata)

Pode-se perceber que as soluções apontadas por meninos e meninas para a melhoria do diálogo entre pais e filhos são totalmente contrárias: para eles, foi mais freqüente a iniciativa partir do pai e entre elas, além deste dado não ser muito visível, quando ele apareceu, a proposta era de que a iniciativa fosse dos filhos.

A consciência que esta fase da vida propicia desencontros de sentimentos e de emoções está muito presente nos discursos dos adolescentes.

"...podemos lembrar agora que tudo não passa de uma fase e que, com o tempo, ele vai tomando consciência de que tem pais e que seus pais lhe amam muito."(Fábio)

O discurso sobre a fase da adolescência e os seus conflitos tem sido assimilado pelos próprios adolescentes que o reproduzem. Falar de dificuldade de diálogo entre pais e filhos, sugere, de imediato, a menção à fase da adolescência como determinante desta dificuldade.

A relação pais e filhos, por sua vez, tende a ser apresentada pelos adolescentes como uma relação desigual, de dominação versus submissão, ou de controle e dependência, em função da idade e do sexo dos filhos.

Ao mesmo tempo que os adolescentes falaram que sua relação com os pais era de diálogo e entendimento, quando falaram sobre a temática numa redação proposta pela professora, eles descreveram as dificuldades, abstraindo-se, porém, de sua própria situação.

Enquanto trabalho escolar, o discurso dos adolescentes respondeu aquilo que a professora solicitava: falar da dificuldade do diálogo entre pais e filhos. Por outro lado, falar de si e de sua família, foi algo diferenciado, apesar de alguns adolescentes fazerem referência às dificuldades de relação com os pais.

Ao discutir a questão do diálogo, os adolescentes assumiram, de uma forma genérica, basicamente uma posição de aconselhamento para a superação do conflito gerado por uma dificuldade de diálogo entre pais e filhos. Esta atitude se deve, talvez, porque o próprio tema e as circunstâncias sugeriam esta reação. Por outro lado, ao falarem de suas relações familiares, eles admitiram uma prevalência de conversas com os pais e "diálogo aberto".

A incidência das formas de relação entre pais e filhos, segundo os adolescentes, de uma maneira geral tenderia a ser mais de aproximação, ou

seja formas positivas de relação. Ambos, meninas e meninos relativizam estas relações positivas à medida em que reconhecem que elas são resultado de uma hierarquia predominante na família e do poder dos pais a quem devem se submeter. Ao reconhecer e agir segundo as normas desta autoridade instituída, os adolescentes mantém a harmonia familiar. Para o adolescente a manutenção do diálogo representa harmonia familiar e esta deve ser o objetivo a ser atingido, às custas mesmo de sua submissão e obediência. Por outro lado, a autoridade dos pais tem suas regras que são diferenciadas para o menino e para a menina.

3.2.3. Autoridade: permissões e proibições

Nas relações familiares as regras estabelecidas foram destacadas em função de permissões e proibições. Para meninos e meninas as regras estabelecidas fazem parte da educação que devem receber dos pais e citam momentos de permissividade associados às limitações e suas atitudes de autoridade.

"Acho ótimo. Tudo o que precisei até hoje, nunca me foi negado e quando eu achava que não era preciso que eu tivesse certa coisa que eu quisesse, né?, sempre foi conversado antes. Não era só dizer, 'não, fica quieto'. Nunca foi assim. Nem com um nem com outro. Então sempre há uma conversa e... eu acho isso muito bom" (Paulo, 15a.)

O reconhecimento da dependência associado ao sentimento de ser cuidado, de obter a atenção dos pais, levam o adolescente a se sentir protegido mesmo quando têm a sensação de serem controlados e dominados por eles.

"Gosto dos meus pais. Acho legal a educação que eles deram prá mim. Eu acho assim, que hoje em dia tem muitos pais que são muito liberais, não liga pró filho... e tem uns também que prende o filho dentro de casa, entendeu? Se eu quero sair?... onde você vai? Vai, tudo bem... não é tão fechado assim e também não é tão liberal."(Cristina, 15a.)

"São legais, são pessoas legais... Eles são do modo tradicional" (Gláucia, 15a.)

Nas relações do cotidiano familiar, os pais estabelecem as regras de controle segundo as diretrizes mais gerais da sociedade. As permissões e proibições no grupo familiar fazem parte das regras que devem ser cumpridas de parte a parte.

Quando se referem às relações com os pais, enquanto conjunto pai e mãe ou individualmente um ou outro, os adolescentes as associam às possibilidades de permissões e proibições. Os pais representam, também, autoridade e para os adolescentes as relações são diferenciadas quando ocorrem entre pai e filho, pai e filha, mãe e filho, mãe e filha. E, neste sentido, o que eles acentuam, na maioria dos casos, são permissões para os meninos e proibições para as meninas. Os adolescentes fizeram referência a este fato em diversos instrumentos de pesquisa.

As representações de gênero estão presentes nas relações com os pais (pai e mãe), à medida em que os adolescentes destacam, sobretudo, a dualidade das permissões versus proibições em função também da idade, o que será discutido mais adiante.

Ticiane fala das proibições dos pais e ela, aparentemente, se mostra de certa forma receptiva a tal situação. Seu pai é comerciante e sua mãe se ocupa apenas com os trabalhos de casa. Ela tem dois irmãos mais velhos e afirma que o tratamento dos pais para com os irmãos é diferenciado do que recebe. Os seus irmãos usufruem de permissões que ela não tem.

"Ah!, eu amo eles. São os melhores pais do mundo. À vezes eu acho assim, eu acho... eles tão me prendendo muito e tal, né? Mas, olha, também eu acho que ele tá certo..."(Ticiane, 16a.)

Em outro momento Ticiane manifesta sua insatisfação, expressando

seu desejo de ser homem, para poder usufruir da liberdade que não tem. Ela própria considera que se sente confusa em relação a esta situação. Ao mesmo tempo que ela deseja a liberdade que os irmãos têm, ela acredita que o pai a está protegendo de algo que ela mesma nem sabe o que é. Não está satisfeita com a situação proibitiva mas acredita que é o melhor para ela e pretende reproduzi-la na criação dos filhos. A crença de que somente o pai sabe "o ela que pode" e "o que não pode fazer" e tem as condições de decidir sobre sua vida, faz com que ela duvide de sua própria capacidade de discernimento. Para ela, portanto, diante do fato de ser mulher, não lhe restam tantas permissões como para seus irmãos, porém ela admite que existem compensações:

"Ah! Às vezes eu acho, ah! por que eu não nasci homem? Porque meu irmão pode sair à hora que ele quiser e eu tenho que ficar na minha casa... ficar lavando, enxugando louça, limpando as coisas assim, eu também não gosto... ah! também mulher, assim... não tem coisa melhor... o homem não pode ter um filho... que sai dela... e acho isso lindo... Meu pai me prende porque ele sabe que lá fora não é fácil... às vezes eu dou razão... às vezes eu também acho que sei me cuidar, não precisa ele ficar tão assim. Mas eu respeito muito a vontade dele. Se ele falou não prá mim, é não mesmo. Eu acho que tá errado. Eu acho que a gente é tudo igual. Somos todos seres humanos, né? Tem que ser tratado tudo igual. Nenhum é melhor que o outro... Eu acho que minha educação foi muito certa... Então é assim que eu vou passar prós meus filhos..." (Ticiane, 16a.)

Para Ticiane a maternidade é a compensação do fato de ser mulher, mas ela não parece muito convencida que as proibições de seu pai sejam justas.

Outras meninas, Nicole que tem uma irmã menor, e Débora, que tem um irmão mais velho, falam das proibições dos pais. Para Nicole isto significa uma manifestação de amor.

"Ah! (risos) eu já falei, né? Que... que eu acho que... eles não dão uma certa liberdade mas... mas não dão total assim, mas porque eu acho que, que isso nem é bom... o que eu sinto é que, então, eles se preocupam comigo, sei lá, eles gostam de mim..."(Nicole, 15a.)

Ao contrário, Débora se sente muito incomodada com as proibições do pai, pois considera que tem um relacionamento muito aberto com os pais, especialmente com a mãe, e portanto isto não se justificaria. No caso de Débora, sua mãe discorda das proibições do pai, mas não interfere efetivamente.

"...minha cabeça vai ser diferente da cabeça dos meus pais... porque do jeito que eles me seguram prá não sair... até minha mãe protesta com meu pai, porque o pai dela também não deixava ela sair..."(Débora, 14a.)

Outras situações acerca das proibições dos pais, aparecem mas de forma não explícitas. Danielly, por exemplo, afirma que seus pais confiam muito nela pois sabem que ela seria incapaz de traí-los. O fato dos pais passarem a responsabilidade dos atos para o adolescente, no sentido de exprimir sua confiança, estaria revelando uma estratégia de controlar a situação. Ela relatou que, outro dia, seus pais viajaram e seu namorado esteve várias vezes na casa dela. Mas seus pais ficaram tranqüilos, porque "podiam confiar nela", que ela não faria nada de proibitivo.

Neste ponto a forma de controlar a expressão da sexualidade de Danielly tem obtido, aparentemente, os resultados esperados. Ela é filha mais velha, os pais atribuem a ela responsabilidades de cuidar da casa e dos irmãos e, além disso, sua integração na igreja evangélica assegura um controle, segundo ela, "equilibrado" de seu comportamento. Para ela, sua relação com seus pais é igualitária, sem constrangimentos ou medos. Em nenhum momento ela considera que o fato de seus pais lhe darem certas responsabilidades, seria uma forma de exercer o controle de seu comportamento.

"As minhas relações com meus pais são ótimas. Meu pai e minha mãe, a gente tem um diálogo super aberto. Tanto eu converso com minha mãe

como eu converso com meu pai, também, a gente não tem nada a esconder em casa. Meus irmãos... tudo..."(Danielly, 16a.)

Durante as reuniões de grupos focais esta menina colocou para o grupo sua preocupação com a falta de responsabilidade dos adolescentes que ela conhece e que, por isso, os pais não confiam neles.

Assim como as meninas, os meninos, também, de certo modo, se ressentem de algum controle dos pais. Eduardo cita como isto ocorre:

"...não, porque eles me dão liberdade, tal e tal. Mas sabe como é que é, né? É que parece... ilustrativamente, seria como se fosse...você passeando com aquele cachorro, só que... cordãozinho amarrado... você finge que dá liberdade, você solta, vai soltando, quando chega muito longe, tchan!... trava. É assim que funciona..."(Eduardo, 15a.)

Klaus fala como seus pais "cuidam" de sua liberdade:

"São... são legais, eles deixam... não prende a gente, né? Só quando é assim, a gente vai viajar, dependendo do lugar, eles falam que é perigoso... eles deixam sair, são legais, dão conselhos... não beber... não fumar..."(Klaus, 16a.)

Para os meninos, isso não se trata, explicitamente, de proibições, mas de certo cuidado, controle e limitação da liberdade que usufruem. Eles consideram que as permissões são mais vivenciadas pelos meninos que pelas meninas, e eles acreditam que conversar mais com os pais propicia tal fato.

"Ah!, são legais, né? Como falei, tem sempre um diálogo aberto e tal, não tem problema nenhum"(Henrique, 15a.)

"São pessoas legais, liberais que viveram de um modo diferente que o meu e hoje vivem do meu jeito. Por exemplo, se eu quiser sair à noite, eles deixam, eles não implicam se eu for namorar em qualquer lugar."(Alberto, 17a.)

No tocante às proibições é interessante assinalar que, à medida em que os meninos assinalam no discurso oral que, como homem, usufruem de mais permissões que as meninas, no desenho aparecerem situações

diferentes. Mário, por exemplo, se desenha sendo repreendido e ameaçado de punição pela mãe por chegar tarde em casa (Anexo IV, p. 394), e Tiago, em seu desenho, retratou uma cena em que seu pai condiciona sua permissão para sair ao cumprimento de algumas recomendações (Anexo IV, p. 399). Uma menina, Vanessa, também se desenhou em cena em que seu pai lhe repreende por chegar tarde em casa (Anexo V, p. 416). Assim, mesmo se reconhecendo que os pais são menos permissivos com as filhas que com os filhos ou que eles seriam mais liberais com os meninos, fato admitido pelos adolescentes, para ambos, meninos e meninas, os pais dirigem recomendações, repreendem ou punem caso os filhos ultrapassem os limites impostos. A permissão, neste caso, pode ser relativizada pela idade.

Neste estudo, como foi feito o corte apenas no tocante às relações familiares, aparece o destaque do papel dos pais como disciplinadores, e a autoridade dos pais é registrada pelos adolescentes indicando, assim, sua permanência. Meninos e meninas, portanto, passam a identificá-la e nos discursos, mais que na expressão das atitudes e auto-retratação de situações com os pais, eles acreditam que a autoridade se faz presente com as proibições, principalmente para as meninas.

3.3. Relações com o Pai

As relações com o pai para meninos e meninas foram descritas com significativas distinções entre si.

Os meninos representaram tanto positivamente como negativamente o pai a partir das relações que mantém com ele, atribuindo-lhe conceitos ao falarem da sua forma de ser e ao mencionar seu distanciamento nas relações cotidianas, seja porque é separado da mãe, ou porque está ausente do cotidiano familiar por trabalhar demais.

*"Meu pai é mais **sério**... eu gosto muito do meu pai. Ele é muito **inteligente**, dá bons conselhos..."(Klaus, 16a.)*

*"Meu pai, ele... é... ele é assim, é... mais **sério**, assim, do que minha mãe... ele é muito mais sério... no sentido de **não brincar** muito, sabe?"(Marcelo, 16a.)*

Os meninos falam da forma de ser do pai, manifestando certo sentimento de aprovação ou crítica. Carlos, cujo pai é separado da mãe, revela grande admiração por ele.

*"Meu pai, que não mora comigo, mora noutro estado aliás...o pai casou de novo... eu não vejo muito ele... ele realmente é o cara assim que eu acho que é o meu... meu **herói** mesmo, né? Porque ele veio de outro país com pouco dinheiro, fez a faculdade dele e hoje é engenheiro... um engenheiro excepcional, trabalha na maior fábrica de celulose do mundo..."(Carlos, 16a.)*

Camilo e Mário falam da ausência do pai no cotidiano familiar. Assim, o pouco relacionamento que têm com o pai, no caso de Camilo ou sua total ausência, no caso de Mário, tem marcado a vivência destes meninos:

*"Ah!, meu pai, assim, trabalha muito, né? Eu sinto que o meu pai é uma pessoa que tem **muita energia**. É claro que é importante você trabalhar, mas não é importante você só trabalhar. E ele fica muito tempo fora, assim do ambiente da família. Ele viaja, então quando ele tá lá em casa, geralmente ele tá lá prá descansar, entendeu? Ele tenta assim, quando ele tá de bom humor, a gente tenta se comunicar assim, tudo. Então dá prá ele um pouco mais de vida, mas o pior é a **falta de tempo** dele assim, na família e que ele tá meio por fora do que está acontecendo."(Camilo, 15a.)*

"Ele mora na Argentina. É... estranho... minha relação com minha família, é assim...Quando eu era criança, né, eu tive eu acho que eu tive a melhor infância que podia ter. Super boa. Daí meus pais foram e se separaram... Isso é... assim... me afastou um pouco do meu pai, né? Por um bom tempo eu deixei de falar com ele e foi cada vez mais se afastando, né? Se afastou de Campinas. Depois ele foi morar no Rio, no interior, e ***foi se afastando cada vez mais.*** *Hoje ele mora na Argentina e a gente fala assim, super pouco, cada vez menos...Quando eu percebi que foi se afastando, eu demorei prá perceber. Mas quando eu percebi, porque hoje em dia eu percebo a falta que ele faz...bastante, eu acho, né? Demorou prá perceber isso, né?" (Mário, 15a.)*

O período da adolescência, enquanto uma fase de ruptura com a infância e de processamento de novos referenciais corporais, mentais e sociais, coloca o adolescente numa dimensão real de modo que, todos os eventos passados são reprocessados e reelaborados. Menos do que uma fase final ou transitória, esta fase é decisiva na formação da identidade.[66]

O distanciamento do pai com os filhos, não é apenas uma questão física e espacial mas também de pouco envolvimento no cotidiano com a família, segundo afirmaram Camilo e outros meninos que moram com pai e mãe.

Por outro lado, Léo e Tati, cujos pais são separados, descrevem como se sentem em relação ao pai diante desta situação:

"Meu pai e minha mãe são separados, se separaram uma vez, daí eles voltaram, viveram mais um ano juntos... se separaram de novo...e meu pai, eu vejo no final de semana, às vezes, durante a semana, vejo pouco. Antes ele não conversava muito, meu pai não é muito de falar. Mas então, melhorou bastante. Agora que é separado, ele... acho que ele fica mais tempo sozinho, sente mais necessidade de conversar... o meu relacionamento com ele é bem ***mais aberto do que era antes****."(L.éo, 16a.)*

"...são separados... ah!, sei lá. Sempre a gente se vê, assim. Quando eu quiser falar com ele, eu falo, ele sempre vai em casa, ele sai..."(Tati, 16a.)

Karla, que mora com os pais, admite que a conversa com o pai, é feita através da mãe que se torna uma ponte para fazer o assunto chegar a toda a

---

[66] ERIKSON, E. Op. Cit. p.129.

família. Karla é filha do meio, entre dois irmãos. Sua mãe é professora universitária e seu pai é comerciante. Ela admite ter um diálogo aberto com os pais e que eles são excelentes pais. Mas destaca que não há abertura para manter conversas diretamente com o pai, com quem ela afirma manter uma "relação conservadora", ou seja, de distanciamento.

*"Tenho muito **mais liberdade com minha mãe**. Mas eu, converso com minha mãe ou com meu pai, dá na mesma. Eu conto tudo prá minha mãe, minha mãe vai lá, conta tudo pró meu pai, no final tá toda família sabendo... aquela coisa... com meu pai? É uma relação conservadora, sabe? A gente não fala muito dos problemas."(Karla, 15a.)*

Vanessa e Gláucia, cujas mães trabalham fora o dia todo, assim falaram referindo-se ao pouco convívio com o pai:

*"Meu pai, **quase não vejo**. Ele sai prá trabalhar cedo, assim. Na hora de ir prá escola, ele já tá saindo também. E só à noite, então...só à noite, assim que a gente janta...final de semana...Minha mãe tem uma cabeça assim, mais, sabe. A gente conversa sobre tudo com ela. Tá namorando?, ela dá maior força..."(Vanessa, 16a.)*

*"...eu falo mais com minha mãe, **não falo muito com meu pai**. E eu não vejo muito o meu pai... com a minha mãe é com quem eu convivo mais..."(Gláucia, 15a.)*

As representações que as meninas têm do pai quando não são de ausência são, predominantemente, de distanciamento, a que eu chamaria de representação negativa. Elas falam de sua pouca convivência no cotidiano familiar mas citam suas interferências através de constantes controles e proibições.

Ao falarem das impressões sobre a forma de ser e agir do pai em sua relações cotidianas com a família, os adolescentes parecem acentuá-las, sobretudo, pela ausência, o que pode ser negativo para eles enquanto há manifestação de necessidade de proximidade física.

Apenas uma menina Simone, ao comparar pai e mãe, menciona uma qualificação do pai, que eu chamaria de positiva.

*"E meu pai assim é uma pessoa muito **calma**, né? É totalmente diferente da minha mãe"(Simone, 16a.)*

As demais meninas, porém, mencionaram sempre aspectos negativos:

*"Ah!, meu pai é meio **nervoso**, assim"(Nicole, 15a.)*

*"Com meu pai também converso, mas, sabe, ele tem um **gênio muito forte**. Então ele...não sei, ele é muito **explosivo.** Então às vezes **não dá certo**!"(Débora, 14a)*

*"Meu pai é um pouco **rígido**...(Hariana, 15a.)*

*"...meu pai é muito **nervoso**, a gente **briga** muito."(Kelly, 15a.)*

Uma menina reconhece a dificuldade de se relacionar com o pai e atribui o fato a problemas que ele teve na infância, contados por sua mãe. Ao desenhar seu cotidiano familiar, Juliana retratou o pai e a mãe conversando. Ele solicitando atenção da esposa por se sentir doente. A mãe comenta que ele tem mania de doença... (Anexo V, p. 417).

*"Meu pai... já não é...Nem assim, não é muito aberto como minha mãe. Ele já é mais, ele é daquele lado mais, é... ele **repreende** mais, ele quer me segurar, sabe? Ele não gosta de ficar me dando liberdade. Mas mesmo assim meu pai também conversa muito com a gente. Meu pai é assim, um pouco... ele tem muitos problemas que ele traz desde a infância, sabe?"(Juliana, 16a.)*

Apesar de vê-lo como uma pessoa com algumas fraquezas, para Juliana, seu pai representa uma figura de autoridade e tem o poder de lhe impor limites e permissões.

O fato de várias meninas, mesmo aquelas que afirmaram ter um ótimo relacionamento com os pais, enquanto conjunto pai e mãe, terem manifestado impressões que eu chamaria de negativas sobre a forma de ser do pai, isto não pode ser tomado como um indicador de discórdia ou ruptura

na convivência no cotidiano familiar ou pouca afetividade entre ambos. Isso pode ser apenas uma forma de expressão dos sentimentos de desagravo enquanto filha, o que sente nesta relação.

Para meninos e meninas os pais se relacionam à ausência no cotidiano familiar, mas presença no poder de proibir ou limitar e controlar e permitir.

Quando as meninas falaram do pai, se referiram a ele, sobretudo, através de conceitos. Atribuir conceitos é uma forma de proceder à representação, segundo Moscovici (1976), que percebe as representações como intermediárias entre a percepção e o conceito. Assim Moscovici trata a representação como *"um processo que torna o conceito e percepção de algum modo intercambiáveis, visto que se engendram reciprocamente".*[67] Desta forma, as meninas, ao conceituarem o pai, ao mesmo tempo que lhe davam um sentido, o simbolizavam, lhe davam um concretude icônica, o tornavam "tangível".

Por outro lado, o pai tem certamente influência, cultivada de forma intencional ou não, no processo de formação subjetiva dos filhos, e todas as experiências que com ele, na ausência ou presença, são vivenciadas, são elementos constitutivos do processo de construção de sua identidade.

Pode-se perceber, ainda que, para os meninos, mesmo com a constatação de ausência ou afastamento, o pai não teve representações tão negativas quanto para as meninas que a ele se referiram com conceituações neste sentido. No quadro 9 apresento algumas representações de pai para meninos e meninas manifestadas através de conceitos.

---

[67] MOSCOVICCI, Serge. "La psychanalyse: son image et son public." Paris: Presses Universitaires de France, 1961/1976, p.55.

Houve equivalência de conceitos negativos do pai entre meninos e meninas, porém foram os meninos que manifestaram mais conceitos positivos e as meninas, mais conceitos negativos.

Quadro 9. Representações do Pai através de Conceitos

Representações do Pai			
Meninos		**Meninas**	
Conceitos Positivos	Conceitos Negativos	Conceitos Positivos	Conceitos Negativos
"meu herói"	calado	super aberto	nervoso
super aberto	fechado	brincalhão	gênio forte
super legal	tímido	legal	tradicional
liberal	sério	trabalhador	explosivo
honesto	ocupado		calado
educado	intransigente		repressor
muita energia			
atencioso			

3.4. Relações com a Mãe

Tanto as meninas como os meninos falaram de suas relações com a mãe caracterizando-as como mais freqüentes e intensas do que as relações com o pai. Desse modo as representações de mãe que meninos e meninas construíram são, por assim dizer, mais positivas do que as representações que eles têm de pai.

Estas representações falam de confidências, da presença da mãe no cotidiano familiar, e de afinidades que têm nas relações com ela. Falam também de seu envolvimento constante na administração e organização do

cotidiano doméstico, os tipos de atividades que desenvolve e de seus horários.

A mãe é reconhecida, pela maioria dos adolescentes, como alguém que batalha e tem fibra, à exceção de Carlos:

"Minha mãe é assim, ela...minha mãe... eu acho que ela poderia ter mais garra pela vida...ela é muito acomodada, que eu diria assim..."(Carlos, 16a.)

Para os meninos, a mãe é alguém com quem convivem mais, com quem podem conversar mais abertamente e que sempre dá um jeitinho nas coisas.

É assim para Léo, cuja mãe é separada de seu pai:

"...com minha mãe, eu sempre conversei com minha mãe...todo tipo de assunto...Quando eu preciso de alguma coisa, opinião dela, quando brigo com a namorada...essas coisas, sempre tudo, eu conto prá ela. Minha mãe é bem semelhante à minha amiga. Grande amiga."(Léo, 16a.)

Fabrício e Marcelo moram com os pais, a mãe trabalha meio expediente e o pai trabalha o dia todo.

"Eu me sinto mais à vontade com minha mãe...porque meu pai sempre trabalhou o dia todo, então minha mãe foi a pessoa que sempre conviveu mais comigo, né? Então, desde pequenininho a pessoa com quem mais conversei foi com minha mãe. Então...eu sinto...eu tenho mais liberdade de falar...com meu pai eu converso tranqüilamente. Agora com minha mãe, eu conto coisas prá minha mãe que nunca pensei em contar pró meu pai..."(Fabrício, 15a.)

Fabrício porém, ressalta que há ocasiões que é difícil conversar com a mãe porque ela sempre quer impor suas idéias. Mas com ela, ele se sente mais à vontade para conversar. A questão da autoridade entre mãe e filhos sempre está presente, mesmo quando estes acreditam numa relação mais igualitária e aberta.

Marcelo fala de como a mãe lhe desperta segurança:

"Aí... eu sou mais... eu sinto mais assim é... segurança. No sentido de que ela... ela... é porque eu sei que ela vai arrumar um jeito prá... né? da melhor maneira possível..."(Marcelo, 16a.)

Camilo, que se ressente da ausência do pai no cotidiano familiar, fala sobre a afinidade que tem com a mãe:

"E a minha mãe, assim, eu acho que é uma pessoa legal, tudo, eu acho melhor com ela assim, talvez pelo maior tempo de convivência, né? Eu acho que ela tem muitas coisas para me ensinar e talvez mais até do que o meu pai, mas eu não sei."(Camilo, 15a.)

Também para as meninas, a mãe representa afetividade e segurança mas existem alguns aspectos, como a intimidade que elas não compartilham totalmente. Além disso, a autoridade da mãe é mais contestada por elas do que a autoridade do pai. As meninas falam da autoridade da mãe, incomodadas com a forma como ela impõe suas idéias.

Enquanto a pessoa mais próxima nas relações familiares, para as meninas a relação com a mãe tem algumas particularidades.

Ticiane considera que sua mãe é uma pessoa fácil e boa de se conviver, está sempre atenta a seus problemas.

"Ah!, porque o modo da minha mãe pensar assim... eu sou muito preocupada... encanada, assim, sabe? Ela não, ela tem solução prá tudo, ela me conforta assim..."(Ticiane, 16a.)

Para Camila e Débora, sua mãe é alguém muito especial, com quem conversam muito porém, Camila diz que as conversas com a mãe não podem ser tão abertas. Tem certos segredos que não podem ser revelados. Mesmo tendo muito afeto pela mãe, há meninas que não partilham suas intimidadas com ela, pois, para as meninas a mãe ainda representa uma figura de poder, opressão e controle.

"Minha mãe é uma pessoa maravilhosa. Pena que ela não.. .ela não... parece que às vezes que ela não tem forças prá usar as qualidades que ela tem... eu converso com minha mãe. É lógico que eu não conto tudo prá ela, né? Conto... as coisas que acontecem comigo, as coisas mais importantes, tal, né? Principalmente porque existe um vergonha de contar as coisas prá

mamãe... mas eu converso mais com uma tia minha que eu tenho que é irmã que é irmã da minha mãe..."(Camila, 16a.)

Débora mora com pai e mãe, é filha mais nova e tem um irmão, com quem diz manter boas relações de amizade. Sua mãe tem 41 anos, é professora e trabalha dois expedientes. Ao contrário de Camila, ela considera sua mãe uma amiga e confidente, que conhece e sabe tudo de si:

"Minha mãe, é mais uma irmã do que minha mãe. Minha mãe sabe tudo de mim. Tudo... tem coisas assim que minha melhor amiga não sabe o que minha mãe sabe. Tudo, desde pequenininha, ela sempre soube..."(Débora, 14a.)

Ao desenhar seu cotidiano, Débora (Anexo V, p. 410) representa seus pais e a si mesma. Ela aparece dormindo, almoçando e estudando. Sua mãe é quem tem mais voz de comando. Nas diversas cenas desenhadas, a mãe diz para Débora acordar, depois almoçar, e em seguida parar de estudar pois já é hora de dormir. Ela aparece calada ou concordando com a mãe. Quando esta menina afirma que sua mãe sabe tudo de si, que é uma verdadeira amiga e ao mesmo tempo a retrata em seu cotidiano familiar dominando e comandando as situações, permite questionar se esta relação é realmente tão igualitária quanto ela afirma. Se para Débora existe um bom entendimento com a mãe conforme ela informou em dois instrumentos da pesquisa, (no formulário sobre a Situação Familiar e durante a entrevista) a representação de sua relação com a mãe é, sem sombra de dúvida, de alguém com presença marcante.

Quando a diferença de idade entre mãe e filhos é muito grande, pode haver certa dificuldade no relacionamento, como falam Simone e Mário:

"Há uma diferença muito grande, né?... De idade... dos meus pais com a minha... converso com minha mãe, falo dos meus problemas... mas minha mãe é muito crítica, né? Ela gosta de... sabe, sempre o que ela faz , ela procura impor, né? Querendo que eu faça o que ela pensa..."(Simone,16a.)

Por outro lado, no desenho do cotidiano Simone retratou diversas cenas em que conversa com a mãe (Anexo V, p. 421).

Para Mário, a questão da idade foi marcante para a dificuldade de relação:

"Eu não vejo a minha mãe como uma mulher amiga, com quem eu possa assim, conversar. Mas eu acho que, pelo menos, tudo o que eu preciso, né? Ela tenta me dar o máximo que ela pode, né? Mas eu não consigo falar com ela exatamente porque assim, ela, ela... não sei, pela extrema diferença de idade...eu não sei se a diferença de idade... acho que falta bastante. O que ela acha certo, o que ela acha errado, não são as mesmas coisas que eu acho. Ela não tem o mesmo ponto de vista que eu tenho. Eu acho que a diferença do tipo de criação, também. Então ela é nervosa, complemente diferente dos meus, certo? (Os pontos de vista). Eu conto assim, 50%, é igual aos dela, o resto eu que formei, certo?, como toda pessoa que eu acho que forma, né? Pega uma parte da educação que teve e uma parte que você forma seus valores. Nesse ponto, é nesse ponto as nossas diferenças, assim, tipo conversar sobre sexo com ela, assim, nossa! Dá, mas ela... ela não... não vê da mesma forma que eu, certo? Então às vezes dá uma briga, sempre, sempre."(Mário, 15a.)

No desenho do cotidiano Mário retratou uma cena em que sua mãe o censurava por estar chegando tarde em casa (Anexo IV, p. 394). Seus pais são separados e ele mora com a mãe e uma irmã mais velha.

Em outra ocasião Mário se referiu, ressentido, à falta que o afastamento do pai lhe faz e a pouca identificação com a mãe será compensada, segundo ele, quando se refere à relação que mantém com a irmã mais velha.

As representações de mãe que são construídas pelos meninos e meninas, são referidas, sobretudo, em função de maior contato e freqüência das relações no cotidiano. As representações da mãe através de conceitos são apresentadas no quadro 10.

Dentre os conceitos extraídos de discursos de meninas e meninos sobre a mãe, se destacam mais aqueles de natureza positiva, diferentemente

do que ocorreu em relação ao pai. Isto pode ser indicativo de que, para ambos, a mãe, enquanto significado do ser feminina, detém representações mais positivas do que o pai.

Quadro 10. Representações da Mãe através de conceitos

Representações da Mãe			
Meninos		**Meninas**	
Conceitos Negativos	Conceitos Positivos	Conceitos Negativos	Conceitos Positivos
nervosa	liberal	tradicional	maravilhosa
desapegada	educada	irritada	ótima
falante	legal	nervosa	legal
explosiva	super aberta		aberta
	atenciosa		super compreensiva
	amiga		amiga
			super aberta

As representações dos pais (pai e mãe juntos), do pai e da mãe, separadamente, são bem diferenciadas. Quando falam do conjunto, meninos e meninas falam do relacionamento idealizado e harmonioso da família. Normalmente tendem a enfatizar situações de afinidades e afetividades. Conceituam os pais (pai e mãe) como "maravilhosos", "ótimos", "muito bons", "trabalhadores", "atenciosos" e "honestos".

Quando os adolescentes falam separadamente de cada um deles, aparece uma distinção, prevalecendo para o pai, uma pessoa afastada do convívio familiar, exceto para alguns meninos. Por outro lado ele se faz

presente através das permissões e proibições, apesar deles mencionarem existir poucos momentos de convivência.

A ausência do pai no cotidiano doméstico é referida e incomoda aos adolescentes. Dentre aqueles que enfatizaram esta ausência, foi unânime a idéia de que, ao constituírem sua própria família, tentariam ficar mais próximos dos filhos.

Mesmo falando de ausência do pai no cotidiano familiar, percebi que ele se faz presente para os adolescentes enquanto figura de poder e controle, estabelecendo os limites e as permissões. Da mesma forma a mãe também está associada à uma imagem de poder, prevalecendo na relação familiar de forma tão presente e efetiva quanto o pai.

A mãe é reconhecida como alguém próxima, de maior convivência no cotidiano doméstico, se ocupando de tarefas dentro de casa mesmo quando trabalham fora, tendo maior controle das situações do cotidiano doméstico e estabelecendo contato mais constante com os filhos. Embora com menos freqüência, a mãe também é citada como figura de controle. Poderia se pensar que, nesta fase da vida, os adolescentes ainda têm muito tempo de vivência na unidade domiciliar e, considerando as circunstâncias do seu cotidiano, a mãe está mais presente neste.

Os adolescentes ainda estabelecem relações com outros familiares além daqueles com laços sangüíneos mais próximos. O contato dos adolescentes com seus avós, tios, tias, primos, primas, mesmo quando eventuais, traduz representações definidas e conduz à composição de seus referenciais de gênero.

assistindo TV à noite (Anexo V, p. 407).

A hora do jantar, foi referida por vários adolescentes durante a entrevista, como o momento em que é mais freqüente a família se reunir, seja em volta da mesa ou após o jantar, assistindo TV e falando de coisas "diferentes". À noite ocorre um momento de descontração para alguns adolescentes, momento de encontro de todos da família. Nos desenhos do cotidiano familiar este encontro de jantar foi pouco retratado. A hora do jantar, como encontro de família, apareceu no desenho de quatro dentre treze meninos (30%) que fizeram o desenho do cotidiano (Anexo IV, p. 393).

"No jantar a gente sempre janta todo mundo junto, depois, à noite a gente se reúne na salinha, fica conversando. A última vez que a gente se reuniu... ficou falando um sobre o problema do outro, isso foi muito bom."(Débora, 14a.)

"...eu almoço sozinha... mamãe almoça com meu irmão, tudo separado, assim. Só na janta que a gente se encontra mesmo."(Tati, 16a.)

"...aí de noite, janta todo mundo junto..."(Pérola, 15a.)

"Almoço é só eu e a mamãe. Jantar é todo mundo junto."(Klaus, 16a.)

Em algumas famílias, porém, nem sempre o horário do jantar tem o encontro familiar em volta da mesa. E isto ocorre, com mais freqüência, em famílias de pais separados e naquelas em que os dois, pai e mãe, trabalham o dia inteiro. Assim, nas famílias em que o pai ou padrasto não está presente, o jantar sempre é um lanche, onde cada pessoa se serve, em horários separados ou não, sem necessariamente a reunião em volta da mesa.

"...janta, nós nunca fazemos janta em casa, sempre é lanche..."(Léo, 16a.)

"...assim, a gente se vê basicamente... eu com minha mãe, a gente se vê logo de manhã antes de ir prá escola, na hora do almoço e à noite, na hora do lanche, que é a do jantar, mas a gente não janta. Um costume que a gente pegou desde que meu pai saiu de casa."(Mário, 15a.)

"...no jantar cada um se vira..."(Henrique, 15a.)

A convivência da família acontece mais intensamente, próxima aos horários de repouso: à noite e, sobretudo, ao acordar. Os encontros diários seja pela manhã, antes de início das atividades escolares e de trabalho dos pais, seja na hora das refeições estão delimitados pelo tempo do trabalho dos pais e os horários de atividades dos filhos. Para os adolescentes o horário de trabalho dos pais aparece como definidor do tempo da família e limitante da convivência de todos.

Nos desenhos das meninas (Anexo V, p. 407) a convivência em família foi retratada em várias situações: nas horas de refeição, dentro do carro para ir para a escola, chegando em casa e encontrando os pais, fazendo planos para viagem, na piscina e assistindo TV.

Dentre o desenho de cotidiano de vinte meninas, doze se retrataram, claramente, em ações demarcadas pela rotina escolar, trabalho dos pais, horários de refeições, de estudo, encontros da família e horários de dormir. Apenas duas meninas se retrataram sozinhas. As demais aparecem em relação com, pelo menos, uma outra pessoa da família, notadamente a mãe, mesmo que não retrate um dia comum do cotidiano.

Dentre os desenhos de meninos, (Anexo IV, p. 393) a convivência aparece de diferentes formas: Mário desenhou cenas em que sua mãe o censura por chegar tarde em casa (Anexo IV, p. 394); Carlos retrata cenas em que aparece comendo e sua mãe reclamando por ele não ajudar no trabalho doméstico (Anexo IV, p. 395). Ele se reconhece sempre sujando e sua mãe limpando; Léo desenhou as pessoas de sua família em diversos momentos: mãe varrendo, irmão na piscina e ele com a namorada. Ele não

retratou cenas de convívio (Anexo IV, p. 396); Henrique, desenhou ele e a mãe assistindo TV (Anexo IV, p. 397); Alberto, apesar de afirmar que convive mais com seu pai pois trabalha com ele, diariamente, no restaurante, ao se desenhar, se retratou sozinho em diversas cenas em casa (Anexo IV, p. 398); Tiago desenhou cenas diferentes onde sua mãe, sua avó e seu pai o censuram (Anexo IV, p. 399); Paulo desenhou cenas onde sua mãe tenta acordá-lo em vários momentos de um domingo (Anexo IV, p. 400); Klaus enfatizou sua convivência com a mãe quando se desenhou com ela em três cenas à mesa de refeições. Em outras cenas ele aparece sozinho na escola e deitado (Anexo IV, p. 401); Camilo desenhou cenas de convivência da família à hora de refeições, indo para a escola de carro com os pais e assistindo TV com pais e irmãos (Anexo IV, p. 402); Daniel não se desenhou em convivência familiar, mas retratou a mãe, a tia, o pai e a irmã em suas diversas atividades (Anexo IV, p. 403); Fabrício não desenhou convivência, mas cenas separadas de sua mãe dormindo, seu irmão assistindo TV e ele mesmo ouvindo música deitado na cama (Anexo IV, p. 404); Adriano desenhou uma cena em que aparece deitado e seus pais perto dele para lhe dar boa-noite (Anexo IV, p. 405); Marcelo não se retratou, e desenhou seus pais conversando sobre problemas do extermínio de menores no Rio (Anexo IV, p. 406). Portanto, dentre os meninos, quatro (30,7%) retrataram claramente o cotidiano demarcado pelas atividades de ir para a escola, estudar, fazer refeições, encontrar familiares e repousar, ou seja, atividades que são comuns ao cotidiano.

Enquanto dentre as meninas houve uma preocupação em retratar situações, mesmo não sendo do cotidiano, dentre os meninos, três (23%)

retrataram apenas pessoas da família sem contar nenhuma situação, e dois, dentre os que retrataram cenas do cotidiano, não incluíram nenhum diálogo no seu desenho. Três meninos (23%) retrataram-se em cenas do cotidiano em situações de discussão com o pai, ou com a avó ou com a mãe. Apenas um menino (7,6%) desenhou seu cotidiano retratando uma cena de situação afetiva com seus pais.

Assim, dentre os desenhos das meninas, (Anexo V, p. 407) a convivência familiar aparece em diversas situações: Ticiane se desenhou sozinha em diversos momentos do dia: no trabalho doméstico, estudando, diante da TV, com amigos e dormindo (Anexo V, p. 408); Nicole retratou cenas da volta da escola em que encontra o pai, irmã e mãe (Anexo V, p. 409); Débora desenhou cenas em que almoça e conversa com pai e mãe, estuda e dorme (Anexo V, p. 410); Tati desenhou os membros da família e as cenas em que aparecem ela, a mãe e o irmão assistindo à TV, à mesa e na piscina (Anexo V, p. 411); Karen retratou cenas em que sua mãe prevalece, dando ordens ao irmão, à ela mesma e ao pai para organizar a casa. Para ela, a mãe é a figura da autoridade tanto que, no desenho mesmo ela a denomina de "sargenta da casa" (Anexo V, p. 412); Gláucia não retratou convivência familiar, mas cenas em que uma mulher realiza trabalhos domésticos, provavelmente ela mesma, pois na entrevista ela falou desta atividade como sua obrigação em casa (Anexo V, p. 413); Cristina retratou ambientes de seu cotidiano em que aparece na escola e em casa e incluiu pai e mãe, na mesa de refeições e em frente à TV (Anexo V, p. 414); Pérola retratou momento de convivência da família no carro à caminho da escola (Anexo V, p. 415); Vanessa se desenhou em cenas discutindo com pai, em

relação ao horário de chegada em casa à noite, com as irmãs, disputando objetos e com a mãe, em que esta lhe diz para arrumar suas roupas (Anexo V, p. 416); Juliana não se desenhou, mas retratou pai e mãe discutindo sobre problemas de saúde que seu pai julga ter (Anexo V, p. 417); Roberta retratou sua família num dia de domingo indo à São Paulo assistir o irmão numa corrida de kart (Anexo V, p. 418); Janaína se desenhou com pais e irmãos viajando prá Fortaleza e se encontrando com avós (Anexo V, p. 419); Karla desenhou cenas em que aparece sua família à mesa de refeições e conversando com o irmão (Anexo V, p. 420); Simone se retratou em vários momentos do dia, do levantar ao deitar em que aparece com o pai e mãe, chegando da escola, almoçando, estudando e vendo TV (Anexo V, p. 421); Giovana desenhou cenas em que aparece pedindo permissão à mãe para sair e esta colocando limites (Anexo V, p. 422); Hariana se desenhou na escola, vendo TV, estudando e em um momento de convivência com os pais à noite, assistindo TV (Anexo V, p. 423); Priscila retratou momentos de encontro da avó com o irmão e com ela mesma (Anexo V, p. 424); Camila retratou diversas cenas do dia-a-dia em que conversa com a mãe ao levantar, ao chegar da escola, nas refeições e estudando (Anexo V, p. 425); Danielly desenhou uma seqüência de cenas em que aparece conversando com a mãe sobre sair para fazer compras (Anexo V, p. 426); Kelly não se desenhou, mas sim o seu irmão discutindo com a irmã e o pai intervindo. Poderia se pensar que Kelly se projeta no irmão uma vez que, na entrevista ela afirmou se identificar com o irmão e que considerava sua irmã autoritária (Anexo V, p. 427).

O contestar autoridade, tomar coisas emprestadas sem a permissão,

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

espalhar roupas e objetos pela casa, podem não ser ações cotidianas mas retratam a subjetividade atual deste período que elas vivenciam na família.

Os desenhos mostraram, em sua grande maioria, situações aparentemente amenas nas relações familiares. Os adolescentes que retrataram cenas de discussão com os pais e irmãos no cotidiano, mostraram situações de controle dos adolescentes pelos pais e suas críticas a determinadas atitudes que eles têm. Quando falaram que ocorriam brigas em casa, os adolescentes logo tratavam de negar que elas perturbassem a relação familiar.

Através de uma pesquisa realizada nos anos oitenta com uma amostra representativa de adolescentes de Liceu, ou seja, entre 14 e 17 anos, Phosphore (1988)[62] afirma que "relações serenas e confiantes" entre pais e filhos são comuns entre estes.

Da mesma forma Galland afirma que a harmonia familiar *"...est le résultat d'un modus vivendi qui permet aux jeunes de profiter du soutien parental tout en vivant leur vie personnelle sans que, dans ce domaine, les parents disposent d'un reel droit de regard ou d'intervention".* [63]

Realmente, as condições de vida destes adolescentes permitem que eles vivam sem a preocupação da subsistência e, ao mesmo tempo, o próprio capital cultural dos pais possibilita que se estabeleça, entre pais e filhos, uma relação livre de conflitos sérios ou de agressividades explícitas. Apesar de, tanto meninos como meninas, fazerem referências a atritos com os pais, eles sempre acrescentavam que consideravam estes atritos

---

[62] Apud GALLAND. Olivier, Op. Cit. p.198.

[63] GALLAND, O. Op. Cit. "...é o resultado de um modus vivendi que permite aos jovens aproveitar do sustento dos pais e viver sua vida pessoal sem que, neste domínio, os pais disponham de um real direito de controle ou intervenção". p. 198. (tradução minha)

"normais", que "existem em toda as famílias". Para eles, estes atritos não indicavam "problemas na família" e nem se reconheciam como "adolescentes problemáticos".

As relações familiares, segundo alguns estudiosos, tendem a ser conflituosas principalmente quando os adolescentes não tem, por exemplo, um projeto de vida. Ao contrário, o adolescente "não tempestuoso" sempre está engajado na...

"... exploração das tendências tecnológicas em expansão e opta, por conseguinte, a identificar-se com os novos papéis de competência e invenção e a aceitar uma perspectiva ideológica mais explícita."[64]

Os adolescentes em questão, ao que parece, podem ser identificados como detentores de projetos de vida definidos e fazem parte de estruturas familiares que lhes permitem um "modus vivendi" aparentemente estável.

A expressão de conflitos na convivência foi referida tanto por meninos como por meninas, não diferenciando a natureza destes conflitos.

Meninos e meninas bem demarcaram a convivência familiar registrando encontros em função dos horários de suas atividades cotidianas. Por outro lado, gênero como elemento diferenciador de convivência com pai e mãe, se coloca na perspectiva dos encontros em função da presença ou não do pai na unidade doméstica. Gênero se expressa, ainda, na forma como se estabelecem as relações com os demais parentes.

---

[64] ERIKSON, E. Op. Cit. p.130.

3.2. Relações com os Pais

Existe uma diferença entre a referência que os adolescentes fazem da relação com os pais, enquanto pai e mãe, e quando se referem a eles separadamente. A diferença foi bem explícita no discurso de meninos e de meninas que assinalaram o ser mãe e o ser pai como dado substancial desta.

Tanto os meninos como as meninas, quando iniciaram a falar de sua família durante a entrevista enfatizaram, sobretudo, aspectos positivos de suas relações com os pais, enquanto pai e mãe. Para estes, por exemplo:

"Todos se relacionam bem em casa"(Daniel); "A relação é tranqüila"(Adriano); "Há diálogo aberto em casa. Converso bastante com meus pais"(Danielly); "Tenho uma relação boa com meus pais"(Roberta); "Tenho uma relação de conversa diária"(Débora); "Me dou bem com meus pais e irmãos"(Klaus); "Qualquer um dos dois (pai ou mãe) serve prá conversar"(Fabrício); "Gosto de conversar com os dois (pai e mãe)" (Henrique).

Para os adolescentes relacionar-se com os pais em conjunto é algo diferente de relacionar-se com eles separadamente. Meninos como Daniel, por exemplo, falam de seu relacionamento com os pais (pai e mãe), considerando-o um relacionamento aberto:

"Ah!, eu acho legal. Acho bom porque, nem eu, conheço muita gente que não conversa com os pais, sei lá, não sei se têm medo ou vergonha. Então meu relacionamento é mais aberto com eles, né?(Daniel, 14a.)

Em outro momento, porém, ele coloca outra situação ao se referir à relação só com o pai:

"Apesar de meu pai ser bem... vamos dizer assim, não gostar muito de diálogo. Ele é fechado. O negócio dele é assim. Não gosta de ouvir muito. Ele não gosta de ouvir. O negócio dele é ele falar e não tem outro jeito."(Daniel, 14a.)

Ele destaca que:

"...há muitos assuntos difíceis de se conversar com os pais, como o sexo, drogas e até sobre a escola."(Daniel, 14a.)

Se, por um lado, há uma tendência dos adolescentes afirmarem que têm bons relacionamentos com seus pais (pai e mãe), por outro eles reconhecem e admitem que existem algumas dificuldades. É o que ocorre também com a Karen:

E´ uma relação muito conservadora, sabe?... (Karen 15a.)

Quando falaram de sua relação com os pais, os adolescentes destacaram aspectos como os contatos, as conversas, diálogos e a autoridade revelada com atitudes de permissões ou proibições. Falam, ainda, ter expectativas de relações sempre harmoniosas.

Algumas formas de relações com os pais estão presentes nos desenhos, dos adolescentes. Dentre vinte meninas, quatorze (70%) retrataram situações em que aparece a figura dos pais, ambos ou sós, à exceção de três meninas: Tati, cujos pais são separados (Anexo V, p. 411), Priscila, cuja mãe é viúva (Anexo V, p. 424) e Camila, que mesmo não tendo mais pai, retratou o padrasto (Anexo V, p. 425). Dentre as meninas que moram com pai e mãe: Giovana, retratou a si mesma e sua mãe, dando-lhe ordens (Anexo V, p. 422). Danielly retratou-se dialogando com a mãe (Anexo V, p. 426). Gláucia se desenhou em vários momentos do cotidiano (Anexo V, p. 413). Kelly não se desenhou, mas retratou pais e irmãos em que estes discutem e seu pai interfere (Anexo V, p. 427). Assim, há uma predominância de desenhos em que ambos, pai e mãe aparecem no desenho do cotidiano das meninas.

A representação dos pais nos desenhos representa, sem sombra de dúvida, a visibilidade da estrutura familiar. Houve casos de adolescentes que retrataram apenas a mãe, mas nenhum desenhou apenas o pai.

Assim, no desenhos de todos os meninos, aparece a figura da mãe (Anexo IV, p. 393). No entanto, dentre os dez meninos que moram com pai e mãe, cinco retrataram visivelmente a figura do pai, mas sempre ao lado da mãe, enquanto a mãe foi sempre desenhada sem necessariamente a figura do pai. Dentre os pais retratados, no desenho de Adriano pai e mãe aparecem velando o seu sono (Anexo IV, p. 405). No desenho de Tiago, seus pais o censuram (Anexo IV, p. 399). No desenho de Marcelo seus pais conversam mas ele não se retratou (Anexo IV, p. 406). Nos desenhos de Camilo (Anexo IV, p. 402), Henrique (Anexo IV, p. 397), Klaus (Anexo IV, p. 401) e Alberto (Anexo IV, p. 398), o pai foi retratado à mesa ou através da figura do carro, em cenas de ida e volta da escola, pois na entrevista eles falaram que era o pai quem tinha esta tarefa.

Assim parece evidente que o adolescente teria uma relação mais freqüente com a mãe, uma vez que se observou que esta tem uma presença mais constante no seu desenho. Todavia, a confirmação deste dado obteve-se com a entrevista, quando os adolescentes falaram sobre sua família.

Nas relações familiares foram referidas, além da convivência, as relações com os pais, através das conversas, lembrando também as dificuldades de diálogos entre pais e filhos, assim como aspectos da autoridade nestas relações.

3.2.1. Conversas com os Pais

Meninos falaram das dificuldades em conversar com os pais, seja pela sua ausência no cotidiano familiar por causa do trabalho, ou pela diferença de idade. Para eles isto provoca uma distância pais e filhos no espaço e no tempo. Na relação de Camilo com sua mãe, por exemplo, ele admite distância no espaço, uma vez que sua mãe não está presente na casa como ele gostaria. Para Mário, esta distância é no tempo porque, para ele, a diferença de idade entre ambos, estabelece vivências e percepções de mundo diferenciadas.

"A minha mãe ela era uma pessoa que falava assim, mais com a gente. Até um ano atrás, ela começou a trabalhar assim, seguir mais os interesses dela entendeu? E meu pai... ele trabalha demais..."(Camilo, 15a.)

"...mas eu não consigo falar com ela exatamente porque assim, ela, ela... não sei, pela extrema diferença de idade... eu não sei se... a diferença de idade... acho que falta bastante..."(Mário, 15a.)

Giovana afirma que sua família é normal, mas que não tem grandes papos com os pais, pois eles não tem nada a ver com ela:

"Ah!, assim, não tem nada a ver comigo. É, eu acho que eles são boas pessoas. Inclusive eles trabalham, né? Chegam cansados e tudo. Eles dão o melhor de si prá... inclusive, pelo que eu saiba, tudo, são honestos, entendeu? Meu pai, ele é religioso, assim, minha mãe já não freqüenta a igreja, não gosta muito dessas coisas. Mas meu pai, ele inclusive incentiva a ir, né? Minha mãe já não vai. Raramente vai."(Giovana, 15a.)

Giovana reconhece os pais como pessoas sem grande identificação com ela. Vale destacar que, à época da entrevista, havia ocorrido um recente atrito com os pais e pude perceber sua emoção quando ela fazia esta afirmativa. Giovana tem dois irmão menores e se queixava do controle excessivo que os pais fazem sobre seus horários e atitudes. O seu desenho sobre o cotidiano familiar apresenta apenas ela e a mãe e esta é retratada

com uma imagem maior, de olhos abertos e mais predominante que ela, numa evidente relação de autoridade e poder (Anexo V, p. 422).

Uma certa forma de relações de dominação dos pais para com os filhos, expressadas nos desenhos e entrevistas, podem ser compreendidas como conseqüências da dependência econômica e afetiva do adolescentes. Por outro lado os adolescentes manifestam reações que são desejos de emancipação, mais propriamente econômica que afetiva. Foi incorporada pela sociedade moderna toda uma prática da família que objetiva proteção aos filhos menores que subentende, a nível privado, atenção, cuidados e responsabilidade dos pais, mas que revela, de fato, uma íntima relação de controle e dominação.

Existem meninas que não destacam qualquer relacionamento conflituoso com os pais, tal como Karla. Mas esta menina vai fazer uma distinção quando sua relação é especificamente com o pai.

"Ah!, eles são excelentes pais. Mas na minha opinião, assim, eles são ótimos. Educação, assim, na parte da educação, deram, sabe, tão sabendo lidar... minha mãe, meu pai, assim, são jóia... tenho mais liberdade com minha mãe..." (Karla, 16a.)

As relações com os pais, portanto, podem retratar formas diferenciadas entre os próprios adolescentes, isto é, alguns meninos falaram que se estabelecem uma forma de relação com os pais que é diferente da relação mencionada pelas meninas. Na idade em que se encontram eles já atravessaram o que se chamaria de crise edipiana e os meninos percebem no pai, o definidor das normas. Isto poderá indicar a construção de representações de gênero diferenciadas para o menino e para a menina, uma vez que estas são produto de suas próprias vivências, determinadas por um processo individual, em interação com o social.

No discurso dos adolescentes "conversar com os pais" e "diálogo aberto" tem o mesmo significado de contar tudo o que fazem no seu cotidiano.

Meninas, mais que os meninos disseram "contar tudo para os pais" ou "não ter segredos para a mãe" colocando neste ato o sentido de dialogar:

"Minha mãe sabe tudo de mim. Tudo. Tem coisas assim que minha melhor amiga não sabe o que minha mãe sabe. Tudo, desde pequenininha, ela sempre soube..."(Débora, 14a.)

"... o que você quiser conversar, quem quiser conversar com minha mãe, ela dá todo apoio, ela discute, ela deixa bem aberto, sabe? Não tenho a menor vergonha de falar qualquer coisa, sexo, drogas, problemas na escola, problema com família, sobre namoro tudo posso falar com minha mãe."(Juliana, 16a.)

Obter as informações do que se passa com os filhos, através deles mesmos, fazer com que eles falem sobre o que fazem, é uma forma dos pais conhecerem e manterem um controle sobre as atitudes dos filhos. Ao mesmo tempo, eu diria, que os próprios adolescentes permitem, de forma inconsciente, este controle dos pais.

"Eu converso mais com minha mãe, mas também não escondo nada do meu pai... eu converso com bastante freqüência. Tudo o que acontece comigo, eu conto prá ela, mesmo aqui na escola, como foi o dia, eu conto, conto pró meu pai. Não escondo nada do meu pai. Namoro, nada, escondo nada."(Roberta, 16a.)

Por outro lado, existem posições contrárias a este tipo de controle:

"Ah!, eu acho que na minha família não tem nada assim de diferente, sabe? É convivência normal, sabe? Eu converso com minha mãe, não sobre todos os assuntos, sabe, é bem... é, como se diz? Ela não é uma amiga, sabe? Eu converso com ela e tal mas a maioria dos meus problemas não é com ela que eu trato. Muito menos com meu pai, né? (Karen 15a.)

Posta de uma forma aparentemente harmoniosa, na verdade as informações que os filhos fornecem aos pais, mantém a relação pais e filhos em um aparente equilíbrio: controle dos pais e sobre as atitudes dos filhos.

"Temos que nos abrir com nossos pais dizendo sempre a verdade em primeiro lugar para que não haja desconfiança de ambas as partes. Se cada

pai ou se cada mãe refletisse mais sobre seus problemas, o lar de todos seria um lar mais feliz e mais confiante."(Renata, 15a. Texto da redação "Pais e filhos: o difícil diálogo")

Para adolescentes e pais, um relacionamento harmonioso subentende o conhecimento dos pais de todas as ações dos filhos. E este fato ocorre tanto com os meninos, como com as meninas.

Giovana, no entanto, ao admitir que seus pais não têm nada a ver com ela, critica essa situação de aparente democracia, mas de real dominação dos pais:

"Porque acho que eles querem... eles falam tanto em diálogo que eles falam que adotam diálogo, né? Os meus pais. Tudo bem, eles não reclamam que não tenha isso, acontece que, acho que diálogo é quando as duas partes podem... uma tem que entender a outra, agora o caso... eu que tenho que entender a deles..."(Giovana, 15a.).

Detentores dos bens materiais e simbólicos, os pais "precisam" manter o controle das situações e uma "relação de dominação" com os filhos. A forma de resistência e adaptação dos adolescentes a esta "lei", é não ser "totalmente aberto" com os pais, é preservar sua intimidade expô-la para quem eles próprios escolhem para confidentes, como amigos, irmãos ou em alguns casos, uma tia, como foi citado.

Portanto este relacionamento, dito aberto e pleno de confidências, se relativiza à medida em que as meninas falam de algumas restrições aos assuntos que tratam nessas conversas. Há uma reserva à sua intimidade e, no caso, falar tudo para a mãe ou o pai representaria expor sua vida privada.

"Ah!, eu converso com minha mãe. É lógico que eu não conto tudo prá ela, né? Conto... as coisas que acontecem comigo, as coisas mais importantes, tal, né? Principalmente porque existe uma vergonha de contar as coisas prá mamãe, que eu acho que isso é natural, mas eu não tenho muito papo com minha mãe. Eu converso com ela. Mas eu converso mais com uma tia minha que eu tenho que é irmã da minha mãe, tia Sônia."(Camila, 16a.)

Ah! Minha mãe, ela, sei lá, eu não me sinto à vontade de conversar

com ela, mas ela pergunta prá mim, ela me explica as coisas, tudo, né? Tem coisa que converso mais com amiga, não com a família. Mas, é, ele, meu pai e minha mãe, não tenho liberdade prá comentar o que eu quero, eles explicam tudo..."(Nicole, 15a.)

A intimidade agora é diferenciada daquela que, até então, eles se referiram partilhar com os pais. Uma intimidade diferenciada, provavelmente, pelos novos interesses advindos com o despertar da sexualidade.

Segundo Dolto, justamente por volta dos quinze anos revela-se as "primícias da sexualidade" aliadas a um forte componente imaginário, mesmo antes do corpo se manifestar. Meninos e meninas escolhem com quem querem partilhar sua intimidade. Galland (1991) também discute sobre a esfera social e privada que o adolescente resguarda de seus pais, à medida em que restringe os assuntos que conversa com eles.[65]

Na realidade, quando falaram de "conversar" com os pais, os adolescentes citaram situações em que eles deveriam contar o que se passava com eles. Seria esta uma forma que os pais usam para controlar os filhos? Ideologicamente incutido como ser bom filho é conversar com os pais, contar o que se passa com ele mesmo, o adolescente aponta esta atitude como algo desejável mas não necessariamente usual. Ao qualificarem a relação com os pais como boas, eles apontam para as estratégias que utilizam para não gerar conflitos.

Adotar esta atitude significaria uma estratégia para manter a "harmonia no relacionamento familiar". Meninos e meninas afirmam conversar com os pais, mas reconhecem que eles controlam e dominam o tom dessas conversas. Neste sentido, as conversas teriam o mesmo sentido de diálogo?

---

[65] GALLAND, O. Op. Cit. em referência à pesquisa realizada pelo INSEE.

Meninos e meninas disseram que há uma busca de diálogo com amigos e amigas, pessoas da mesma idade, motivadas não só pela identificação, mas também para superar a falta de conversas com os pais. Assim, ao mesmo tempo que afirmaram conversar com os pais os adolescentes, meninos e meninas, citaram outras pessoas com quem preferem conversar.

Em todo caso, a identificação também pode ser evidenciada no âmbito familiar, quando os adolescentes falam de suas preferências entre pai ou mãe para conversar. Esta preferência, para alguns meninos, poderia ser em função do dado biológico sexo, ou seja, meninos conversariam com o pai e as meninas com a mãe, ou haveria assuntos a serem tratados com o pai e outros com a mãe. No entanto esta idéia não é muito prevalecente entre os adolescentes.

Desta forma poderia se pensar que eles acreditam na existência de afinidades dos meninos com o pai e das meninas com a mãe. Três meninos e uma menina, Gláucia lembraram algo neste sentido, uma vez que existiriam assuntos que, segundo eles, devem ser diferenciados para tratar com a mãe e para tratar com o pai.

Tiago afirmou que o filho deve ser educado pelo pai e a filha, pela mãe e que tem assuntos diferentes para conversar com os pais. Tiago é filho mais novo, tem um irmão e mora com os pais. Sua mãe é professora, trabalha meio expediente e seu pai é engenheiro.

"Ah!, eu converso mais com meu pai. Mas com minha mãe também. Com meu pai... é... ah!... com minha mãe eu falo muito coisas do colégio, como tô me sentindo lá e tal. Agora com meu pai eu falo outras coisas, com relação... é sexo, meninas e tal."(Tiago, 16a.)

Carlos, que mora com a mãe e a avó, e o pai mora em outro estado,

também acredita que os assuntos das conversas devem ser diferentes para cada um dos pais.

"Bom, o meu pai geralmente a gente conversa mais sobre... ultimamente a gente conversa mais sobre... assim, sobre as experiências que ele tem na vida, né?... contar as experiências dele... e minha mãe a gente conversa assim mais sobre... coisas assim, mais fúteis... como assim, comida, lugares de ir passear... meninas, de vez em quando, comenta alguma coisa... com meu pai eu também comento um pouco de mulher mas é... que não, eu não vejo muito ele, então não tem tempo... Converso com a mãe só coisas corriqueiras..."(Carlos, 16a.)

Esta também é a posição de Paulo, cujos pais são divorciados:

"Os assuntos de conversar com o pai são diferentes dos assuntos de conversar com a mãe..." (Paulo, 15a.)

Para estes meninos, portanto, o referencial gênero determinaria a preferência para conversar, mesmo se estas conversas com o pai, no caso específico deles, não possam ser mais freqüentes. Curiosamente, o pai destes dois meninos não tem uma convivência freqüente com eles.

Gláucia, ao mesmo tempo que se ressente da pouca disponibilidade de tempo de seus pais para conversar, também se refere ao determinante sexual para as preferências com quem conversar, no caso, a mãe. No entanto, no mesmo momento em que afirmava esta distinção, ela reconheceu que a sexualização dos assuntos e da educação dos filhos, é algo relativo:

"Converso pouco com meus pais porque eles não têm tempo mesmo. Quando têm, às vezes, a gente, sai discussão, entre eu e minha mãe, porque tenho... ela não tem tempo, a gente fica brigando com ela prá ver se ela dá tempo... Mas o que eu tenho prá falar, eu falo mais com minha mãe, não falo muito com meu pai. Sei lá, aquela velha história, né? Filha com mãe, filho com pai... mas eu conheço garotos que falam mais com a mãe..."(Gláucia, 15a)

Alberto confirmou que conversa mais com o pai por questão mesmo de proximidade física, pois passam o dia todo juntos no trabalho do restaurante, onde ele o ajuda:

"Converso mais com o pai que com a mãe porque trabalhamos juntos"

(Alberto, 17a.).

Ao mesmo tempo que Fabrício diz que gosta de conversar com a mãe, admite e reconhece que o diálogo é difícil, porque ela sempre faz as idéias dela prevalecerem.

"Eu gosto muito dos meus pais. Minha mãe... ela é uma pessoa... muito... é... dona da verdade, ela. É muito complicado conversar com minha mãe porque ela acha que a opinião dela, é uma opinião que... sobressai sobre as outras, mas ela é... tem... um coração bom, gosta de ajudar as pessoas... Meu pai, ele já é... ele discute, mas discute, não discutir, brigar, ele discute assim, qualquer assunto que a gente começa a conversar..."(Fabrício, 15a.)

Outro já admite que é o pai o mais intransigente durante as conversas.

"Porque meu pai, principalmente, sempre leva o assunto até às últimas conseqüências..."(Eduardo, 15a.).

Para Juliana e Henrique, cujas mães não trabalham fora, conversar com a mãe é em função de haver uma maior convivência, mas que conversam tanto com a mãe quanto com o pai:

"...claro que a gente tem mais contato com minha mãe. Eu fico, convivo mais com ela. Meu pai trabalha, minha mãe não. Mas assim, liberdade, eu tenho com os dois. Prá falar sobre qualquer assunto é com os dois, eles abrem bastante, eles não têm problemas de... não tem tabu de falar alguma coisa assim...(Juliana, 15a.)

"É eu converso muito com eles... vários assuntos, né? Qualquer coisa eu vou e pergunto, né? Eles respondem. Aí... não tem barreira entre eu e eles. Mas eu converso mais com minha mãe, porque ela fica mais tempo em casa, tô sempre falando com ela, pai chega só à noite, só..."(Henrique, 15a.)

Henrique e Juliana não explicitam a preferência para conversar mas revelaram que conversam com os dois, pai e mãe, e ambos falam da maior permanência da mãe em casa como uma justificativa da conversa ser mais freqüente com ela.

As conversas com a mãe, apesar de serem motivadas por proximidade física segundo as meninas e os meninos, são mantidas, normalmente, em

clima de afetividade. Mesmo nos desenhos, apesar de adolescentes retrataram momentos de discussão com a mãe ou o pai, foram mais presentes cenas de conversas amenas.

Em relação à natureza dos assuntos, dentre vinte meninas, sete afirmaram que alguns assuntos são "proibidos" tanto para a mãe quanto para o pai e que são tratados apenas com as amigas.

"Eu converso com os dois... não de tudo, mas tipo assim, mais com minha mãe. E às vezes também eu não... eu não... tudo, também não com minha mãe. Ah! tem coisa que tenho vergonha assim de contar, tal... Daí eu conto prá minhas amigas."(Ticiane, 16a.)

Por outro lado, quatro meninas foram enfáticas em afirmar que contam tudo, não têm segredos para os pais e as demais não explicitaram sobre a questão de assuntos mais privados e íntimos.

Existe uma maior proximidade de meninas e meninos com a mãe do que com o pai. A proximidade física, que levou os adolescentes a afirmarem que sempre conversam mais com a mãe do que com o pai, ocorre porque a mãe passa mais tempo em casa que o pai, mesmo se ela trabalha fora. Tanto meninas como meninos revelaram que o relacionamento com o pai não era tão próximo quanto com a mãe.

A preferência dos adolescentes para conversar entre pai ou mãe, tende então, a ser pela mãe, seja por proximidade física ou sua disponibilidade de tempo. Neste sentido não se pode reconhecer que haja preferência ou identificação maior com a mãe, uma vez que ambos admitem que a convivência é o que motiva esta aproximação para as conversas. Na verdade, eles consideram os dois, pai e mãe, nos momentos representativos da relação familiar, seja pela ausência ou presença.

Poucos meninos e meninas falaram sobre uma afinidade com o pai

maior ou igual a que têm com a mãe. Os meninos, no entanto, assinalaram, mais que as meninas, preferência de conversar com a mãe sem restrições. As meninas disseram conversar mais com a mãe do que com o pai, mas admitiram que as conversas têm suas restrições. Certos assuntos só com, amigas ou uma irmã ou uma tia. Reconheceram ter dificuldades de se abrir totalmente com a mãe. Por outro lado, nenhuma menina afirmou ter abertura para conversar com o pai.

Os meninos, por outro lado, mesmo afirmando preferir conversar com a mãe, admitiram conversar também com o pai e poucos falaram que tratam de assuntos diferentes quando conversam em separado.

Para os adolescentes o pai e a mãe são pessoas a quem devem "contar" fatos da sua vida cotidiana e eles valorizaram este ato, dando-lhes um significado de relacionamento harmonioso e sem conflitos.

Os adolescentes, no entanto, apresentam outras informações quando se referem, especificamente, à relação com a mãe ou com o pai, o que será apresentado mais adiante. Isto colocará o elemento gênero como definidor destas relações à medida em que diferencia a proximidade de pais e filhos e suas atitudes diante destas relações e situações.

3.2.2. "Pais e filhos: o difícil diálogo"

Este foi um dos temas de redação elaborada pelos adolescentes na aula de português e que foi cedida ao estudo pela professora de Português. Através deste material foi possível reconhecer que representações os adolescentes, meninos e meninas, constróem sobre diálogo com os pais e quais suas reações nesta situação específica.

Foi realizada análise de conteúdo em 26 redações das quais 12 de

meninos (46,1%) e 14 de meninas (53,8%). Dentre os 12 meninos, 5 (41%) e dentre as 14 meninas, 5, (35,7%) estão incluídos na amostra inicial, ou seja, responderam ao formulário Situação Familiar e estão bem caracterizados no seu contexto familiar neste estudo. Os demais adolescentes pertencem ao mesmo nível escolar e de idade, e suas redações foram consideradas à medida em que contemplavam aspectos colocados pelos adolescentes referenciais da pesquisa.

Estes outros adolescentes estão assim identificados: Lia, Jana, Letícia, Elaine, Renata, Lidiane, Caroline, Carol, Luciana, Tadeu, Roberto, Jefferson, Fábio, Gustavo, Walter e Leandro.

Através destas redações, o que se pode perceber foi que, falar de relacionamento com os pais e de diálogo pais e filhos, parece não ser a mesma coisa para os adolescentes. Por um lado eles afirmaram ter uma boa relação com os pais, mas ao se referirem ao diálogo entre pais e filhos de uma maneira genérica, o apontaram como difícil.

Deve-se considerar, entretanto que o próprio tema da redação (Pais e filhos: o difícil diálogo) era claramente tendencioso, pois qualificava, à priori, a relação pai e filho como difícil.

Tanto nas redações dos meninos como nas redações das meninas, as idéias foram desenvolvidas segundo as seguintes categorizações: **Concepções** acerca da relação pais e filhos, **Causas** para a dificuldade de diálogo, **Conseqüências** da falta de diálogo e **Soluções** para superar esta dificuldade.

Assim, várias idéias sobre as **Concepções** acerca do diálogo entre pais e filhos, foram colocadas.

Em ambos os discursos foi mais utilizado o uso da expressão "pais e filhos", no masculino. Algumas meninas, porém, referiram-se também à relação mãe e filha de forma explícita.

Tanto o discurso das meninas como o discurso dos meninos se deteve somente na discussão sobre as dificuldades de diálogo entre pais e filhos, tal como sugerido na temática da redação.

dentre os meninos 75% falou das dificuldades de relacionamento e de diálogo entre pais e filhos, apontando sua ocorrência sem nenhuma ponderação.

"Sempre quando conversamos com nossos pais, há um assunto que não corresponde com a idéia de ambos..."(Klaus, 16a.)

"O relacionamento pais e filhos está ficando cada vez mais difícil."(Daniel, 14a.)

"Nos dias de hoje está muito complicada a relação de pai para filho, que tem se revelado cada vez mais tensa e contraditória...é difícil encontrar uma família em que predomina o diálogo e a compreensão entre seus constituintes."(Tiago, 16a.)

As meninas, por outro lado, reconheceram formas diferenciadas de relacionamento entre pais e filhos, discordando que haja somente dificuldade de diálogos entre eles. Dentre elas, 21,4% desenvolveu seu discurso, portanto, contra argumentando a temática proposta.

"Mas não vamos generalizar e dizer que toda família segue o mesmo padrão...existem pais que têm um diálogo aberto e sincero com seus filhos, onde ambos conseguem tirar disso tudo uma amizade bastante sólida."(Jana)

Outras meninas porém também concordaram com a dificuldade de diálogo entre pais e filhos. E justamente uma menina que afirmara ter diálogo aberto com os pais, como por exemplo, Danielly admite a ocorrência desta dificuldade:

"A cada geração que passa, o diálogo entre pais e filhos fica cada vez mais difícil entre pais e filhos. Esta geração que estamos, é uma geração que

eu diria, muito avançada."(Danielly, 16a.)

Esta menina freqüenta a Igreja Evangélica e afirmou discordar da forma como muitos jovens se comportam em relação aos pais e ao namoro e não se inclui no grupo que ela considera "revoltado" ou "perdido".

Priscila, que é católica e freqüenta grupo de jovens, recrimina a forma de ser de muitos jovens de sua idade que desobedecem aos pais.

"...falta Deus na família e na vida dos jovens..."(Priscila, 16a.)

Dentre as meninas que fizeram referências às dificuldades de diálogo dos filhos com os pais, percebe-se uma tentativa de justificar o fato:

"...ainda hoje há uma restrição entre pais e filhos, no diálogo entre eles. Há um receio por parte de ambos... uma vergonha..."(Kelly, 15a.)

"Hoje em dia pais e filhos têm dificuldades em se expressar um para o outro..."(Hariana, 15a.)

"A maioria dos pais e filhos... não está se entendendo... há filhos que não podem dizer a verdade a seus pais porque têm a certeza que eles não os compreenderão..."(Renata)

"Nessa época em que estamos passando por várias mudanças, fica difícil os pais e filhos se entenderem."(Carol)

Dentre as **causas** apontadas para a dificuldade de diálogo os adolescentes destacaram a diferença de geração, o medo ou mesmo a vergonha dos filhos de falar com os pais e uma referência ao fato dos pais, principalmente a mãe, trabalharem fora.

Sobre as **causas** dessas dificuldades, meninos e meninas apontam, sobretudo, para o comportamento dos pais, mas também se referem ao comportamento dos filhos. Para eles as causas são muito variadas e se referem ao retraimento dos filhos para com os pais e vice-versa; ao desejo de liberdade dos filhos e o confronto na imposição de limites pelos pais bem

como a diferença de interesses das duas gerações - pais e filhos. Assim é que os meninos e as meninas citam inúmeras razões das dificuldades de diálogo.

Três meninos (25%) se referiram às diferenças de geração como **causa** da dificuldade de diálogo entre pais e filhos.

"A nova geração (jovens) dificilmente compreende e segue as orientações dos pais, pelo fato de acharem ser sempre os 'donos da verdade'."(Tiago, 16a.)

Cinco meninos (41,6%) falam de **causas** como medo, vergonha, desejo de liberdade e outras, que provocam dificuldades no relacionamento e diálogo entre pais e filhos.

*"Há muitos filhos que têm **vergonha** de expor seus problemas e pensamentos a seus pais. Outros têm medo, pois não conhecem seus pais direito e **temem** uma agressiva reação. Mas existem pais também que não sabem se relacionar com os filhos, são muito ignorantes, querem resolver tudo na base da 'porrada'..."(Daniel, 14 a.)*

*"**Liberdade**. E' isso o que os filhos de hoje querem... mas não têm a mínima responsabilidade de 'manusear' essa liberdade e por isso muitas vezes arrumam problemas..."(Danilo, 15a.)*

*"...pois na sua fase de amadurecimento, o jovem começa a não pensar mais nos seus pais e sim nos **amigos**, nas **namoradas** e nos barzinhos noturnos, tornando fora de seu alcance, o diálogo..."(Fábio.)*

Entre as meninas foi freqüente a referência às diferenças de geração e a permissividade ou liberdade legada aos jovens, como causa das dificuldades de diálogo entre pais e filhos - (50%).

*"São filhos que não aceitam os limites dos pais, pois acham que são **quadrados**, e pais que não aceitam a **liberdade** dos jovens de hoje."(Danyelle, 16a.)*

*"O **choque de gerações**, idéias diferentes... os pais muitas vezes ficam envergonhados em conversar alguns assuntos com os filhos como sexo, drogas, preservativos, etc."(Jana, 15a.)*

*"...na verdade, a **rebeldia** do filho e a **superproteção** dos pais, são os maiores causadores de todo esse atrito."(Giovana, 15a.)*

As **conseqüências** das dificuldades de diálogo entre pais e filhos são assinaladas pelos adolescentes refletindo-se, principalmente no interior das relações familiares. Meninas e meninos disseram que há uma busca de diálogo com amigos ou amigas, pessoas da mesma idade, também para superar a falta de conversas com os pais.

Dentre as conseqüências que os meninos apontaram pela falta de diálogo entre pais e filhos foi assinalada carência dos filhos e mal-estar na relação.

"...o filho fica carente da opinião paternal e os pais ficam sem conhecer seus filhos e seus problemas, achando sempre que está uma maravilha."(Daniel, 14a.)

"...gerando como conseqüência, um adolescente irresponsável e revoltado, pois fica muito carente..."(Leandro)

"...essa falta de diálogo faz muito mal para ambos..."(Danilo, 15a.)

Três meninos (25%) assinalaram **conseqüências drásticas** em função das dificuldades de diálogos entre pais e filhos:

"Com todos os problemas que pais e filhos enfrentam hoje em dia, se não houver diálogo entre eles, pode desestruturar a família e isso já acontece com muitas famílias e está abalando a sociedade"(Gustavo)

Meninos e meninas demonstraram preocupação com a possibilidade de falta de harmonia na relação pais e filhos. Para eles não deve haver conflitos na família, as relações familiares devem ser democráticas e de igualdade entre as pessoas da família. Mas estas idéias são colocadas de forma impessoal pois eles não se situam enquanto passíveis da ação de conflito em casa.

Os adolescentes indicaram **soluções** para superar as dificuldades no relacionamento pais e filhos e os conflitos causados pela falta de diálogo,

como alternativas e caminhos para o encontro do equilíbrio familiar. Há um indicativo para que a solução dos problemas da falta de diálogo seja tomada, preferencialmente pelos pais, mas os adolescentes se referem também à "tolerância" dos filhos para que tal ocorra.

"Os pais têm, por obrigação, ter um bom diálogo com seus filhos... o pai tem de se controlar e não partir para a violência..."(Fúlvia, 16a.)

"Temos que nos abrir com nossos pais dizendo sempre a verdade em primeiro lugar para que não haja desconfiança de ambas as partes. Se cada pai ou se cada mãe refletisse mais sobre seus problemas, o lar de todos seria um lar feliz e mais confiante."(Renata, 15a.)

Para 41,6% dos meninos, porém estas **soluções**, deveriam ser, sobretudo, de iniciativa dos pais.

Então o que se deve fazer é o seguinte: os pais devem suportar essas pressões dos filhos com muita firmeza e autoridade, pois assim, os filhos, aos poucos, começarão a respeitar os pais..."(Daniel, 14a.)

"...a melhor coisa que pode ser feita para melhorar o diálogo entre pais e filhos é os pais terem uma relação muito aberta com seus filhos e se atualizarem no modo de pensar."(Roberto, 15a.)

"Os pais devem ter mais carinho com seus filhos e estes, por sua vez, devem ter mais carinho e obedecer mais aos seus pais. Só assim o diálogo familiar será bem feito e será compreendido entre eles."(Walter, 16a.)

O desejo que a família seja democrática, com as relações entre pais e filhos mais abertas e equilibradas, é bem presente nos discursos de ambos - meninos e meninas - quando relatam problemas e soluções para as dificuldade de diálogo entre pais e filhos. Há uma expectativa constante pela manutenção da harmonia familiar, idealizando-se a família sem conflitos.

Pode-se apreender, pelos discursos dos adolescentes uma preocupação pela falta de um equilíbrio e de uma harmonia na relação pais e filhos. Os discursos foram todos na terceira pessoa, eles não se colocaram nas situações descritas, tratando o tema de forma impessoal. Porém existe uma estreita relação entre o que se descreve e o que se sente sobre o assunto e,

de certa forma, eles descreveram o que sentem e sabem deste universo que vivenciam.

Outros adolescentes indicaram diversas alternativas e caminhos para o encontro do equilíbrio familiar, **soluções** para acabar com as dificuldades de diálogo entre pais e filhos e resolver os conflitos existentes, de iniciativa de ambos:

"Enfim, o diálogo entre pais e filhos deve ser uma amizade, onde os filhos devem depositar nos pais todo seu amor e confiança e os pais lhes dando proteção, afeto, amor... para assim contribuir com a construção de uma união afetiva, num mundo onde as pessoas (pai irresponsáveis... e filhos revoltados) vivem desamparados e isolados."(Leandro)

"Para se ter uma boa amizade entre pais e filhos é preciso que os dois se entendam, ambas as partes, com calma e compreensão."(Jefferson)

Não foi significativo entre as meninas uma freqüência de propostas para superar as dificuldades de diálogos entre pais e filhos, mas aquelas que o fizeram consideraram que estas deveriam ser de iniciativa dos filhos:

"Temos que nos abrir com nossos pais dizendo sempre a verdade em primeiro lugar para que não haja desconfiança de ambas as partes. Se cada pai ou se cada mãe refletisse mais sobre seus problemas, o lar de todos seria um lar mais feliz e mais confiante."(Renata)

Pode-se perceber que as soluções apontadas por meninos e meninas para a melhoria do diálogo entre pais e filhos são totalmente contrárias: para eles, foi mais freqüente a iniciativa partir do pai e entre elas, além deste dado não ser muito visível, quando ele apareceu, a proposta era de que a iniciativa fosse dos filhos.

A consciência que esta fase da vida propicia desencontros de sentimentos e de emoções está muito presente nos discursos dos adolescentes.

"...podemos lembrar agora que tudo não passa de uma fase e que, com o tempo, ele vai tomando consciência de que tem pais e que seus pais lhe amam muito."(Fábio)

O discurso sobre a fase da adolescência e os seus conflitos tem sido assimilado pelos próprios adolescentes que o reproduzem. Falar de dificuldade de diálogo entre pais e filhos, sugere, de imediato, a menção à fase da adolescência como determinante desta dificuldade.

A relação pais e filhos, por sua vez, tende a ser apresentada pelos adolescentes como uma relação desigual, de dominação versus submissão, ou de controle e dependência, em função da idade e do sexo dos filhos.

Ao mesmo tempo que os adolescentes falaram que sua relação com os pais era de diálogo e entendimento, quando falaram sobre a temática numa redação proposta pela professora, eles descreveram as dificuldades, abstraindo-se, porém, de sua própria situação.

Enquanto trabalho escolar, o discurso dos adolescentes respondeu aquilo que a professora solicitava: falar da dificuldade do diálogo entre pais e filhos. Por outro lado, falar de si e de sua família, foi algo diferenciado, apesar de alguns adolescentes fazerem referência às dificuldades de relação com os pais.

Ao discutir a questão do diálogo, os adolescentes assumiram, de uma forma genérica, basicamente uma posição de aconselhamento para a superação do conflito gerado por uma dificuldade de diálogo entre pais e filhos. Esta atitude se deve, talvez, porque o próprio tema e as circunstâncias sugeriam esta reação. Por outro lado, ao falarem de suas relações familiares, eles admitiram uma prevalência de conversas com os pais e "diálogo aberto".

A incidência das formas de relação entre pais e filhos, segundo os adolescentes, de uma maneira geral tenderia a ser mais de aproximação, ou

seja formas positivas de relação. Ambos, meninas e meninos relativizam estas relações positivas à medida em que reconhecem que elas são resultado de uma hierarquia predominante na família e do poder dos pais a quem devem se submeter. Ao reconhecer e agir segundo as normas desta autoridade instituída, os adolescentes mantém a harmonia familiar. Para o adolescente a manutenção do diálogo representa harmonia familiar e esta deve ser o objetivo a ser atingido, às custas mesmo de sua submissão e obediência. Por outro lado, a autoridade dos pais tem suas regras que são diferenciadas para o menino e para a menina.

3.2.3. Autoridade: permissões e proibições

Nas relações familiares as regras estabelecidas foram destacadas em função de permissões e proibições. Para meninos e meninas as regras estabelecidas fazem parte da educação que devem receber dos pais e citam momentos de permissividade associados às limitações e suas atitudes de autoridade.

"Acho ótimo. Tudo o que precisei até hoje, nunca me foi negado e quando eu achava que não era preciso que eu tivesse certa coisa que eu quisesse, né?, sempre foi conversado antes. Não era só dizer, 'não, fica quieto'. Nunca foi assim. Nem com um nem com outro. Então sempre há uma conversa e... eu acho isso muito bom" (Paulo, 15a.)

O reconhecimento da dependência associado ao sentimento de ser cuidado, de obter a atenção dos pais, levam o adolescente a se sentir protegido mesmo quando têm a sensação de serem controlados e dominados por eles.

"Gosto dos meus pais. Acho legal a educação que eles deram prá mim. Eu acho assim, que hoje em dia tem muitos pais que são muito liberais, não liga pró filho... e tem uns também que prende o filho dentro de casa, entendeu? Se eu quero sair?... onde você vai? Vai, tudo bem... não é tão fechado assim e também não é tão liberal."(Cristina, 15a.)

"São legais, são pessoas legais... Eles são do modo tradicional" (Gláucia, 15a.)

Nas relações do cotidiano familiar, os pais estabelecem as regras de controle segundo as diretrizes mais gerais da sociedade. As permissões e proibições no grupo familiar fazem parte das regras que devem ser cumpridas de parte a parte.

Quando se referem às relações com os pais, enquanto conjunto pai e mãe ou individualmente um ou outro, os adolescentes as associam às possibilidades de permissões e proibições. Os pais representam, também, autoridade e para os adolescentes as relações são diferenciadas quando ocorrem entre pai e filho, pai e filha, mãe e filho, mãe e filha. E, neste sentido, o que eles acentuam, na maioria dos casos, são permissões para os meninos e proibições para as meninas. Os adolescentes fizeram referência a este fato em diversos instrumentos de pesquisa.

As representações de gênero estão presentes nas relações com os pais (pai e mãe), à medida em que os adolescentes destacam, sobretudo, a dualidade das permissões versus proibições em função também da idade, o que será discutido mais adiante.

Ticiane fala das proibições dos pais e ela, aparentemente, se mostra de certa forma receptiva a tal situação. Seu pai é comerciante e sua mãe se ocupa apenas com os trabalhos de casa. Ela tem dois irmãos mais velhos e afirma que o tratamento dos pais para com os irmãos é diferenciado do que recebe. Os seus irmãos usufruem de permissões que ela não tem.

"Ah!, eu amo eles. São os melhores pais do mundo. À vezes eu acho assim, eu acho... eles tão me prendendo muito e tal, né? Mas, olha, também eu acho que ele tá certo..."(Ticiane, 16a.)

Em outro momento Ticiane manifesta sua insatisfação, expressando

seu desejo de ser homem, para poder usufruir da liberdade que não tem. Ela própria considera que se sente confusa em relação a esta situação. Ao mesmo tempo que ela deseja a liberdade que os irmãos têm, ela acredita que o pai a está protegendo de algo que ela mesma nem sabe o que é. Não está satisfeita com a situação proibitiva mas acredita que é o melhor para ela e pretende reproduzi-la na criação dos filhos. A crença de que somente o pai sabe "o ela que pode" e "o que não pode fazer" e tem as condições de decidir sobre sua vida, faz com que ela duvide de sua própria capacidade de discernimento. Para ela, portanto, diante do fato de ser mulher, não lhe restam tantas permissões como para seus irmãos, porém ela admite que existem compensações:

"Ah! Às vezes eu acho, ah! por que eu não nasci homem? Porque meu irmão pode sair à hora que ele quiser e eu tenho que ficar na minha casa... ficar lavando, enxugando louça, limpando as coisas assim, eu também não gosto... ah! também mulher, assim... não tem coisa melhor... o homem não pode ter um filho... que sai dela... e acho isso lindo... Meu pai me prende porque ele sabe que lá fora não é fácil... às vezes eu dou razão... às vezes eu também acho que sei me cuidar, não precisa ele ficar tão assim. Mas eu respeito muito a vontade dele. Se ele falou não prá mim, é não mesmo. Eu acho que tá errado. Eu acho que a gente é tudo igual. Somos todos seres humanos, né? Tem que ser tratado tudo igual. Nenhum é melhor que o outro... Eu acho que minha educação foi muito certa... Então é assim que eu vou passar prós meus filhos..." (Ticiane, 16a.)

Para Ticiane a maternidade é a compensação do fato de ser mulher, mas ela não parece muito convencida que as proibições de seu pai sejam justas.

Outras meninas, Nicole que tem uma irmã menor, e Débora, que tem um irmão mais velho, falam das proibições dos pais. Para Nicole isto significa uma manifestação de amor.

"Ah! (risos) eu já falei, né? Que... que eu acho que... eles não dão uma certa liberdade mas... mas não dão total assim, mas porque eu acho que, que isso nem é bom... o que eu sinto é que, então, eles se preocupam comigo, sei lá, eles gostam de mim..."(Nicole, 15a.)

Ao contrário, Débora se sente muito incomodada com as proibições do pai, pois considera que tem um relacionamento muito aberto com os pais, especialmente com a mãe, e portanto isto não se justificaria. No caso de Débora, sua mãe discorda das proibições do pai, mas não interfere efetivamente.

"...minha cabeça vai ser diferente da cabeça dos meus pais... porque do jeito que eles me seguram prá não sair... até minha mãe protesta com meu pai, porque o pai dela também não deixava ela sair..."(Débora, 14a.)

Outras situações acerca das proibições dos pais, aparecem mas de forma não explícitas. Danielly, por exemplo, afirma que seus pais confiam muito nela pois sabem que ela seria incapaz de traí-los. O fato dos pais passarem a responsabilidade dos atos para o adolescente, no sentido de exprimir sua confiança, estaria revelando uma estratégia de controlar a situação. Ela relatou que, outro dia, seus pais viajaram e seu namorado esteve várias vezes na casa dela. Mas seus pais ficaram tranqüilos, porque "podiam confiar nela", que ela não faria nada de proibitivo.

Neste ponto a forma de controlar a expressão da sexualidade de Danielly tem obtido, aparentemente, os resultados esperados. Ela é filha mais velha, os pais atribuem a ela responsabilidades de cuidar da casa e dos irmãos e, além disso, sua integração na igreja evangélica assegura um controle, segundo ela, "equilibrado" de seu comportamento. Para ela, sua relação com seus pais é igualitária, sem constrangimentos ou medos. Em nenhum momento ela considera que o fato de seus pais lhe darem certas responsabilidades, seria uma forma de exercer o controle de seu comportamento.

"As minhas relações com meus pais são ótimas. Meu pai e minha mãe, a gente tem um diálogo super aberto. Tanto eu converso com minha mãe

como eu converso com meu pai, também, a gente não tem nada a esconder em casa. Meus irmãos... tudo..."(Danielly, 16a.)

Durante as reuniões de grupos focais esta menina colocou para o grupo sua preocupação com a falta de responsabilidade dos adolescentes que ela conhece e que, por isso, os pais não confiam neles.

Assim como as meninas, os meninos, também, de certo modo, se ressentem de algum controle dos pais. Eduardo cita como isto ocorre:

"...não, porque eles me dão liberdade, tal e tal. Mas sabe como é que é, né? É que parece... ilustrativamente, seria como se fosse...você passeando com aquele cachorro, só que... cordãozinho amarrado... você finge que dá liberdade, você solta, vai soltando, quando chega muito longe, tchan!... trava. É assim que funciona..."(Eduardo, 15a.)

Klaus fala como seus pais "cuidam" de sua liberdade:

"São... são legais, eles deixam... não prende a gente, né? Só quando é assim, a gente vai viajar, dependendo do lugar, eles falam que é perigoso... eles deixam sair, são legais, dão conselhos... não beber... não fumar..."(Klaus, 16a.)

Para os meninos, isso não se trata, explicitamente, de proibições, mas de certo cuidado, controle e limitação da liberdade que usufruem. Eles consideram que as permissões são mais vivenciadas pelos meninos que pelas meninas, e eles acreditam que conversar mais com os pais propicia tal fato.

"Ah!, são legais, né? Como falei, tem sempre um diálogo aberto e tal, não tem problema nenhum"(Henrique, 15a.)

"São pessoas legais, liberais que viveram de um modo diferente que o meu e hoje vivem do meu jeito. Por exemplo, se eu quiser sair à noite, eles deixam, eles não implicam se eu for namorar em qualquer lugar."(Alberto, 17a.)

No tocante às proibições é interessante assinalar que, à medida em que os meninos assinalam no discurso oral que, como homem, usufruem de mais permissões que as meninas, no desenho aparecerem situações

diferentes. Mário, por exemplo, se desenha sendo repreendido e ameaçado de punição pela mãe por chegar tarde em casa (Anexo IV, p. 394), e Tiago, em seu desenho, retratou uma cena em que seu pai condiciona sua permissão para sair ao cumprimento de algumas recomendações (Anexo IV, p. 399). Uma menina, Vanessa, também se desenhou em cena em que seu pai lhe repreende por chegar tarde em casa (Anexo V, p. 416). Assim, mesmo se reconhecendo que os pais são menos permissivos com as filhas que com os filhos ou que eles seriam mais liberais com os meninos, fato admitido pelos adolescentes, para ambos, meninos e meninas, os pais dirigem recomendações, repreendem ou punem caso os filhos ultrapassem os limites impostos. A permissão, neste caso, pode ser relativizada pela idade.

Neste estudo, como foi feito o corte apenas no tocante às relações familiares, aparece o destaque do papel dos pais como disciplinadores, e a autoridade dos pais é registrada pelos adolescentes indicando, assim, sua permanência. Meninos e meninas, portanto, passam a identificá-la e nos discursos, mais que na expressão das atitudes e auto-retratação de situações com os pais, eles acreditam que a autoridade se faz presente com as proibições, principalmente para as meninas.

3.3. Relações com o Pai

As relações com o pai para meninos e meninas foram descritas com significativas distinções entre si.

Os meninos representaram tanto positivamente como negativamente o pai a partir das relações que mantém com ele, atribuindo-lhe conceitos ao falarem da sua forma de ser e ao mencionar seu distanciamento nas relações cotidianas, seja porque é separado da mãe, ou porque está ausente do cotidiano familiar por trabalhar demais.

*"Meu pai é mais **sério**... eu gosto muito do meu pai. Ele é muito **inteligente**, dá bons conselhos..."(Klaus, 16a.)*

*"Meu pai, ele... é... ele é assim, é... mais **sério**, assim, do que minha mãe... ele é muito mais sério... no sentido de **não brincar** muito, sabe?"(Marcelo, 16a.)*

Os meninos falam da forma de ser do pai, manifestando certo sentimento de aprovação ou crítica. Carlos, cujo pai é separado da mãe, revela grande admiração por ele.

*"Meu pai, que não mora comigo, mora noutro estado aliás...o pai casou de novo... eu não vejo muito ele... ele realmente é o cara assim que eu acho que é o meu... meu **herói** mesmo, né? Porque ele veio de outro país com pouco dinheiro, fez a faculdade dele e hoje é engenheiro... um engenheiro excepcional, trabalha na maior fábrica de celulose do mundo..."(Carlos, 16a.)*

Camilo e Mário falam da ausência do pai no cotidiano familiar. Assim, o pouco relacionamento que têm com o pai, no caso de Camilo ou sua total ausência, no caso de Mário, tem marcado a vivência destes meninos:

*"Ah!, meu pai, assim, trabalha muito, né? Eu sinto que o meu pai é uma pessoa que tem **muita energia**. É claro que é importante você trabalhar, mas não é importante você só trabalhar. E ele fica muito tempo fora, assim do ambiente da família. Ele viaja, então quando ele tá lá em casa, geralmente ele tá lá prá descansar, entendeu? Ele tenta assim, quando ele tá de bom humor, a gente tenta se comunicar assim, tudo. Então dá prá ele um pouco mais de vida, mas o pior é a **falta de tempo** dele assim, na família e que ele tá meio por fora do que está acontecendo."(Camilo, 15a.)*

"Ele mora na Argentina. É... estranho... minha relação com minha família, é assim...Quando eu era criança, né, eu tive eu acho que eu tive a melhor infância que podia ter. Super boa. Daí meus pais foram e se separaram... Isso é... assim... me afastou um pouco do meu pai, né? Por um bom tempo eu deixei de falar com ele e foi cada vez mais se afastando, né? Se afastou de Campinas. Depois ele foi morar no Rio, no interior, e ***foi se afastando cada vez mais.*** *Hoje ele mora na Argentina e a gente fala assim, super pouco, cada vez menos...Quando eu percebi que foi se afastando, eu demorei prá perceber. Mas quando eu percebi, porque hoje em dia eu percebo a falta que ele faz...bastante, eu acho, né? Demorou prá perceber isso, né?" (Mário, 15a.)*

O período da adolescência, enquanto uma fase de ruptura com a infância e de processamento de novos referenciais corporais, mentais e sociais, coloca o adolescente numa dimensão real de modo que, todos os eventos passados são reprocessados e reelaborados. Menos do que uma fase final ou transitória, esta fase é decisiva na formação da identidade.[66]

O distanciamento do pai com os filhos, não é apenas uma questão física e espacial mas também de pouco envolvimento no cotidiano com a família, segundo afirmaram Camilo e outros meninos que moram com pai e mãe.

Por outro lado, Léo e Tati, cujos pais são separados, descrevem como se sentem em relação ao pai diante desta situação:

"Meu pai e minha mãe são separados, se separaram uma vez, daí eles voltaram, viveram mais um ano juntos... se separaram de novo...e meu pai, eu vejo no final de semana, às vezes, durante a semana, vejo pouco. Antes ele não conversava muito, meu pai não é muito de falar. Mas então, melhorou bastante. Agora que é separado, ele... acho que ele fica mais tempo sozinho, sente mais necessidade de conversar... o meu relacionamento com ele é bem ***mais aberto do que era antes****."(L.éo, 16a.)*

"...são separados... ah!, sei lá. Sempre a gente se vê, assim. Quando eu quiser falar com ele, eu falo, ele sempre vai em casa, ele sai..."(Tati, 16a.)

Karla, que mora com os pais, admite que a conversa com o pai, é feita através da mãe que se torna uma ponte para fazer o assunto chegar a toda a

---

[66] ERIKSON, E. Op. Cit. p.129.

família. Karla é filha do meio, entre dois irmãos. Sua mãe é professora universitária e seu pai é comerciante. Ela admite ter um diálogo aberto com os pais e que eles são excelentes pais. Mas destaca que não há abertura para manter conversas diretamente com o pai, com quem ela afirma manter uma "relação conservadora", ou seja, de distanciamento.

*"Tenho muito **mais liberdade com minha mãe**. Mas eu, converso com minha mãe ou com meu pai, dá na mesma. Eu conto tudo prá minha mãe, minha mãe vai lá, conta tudo pró meu pai, no final tá toda família sabendo... aquela coisa... com meu pai? É uma relação conservadora, sabe? A gente não fala muito dos problemas."(Karla, 15a.)*

Vanessa e Gláucia, cujas mães trabalham fora o dia todo, assim falaram referindo-se ao pouco convívio com o pai:

*"Meu pai, **quase não vejo**. Ele sai prá trabalhar cedo, assim. Na hora de ir prá escola, ele já tá saindo também. E só à noite, então...só à noite, assim que a gente janta...final de semana...Minha mãe tem uma cabeça assim, mais, sabe. A gente conversa sobre tudo com ela. Tá namorando?, ela dá maior força..."(Vanessa, 16a.)*

*"...eu falo mais com minha mãe, **não falo muito com meu pai**. E eu não vejo muito o meu pai... com a minha mãe é com quem eu convivo mais..."(Gláucia, 15a.)*

As representações que as meninas têm do pai quando não são de ausência são, predominantemente, de distanciamento, a que eu chamaria de representação negativa. Elas falam de sua pouca convivência no cotidiano familiar mas citam suas interferências através de constantes controles e proibições.

Ao falarem das impressões sobre a forma de ser e agir do pai em sua relações cotidianas com a família, os adolescentes parecem acentuá-las, sobretudo, pela ausência, o que pode ser negativo para eles enquanto há manifestação de necessidade de proximidade física.

Apenas uma menina Simone, ao comparar pai e mãe, menciona uma qualificação do pai, que eu chamaria de positiva.

*"E meu pai assim é uma pessoa muito **calma**, né? É totalmente diferente da minha mãe"(Simone, 16a.)*

As demais meninas, porém, mencionaram sempre aspectos negativos:

*"Ah!, meu pai é meio **nervoso**, assim"(Nicole, 15a.)*

*"Com meu pai também converso, mas, sabe, ele tem um **gênio muito forte**. Então ele...não sei, ele é muito **explosivo.** Então às vezes **não dá certo**!"(Débora, 14a)*

*"Meu pai é um pouco **rígido**...(Hariana, 15a.)*

*"...meu pai é muito **nervoso**, a gente **briga** muito."(Kelly, 15a.)*

Uma menina reconhece a dificuldade de se relacionar com o pai e atribui o fato a problemas que ele teve na infância, contados por sua mãe. Ao desenhar seu cotidiano familiar, Juliana retratou o pai e a mãe conversando. Ele solicitando atenção da esposa por se sentir doente. A mãe comenta que ele tem mania de doença... (Anexo V, p. 417).

*"Meu pai... já não é...Nem assim, não é muito aberto como minha mãe. Ele já é mais, ele é daquele lado mais, é... ele **repreende** mais, ele quer me segurar, sabe? Ele não gosta de ficar me dando liberdade. Mas mesmo assim meu pai também conversa muito com a gente. Meu pai é assim, um pouco... ele tem muitos problemas que ele traz desde a infância, sabe?"(Juliana, 16a.)*

Apesar de vê-lo como uma pessoa com algumas fraquezas, para Juliana, seu pai representa uma figura de autoridade e tem o poder de lhe impor limites e permissões.

O fato de várias meninas, mesmo aquelas que afirmaram ter um ótimo relacionamento com os pais, enquanto conjunto pai e mãe, terem manifestado impressões que eu chamaria de negativas sobre a forma de ser do pai, isto não pode ser tomado como um indicador de discórdia ou ruptura

na convivência no cotidiano familiar ou pouca afetividade entre ambos. Isso pode ser apenas uma forma de expressão dos sentimentos de desagravo enquanto filha, o que sente nesta relação.

Para meninos e meninas os pais se relacionam à ausência no cotidiano familiar, mas presença no poder de proibir ou limitar e controlar e permitir.

Quando as meninas falaram do pai, se referiram a ele, sobretudo, através de conceitos. Atribuir conceitos é uma forma de proceder à representação, segundo Moscovici (1976), que percebe as representações como intermediárias entre a percepção e o conceito. Assim Moscovici trata a representação como *"um processo que torna o conceito e percepção de algum modo intercambiáveis, visto que se engendram reciprocamente".*[67] Desta forma, as meninas, ao conceituarem o pai, ao mesmo tempo que lhe davam um sentido, o simbolizavam, lhe davam um concretude icônica, o tornavam "tangível".

Por outro lado, o pai tem certamente influência, cultivada de forma intencional ou não, no processo de formação subjetiva dos filhos, e todas as experiências que com ele, na ausência ou presença, são vivenciadas, são elementos constitutivos do processo de construção de sua identidade.

Pode-se perceber, ainda que, para os meninos, mesmo com a constatação de ausência ou afastamento, o pai não teve representações tão negativas quanto para as meninas que a ele se referiram com conceituações neste sentido. No quadro 9 apresento algumas representações de pai para meninos e meninas manifestadas através de conceitos.

---

[67] MOSCOVICCI, Serge. "La psychanalyse: son image et son public." Paris: Presses Universitaires de France, 1961/1976, p.55.

Houve equivalência de conceitos negativos do pai entre meninos e meninas, porém foram os meninos que manifestaram mais conceitos positivos e as meninas, mais conceitos negativos.

Quadro 9. Representações do Pai através de Conceitos

Representações do Pai			
Meninos		**Meninas**	
Conceitos Positivos	Conceitos Negativos	Conceitos Positivos	Conceitos Negativos
"meu herói"	calado	super aberto	nervoso
super aberto	fechado	brincalhão	gênio forte
super legal	tímido	legal	tradicional
liberal	sério	trabalhador	explosivo
honesto	ocupado		calado
educado	intransigente		repressor
muita energia			
atencioso			

3.4. Relações com a Mãe

Tanto as meninas como os meninos falaram de suas relações com a mãe caracterizando-as como mais freqüentes e intensas do que as relações com o pai. Desse modo as representações de mãe que meninos e meninas construíram são, por assim dizer, mais positivas do que as representações que eles têm de pai.

Estas representações falam de confidências, da presença da mãe no cotidiano familiar, e de afinidades que têm nas relações com ela. Falam também de seu envolvimento constante na administração e organização do

cotidiano doméstico, os tipos de atividades que desenvolve e de seus horários.

A mãe é reconhecida, pela maioria dos adolescentes, como alguém que batalha e tem fibra, à exceção de Carlos:

"Minha mãe é assim, ela...minha mãe... eu acho que ela poderia ter mais garra pela vida...ela é muito acomodada, que eu diria assim..."(Carlos, 16a.)

Para os meninos, a mãe é alguém com quem convivem mais, com quem podem conversar mais abertamente e que sempre dá um jeitinho nas coisas.

É assim para Léo, cuja mãe é separada de seu pai:

"...com minha mãe, eu sempre conversei com minha mãe...todo tipo de assunto...Quando eu preciso de alguma coisa, opinião dela, quando brigo com a namorada...essas coisas, sempre tudo, eu conto prá ela. Minha mãe é bem semelhante à minha amiga. Grande amiga."(Léo, 16a.)

Fabrício e Marcelo moram com os pais, a mãe trabalha meio expediente e o pai trabalha o dia todo.

"Eu me sinto mais à vontade com minha mãe...porque meu pai sempre trabalhou o dia todo, então minha mãe foi a pessoa que sempre conviveu mais comigo, né? Então, desde pequenininho a pessoa com quem mais conversei foi com minha mãe. Então...eu sinto...eu tenho mais liberdade de falar...com meu pai eu converso tranqüilamente. Agora com minha mãe, eu conto coisas prá minha mãe que nunca pensei em contar pró meu pai..."(Fabrício, 15a.)

Fabrício porém, ressalta que há ocasiões que é difícil conversar com a mãe porque ela sempre quer impor suas idéias. Mas com ela, ele se sente mais à vontade para conversar. A questão da autoridade entre mãe e filhos sempre está presente, mesmo quando estes acreditam numa relação mais igualitária e aberta.

Marcelo fala de como a mãe lhe desperta segurança:

"Aí... eu sou mais... eu sinto mais assim é... segurança. No sentido de que ela... ela... é porque eu sei que ela vai arrumar um jeito prá... né? da melhor maneira possível..."(Marcelo, 16a.)

Camilo, que se ressente da ausência do pai no cotidiano familiar, fala sobre a afinidade que tem com a mãe:

"E a minha mãe, assim, eu acho que é uma pessoa legal, tudo, eu acho melhor com ela assim, talvez pelo maior tempo de convivência, né? Eu acho que ela tem muitas coisas para me ensinar e talvez mais até do que o meu pai, mas eu não sei."(Camilo, 15a.)

Também para as meninas, a mãe representa afetividade e segurança mas existem alguns aspectos, como a intimidade que elas não compartilham totalmente. Além disso, a autoridade da mãe é mais contestada por elas do que a autoridade do pai. As meninas falam da autoridade da mãe, incomodadas com a forma como ela impõe suas idéias.

Enquanto a pessoa mais próxima nas relações familiares, para as meninas a relação com a mãe tem algumas particularidades.

Ticiane considera que sua mãe é uma pessoa fácil e boa de se conviver, está sempre atenta a seus problemas.

"Ah!, porque o modo da minha mãe pensar assim... eu sou muito preocupada... encanada, assim, sabe? Ela não, ela tem solução prá tudo, ela me conforta assim..."(Ticiane, 16a.)

Para Camila e Débora, sua mãe é alguém muito especial, com quem conversam muito porém, Camila diz que as conversas com a mãe não podem ser tão abertas. Tem certos segredos que não podem ser revelados. Mesmo tendo muito afeto pela mãe, há meninas que não partilham suas intimidadas com ela, pois, para as meninas a mãe ainda representa uma figura de poder, opressão e controle.

"Minha mãe é uma pessoa maravilhosa. Pena que ela não.. .ela não... parece que às vezes que ela não tem forças prá usar as qualidades que ela tem... eu converso com minha mãe. É lógico que eu não conto tudo prá ela, né? Conto... as coisas que acontecem comigo, as coisas mais importantes, tal, né? Principalmente porque existe um vergonha de contar as coisas prá

mamãe... mas eu converso mais com uma tia minha que eu tenho que é irmã que é irmã da minha mãe..."(Camila, 16a.)

Débora mora com pai e mãe, é filha mais nova e tem um irmão, com quem diz manter boas relações de amizade. Sua mãe tem 41 anos, é professora e trabalha dois expedientes. Ao contrário de Camila, ela considera sua mãe uma amiga e confidente, que conhece e sabe tudo de si:

"Minha mãe, é mais uma irmã do que minha mãe. Minha mãe sabe tudo de mim. Tudo... tem coisas assim que minha melhor amiga não sabe o que minha mãe sabe. Tudo, desde pequenininha, ela sempre soube..."(Débora, 14a.)

Ao desenhar seu cotidiano, Débora (Anexo V, p. 410) representa seus pais e a si mesma. Ela aparece dormindo, almoçando e estudando. Sua mãe é quem tem mais voz de comando. Nas diversas cenas desenhadas, a mãe diz para Débora acordar, depois almoçar, e em seguida parar de estudar pois já é hora de dormir. Ela aparece calada ou concordando com a mãe. Quando esta menina afirma que sua mãe sabe tudo de si, que é uma verdadeira amiga e ao mesmo tempo a retrata em seu cotidiano familiar dominando e comandando as situações, permite questionar se esta relação é realmente tão igualitária quanto ela afirma. Se para Débora existe um bom entendimento com a mãe conforme ela informou em dois instrumentos da pesquisa, (no formulário sobre a Situação Familiar e durante a entrevista) a representação de sua relação com a mãe é, sem sombra de dúvida, de alguém com presença marcante.

Quando a diferença de idade entre mãe e filhos é muito grande, pode haver certa dificuldade no relacionamento, como falam Simone e Mário:

"Há uma diferença muito grande, né?... De idade... dos meus pais com a minha... converso com minha mãe, falo dos meus problemas... mas minha mãe é muito crítica, né? Ela gosta de... sabe, sempre o que ela faz , ela procura impor, né? Querendo que eu faça o que ela pensa..."(Simone,16a.)

Por outro lado, no desenho do cotidiano Simone retratou diversas cenas em que conversa com a mãe (Anexo V, p. 421).

Para Mário, a questão da idade foi marcante para a dificuldade de relação:

"Eu não vejo a minha mãe como uma mulher amiga, com quem eu possa assim, conversar. Mas eu acho que, pelo menos, tudo o que eu preciso, né? Ela tenta me dar o máximo que ela pode, né? Mas eu não consigo falar com ela exatamente porque assim, ela, ela... não sei, pela extrema diferença de idade...eu não sei se a diferença de idade... acho que falta bastante. O que ela acha certo, o que ela acha errado, não são as mesmas coisas que eu acho. Ela não tem o mesmo ponto de vista que eu tenho. Eu acho que a diferença do tipo de criação, também. Então ela é nervosa, complemente diferente dos meus, certo? (Os pontos de vista). Eu conto assim, 50%, é igual aos dela, o resto eu que formei, certo?, como toda pessoa que eu acho que forma, né? Pega uma parte da educação que teve e uma parte que você forma seus valores. Nesse ponto, é nesse ponto as nossas diferenças, assim, tipo conversar sobre sexo com ela, assim, nossa! Dá, mas ela... ela não... não vê da mesma forma que eu, certo? Então às vezes dá uma briga, sempre, sempre."(Mário, 15a.)

No desenho do cotidiano Mário retratou uma cena em que sua mãe o censurava por estar chegando tarde em casa (Anexo IV, p. 394). Seus pais são separados e ele mora com a mãe e uma irmã mais velha.

Em outra ocasião Mário se referiu, ressentido, à falta que o afastamento do pai lhe faz e a pouca identificação com a mãe será compensada, segundo ele, quando se refere à relação que mantém com a irmã mais velha.

As representações de mãe que são construídas pelos meninos e meninas, são referidas, sobretudo, em função de maior contato e freqüência das relações no cotidiano. As representações da mãe através de conceitos são apresentadas no quadro 10.

Dentre os conceitos extraídos de discursos de meninas e meninos sobre a mãe, se destacam mais aqueles de natureza positiva, diferentemente

do que ocorreu em relação ao pai. Isto pode ser indicativo de que, para ambos, a mãe, enquanto significado do ser feminina, detém representações mais positivas do que o pai.

Quadro 10. Representações da Mãe através de conceitos

Representações da Mãe			
Meninos		**Meninas**	
Conceitos Negativos	Conceitos Positivos	Conceitos Negativos	Conceitos Positivos
nervosa	liberal	tradicional	maravilhosa
desapegada	educada	irritada	ótima
falante	legal	nervosa	legal
explosiva	super aberta		aberta
	atenciosa		super compreensiva
	amiga		amiga
			super aberta

As representações dos pais (pai e mãe juntos), do pai e da mãe, separadamente, são bem diferenciadas. Quando falam do conjunto, meninos e meninas falam do relacionamento idealizado e harmonioso da família. Normalmente tendem a enfatizar situações de afinidades e afetividades. Conceituam os pais (pai e mãe) como "maravilhosos", "ótimos", "muito bons", "trabalhadores", "atenciosos" e "honestos".

Quando os adolescentes falam separadamente de cada um deles, aparece uma distinção, prevalecendo para o pai, uma pessoa afastada do convívio familiar, exceto para alguns meninos. Por outro lado ele se faz

presente através das permissões e proibições, apesar deles mencionarem existir poucos momentos de convivência.

A ausência do pai no cotidiano doméstico é referida e incomoda aos adolescentes. Dentre aqueles que enfatizaram esta ausência, foi unânime a idéia de que, ao constituírem sua própria família, tentariam ficar mais próximos dos filhos.

Mesmo falando de ausência do pai no cotidiano familiar, percebi que ele se faz presente para os adolescentes enquanto figura de poder e controle, estabelecendo os limites e as permissões. Da mesma forma a mãe também está associada à uma imagem de poder, prevalecendo na relação familiar de forma tão presente e efetiva quanto o pai.

A mãe é reconhecida como alguém próxima, de maior convivência no cotidiano doméstico, se ocupando de tarefas dentro de casa mesmo quando trabalham fora, tendo maior controle das situações do cotidiano doméstico e estabelecendo contato mais constante com os filhos. Embora com menos freqüência, a mãe também é citada como figura de controle. Poderia se pensar que, nesta fase da vida, os adolescentes ainda têm muito tempo de vivência na unidade domiciliar e, considerando as circunstâncias do seu cotidiano, a mãe está mais presente neste.

Os adolescentes ainda estabelecem relações com outros familiares além daqueles com laços sangüíneos mais próximos. O contato dos adolescentes com seus avós, tios, tias, primos, primas, mesmo quando eventuais, traduz representações definidas e conduz à composição de seus referenciais de gênero.

3.5. Relações com outros Familiares

Quando falam de relacionamento com outros familiares, os adolescentes referem-se a irmãos, irmãs, avós, tios e primos, que moram na mesma casa ou não.

As referências aos irmãos e irmãs é enfatizada como o referencial de apoio na unidade doméstica, na maioria dos casos, para discutir assuntos íntimos, que os pais não entenderiam.

Para Mário, Henrique e Daniel, o relacionamento com a irmã mais velha é muito importante.

Mário mora com a mãe e a irmã que é médica, e existe uma grande diferença de idade entre ele e sua mãe. É com a irmã com quem ele diz melhor se identificar no grupo familiar:

"E a minha irmã eu vejo como uma grande amiga, eu acho. Ela é super importante prá mim... Minha mãe, eu acho, não me entende, mas assim, minha irmã entende melhor o que eu quero dizer e isso fica mais fácil. Converso mais com minha irmã"(Mário, 15a.)

As compensações de perdas e ausências são traduzidas por novas formas de relacionamentos que os adolescentes buscam seja com pessoas de seu convívio familiar mais próximo ou mesmo com amigos.

Henrique mora com os pais, é filho mais novo, e tem duas irmãs. Uma delas já é casada e mora em São Paulo, a outra faz curso universitário.

"Minha irmã mais velha, ela mora em São Paulo, eu vejo ela no fim-de-semana, né? Mas sempre quando ela vem a gente fica conversando e tal"(Henrique, 15a.)

A irmã de Daniel é mais velha que ele, é estudante universitária e ele tem grande admiração por ela.

"É... porque sobre o namoro ou essas coisas, assim, há pouco tempo, com minha irmã... ela é... quem dá prá conversar com ela. Ela tem 20 anos. E ela faz psicologia. É legal conversar com ela."(Daniel, 14a.)

Meninas também falaram sobre o relacionamento com irmãos e irmãs. Sempre é destacada a relação de amizade com irmão ou irmã mais velhos. Karla, que mora com os pais, é filha do meio. Ela tem dois irmãos e é com o mais velho com quem ela mais se identifica.

"Eu me dou muito bem com meu irmão, este de 17 anos. A gente bate muita coisa, a gente conversa tudo, tudo. A gente se dá muito bem..."(Karla, 16a.)

Pérola mora com os pais, é filha mais nova e tem duas irmãs. Ela tem mais afinidade com a irmã mais velha que tem idade "vizinha" à sua:

"Se tiver de escolher com quem conversar? Com minha irmã... ela é um ano mais velha do que eu, um ano e meio... a gente conversa bastante, a gente é tipo, ela me conta tudo que acontece com ela. Aí eu conto tudo o que acontece comigo.(Pérola, 15a.)

Débora é filha mais nova e tem um irmão com quem afirma ter um bom relacionamento:

"Meu irmão também. Eu me dou bem com meu irmão. Converso todo dia com ele. A gente tem um bom relacionamento..."(Débora, 14a.)

Quando os adolescentes são filhos do meio ou mais novos, a irmã mais velha para os meninos, e irmã ou irmão mais velhos para as meninas, são normalmente algumas das pessoas com quem se identificam ou compartilham, de fato, sua intimidade. No entanto existem meninos na posição de irmão mais novo ou mais velho que não fizeram grandes destaques sobre estas relações.

Mas é interessante destacar que, na relação entre irmãos, há uma tendência do adolescente, no grupo familiar, fazer referência de maior afinidade com pessoa mais velha, seja de idade mais próxima ou não.

Cristina, que é filha do meio e tem três irmãos, ressalta que tem boa relação com os irmãos:

"Não tem tanta diferença de idade entre um e outro. E a gente se dá super bem... não tem briga... tem aquelas discussões de vez em quando, assim, mas tudo depois dá tudo certo, depois."(Cristina, 15a.)

Na relação com demais familiares meninas e meninos afirmaram que se relacionam melhor com os parentes por parte da mãe, sejam avós, tios, tias ou primos.

"Agora, com minhas tias por parte de mãe, é legal... eu tenho duas primas...a gente sai assim, nas férias, a gente se encontra, a gente viaja junto, a gente se dá melhor."(Pérola, 15a.)

"Os primos que mais gosto, com quem mais convivo, inclusive da minha idade, são filhos da irmã da minha mãe."(Eduardo, 15a.)

"...e só vô por parte de mãe. Bastante tios por parte da minha mãe, primas, eu tenho um monte de primos... em relação aos parentes de minha mãe, eu me dou melhor. A gente se vê mais, a relação assim, eu acho que é mais legal."(Kelly, 15a.)

Para estas meninas estes relacionamentos são tanto com os parentes que moram próximo como com parentes morando na mesma casa, ou em situações de encontros de fins-de-semana.

Os avós de Débora moram em casa vizinha à sua, com comunicação pelo jardim.

"Agora por parte da minha mãe... a gente se relaciona muito bem, muito bem... minha avó parece outra irmã minha, é muito unida, muito unida..."(Débora, 14a.)

Karla se encontra, eventualmente, com parentes por parte de mãe que moram em outra cidade e ela tem afinidade com eles:

"...eu tenho família em Ribeirão, conto com minha avó, família mais da minha mãe, me sentia muito mais unida. Minha mãe com os irmãos dela são super unidos. Já meu pai com os dele, não, é diferente. Primo, por exemplo, a gente tá sempre junto. Cada um sabe tudo um da vida do outro. Por parte da minha mãe."(Karla, 16a.)

O fato de avós ou tias e primos morarem na mesma casa foi colocado por alguns adolescentes por alguns meninos como algo incômodo. Para Tiago e Camilo, por exemplo, que tem mesmo morando na mesma casa, não os mencionaram quando eles falam de sua família. Ao desenhar o seu cotidiano familiar, porém, Tiago retratou sua avó, que aparece reclamando porque ele é "barulhento" (Anexo IV, p. 399).

"...mas minha avó veio passar uns tempos, é isso. É... família eu considero mais eu, meu pai, minha mãe e meu irmão."(Tiago, 16a.)

Camilo, fez referência a parentes morando na sua casa, mas ao desenhar seu cotidiano não caracterizou ninguém de sua família em especial, a não ser ele mesmo, nas diversas atividades do dia (Anexo IV, p. 402).

"A minha tia tá morando lá e a minha prima está fazendo um estágio num curso de prótese em Campinas. Então ela tá morando assim, ali, né? Mas ela fica mais por fora assim, da família, tudo e a minha tia ela gosta de se meter, mas eu acho que ela atrapalha muito... minha tia é separada do marido dela, então ela quis fazer o trabalho doméstico, assim, lá de casa, assim, né? Ela, geralmente, também serve de motorista, assim, leva o meu irmão prá lá e prá cá." (Camilo, 15a.)

Para Priscila, que se refere aos avós como pessoas da família que moram junto, em determinadas ocasiões do cotidiano, a presença dos avós é incômoda, mesmo reconhecendo que o avô é uma "pessoa ótima". No desenho do cotidiano a avó foi retratada por ela no primeiro quadro, junto aos membros da família porém um pouco afastada. Em seguida, associada às atividades domésticas. No entanto, o avô não foi retratado, o que pode significar que Priscila não inclui o avô nessa dinâmica ou que ele mesmo está afastado deste cotidiano (Anexo V, p. 424).

"...minha vó e meu vô, por parte de mãe, moram comigo... tem dias que é um pé de guerra, assim... de vez em quando."(Priscila, 16a.)

Pérola contou que o avô mora em sua casa no momento, mas havia uma acordo com um tio, irmão de sua mãe, para que ele passasse uns tempos na casa desse tio. Houve uma quebra do acordo do tio para com sua mãe e o avô permanece lá até hoje. No seu desenho do cotidiano familiar, a figura do avô está ausente (Anexo V, p. 415).

"...meu tio não quer saber dele na casa dele... meu vô fica atrás da minha mãe o tempo todo... liga pró serviço dela... a toda hora... é muito ruim, isso em casa..."(Pérola, 15a.)

Quando meninos e meninas falam da presença de outros parentes morando na casa, eles se referem a estes parentes, não como membros da família, mas como pessoas que "estão lá em casa", meio intrusas na intimidade do cotidiano familiar. Para os adolescentes os parentes que moram junto, fazem parte de uma estrutura familiar que não é a deles. Em algumas ocasiões eles dispensam um tratamento diferenciado a estes parentes e os colocam à parte da dinâmica familiar. Assim estes não são integrantes de sua família, mas os adolescentes os reconhecem como parte de uma história familiar de seus pais.

Porém, existem casos diferentes. Carlos, cuja avó mora com ele e a mãe, e Daniel que tem uma tia morando junto, ao falarem de família, fizeram referências explícitas à elas na dinâmica familiar. Ambos retrataram estas parentas no desenho de seu cotidiano (Anexo IV, p. 395, 403).

"...Minha avó mora comigo... ela pinta quadros e vai vender esse quadros na feirinha de artesanato. Eu acho que ela é realmente uma batalhadora."(Carlos, 16a)

"...eu tenho mais contato assim com minha tia porque ela mora lá prá cuidar da gente... eu chego em casa ela é única pessoa que está lá. ela faz o serviço doméstico em casa."(Daniel, 14a.)

Assim, o sentimento de família manifestado pelos adolescentes é referido, preferencialmente, àquelas pessoas com as quais eles estabelecem laços de sangue em linha direta: pai, mãe, irmãos e irmãs. Em alguns casos, porém, quando o parente que mora em casa é alguém muito querido, ele pode ser considerado parte integrante da família. Neste caso, a figura feminina, avó ou tia, foi a mais referida pelos adolescentes (Priscila, Carlos e Daniel) do que a figura masculina, avô ou tio.

Mas, ao se referirem a outros familiares, àqueles por parte de mãe são mais reconhecidos como pessoas com maior afinidade. E estes são lembrados, sobretudo, em ocasiões como fins-de-semana e datas comemorativas.

"...pessoal acha até estranho porque eu acho que hoje em dia não é muito mais assim, né? A gente almoça junto no fim de semana. É Natal, passamos todos juntos. É bem diferente assim. Até a gente comenta assim, que é muito difícil uma família igual a que eu tenho, avós, tudo, tio, primo..."(Ticiane, 16a.)

Meninas e meninos fizeram muito pouca referência a relacionamento com parentes por parte de pai. Quando este existe, quase sempre não é muito amistoso.

"Bom, os pais do meu pai, a gente também não se dá muito bem, eles não gostam muito...não sei. Acho que eles não gostam da minha mãe, não gostam de mim...não gostam da minha mãe"(Débora, 14a.)

"Só tenho uma avó. Não tenho muito contato não. Que é mais... é por parte do meu pai, não tenho muito contato. De vez em quando, assim, é que a gente se vê"(Tati, 16a.)

"Agora, meus tios por parte de pai, que é um tio que eu tenho, né? Nossa! eu não gosto..."(Pérola, 15a.)

"Por parte do meu pai, eu me dou melhor com meus avós, só. Tenho tios também, só que... mais distante assim. E os primos por parte do meu pai, só um primo me dou bem, porque o resto... eles são dez primos. Só um que tem assim a minha idade..."(Kelly, 15a.)

Outras referências familiares foram colocadas em relação aos irmãos. Ao falarem de relacionamento familiar, os meninos, principalmente, mencionaram a ocorrência de brigas entre irmãos admitindo, porém, que estas são normais:

"Ah! Com meu irmão, às vezes, tem uma certa briga, né? Porque a diferença de idade e também pelo ciúme..."(Tiago, 16a.)

"De vez em quando tem uma briguinha assim, com meus irmãos... uma briguinha assim, de vez em quando..."(Klaus, 16a.)

"E eu tenho dois irmãos assim, que gostam de arrumar confusão, assim, de brigar, né?"(Camilo, 15a.)

As meninas falaram menos de brigas com irmão ou irmã mais nova, mas houve referência à que "os irmãos brigam muito". Tanto para as meninas como para os meninos, briguinhas são normais entre irmãos e não chegam a abalar, segundo eles, a relação afetiva da família.

O desenho do cotidiano familiar de duas meninas, Kelly (Anexo V, p. 427) e Vanessa (Anexo V, p. 416), retrataram discussões entre irmãos e dela com pais e irmãs, respectivamente. Dois meninos, Mário (Anexo IV, p. 394) e Tiago (Anexo IV, p. 399), em seus desenhos do cotidiano familiar, retrataram situações de diálogos com a mãe ou avó em que é reafirmada principalmente a autoridade da mãe.

Em se tratando de relacionamento com outros familiares reafirma-se o grande significado da presença da mãe na medida em que os adolescentes afirmaram ter maior aproximação com os parentes na linha materna. Poderia se afirmar, diante deste fato, que a presença feminina na família é mais marcante que a masculina?

A ausência do pai grande parte do dia, é assinalada como tendendo a dificultar um maior contato e melhor convivência deste com os filhos. Diante

desta realidade meninos e meninas representaram, notadamente, o pai de uma forma negativa, de ausência e distanciamento deles. A representação da mãe, ao contrário, teve significado mais positivo, de aproximação, de presença e de abertura para conversas, embora com restrições a determinados assuntos.

Estas formas de relacionamento no cotidiano familiar presentes na estruturação do *habitus* do adolescente, compõe sua história familiar e individual.

Suas representações, portanto, nada mais são do que a expressão de sua trajetória de vida, enquanto essência e produto da interiorização das estruturas de seu mundo social vivido e percebido. Nas suas relações familiares e sociais os significados têm sido reproduzidos, incorporados e, de certa forma, transformados ao longo dos anos. A estruturação de suas representações inerentes às relações com os pais e outros familiares da teia familiar, demonstram as inúmeras possibilidades de categorização e construção das representações sociais. Por outro lado, a manifestação do sentimento de família, se constitui em um dado marcante na composição destas representações.

4. Sentimento de Família

Na privacidade do cotidiano doméstico e no referencial pai e mãe se consolida o sentimento de família. (Célia, 1997)

Um sentimento de família, consolidado com a família burguesa do século XVIII permanece na sociedade moderna, apesar de todos os discursos sobre a crise da família, sua desestruturação enquanto uma instituição legal.

Na verdade, não se pode falar "a família", em função de tantas formas de arranjos familiares existentes hoje. Uma coisa, porém é certa: para cada discurso sobre o declínio, crise ou desestruturação da família, existem outros tantos que os contra-argumentam, explicitando como essas mudanças e transformações estruturais podem ser vistas como a consolidação do sentimento de família na sociedade moderna.[68]

Para cada adolescente a imagem introjetada de família adquire certas nuances que exprimem suas próprias experiências, aliadas às suas percepções idealizadas, impostas por outros mecanismos e elementos de seu cotidiano social.

As representações de família que os adolescentes manifestam

[68] GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desconstrução. *Cadernos Pagu - Trajetórias e Sentimentos,* n.1, 1993, p.67-110.

denotam, a permanência de um sentimento, que pode ser diferente daquele do século passado, mas que resiste à muitas transformações pelas quais esta instituição tem passado.

Por outro lado, ao falar em família, normalmente os adolescentes se referiram a algo que unia, criava laços e consolidava as relações entre as pessoas:

"A nossa união é uma plena união. Nossa!, tudo o que um faz, é comunicado ao outro. Nossa!, é feito uma comunidade mesmo... Tenho um pai, uma mãe, uma irmã e nós vivemos em plena comunidade, todo mundo fala com todo mundo, não há grandes discussões, pequenos desentendimentos, assim, mas mais profundos, não há nada não" (Adriano, 15 a.)

Na verdade se referiam ao que pode se chamar de sentimento de família. O surgimento do sentimento de família, segundo Ariès, pôde ser percebido através de representações iconográficas datadas a partir do século XVI, onde ele situa uma primeira iconografia que simbolizava a duração da vida.[69] Deste século em diante, Ariès encontrou vasta iconografia que retratava a própria transformação da vida familiar, saindo do espaço público para a intimidade da vida privada. Ainda neste período ocorreram transformações na educação das crianças. Estas não são mais deixadas às amas de leite, mas permaneceram junto ao grupo familiar de onde seriam encaminhadas para a escola.

"Os progressos do sentimento da família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica. O sentimento de família não se desenvolve quando a casa está muito aberta para o exterior: ele exige um mínimo de segredo."[70]

---

[69] ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família.* 2a. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981, p.200.

[70] ARIÈS, P. Op. Cit. p.238.

O processo de consolidação de uma forma mais contraída de família viria a ocorrer, portanto, por volta do século XVIII, diante da transformação da vida familiar, de pública para a intimidade do lar, com a crescente individualização e nuclearização da família. Isto coincide, justamente, com a queda do Antigo Regime e a ascensão da burguesia.[71]

O sentimento de família no lar burguês, segundo Lasch[72] por outro lado, passaria a ser difundido mediante a divisão de funções e papéis entre os sexos, privilegiando a autoridade paterna e o amor parental pelos filhos e a mulher assumindo, essencialmente, funções socializadoras da prole. Neste está o prenúncio da institucionalização dos fundamentos da "família moderna".[73]

Ao mesmo tempo que reconheço a inexistência de uma forma linear evolucionista da estrutura e sentimento de família, acredito que fatores historicamente datados na transformação dos processos de produção e na formação econômica das sociedades, foram decisivos e influenciaram muito na dinâmica da vida familiar. Não se pode negar, por exemplo, que o advento do capitalismo e a revolução industrial ao mesmo tempo que foram fruto do trabalho e empenho de indivíduos, exerceram uma grande influência na vida cotidiana destes mesmos indivíduos e de seus descendentes.

A transformação da unidade doméstica de produtora para consumidora de bens e serviços e a participação da mulher no mercado de trabalho economicamente ativo, são fatos que, incontestavelmente influenciaram nos relacionamentos sociais e na dinâmica da vida familiar. Os novos arranjos

---

[71] LASCH, C. *Refúgio num mundo sem Coração - A família: santuário ou instituição sitiada?*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

[72] LASCH, C. Op. Cit.

[73] PARSONS, T. & BALES, R. F. *Family, Socialization and Interaction Process*. Glencoe: Free Press, 1955.

familiares, por outro lado, parece não terem alterado um sentimento de família e que foi manifestado pelos adolescentes.

Mesmo com a separação do casal, os filhos fazem referência a sua família, extrapolando mesmo este fato. Carlos, por exemplo, refere-se à sua família enquanto um sentimento que permanece e cria laços apesar de não conviver com seu pai e sua mãe no cotidiano:

"Minha família, atualmente... eu tenho minha mãe que mora comigo e minha avó... o meu pai, tem o meu pai, as minhas irmãs, mais dois irmãos que não moram comigo e tudo... esse pessoal que não mora comigo eu também considero minha família, né?" (Carlos, 16a.)

Da mesma forma, Léo, cujos pais são separados e só vê o pai no final de semana, quando fala de sua família explicita este sentimento, citando o pai. Assim, o sentimento de família, pode-se dizer, refere-se à constituição de uma identidade entre pais e filhos, expressão viva dos laços de consangüinidade direta, mesmo quando estes não mantém uma convivência permanente.

Uma menina, cuja mãe se separou, passou a viver com outro e após algum tempo o pai faleceu, considera, atualmente, que o padrasto faz parte de sua família. Apesar disso, fala, *"não tenho muito papo com ele..."(Camila, 16a.)*. Para ela, o padrasto faz parte de sua família, com quem mora: *"Eu moro com minha mãe, com meus dois irmãos e meu padrasto" (Camila, 16a.)*

Nos desenhos, tanto de meninas como de meninos, a expressão deste sentimento está representado em situações bem diversas, que apresentam os momentos diários da intimidade dos diálogos, expressão de emoções, horários de serem acordados pelos pais, de serem levados para a escola, terem sua refeição preparada, seus horários controlados, etc. Ao desenhar o seu cotidiano, os adolescentes expressaram exatamente o sentimento de

família que perpassa entre as pessoas, seja retratando momentos de conflito ou de harmonia, seja representando os silêncios e os ruídos. É como se eles estivessem dizendo: esta é minha família, é assim que vivemos e estes sentimentos são os que nos mantém unidos.

A manifestação de um sentimento de família pelos adolescentes, apareceu ainda como indicativo de um desejo de reprodução e produção deste grupo, na medida em que eles também expressaram as expectativas sobre modelos de constituição futura de uma família. Neste sentido, ao mesmo tempo que estudos têm demonstrado transformações nos arranjos familiares, para os adolescentes permanece a essência destes arranjos na medida em que eles expressam um desejo de constituí-la.

4.1. Constituição de Família: Caso de Amor

"Para constituir família deve existir amor..." "O adulto é alguém que pode constituir família..." Estas foram duas premissas colocadas pelos adolescentes que indicam, primeiro, sua tendência a considerar que a vida conjugal pressupõe romantismo e que as relações familiares devem ser harmônicas; segundo, que constituir família é coisa de adulto.

As idéias de constituição de família apareceram nos discursos dos adolescentes em dois momentos distintos: quando, na entrevista, eles se referiram a um relacionamento futuro com seus próprios filhos e quando, na redação, "Se eu fosse homem / mulher..." projetaram-se em relações afetivas e amorosas que foram associadas a casamento.

Dentre as redações "Se eu fosse homem..." elaboradas pelas meninas, ao se referirem às relações afetivas, quatro se projetaram, enquanto homem,

se colocaram em situações de casamento, afirmando que dedicariam fidelidade, atenção e amor à mulher.

Quando, por exemplo, Juliana se projeta como homem, ela revela a forma como ela acredita que devem ser as relações afetivas entre homem e mulher, acentuando sua formalização através do casamento.

"Se eu fosse homem... seria um homem sensível, daria um incrível valor à mulher, ao amor sincero e não pensaria o tempo todo em sexo. Seria um homem bem caseiro, preocupado com minha família e, sem dúvida, com meu trabalho. Seria também bastante fiel à pessoa que escolhesse para viver ao meu lado e trataria a mulher de um jeito todo especial... Não seria nem um pouco machista, ajudaria minha esposa em tudo para que ela também se sentisse realizada afetiva e profissionalmente."(Juliana, 16a.)

Nesta atitude, Juliana coloca sua projeção, enquanto menina, sobre o homem que ela almeja para si, um modelo idealizado para o relacionamento afetivo.

Por outro lado, a idealização do amor romântico está presente sobretudo nos discursos das meninas e nos discursos dos meninos este aparece enquanto sua projeção como mulher. Dentre os meninos, seis (46%) se projetaram no casamento quando descreveram "Se eu fosse mulher..." indicando uma associação da mulher ao casamento.

"Quando pensamos em ser mulher, pensamos em ter namorados, ter filhos, curtir a vida...se eu fosse casar, casaria por amor e não pelo dinheiro como algumas pessoas fazem..."(Klaus, 16 a.)

Macfarlane[74] fez uma historiografia sobre a origem do amor romântico na Inglaterra e outros países do noroeste da Europa, datando-o no século XIV. A escolha de alguém para casar baseada no amor teve origem, portanto, em período bem anterior àquele que Ariès identificou como o surgimento do sentimento de família.

---

[74] MACFARLANE., A. Op. Cit.

O fato dos adolescentes referirem-se ao processo de constituição de família subordinado ao amor romântico está associada a idéia de complementaridade, formas como eles acreditam que deve ser a relação homem-mulher.

"Deus criou o homem e a mulher para viver um em função do outro, pois sem as mulheres, que seria dos homens?"(Tiago, 16a.)

"...eu procuraria observar o que as meninas gostam e precisam para sempre agradá-las."(Karen, 15a.)

Os sentimentos de união, amor, dedicação e fidelidade que as meninas afirmam assumir em sendo homens, ela não reconhecem nos homens com quem convivem. Assim, elas se projetam como um homem idealizado, para as mulheres que elas são. Por outro lado, os meninos se projetam enquanto um modelo de mulher que eles conhecem, para o homem que eles são.

Portanto, bem presente nos discursos dos meninos e meninas, o "amor conjugal', o "amor companheiro" ou o "amor romântico" representa a forma mais desejável pelos adolescentes para fundamentar a constituição da família.

Meninos e meninas consideram ainda que constituir família é uma decorrência de um processo de maturidade e significa que a pessoa já está na idade adulta:

"...sendo um adulto, tem que... arcar com a família... e zelar pelos filhos..."(Tiago, 16a.)

"...ser adulto é... mais ou menos assim... você casa, tem seus filhos..."(Klaus, 16a.)

"...porque adulto... digamos, um casal, tem filhos, cuidam dos filhos..."(Débora, 14a.)

"...ser adulto é um dia casar... ter filhos... cuidar deles..."(Gláucia, 15a.)

Por outro lado, os meninos associam a idéia de formação da família mais à mulher que ao homem. Mesmo assim, o casamento, foi colocado por ambos como a forma viável para a constituição de família e para eles, este não deve ser um ato de dominação e sim uma relação de amor.

"Se eu fosse mulher... casaria, teria um filho, não deixaria que meu marido me comandasse."(Carlos, 16a.)

Apesar de Carlos fazer referência ao casamento entre homem e mulher, em outro momento, ele não associa homem a casamento, mas a trabalho e independência. A mesma idéia aparece no discurso de Daniel, que identifica casamento com mulher-esposa e filhos:

"Se eu fosse mulher... gostaria de me casar, ter filhos, encontrar um homem ideal para mim. Viver minha vida sem interrupção da família." (Daniel, 14 a.)

Juliana e Adriano associam família primeiramente à mulher e maternidade, e depois ao casamento.

"...Eu tenho uma loucura assim, prá ser mãe, eu acho que deve ser maravilhoso, sabe? Construir um lar, toda aquela coisa, sabe, de menina mesmo. Você tá sonhando... eu não sonho com um príncipe encantado porque eu já coloquei na minha cabeça que não existe, sabe? Mas você fica sonhando com seu maridinho, sua casa, seus filhos..."(Juliana, 16a.)

Para Adriano a mulher não necessariamente deveria casar, mas a sensação de engravidar, se ele fosse mulher, isto seria algo por que ele desejaria passar.

"...Quem sabe até casar e ter filhos. Uma das maiores curiosidades que tenho é saber como é a sensação de carregar uma criança no ventre.."(Adriano, 15a.)

Enquanto cerca de 38% dos meninos, ao se projetarem como mulher, fazem mais referência à condição da mulher no casamento como mãe, dentre as meninas, 25%, ao se projetarem como homem, enfatizaram a

necessidade de, como homem, se voltarem para a esposa, dedicando-lhe afeto, atenção e fidelidade.

"Se eu fosse mulher... teria de ser uma mãe dedicada, compreensiva e sacrificar meus interesses pessoais em prol dos meus filhos."(Camilo, 15a.)

"Se eu fosse homem... trataria as mulheres com mais respeito, não faria tanta distinção entre ela e eu... seria fiel ao casamento, não ficaria bebendo em bares até mais tarde sem minha esposa. Faria o possível para demonstrar meu sentimento, mostrar que sou frágil ..."(Débora, 15a.)

A ocorrência de inúmeras representações simbólicas na sociedade moderna, associam, explicitamente, o ritual casamento e a instituição família, à mulher. Esta "naturalização" da constituição da família à mulher, se deve, provavelmente, à capacidade biológica que ela tem de gerar e nutrir os filhos nos primeiros meses de vida.

As pessoas têm construído, através das mais variadas formas, significações acerca da família, casamento, relação homem-mulher, pais e filhos, que de certa forma retratam as vivências e valores da família. Estes significados são assimilados e passam a constituir representações de gênero que os adolescentes absorvem e expressam. Inúmeras propagandas veiculadas pela mídia, por exemplo, são muito competentes ao associar casamento e família, predominantemente, a imagens femininas. Mesmo os livros didáticos têm estimulado a manutenção de estereótipos femininos e masculinos dentro da relação familiar, com muita propriedade.[75]

A educação familiar é, sem sombra de dúvidas, um processo muito eficiente para reproduzir os valores e os hábitos "desejáveis" das gerações. Os pais e outras pessoas do convívio familiar, vão transmitindo, de forma

[75] Veja o estudo de MICHEL, André. Os Estereótipos Sexistas na Sociedade e na Escola. In: *Não aos Estereótipos.* Fortaleza: ENDM, 1989.

intencional ou não, os modelos de comportamentos desejáveis que os filhos passam a assumir em relação a gênero.

Existem determinadas práticas que caracterizam nas mais diversas sociedades, os significados do ser homem e do ser mulher. Na sociedade ocidental moderna, o uso de símbolos é largamente adotado na caracterização do masculino e feminino.

Desde a infância existe uma preocupação em estabelecer símbolos para a menina e para o menino, dentre objetos de uso pessoal e vestimentas. Assim, entre os brinquedos, o carrinho para o menino e a boneca, para menina, é perfeitamente aceitável mas o inverso pode causar estranheza e uma reação muito forte por parte dos pais. Esta categorização vai sendo associada a inúmeros outros significados que vão sendo construídos no universo familiar e social da criança e são por ela assimilados com o passar dos anos. Na escola e em demais instituições sociais vão se somando outros símbolos concretos (objetos visíveis) ou subjetivos (regras de comportamento) ao universo da criança, direcionando a classificação de objetos e práticas, com base, principalmente, nas características biológicas do sexo.

E é neste universo de símbolos que os adolescentes vão estruturando suas classificações e categorizações. Assim, neste circuito de idéias, eles elaboraram e expressaram suas representações de casamento em que, o relacionamento amoroso, a fidelidade, o amor conjugal, enfim, se evidencia em uma idealização de harmonia. Casamento está intimamente associado a filhos, que são associados à mulher, que é associada à casa, que é associada à família e à casamento e assim por diante.

Para o adolescente o seu percurso de vida obedece a momentos similares aos vivenciados por seus pais e demais parentes, e estes momentos estão associados a determinados símbolos culturais estruturantes e estruturadores deste percurso. Assim, para cada momento do percurso da vida, novos símbolos podem ser incorporados e reproduzidos na convivência social. Estes símbolos, de fato, estão estritamente vinculados e expressam não só às etapas de um percurso vivenciado como também à condição sexual do sujeito. O adolescente é associado a descompromisso, adulto à responsabilidade e trabalho; festa de casamento e vestido de noiva à mulher; casamento também é para adulto; casa família, filhos, tem seus significados e constituem-se em elementos referenciais também para suas representações do ser masculino e do ser feminina.

Não resta dúvida que estes significados são provenientes de uma determinada realidade social, mas também é verdade que a dinâmica social não permite que haja uma cristalização única de modelos acerca do masculino e feminino, e que a formação destes significados é uma construção social mutável com as épocas.

4.1.1. Reprodução e Produção

As pessoas de uma família na convivência diária, incorporam valores e práticas semelhantes, produto da história individual de cada pessoa presente neste cotidiano. Assim, no contexto do fenômeno geracional, os adolescentes tenderiam a reproduzir e produzir elementos estruturais e estruturantes presentes em suas relações familiares.

Falando de Relacionamento Familiar, meninos e meninas mencionaram suas pretensões de relacionamento com os filhos. Suas idéias

se centraram, basicamente, no tocante às permissões e proibições, idealizando um relacionamento familiar mais permissivo. Mas o que pude perceber foi a permanência de uma idéia de reprodução do modelo de relacionamento que vivenciam. Meninos e meninas afirmaram pretender agir com os filhos tal como seus pais, porém, com algumas alterações.

"Eu suponho que seria da mesma maneira que meus pais..."(Carlos, 16a.)

"...praticamente a mesma relação que meus pais têm comigo. Eu mudaria pouca coisa.!(Henrique, 15 a.)

"Talvez a mesma relação que minha mãe tem comigo."(Pauto, 15a.)

"Ah!, acho que seria assim como minha mãe e meu pai mesmo têm um relação comigo... de diálogo, de compreensão..." (Nicole, 15 a.)

Há uma tendência em reproduzir a relação familiar quanto às atitudes ou na forma de educar os filhos:

"Acho que seria mais ou menos o que meus pais passaram prá mim..."(Fabrício, 15a.)

"Eu acho que vou educar eles como eu fui educada..."(Ticiane, 16 a.)

Meninos e meninas admitiram também que tratariam os filhos como são tratados pelos seus pais mas com algumas alterações:

"Acho que seria bem mais... dá prá colher bons frutos assim, sabe? Porque as experiências... as relações que minha mãe passa..."(Tati, 16 a.)

Para os adolescentes, meninos e meninas, existe uma expectativa de manter uma relação diferente daquela que mantém com seus pais, apesar de iniciarem afirmando que serão como os pais:

"Acho que seria mais aberta do que com meus pais." (Hariana, 15a.)

"...eu ia ser bem liberal, mas mais prá frente."(Alberto, 17a.)

Há uma tendência em negar o uso de violência na forma de tratar os filhos, notadamente por parte dos meninos:

"...brigar com eles? Acho que nunca levantaria a mão prá bater em nenhum deles."(Léo, 16a.)

"...não vou brigar muito com eles, só quando eles fizerem alguma coisa errada. Mas fora disso, eu não vou brigar com eles, vou educar eles normal."(Klaus, 16 a.)

Na família, como na escola, ocorre a transmissão de um patrimônio cultural, parte indivisível do conjunto da sociedade. Este patrimônio é construído nas tramas das relações sociais, fruto de uma herança cultural produzida num contexto sócio-histórico próprio. O processo de reprodução cultural ocorre de uma geração para outra e entre as próprias gerações.

A idéia de reprodução, inicialmente discutida por Bourdieu e Passeron[76] no sistema de ensino e em relação às diferenças de classe sociais, também foi referenciada por Bourdieu em relação à família.

"La famille joue en effet un rôle déterminant dans le maintien de l'ordre social, dans la reproduction, nom pas seulement biologique, mais sociale, c'est-à-dire dans la reproduction de la structure de l'espace social et des rapports sociaux."[77]

Segundo Bourdieu, ao mesmo tempo que são necessárias condições sociais para sua existência, ela é um privilégio simbólico.

Associada a "relações de força", o poder e autoridade paternos presentes nas relações familiares, por sua vez, dizem respeito às diferenças de posse de bens materiais e simbólicos. Na instituição família pais e filhos estão em constante "relação de força", uma vez que, os pais, detendo bens simbólicos e materiais, exercem uma autoridade para com os filhos. O

---

[76] BOURDIEU, P. e PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*, Rio de Janeiro: Fco. Alves, 1970

[77] BOURDIEU, Pierre. 1993. Op. Cit. "A família, sem dúvida, tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não somente biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais." (Tradução minha)

modelo de autoridade e poder dos pais, transmitido na convivência familiar, é assimilado pelos adolescentes que passariam a reproduzi-lo. Assim, os mecanismos da reprodução adotados pelos adolescentes, são tomados a partir do processo de transmissão cultural e, por conseqüência, do seu *habitus*. Imersos no seu ambiente familiar, os adolescentes passam a assimilar os valores culturais transmitidos que passam a se constituir em disposições duradouras para suas ações e atitudes. Neste sentido, quando os adolescentes afirmaram que pretendem ter o relacionamento com os filhos semelhante à relação dos pais com eles, na verdade estão expressando o modelo de uma estrutura interiorizada, produto de sua imersão na instituição familiar. Por outro lado, ao afirmarem que este relacionamento teria algumas diferenças daquele que têm com os pais, os adolescentes reconhecem a possibilidade de uma ruptura no processo reprodutivo, pretendendo produzir um modelo próprio de relação.

As representações sociais de família construídas pelo adolescente é fruto de seu *habitus,* de um processo contínuo em que os elementos mais significativos presentes no percurso de sua vida, tanto em família como fora dela, são tomados. Mas a reprodução dessas representações também poderá ser modificada, modificação essa impulsionada por um desejo do vir a ser, do idealizado em uma relação. Portanto, não existe uma reprodução pura pois existe um espaço cultural no qual elementos e bens simbólicos representados, são reelaborados e modificados conforme os referenciais e o nível cultural das pessoas neste processo de reprodução.[78]

[78] BOURDIEU, Pierre. 1970. Op. Cit.

A reprodução é também assim, um processo de produção em que as pessoas envolvidas modificam as estruturas que lhes serviram de modelo, transformam elementos e materiais simbólicos de acordo com seus próprios parâmetros. Este movimento de mudança só é perceptível após um período histórico suficientemente longo, aproximadamente dado o ciclo de três a quatro gerações. No entanto expressar a idealização desta mudança pode acontecer a qualquer instante, independente da ocorrência do fato em si.

Assim é que, o desejo ou a pretensão dos adolescentes de educarem seus filhos como foram educados, mas com algumas modificações, denota justamente, o sentido da produção, o movimento dinâmico da mudança influenciado pelos seus próprios esquemas de categorização e percepção, pelo seu próprio *habitus*.

As representações dos adolescentes estão bem evidentes na forma diferenciada de perceber ou não, acatar ou não, as mudanças neste processo. Assim é que as novas gerações passam por influências de natureza sócio-psicológicas e culturais e podem estar mais ou menos receptivas a estas influências.

4.1.2. Casamento e Ruptura

Diante dos dados até então obtidos, para estes adolescentes o casamento, por princípio, deveria ser harmônico e estável. A forma de admitirem o sentimento de família, sua continuidade e sua constituição através, sobretudo, do amor, forneciam indícios irrefutáveis sobre a idealização tanto da família como do casamento. Mas como seria no caso deles se situarem em condições em que esta harmonia não estivesse presente?

Durante as aulas de Português esta discussão foi posta quando foi explorado um texto de Carlos Drumond de Andrade, "O Caso do Vestido" (Anexo III), cuja temática versava justamente sobre a ruptura de um casamento. Após leitura e debate deste texto, os adolescentes elaboraram uma redação com o tema "Se eu fosse a esposa do caso do vestido...".

Diante de diversos posicionamentos dos adolescentes acerca de família, idealização de casamento e relacionamento amoroso, tive interesse em conhecer se um outro aspecto modificaria essa atitude. Assim, solicitei à professora de Português que me cedesse as referidas redações. Meu objetivo era obter uma projeção da atitude de cada adolescente frente a uma situação limite em que eventos perturbaram e ocasionaram a ruptura do relacionamento de um casal.

O texto é contado através do discurso de uma mulher dirigido às filhas sobre um vestido existente na sua casa e que pertencia a uma outra mulher, enquanto símbolo da traição do marido. A mulher conta sua história de humilhação, abandono e sofrimento quando seu marido, pai das meninas, a deixou por uma amante. Após um longo período o marido volta e ela o recebe calada. O texto é contado na primeira pessoa, trata de abandono, humilhação, traição, medo, frustração, sofrimento, conformismo e submissão. Em nenhum momento é mencionada a palavra amor.

Foram analisadas 57 redações, dentre 28 de meninas e 29 de meninos. Neste grupo estão 27 dos 42 adolescentes que vinham participando da pesquisa, isto é, dentre as 26 meninas e os 16 meninos que preencheram o formulário situação familiar. Destes 27, 17 são meninas e 10 são meninos. As 11 meninas que estão acrescidas à amostra inicial, estão

assim identificadas: Luciana, Liza, Lidiane, Larissa, Anita, Cibelle, Mariane, Maria, Renata, Carol e Caroline. Os 19 meninos acrescidos à amostra estão assim identificados: Tadeu, Odair, Afonso, Roberto, Nando, Felipe, Walter, Ricardo, Caíke, Maurício, Lino, Antônio, Rodrigo, Márcio, Thomás, Leandro, Giácomo, Marco e José.

Procedi a análise de conteúdos de todas as redações e pude categorizar diferenciadas atitudes projetivas. No entanto, em várias redações, não houve projeção de atitude. O discurso dos adolescentes variava entre atitudes movidas ora pelo racional ora pelo emocional. Em ambas as situações as atitudes, projetadas ou não, colocavam sentimentos que iam do conformismo à revolta, revelando ou aceitação ou rejeição à situação posta.

Dentre as meninas, 9 (32%) desenvolveram um discurso se colocando no lugar da esposa, 9 (32%) iniciaram o discurso se colocando como a esposa e depois falaram na terceira pessoa e 10 (35,7%) não se projetaram como a esposa. Dentre estas meninas seis (21,4%) admitiram que teriam a mesma atitude da esposa e aceitariam o marido por amor. Porém, existem diferenças nos diversos discursos: Uma menina fez um poema expressando seu sofrimento enquanto esposa traída. Outra, admite que o amor que sentiria pelo marido seria suficiente para manter o casamento, outra reconhece que a preocupação com a educação das filhas conta muito na decisão de aceitar o retorno do marido.

Uma menina (3,5%) admitiu que iria decidir com as filhas o que deveria fazer. Uma (3,5%) explicita ser contra a submissão da esposa, mas ela própria não toma uma posição a respeito do fato.

São seis meninas (21,4%) que tem um discurso genérico sobre a situação, colocando suas opiniões, sem um posicionamento fechado sobre aceitar ou não aceitar o marido de volta. Falaram de casamento, a posição da mulher na sociedade, as dificuldades de opinar sobre a situação, as diferenças de educação entre homens e mulheres ou teceram críticas sobre as atitudes das duas mulheres do texto: a amante e a esposa. Uma menina explicitou que não sabe que atitude tomaria. Outra disse ter dúvidas se agiria da mesma forma que a esposa em função das filhas ou ainda revelando que o deixariam partir. Três meninas (10,7%) admitiram que, tal como a esposa, deixariam que o marido seguisse o próprio caminho.

Treze meninas (46%) foram taxativas quando disseram que, no caso de serem a esposa do caso do vestido, não aceitariam o marido de volta.

Pude identificar que, na redação de pelo menos oito meninas, 28,5% houve menção ao amor que a esposa sentiria pelo marido e em uma, o amor que o marido sentiria pela esposa. Em cinco destas redações, as meninas falam do amor para justificar a atitude de submissão da esposa em aceitá-lo de volta. Uma menina, sem se referir ao amor, justificou o fato da esposa aceitar o retorno do marido pela necessidade de "zelar pela família", mas não se projetou na mesma situação.

Mesmo sendo a história de um relacionamento mal sucedido, estas meninas citaram razões como as filhas, o casamento e o amor para a esposa aceitar a volta do marido.

"...porque quando o amor é forte e verdadeiro, depois de um tempo, todo o ódio, toda a mágoa existente, se transforma e passa, é esquecida. E tudo se perdoa. No lugar da esposa, tendo tão grande amor pelo marido, por mais que eu pensasse ao contrário, o amor me levaria a agir como ela..."(Nicole, 15a.)

"...se eu amasse o homem de verdade, eu faria o mesmo que ela, pois se você ama, você é capaz de suportar qualquer sofrimento para ficar com a pessoa amada. Mesmo acima de qualquer traição, quando se ama realmente, nós, mulheres, somos capazes de tudo... o perdão e o amor, quem busca, somos nós mesmos... eu perdoaria meu marido acima de qualquer sofrimento meu..."(Ana Paula, 17a.)

Dentre as meninas que não se projetaram totalmente na situação, três (30%) disseram que não aceitariam o marido de volta, alegando justamente o amor para não se submeter a tal situação.

"Jamais aceitaria de volta. A traição á algo muito doloroso para uma pessoa que realmente ama."(Fabiana)

"Eu não aceitaria esse cafajeste novamente, porque o amor é um sentimento tão lindo, é algo indômito e maravilhoso... e esse amor, essa forma de amor, não me permitiria aceitá-lo novamente..."(Anne, 16a.)

Uma menina que falou genericamente da situação, se referiu à independência de optar sobre o que mais convém, mas tendo o referencial no amor como justificativa dessas ações.

"Cada um de nós tem o direito de escolher qual caminho seguir e tanto o homem como a mulher devem saber escolher o que mais lhe convém. A vida é maravilhosa e tudo isso depende de nós. E principalmente no auge do amor, que é puro, cego e maravilhoso... o amor é lindo... ainda mais para quem sabe viver a arte de amar."(Tati, 16a.)

As razões e as atitudes que as meninas tomariam, ao rejeitar o marido no caso da esposa, mostraram uma preocupação não apenas consigo mesma, mas também com as filhas.

"Não mais me deixaria levar pelo meu marido, começaria uma nova vida com minhas filhas... o fundamental mesmo era tirar minhas filhas da convivência com o ditador e machista..."(Larissa)

"Foi importante ela ter mostrado para suas filhas os problemas sofridos com o casamento... não se deve ter medo de demonstrar seus sentimentos..."(Débora, 14 a.)

Assim, as justificativas são expressas em tom de indignação, revolta e mesmo de desprezo.

"Ficaria muito brava, não continuaria com esse marido, jamais aceitaria qualquer tipo de autoritarismo... nada explica tal fato..."(Karla, 16a.)

"...se fosse comigo que tivesse acontecido tudo isso, eu não queria ver esse cachorro nem pintado de ouro..."(Kelly, 15a.)

Outra menina revela sua reação em termos de racionalizar o sentimento:

"Se eu fosse uma esposa desamada eu reagiria de maneira diferente da mulher do caso do vestido... eu tentaria esquecer o homem."(Pérola, 15 a.)

O discurso das meninas, portanto, não é uníssono ou dual entre aceitar ou rejeitar o marido tendo como justificativa as mesmas argumentações: casamento, filhas e amor. Para as meninas o casamento pode ser difícil de ser rompido, principalmente quando envolve outras pessoas, como os filhos.

Por outro lado, duas meninas (7,1%), ao se colocarem como a esposa, demonstraram sentimento de superioridade em relação a outra mulher, que era a amante:

"Se eu fosse essa esposa, teria uma reação muito diferente, com certeza... não me rebaixaria pedindo para a amante... não o receberia de volta..."(Hariana)

"Como pode existir tal mulher nesse mundo que se submeta a esta situação? Eu, no lugar dela, nunca entregaria o meu marido à outra mulher. Mesmo que ele não me quisesse mais..."(Liza)

Quase a totalidade dos meninos foi unânime em afirmar que a esposa não deveria aceitar o marido de volta. Seus argumentos têm um lado racional muito claro e explícito. Pelo menos dois meninos (6,8%) falaram da necessidade de repensar o casamento em função das filhas mas se colocaram contra a esposa aceitar e se submeter a esta situação. Apenas um menino (3,4%) afirmou que agiria da mesma foram que a esposa, reconhecendo porém, que isto ocorreria em função, provavelmente, da época em que o fato se deu.

O discurso dos meninos evidencia um uso mais acentuado da terceira pessoa, isto é, nas redações dos meninos não foi muito presente um discurso projetivo. Em 12 redações dentre 29, 41,3% dos meninos falam sobre a temática, colocam suas idéias contra a posição da esposa, sem se transferir, em nenhum momento, para a situação. Uma redação não projetiva, justifica a atitude da esposa pela época em que o fato ocorreu, mas explicita que hoje isto não mais ocorreria. Em 11 redações (377,9%) porém, os discursos ora são projetivos ora são não projetivos. Eles escrevem "se eu fosse a esposa..." mas, em seguida, retomam o discurso na terceira pessoa, falando em "ela", a esposa. Cinco meninos (17,2%) fizeram suas redações se transferindo para a situação da esposa e falaram que, no caso de serem a esposa do caso do vestido, não aceitariam o marido de volta, argumentando ora a sua felicidade e a das filhas, ora o péssimo modelo de homem que o pai seria para as filhas. Além disso, falaram de punições que o marido deveria sofrer por tudo que causou à esposa.

Ao contrário das meninas, dos sete meninos (24%) que mencionaram amor na redação, o fizeram em tese, fosse para explicitar a necessidade da fidelidade no casamento e dedicação no relacionamento entre o homem e a mulher, fosse para manter a união da família. O amor foi lembrado por apenas um menino para justificar o perdão da esposa.

Se por um lado, houve meninas que alegaram aceitar o marido de volta por causa das filhas, este foi justamente um motivo encontrado por alguns meninos para não aceitá-lo:

"...eu não o aceitaria de volta por muitos motivos... minhas filhas, pelo exemplo que isto representaria em suas vidas... pelas dificuldades que passei para criar duas crianças... pela humilhação que passei... em hipótese alguma eu aceitaria um homem como aquele de volta."(Tadeu)

"No meu ponto de vista... eu não aceitaria o marido de volta... devido a vários fatores que estão ligados direta e indiretamente com a felicidade dos filhos e minha própria..."(Marco)

"Se eu 'infelizmente' fosse a esposa de um sujeito que me abandonou, em hipótese alguma eu o aceitaria de volta, porque um homem que larga uma mulher para viver com outra, sem pensar nos seus sentimentos, deixando os filhos abandonados... não merece a menor consideração...(Fabrício, 15 a.)

Estes meninos falaram que, em sendo a esposa, não aceitariam o marido de volta e tomariam atitudes concretas para enfrentar e superar o episódio.

"Eu não aceitaria um marido que some de repente e depois, sem causa aparente, aparece... eu pediria o divórcio, pediria pensão prás filhas, arranjaria um emprego e começaria uma vida nova e melhor..."(Will)

"Se meu marido escolhesse me abandonar por outra mulher, tentaria esquecer, arrumar um amigo ou um namorado novo. Tendo filhas, dependendo da idade delas, contaria tudo, normalmente..."(Laécio)

"Se estivesse no lugar dela, certamente não iria querer reconstruir o casamento e sim renascer para uma outra vida. Daria mais atenção para as filhas... não aceitaria acordo com o ex-marido que não trouxesse benefícios... não aceitaria o vestido da mulher..."(Leandro)

Assim como duas meninas, um menino demonstrou solidariedade à situação da amante, reconhecendo que ela também teria sofrido muita humilhação:

"Eu acho que as mulheres que sofrem algum tipo de violência, deveriam denunciar..."(Caroline)

"O marido, praticamente, foi um verdadeiro canalha. Deixou a primeira mulher para ficar com a outra e largou a segunda porque enjoou dela..."(Anita)

"Depois de aproveitar de outra mulher, larga-a também na miséria, pois não lhe interessa mais..."(Léo, 16a.)

Entre os meninos, mesmo aqueles que não se colocaram no local da esposa, oito (27,5%) admitiram que ela errou em aceitar o marido de volta e

reprovaram sua atitude. Colocaram alternativas de vingança, exemplo para as filhas ou de recomposição da vida longe do marido.

"...se estivesse no lugar dela, certamente não iria querer reconstruir o casamento e sim renascer para uma outra vida."(Leandro)

"A mulher do caso do vestido agiu muito mal em aceitar o marido de volta, porque aquele homem era um cafajeste..."(Daniel, 14a.)

"Ela não deveria ter aceito o marido em nenhum dos momentos porque ele fazia o que bem queria com ela."(Nando)

Dentre as redações dos meninos que não se projetaram como esposa somente a de um menino se referia à necessidade de recompor o casamento.

"Se possível o que poderia ser feito para contornar este problema era tentar unir o casal de novo..."(José Marcelo)

Três meninos (10,3%) assinalaram que teriam uma atitude mais radical em relação ao ocorrido, se colocando ou não, diretamente na posição da esposa:

"Se eu fosse a esposa, certamente, na hora em que a dona me entregasse o vestido, eu o rasgaria e diria palavras bruscas e grosseiras..."(Caíke)

"Eu não agüentaria um minuto sequer com um homem dentro de casa me maltratando e humilhando..."(Klaus, 16a.)

"A mulher do caso do vestido deveria tomar uma atitude drástica em relação ao seu marido. Ela deveria se separar dele..."(Maurício)

Cinco meninos (17,2%) falaram das punições a que submeteriam o marido, caso fosse a esposa. Destes meninos, quatro falam da esposa na terceira pessoa, não se transpondo para a situação:

"O que este homem merece é desprezo, é sofrer o tanto quanto fez os outros sofrerem... exigiria o divórcio... iria querer parte de seus bens..."(Fabrício, 15a.)

"Na minha opinião a mulher está errada aceitando passivamente o marido... eu no lugar dela, no mínimo, jogava uma panela de ferro em cima dele."(Léo, 16a.)

"Ela não deveria deixar ele entrar em casa, dando-lhe um belo sermão, deixando-o ali plantado na frente da casa, sem dar-lhe comida. Eu faria ele sofrer o tanto que eu sofri... essa mulher deveria traí-lo na sua frente para este homem sentir a 'dor de corno'...(Daniel, 14a.)

"Se eu fosse a esposa, eu mataria o marido, pois ele é um grande traidor..."(Antônio)

"Eu o deixaria vagando por aí... não iria aceitá-lo... ficar com ele, não seria justo comigo..."(Rodrigo)

Por outro lado, dois meninos acreditaram que a esposa agiu certo em receber o marido de volta e colocaram várias justificativas para este ato, tal como a subordinação da esposa ao marido para conservar o casamento, o que era comum há algum tempo atrás, quando a história se passou. Dentre estes, um menino fez referência a amor, quando aprovou a atitude da esposa em aceitar a volta do marido.

"Se eu fosse a esposa, eu agiria do mesmo modo, pois além do amor que ela sentia pelo marido ser muito forte... a sociedade da época ainda era muito machista e ditava que a mulher deveria ser totalmente submissa ao marido."(Mário, 15a.)

"A mulher agiu de forma correta devido a época em que isto ocorreu. Nesta época a mulher era muito subordinada ao homem..."(Alberto, 17a.)

Um menino não está bem certo se, no caso da esposa, rejeitaria ou aceitaria o marido de volta, alegando a questão da família (filhas). Outro, compreende que a esposa só tomou esta atitude por causa das filhas. Outros dois afirmaram que, justamente por causa das filhas, consideram que a esposa se comportou errado em aceitar o marido de volta.

"Não sei se faria o mesmo ao recolher um traidor em casa, pois fazendo isso, muito contrariada, seria para o bem das minhas filhas. Acredito que com o amor dentro de uma família, o ódio e a traição não o conseguem destruir..." (Adriano, 15 a.)

"...por outro lado, eles tinham dois filhos, para ser mais exato, duas filha e para não acabar com sua família, uniu-se novamente ao marido, que ela tanto amava... a mulher deveria esperar para refletir melhor na sua atitude..."(Marco)

Portanto, foi bem significativo o número de meninos (55%) em relação ao número de meninas (46%) que, ao se colocarem no local da esposa abandonada, afirmaram não aceitar o marido de volta por causa das filhas

Nas redações, meninos e meninas fizeram, ainda, várias considerações sobre relacionamento entre um casal, como deve ser e o que se espera dele.

Quatro meninas, especialmente, falaram como a mulher deve se manter neste relacionamento, com certa autonomia, valor, independência e superar a dominação dos homens.

"...não devemos depender de uma pessoa tanto financeiramente como emocionalmente para que não passemos por situações como essas."(Priscila, 16a.)

"As mulheres não têm que se submeter a nada nem a ninguém, isso só cria uma desvalorização interior. Ao contrário, a mulher deve ter amor próprio e estar sempre aberta para progressos em todos os sentidos de sua vida."(Juliana, 16a.)

Duas meninas (7%), e três meninos (10,3%) teceram considerações sobre a condição da mulher na sociedade e sua mudança de atitude nos dias atuais.

"...se a violência é contra o seu eu, a mulher tem que erguer a cabeça e enfrentar os seus problemas... acima de tudo não fomos feitas só prá passar, ajudar e a ser mãe. Temos nossa essência, algo mais, porque, acima de tudo, fomos feitas para ser mulher..."(Caroline)

"A mulher ocupou um papel importante na sociedade, o homem não é mais 'o poderoso', nós seremos, no futuro, 'as poderosas'. A mulher tem que lutar pelos seus direitos e não se acovardar diante dos machistas."(Lidiane)

"A mulher atual, dos anos 90, é uma mulher livre, com liberdade de expressar suas idéias e falar o que bem entende das pessoas..." (Maurício)

"A mulher não deveria seguir as ordens do marido, pois ela o respeita sem ser respeitada." (Felipe)

"Hoje em dia a mulher certamente não o aceitaria de volta pois o homem não manda mais na mulher e ela tem direitos que antigamente não

tinha... cada vez mais a mulher está ganhando espaço na sociedade."(Alberto, 17a.)

Dentre as redações das meninas (14,2%) fizeram referência específica sobre o ideal do casamento e do relacionamento amoroso.

"Afinal, casamento não é coisa de brincadeira. Quando um casal resolve se casar é necessário que haja sinceridade e segurança e, claro, muito amor... por mais amor que uma mulher sinta por um homem, a infidelidade é imperdoável."(Luciana)

"Na minha opinião, se em um casamento ou namoro não houver mais o amor de uma pessoa para a outra, o melhor é terminar tudo do que trair antes."(Renata)

Dentre os meninos, 10,3% falam sobre o casamento, como acreditam que deve ser o relacionamento amoroso e o que esperam do comportamento das mulheres neste relacionamento.

"Sempre quando casamos, existe um amor... no decorrer do tempo, o marido pode ficar cada vez mais autoritário... devemos lutar com todas as forças para que o marido nunca seja autoritário dentro do seu lar... nem fora dele."(Klaus, 16a.)

"Em um casamento as pessoas têm que ser fiéis e um amar ao outro. Por isso na cerimônia religiosa juram que se amarão e se respeitarão. Mas hoje em dia você vê muitos casos em que as pessoas não fazem o que prometem..."(Roberto)

"...quando nos casamos prometemos diante do padre e do juiz, fidelidade, amor e carinho até à morte. Ele estava quebrando a promessa. Nessa situação, a mulher... deve ser muito forte e lutar com garra e confiança por seus ideais, que nesse caso é impedir a separação."(Luis Marcelo)

Para os meninos é muito clara a ocorrência de uma relação de igualdade num relacionamento amoroso entre o homem e a mulher, enquanto casal. Em algumas redações ficou evidente um discurso em que ocorreram mudanças muito marcantes na sociedade e que hoje, a mulher não tem mais necessidade de se submeter à situação colocada no texto. Houve meninos que chegaram a explicitar como a mulher pode tolher a dominação do homem:

"As mulheres devem limitar o poder do marido, e também compartilhar sofrimento. Elas não devem ter medo dele pois é assim que ele fica mais agressivo."(Felipe)

"Ninguém pode brincar com o sentimento dos outros e viver a vida toda com hipocrisias, pois quem tudo isso faz, não é homem... A união de casais hoje, nem sempre é mantida através do amor, que é sempre substituído por interesses pessoais..."(Tiago, 16a.)

"A mulher atual dificilmente recebe ordens do marido como a mulher do caso do vestido... ela decide se quer casar, ter filhos ou trabalhar... e se quer se separar do marido ou não..."(Maurício)

Foi interessante perceber dois fatos marcantes e diferenciadores das atitudes das meninas e dos meninos em relação ao que representam de casamento em face de uma infidelidade conjugal. Primeiro: Os meninos foram unânimes em rejeitar a idéia de aceitar o retorno do marido, caso eles fossem a esposa do caso do vestido. Tal não aconteceu entre as meninas, cujas atitudes demonstraram entre aceitação, ponderação em função das filhas ou em nome do amor ou ainda dúvida e rejeição a este retorno. Segundo: Os meninos assinalaram a necessidade e importância da mulher mudar de atitude no casamento ou relacionamento amoroso, em não se submeter à qualquer dominação masculina. As meninas, por sua vez, assinalaram a necessidade da mulher não ser submissa ao mundo masculino, mas não reconhecem, como os meninos, que esta já foi uma conquista e está concretizada em muitas atitudes das mulheres na sociedade de hoje. Tanto para as meninas como para os meninos, porém, o relacionamento entre o homem e a mulher é significativo enquanto celebração do amor e o casamento deve ser a culminância deste processo de conquista e conhecimento mútuo.

O discurso dos meninos sobre as representações de casamento, infidelidade e ruptura, a partir das discussões conduzidas pela professora em

sala de aula a partir do texto "O caso do vestido", apresentou aspectos diferenciados e semelhantes ao discurso das meninas.

A temática do poema de Carlos Drumond de Andrade provoca sentimentos muito fortes tanto pelo absurdo da situação inicial como pela atitude dos personagens.

A proposta da redação procurou justamente estimular meninos e meninas a projetar suas atitudes em situações de confronto entre valores pessoais e sociais. Pelos discursos dos adolescentes poderia se destacar, principalmente, três eventos. Primeiro: para meninos e meninas o casamento é uma relação séria que deve ser respeitada por ambos: marido e mulher; Segundo: a fidelidade é muito valorizada por meninos e meninas; Terceiro: em caso de infidelidade conjugal, mesmo por parte do homem, os meninos se mostraram mais rigorosos na condenação da atitude de infidelidade do marido que as meninas; Quarto: as meninas demonstraram estar mais propensas do que os meninos a aceitarem reconciliação em situações de infidelidade conjugal. Quinto: as meninas demonstraram, mais que os meninos, associar relacionamento entre homem e mulher, mesmo quando se colocam situações limites de perdas e rupturas, a relacionamento amoroso.

4.2. Representações de Família

Poderia se dizer que, a idéia de família sempre ocorre na medida em que, na relação entre um homem e uma mulher, nasce o primeiro filho. Um casal, por si só, não representa família, nem o homem ou a mulher ou a criança ou o adolescente isoladamente. Há necessidade da existência de um

descendente, da existência de uma relação filial para a designação de família.

As primeiras representações que uma pessoa constrói sobre família, tem referencial no seu próprio *habitus*, isto é, produto de suas percepções e práticas na convivência do seu cotidiano. Por outro lado, o referencial da unidade domiciliar tem estado, intimamente associado à idéia de família. Filhos e casa, constituem-se assim, no binômio simbólico de Família. Esta idéia teve certa incidência, seja nas entrevistas, redações e desenhos enfim, no discurso dos adolescentes.

A estruturação e o estabelecimento de relações cotidianas entre as pessoas com as quais o adolescente convive, sejam os pais, irmãos e outros parentes, passariam a constituir os elementos definidores de sua construção de representações de família, que é semelhante para meninos e para meninas. Portanto, a variável sexo não se apresenta diferenciadora para a representação de família. Por outro lado, no tocante às formas de relacionamento familiar e a idéia de constituição de família, as representações são diferenciadas entre meninos e meninas.

Ao longo de sua vida, na convivência familiar e social, os adolescentes vão percebendo significados de fatos e coisas nestas relações familiares, diferentemente como percebiam durante a infância. Estes novos significados têm a ver com as modificações de seu corpo, centro de referências para suas relações com o mundo. A identificação com pai ou mãe, a proximidade ou ausência destes no cotidiano familiar são faces de uma dinâmica que compõem a estruturação de sua personalidade e é importante para a

definição de sua sexualidade. Segundo Dolto[79], isto começa a ocorrer por volta dos onze anos de idade, quando finda a puberdade e tem início a adolescência.

Assim, a construção de suas representações sociais no âmbito familiar podem ser percebidas à medida em que ocorrem relações diferenciadas com o pai e a mãe e outros parentes. Se o sexo biológico não é o único elemento definidor da compreensão do ser masculino e do ser feminina ou de gênero, não se pode negar seu peso enquanto um dado evidente de categorização nas relações sociais. Os próprios adolescentes, por diversas vezes, assinalaram o corpo como determinante para sua compreensão desta relação.

Os adolescentes constróem suas representações de pai e mãe a partir de vários elementos obtidos na formação de seu *habitus,* pela convivência familiar e em outros grupos sociais e através de vários elementos do universo cultural. Estas representações, ao mesmo tempo que determinam significados acerca do poder, autoridade, permissões e proibições constituem elementos para a categorização do masculino e feminino, respectivamente.

Assim, os elementos desta categorização estão intrinsecamente relacionados às concepções de autoridade, dependência que têm em relação aos pais, às permissões e proibições que estão afetos, e à sua identificação quando nas escolhas para estreitar os relacionamentos, isto é, na preferência em conversar com o pai ou com a mãe.

---

[79] DOLTO, F. Op. Cit.

A expressão das representações de família incluem as imagens do pai, mãe e irmãos e, eventualmente, outro parente que habita no mesmo espaço. O ambiente doméstico é um dado evidente para a representação da família assim como a expressão de sentimentos e conceitos, notadamente positivos, com base nas relações com os parentes da linha materna mais próximos.

Se no discurso dos adolescentes a presença do pai e da mãe está como elemento constituinte da família, nos desenhos a figura da mãe foi mais retratada, tanto por meninos como por meninas.

Da mesma forma que os adolescentes falam do que sentem sobre família também eles expressam o idealizado nestas relações. Assim, para os adolescentes, família detém representações reais, quando se referem ao relacionamento com pais e irmãos (positivas, negativas e neutras), e representações idealizadas, que são sempre positivas, quando falam do sentimento de família e de sua constituição.

O sentimento de igualitarismo, abertura para o diálogo, democratização, são alguns dos pontos levantados por eles como a idealização da família. Mas estaria, de fato, a família sendo um local de relações igualitárias, espaço democrático e de diálogo entre pais e filhos?

Os estudiosos de família apontam para uma tendência à sua nuclearização, em que, a função reprodutiva gravita em torno do seu sentimento de individualização, intimidade e estabelecimento de relações afetivas. As representações dos adolescentes sobre família destacam essas tendências? O que isto significa em suas relações familiares?

As representações positivas de família são manifestadas por expressões com o sentido de união, afeto, harmonia, conversas com os pais

e encontros diários. As representações negativas falam de falta de identificação com os pais, discussões diárias ou brigas. As representações neutras se referem a expressões como família normal.

Ticiane fala de sua família como união entre as pessoas. *"Bom, minha família é muito unida..." (Ticiane, 16a.,* enfatizando, sobretudo, os encontros nos finais de semana, reuniões de almoço ou jantar com todos os parentes.

Pérola, Roberta e Fabrício, falam sobre os relacionamentos em família, identificando-os como harmoniosos, sem problemas de comunicação entre as pessoas.

"Ah, todo mundo lá em casa se dá bem... todo mundo amigo, a gente conversa bastante..."(Pérola, 16a.)

"Não, a relação, graças a Deus é tudo bom... todo mundo se relaciona muito bem... Ninguém tem problema..."(Roberta, 16a.)

"A gente sempre se deu muito bem... meu pai, minha mãe... sempre me dei muito bem com eles... meu irmão, gosto do meu irmão..."(Fabrício, 15a.)

Os desenhos do cotidiano das duas meninas representam situações de encontro e descontração familiar, com a presença dos pais e irmãos. Fabrício, porém retratou seu cotidiano em três cenas em que aparecem, isoladamente, sua mãe dormindo depois do almoço, seu irmão frente à TV e ele, em seu quarto, ouvindo música (Anexo IV, p. 404). Para ele, todos se dão bem e ele caracterizou bem o espaço de cada um no ambiente doméstico. Ele retratou um momento à tarde e seu pai não aparece no desenho.

Paulo fala em união da família com uma conotação de ajudar nos momentos de dificuldade e isto em relação aos parentes ascendentes de seus pais. Este menino é filho único e seus pais são separados, o pai casou

novamente e, quando ele fala de família, ele se refere à família modificada e ampliada, ou seja, à esposa do pai e seus meio-irmãos e aos parentes de seus pais.

"Meus pais são separados. Desde pequeno, eu tenho duas famílias mesmo. A família da minha mãe, é uma família menor, são três irmãs, contando com minha mãe... mais ou menos unido... Pelo lado do meu pai, são doze irmãos. Uma família muito unida, muito unida mesmo, sempre tá... acontece qualquer coisa então todo mundo vai lá ajudar, e... na família da minha mãe também, sendo poucos, sempre tá todo mundo junto mesmo... uma coisa interessante que eu acho, uma família ajuda a outra. São todos amigos, ainda. Não tem nenhum problema."(Paulo, 15a.)

Ao falar de sua família, além de mencionar sua estruturação, os adolescentes conceituam as relações existentes e explicitam as atitudes cotidianas.

"Bom, em casa a gente tem um diálogo muito aberto. Lá a gente fala de tudo, ninguém esconde nada de ninguém, a gente tem liberdade prá falar, um com o outro, inclusive sobre termos de sexualidade, né? Em casa não há aquele negócio de esconder o jogo, não tem. E a família lá é muito unida, né? As relações são boas, raramente eu vejo meu pai e minha mãe... eles, briga?...lá, todo mundo é unido"(Tiago, 16a.)

Por outro lado para aqueles meninos e meninas que têm outros parentes morando em casa, quando eles falam de sua família, estes ou não são lembrados ou são explicitamente excluídos ou são consideradas apenas como pessoas que moram na casa.

"A minha tia também tá morando lá e a minha prima está fazendo um curso de prótese aqui em Campinas, então ela tá morando assim, ali, né? Mas ela fica mais por fora assim da família, tudo, e minha tia ela gosta de se meter, mas eu acho que ela atrapalha muito."(Camilo, 15a.)

Para os adolescentes as representações de família em relação à estrutura, estão mais associadas ao parentesco por laços diretos de sangue: pais, filhos e irmãos, mesmo entre aqueles adolescentes que têm parentes morando em casa. Por outro lado, Paulo, que não têm irmãos em casa, e

Ticiane que tem irmãos mas não tem nehum outro parente morando com ela, falam da família estendida como significativa.

Para Nicole, que mora com pai, mãe e irmã, a representação de família é tomada a partir da família extensa, em que ela inclui, não só os pais e a irmã, como também, tios, avós e primas e primos. Mas esta idéia se torna confusa, uma vez que ela escuta de sua mãe que a relação com outros parentes não é muito recomendável.

"Toda minha família, quase, mora em São Paulo. E assim, de vez em quando, sábado e domingo, assim, a gente vai lá. Aí almoça na casa da minha avó. Agora primo assim, é mais difícil porque minha mãe falou que ela não gosta muito desse negócio de família, é... de relacionamento com, com tios, assim, porque ela falou que não dá certo, que não dá... eu gosto de conversar com minha prima, de ver meus tios, né?... eu concordo em parte com minha mãe porque a família muito perto assim, a gente se vê todo dia, aí eu acho que não dá certo, que não dá."(Nicole, 15a.)

Assim, como há um sentimento de família preservado, sobretudo, para a relação reduzida a pais e filhos, sua representação tende a se limitar, sobretudo, a estes laços de parentesco.

Existem meninos, e meninas para quem a família, no sentido pais e filhos, representa relacionamento harmonioso entre todos, e esta união ocorre com a existência de comunicação permanente entre as pessoas da família. O sentimento de família está evidenciado com a intimidade do cotidiano e a cumplicidade das confidências feitas a um dos pais ou aos dois e às conversas em família, após as refeições, por exemplo.

"... a gente sempre janta todo mundo junto, depois, à noite, a gente se reúne na salinha, fica conversando. A última vez que a gente se reuniu a gente ficou falando um sobre o problema dos outros, isso foi muito bom." (Débora, 14a.)

Este sentimento de família é sempre colocado, mesmo quando o cotidiano reflete outra realidade, tal como descreve Camilo destacando

sobretudo a ausência dos pais por causa de seus trabalhos. Neste caso, o menino se refere a ausência dos pais como uma negação da convivência familiar, destacando que, apesar disso, existem alguns momentos de encontro.

"...E a família assim se reúne, tipo assim, no fim de semana ou de noite, assim, para discutir algum problema..."(Camilo, 15a.)

Daniel também faz referências a ausência de convivência das pessoas da família.

"É...não vou dizer que ela é unida, porque que nem eu... vejo minha mãe uma vez por dia, que é agora à noite, vejo meu pai à noite, minha irmã, às vezes, vejo duas vezes por semana, porque eu estudo de manhã e ela estuda à tarde, ela chaga tarde, porque... eu já estou dormindo... tem nem assim..."(Daniel, 14a.)

A situação descrita por Camilo e Daniel retrata bem diferentes formas de convivência familiar e o redimensionamento das relações familiares. Camilo reconhece que o cotidiano familiar é marcado por ausências e atribui, indiretamente, alguns problemas de relacionamento com o irmão e mesmo o baixo rendimento escolar deste, a estas ausências físicas dos pais. Uma tia e uma prima moram na família e esta tia é responsável pelo transporte dele e do irmão à aulas de língua estrangeira, esportes e desenvolve algumas atividades domésticas. No entanto, para ele, a tia "atrapalha muito..." A tia, assumindo certa autoridade no cotidiano familiar, mas que, para ele, sem reais laços afetivos, representa uma intrusa no seio da família: mãe, pais e filhos.

Por outro lado, quando Daniel fala destas ausências ele lembra que existe uma pessoa, sua tia, que está sempre em casa quando ele chega e é com ela com quem ele mais convive.

"Eu tenho mais contato assim com minha tia porque ela mora lá prá cuidar da gente. Ela que... eu chego em casa, ela é a única pessoa que está lá. Ela faz o serviço doméstico em casa."(Daniel, 14a.)

Poderia se creditar às relações afetivas do grupo familiar às representações mais significativas de família que os adolescentes têm. Seja por sua negação, como destacou Giovana em determinado momento da entrevista ou de seu reconhecimento como no discurso de Daniel e de algumas meninas. Débora, por exemplo, considera os fortes vínculos de afeto com os avós, que moram vizinhos à sua casa e assim os cita ao falar de sua família. Outra menina, Camila fala de uma tia muito querida e faz referências à ela, mesmo não morando na mesma casa, quando fala de sua família.

Para meninas e meninos, portanto, as representações de família estão vinculadas a relações amistosas e afetivas das pessoas do seu grupo familiar, sejam elas do grupo de convivência imediato, pais e irmãos, ou não.

"Ah! É bom o relacionamento... com minha mãe, meu pai e duas irmãs..."(Vanessa, 16a.)

Por outro lado, quando Vanessa (Anexo V, p. 416) desenhou o cotidiano de sua família, ela aparece em conflito com a mãe, com o pai e com as irmãs. A mãe diz para ela por ordem nos seus objetos, o pai reclama do horário de sua chegada na noite anterior, as irmãs reclamam porque ela está usando seus objetos... Ela acrescenta uma fala sua, que não está dirigida às pessoas de sua família, mas a quem lê a história: *"Família complicada! Mas eu entendo e quero que eles entendam também que a única coisa que eu quero é ser feliz!"* Qual teria sido a intenção de Vanessa em retratar estes momentos de conflito quando ela mesma afirmara ter um bom relacionamento com todos? Será que para Vanessa um bom

relacionamento familiar não elimina, também, os atritos corriqueiros do cotidiano? Por outro lado, à medida em que os adolescentes falaram de diferenças em suas relações com o pai e com a mãe estas eram expressão, também, de representações diferenciadas que constróem de mãe e de pai.[80]

A idéia de união e harmonia, por outro lado, está sempre referida nos discursos das meninas e meninos:

"...Mas a gente é muito assim, unido, eu acho... a gente tá quase sempre junto. E minha mãe se preocupa assim, com meus tios... meus avós também..."(Priscila, 16a.)

Assim, representar família significa, necessariamente, falar de sua estrutura e das relações entre as pessoas que a constituem, independentemente da ausência dos pais ou não no cotidiano familiar. O sentido da representação se faz pela manifestação de um sentimento de afetividade.

Para Henrique, por exemplo, cuja mãe não trabalha fora, mas estuda meio período, estas representações são inerentes às questões afetivas:

"Minha família?... é, assim, não há nenhuma desavença, não há, quase não há motivo prá discussões... Meu pai... numa boa... é super aberto... eu converso muito com meus pais. Vários assuntos..."(Henrique, 15a.)

Para Klaus cuja mãe também trabalha apenas em casa:

Minha família... minha família é normal, assim... eu me dou bem com todo mundo, meus irmãos, com meu pai, com minha mãe..."(Klaus, 16 a.)

A idealização do relacionamento familiar harmônico, parece ser uma preocupação constante no discurso dos meninos e meninas. Este ocorreria ao lado de algumas situações de conflito, definidas por eles como "naturais" ou "normais" em qualquer família, incluindo relações de poder versus

---

[80] ZAZZO, B. Op. Cit. e TAP, P. Etude différentielle de la représentation des qualités paternalles à l'adolescence. *Enfance*, n. 3, 1971, p. 249 - 289; TAP, P. La représentation des qualités maternelles à l'adolescence. *Enfance*, n. 2-4, 1977, p. 123 -140.

dependência, dominação versus obediência e controle dos pais, que os adolescentes tendem a considerar, cuidado, amor e atenção. As relações harmônicas na família se devem portanto, a sentimentos afetivos que os filhos devem dedicar aos pais e que estes devem aos filhos.

Alan Macfarlane[81] expõe sobre o sentimento de valor dos filhos para os pais e como os filhos deveriam se dedicar a seus pais, ser seu apoio na velhice. Este sentimento foi exortado em países da Europa, principalmente através da religião, nos séculos XVI e XVII. Desde os moralistas medievais, portanto, este tema foi sendo difundido como uma forma de garantir que os filhos amassem e tratassem bem seus pais e lhes garantissem uma velhice segura. Escritos como "Dos deveres dos filhos para com os pais" de Thomas Becon, datado do início do século XVI e "O dever completo do homem", publicado pela primeira vez em 1658 e depois com outras edições nos séculos XVII e XVIII, tratavam justamente da necessidade e importância moral e religiosa do amor que os filhos deveriam devotar aos pais. Em algumas situações esta "devoção" era firmada sob a forma de contratos de "manutenção" ou "de aposentadoria", que garantiam, a forma financeira dos cuidados que os filhos deveriam dispensar aos pais em sua velhice. Pode-se depreender disto que havia uma troca financeira em relação ao amor filial, mas a verdade é que na nossa sociedade atual subsiste este sentimento de devoção e reconhecimento dos filhos para com os pais impulsionado por uma grande força moral.

Nas relações familiares os adolescentes têm manifestado um sentimento de família que expressa coesão, principalmente entre os parentes

---

[81] MACFARLANE, Alan. *História do Casamento e do Amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

com laços de sangue mais próximos e que moram sob o mesmo teto. Nestas relações a questão da "harmonia" entre pais e filhos tende a ser a tônica mais evidente. Na família não deve haver dúvidas que existe amor nas relações entre pais e filhos, e a maior punição é a ameaça da retirada do amor.

Para os adolescentes, portanto, a família deve ser harmônica e constituir família deve ser um ato de amor. Ao mesmo tempo, constituir família lembra filhos e está associada a relacionamento amoroso que lembra casamento e lembra mulher.

Assim as representações sociais dos adolescentes sobre família são construídas a partir das relações familiares no seu cotidiano e estão permeadas pela idéia de gênero à medida em que há uma tendente feminização destas relações.

5. Cotidiano Familiar e suas Representações Sociais

"Olho para o relógio e procuro lembrar-me que dia é hoje. Só por esses atos retorno à realidade da vida cotidiana."

(Berger & Luckman, 1985)

No cotidiano familiar os adolescentes, em suas práticas individuais e coletivas, interiorizam normas, valores e elaboram um sistema próprio de classificação. Neste convívio eles encontram elementos importantes para o processo de construção de seus referenciais para trabalhar as formas de categorização do mundo, uma vez que ocorrem momentos intensos de condicionamentos durante os quais eles internalizam, reproduzem e produzem ações cotidianas.

Na família destes adolescentes, o cotidiano se traduz por rotinas próprias, demarcadas por horários de suas atividades diárias, como ir e

voltar da escola, almoçar e jantar, repousar, estudar, encontrar amigos e pessoas da família, ficar em casa, ouvir música, etc.

As aulas de música, dança e língua estrangeira bem como os passeios com parentes e amigos, apesar de não serem atividades diárias, também foram mencionados. O cotidiano apresenta-se portanto, pleno de momentos que poderiam ser considerados, por eles mesmos, como de obrigação e de lazer; momentos à sós ou com os amigos ou com os parentes.

Estes adolescentes falaram de seu cotidiano familiar enfatizando, sobretudo, uma dinâmica em torno dos horários de trabalho dos pais e dos horários da escola. O elemento tempo é um dado muito presente na descrição deste cotidiano.

Ao fazer o desenho de seu cotidiano, cinco meninos dentre treze (38,4%) (Anexo IV, p. 393) e seis meninas dentre vinte (30%) (Anexo V, p. 407), isto é, 68,4% dos adolescentes acrescentaram a figura do relógio ou a demarcação do tempo como manhã, tarde e noite, assinalando os horários para as atividades executadas durante o dia.

Da mesma forma, os adolescentes demarcaram essas atividades em espaços definidos, em determinadas partes da casa, na rua a caminho da escola, na sala de aula, no seu quarto de dormir, na cozinha ou sala de estar.

O mundo da vida cotidiana está estruturado espacial e temporalmente.[82] A dimensão espacial se refere ao estabelecimento das relações sociais, do cotidiano no ambiente familiar. A dimensão temporal é exatamente o tempo, limitante e demarcador de todos os eventos no

[82] BERGER P. & LUCKMAN T. Op. Cit.

cotidiano e no ciclo da vida, que força uma ordenação, uma seqüência dos fatos no dia-a-dia e na biografia das pessoas. Assim, o cotidiano dos adolescentes está marcado pela dimensão espacial, com a convivência familiar e a retratação do espaço doméstico, e pela dimensão temporal, com a definição dos horários de trabalho dos pais, de estudo e descanso e de encontro em família. Na dimensão temporal a idade também foi um outro dado significativo de sua representação coletiva de adolescência ou idade adulta, um marco referencial para se identificar como pertencente a determinada geração.

Os adolescentes expressaram, ainda, suas concepções de cotidiano, registrando atividades que eles, os pais e outras pessoas da família desenvolvem, separadamente ou em conjunto e suas possíveis mudanças. Nos desenhos, estas atividades estão retratadas em situações que variam, sobretudo, entre a casa, a escola e o percurso entre estes dois espaços.

Assim, ao se referir ao seu cotidiano os adolescentes falaram de suas atividades escolares e domésticas, aos momentos de encontros em família e com amigos, ao trabalho dos pais, do que gostam e preferem fazer nos seus momentos em casa. A maioria dos adolescentes afirmou que, mesmo preferindo sair, passear, gosta de ficar em casa.

As expressões subjetivas dos significados do espaço da família, a casa, são percebidas à medida em que os adolescentes, mesmo revelando um desejo de ruptura com a tutela parental, falaram do "ficar em casa", ou se desenharam em espaços específicos de sua casa. Estes significados estariam relacionados às funções de proteção, de isolamento, de organização social e identitária. Deste modo, as necessidades de abrigo,

refúgio, isolamento, privacidade, inserção e, sobretudo, de identidade que os adolescentes procuram quando se retratam no espaço doméstico, parecem ser freqüentemente atendidas.

O casal de psicólogos americanos Lois e Joel Davitz[83] fala da importância para o desenvolvimento psicológico do adolescente, seu isolamento, sua busca de privacidade. Na adolescência o processo de individualização se expressa por esta busca de um espaço físico isolado, distante dos locais ocupados por outros membros da família.

Revelando o processo normal de seu desenvolvimento psicológico, a maioria dos adolescentes demonstrou estar vivenciando este processo de individualização quando se referiu ao gostar de ficar sozinho, no próprio quarto, isolado, ouvindo música...

Os Davitz enfatizam ainda que, o exercício desta privacidade prepara o adolescente para viver melhor com outras pessoas. O adolescente se sente mais seguro quando este seu momento, este espaço é respeitado, mesmo que seja uma gaveta onde ele deposite objetos que ninguém mais pode ver.

A casa, uma das representações básicas de família, é implicitamente referida pelos adolescentes quando falam de seu cotidiano. Ao mesmo tempo que, para os adolescentes, a casa foi representada como feminino, enquanto associada ao cotidiano, relações de trabalho doméstico e à mulher, para todos ela representa também seu local de privacidade.

Ao se expressarem sobre o cotidiano, os adolescentes falaram de suas relações com as pessoas da família e com este espaço físico. Disseram

---

[83] DAVITZ, Lois e Joel. *Como viver (quase) feliz com seu filho adolescente.* São Paulo: Maltese, 1992.

de suas preferências de ficar em casa, e se desenharam em determinados espaços, sobretudo no próprio quarto.

A casa, enquanto espaço da família, tem sido considerada como importante fonte de estudos uma vez que ela expressa o mundo subjetivo das pessoas que nela convivem. [84]

Quando foram indagados onde gostam de ficar quando estão em casa, cerca de 78%, entre meninas e meninos disseram que preferem ficar no próprio quarto, ouvindo música, assistindo TV, lendo um livro ou revista. Algumas meninas disseram que gostam de conversar com amigos ao telefone. Outros falaram que, em casa, ficam só quando querem descansar.

O cotidiano do adolescente, portanto contempla uma série de atividades subordinadas, de certa forma, aos horários da escola e de trabalho dos pais.

Assim, mediante a conveniência do horário de trabalho dos pais ao horário da escola, são eles quem os conduzem até lá diariamente. Para outras atividades que desenvolvem, como aulas de dança, prática de esportes, cursos de língua estrangeira ou de música, os adolescentes são conduzidos por sua mãe ou uma tia.

Este cotidiano é definidor de representações sociais específicas, destacadas pelos próprios adolescentes. Estas representações do cotidiano são demarcadas pelo elemento gênero que distingue e os leva a categorizar o que seria feminino e masculino neste cotidiano.

---

[84] Les cahiers de Sociologie de la famille - *Actes du Colloque à Liège - 5 e 6 de 1994*, n.1, Juin. 1995.

Este capítulo trata da discussão e análise das representações sociais no cotidiano dos adolescentes que foram construídas em referência ao trabalho dos pais e ao trabalho doméstico, basicamente.

5.1. Trabalho dos Pais

Ao falar do cotidiano familiar, os adolescentes falam das atividades dos pais, em referência ao ciclo diário da dinâmica familiar. Os adolescentes, ao falar do seu cotidiano, mencionaram o trabalho fora de casa demonstrando que, na sua concepção, cotidiano familiar ultrapassa a unidade doméstica.

Dentre vinte meninas entrevistadas, ao começarem a falar do seu cotidiano, quatorze (70%) citaram o trabalho dos pais, relatando a rotina do levantar cedo, sua saída para a escola e a saída dos pais para o trabalho:

"Minha mãe é professora de História e meu pai é engenheiro agrônomo. Então meu pai trabalha todo dia e minha mãe dá aula sempre à tarde."(Roberta, 16a.)

"De manhã é assim, a gente acorda, cedo, né? Prá ir na escola, minha mãe é quem traz a gente quando ela vai trabalhar."(Karla, 16a.)

Cinco meninas (25%) iniciaram a falar de seu cotidiano, fazendo referência às atividades domésticas. Uma delas citou o pai como o responsável pelo preparo do café da manhã:

"De manhã meu pai faz o café. Ele levanta, chama a gente, faz o café. Daí, minha mãe levanta, troca o meu irmão..." (Kelly, 15a.)

Outra menina inicia a falar do cotidiano, referindo-se às responsabilidades da avó na execução do trabalho doméstico:

"A minha avó, ela faz as tarefas domésticas, né? Porque minha mãe fica fora o dia inteiro..."(Priscila, 15a.)

Uma menina, ao começar a descrever o cotidiano, não explicita claramente mas subentende-se sua referência ao trabalho doméstico sendo executado pela mãe:

Bom, minha mãe, ela faz, né? A gente ajuda, todo mundo ajuda, meu irmão, eu..." (Cristina, 15a.)

Duas meninas associaram, de imediato, cotidiano à execução de tarefas domésticas:

"Quem prepara o almoço sou eu, minha mãe, às vezes meu pai, quando ele chega mais cedo em casa" (Gláucia, 15a.)

"Quem faz o que? Ah! um pouco minha mãe, um pouco eu, um pouco a empregada. A gente divide tudo." (Tati, 16a.)

Teve o caso de uma menina que, ao falar de cotidiano, se referiu às obrigações de sua mãe para com o grupo de orações da igreja.

Se, por uma lado, as meninas se referiram às atividades domésticas quando falaram de cotidiano, a maior parte, ou seja, 70% se referiu primeiramente ao trabalho dos pais.

Os meninos também falam do trabalho dos pais, apesar de que, dentre os quatorze meninos entrevistados, onze, ou seja, cerca de 78%, quando começaram a falar sobre cotidiano doméstico, a primeira lembrança foi para as atividades domésticas e, no caso, mencionaram a mãe como a pessoa na família responsável por elas.

"A rotina é... minha mãe acorda cedo e eu vou prá escola... e meu pai vai prá sede trabalhar "(Klaus, 16a.)

Quando iniciaram a falar de seu cotidiano, apenas três dos quatorze meninos, ou seja, cerca de 21%, começaram falando dos horários de ir prá escola e de trabalho dos pais:

"A minha mãe dá aula aqui no Liceu... ela trabalha noutra escola, à noite... minha irmã trabalha num Posto de Saúde..."(Mário, 15a.)

"Meu pai sai prá trabalhar, eu tô na escola..."(Daniel, 14a.)

"Minha mãe trabalha das sete à uma e à tarde ela dorme toda a tarde e... meu pai ele trabalha tempo integral, trabalha até às cinco da tarde..."(Fabrício, 15a.)

Dentre os meninos, seis (42,8%) fizeram referência ao pai ao falar do cotidiano, mencionando, principalmente suas atividades de trabalho fora de casa. Dentre estes, dois falaram em algum tipo de trabalho doméstico que o pai fazia.

Por outro lado, as meninas mencionaram o pai, com muito mais freqüência que os meninos quando falaram do cotidiano, relatando, inclusive, atividades dos fins-de-semana quando, segundo elas, ele está mais presente em casa:

"Sim, aí, de fim de semana, que meu pai fica mais em casa, aí ele ajuda minha mãe e tudo, aí, lava a louça." (Nicole, 15a.)

Assim, mesmo o pai passando grande parte do dia fora de casa, ele é sempre mencionado destacado pelo seu trabalho. A sua presença, portanto, é evidente apesar de haver caso de dois meninos e uma menina falarem da falta de um contato mais direto no dia-a-dia.

Pelo menos um adolescente afirmou sentir muito a ausência do pai no cotidiano familiar. Mesmo reconhecendo que é por razões de trabalho, para ele, tal comportamento não se justifica. Uma menina também afirmou sentir muito a ausência prolongada do pai no ambiente familiar e que muitas vezes ele não está em casa quando ela precisa. Há uma expectativa de que o pai possa ficar mais tempo com eles ou que seja mais disponível para a família:

"...se o meu pai pudesse saber distribuir o tempo dele e ficar um pouco com a gente assim, né?" (Camilo, 15a.)

"...ah! eu gostaria que meu pai trabalhasse menos..."(Karen, 15a.)

Este fato, independente ou não da vontade dos pais, tem sido assinalado pelos adolescentes como algo negativo e indesejável.

Os pais aposentados, por outro lado, não foram citados em referência ao cotidiano salvo quando indaguei diretamente sobre eles. No caso, o pai de Cristina, que mesmo tendo voltado a trabalhar, sua indicação foi de aposentado. Ele não está diariamente em casa, como eu supunha. O pai de Simone, também indicado como aposentado, foi mencionado por ela, ao falar do cotidiano, como ainda acompanhando os trabalhos de plantação e colheita que agora estão sob a responsabilidade do irmão.

Assim, a aposentadoria ocorreu como fato legal, porém houve um retorno ao mundo economicamente ativo, fato não registrado por elas ao preencherem a ficha - Situação Familiar, mas que foi mencionado na entrevista.

De uma maneira geral, os adolescentes falaram do trabalho de seus pais, da ausência do pai no cotidiano doméstico mas o citaram com muita freqüência, principalmente as meninas. Falam da mãe como alguém que está mais próxima no seu dia-a-dia mesmo quando esta trabalha fora de casa.

Segundo o relatado pelos adolescentes, no cotidiano familiar, a mãe tem mais atividades e em maior diversidade que o pai, tanto dentro como fora de casa. Por outro lado, o registro de diversidade de atividades da mãe foram mais freqüentes entre as meninas do que entre os meninos.

5.2. Trabalho Doméstico

Quando os adolescentes falaram sobre família, escreveram e desenharam o seu cotidiano familiar, o trabalho doméstico sempre foi

destacado. Nos desenhos mais que na entrevista e na entrevista mais que no formulário Situação Familiar.

Assim como quando ao serem indagados sobre o cotidiano familiar, os meninos iniciaram falando das atividades domésticas desenvolvidas pela mãe, também é nos desenhos dos meninos que a mãe é mais retratada executando atividades domésticas (Anexo IV, p. 407).

Realmente, cabe às mães mesmo trabalhando fora, executar pelo menos algum trabalho doméstico, apesar de, em alguns casos, contarem com uma empregada. Na maioria dos casos esta executa somente algum tipo de tarefa, servindo como auxiliar nesta rotina. São as faxineiras, passadeiras ou diaristas.

Dentre os dezesseis meninos que preencheram o Formulário Situação Familiar, onze, ou seja, cerca de 68% indicaram que a mãe exerce uma atividade no mundo da produção enquanto professora, comerciante, psicóloga, economista, farmacêutica ou empresária. Dos quatorze meninos que foram entrevistados, todos falaram que cabe, principalmente à elas, desenvolver grande parte do trabalhos em casa como faxina, preparação de alimentos, lavagem e passagem de roupa, e até mesmo dirigir o carro para atender a todos da família.

Dentre as vinte e seis meninas que responderam ao Formulário Situação Familiar, dezesseis, ou seja, cerca de 61,5%, informaram que a mãe trabalha fora de casa e que também fazem atividades domésticas. As demais meninas, ou seja, dez (38,5%) disseram que a mãe fica em casa fazendo o trabalho doméstico. Dentre estas, uma é aposentada. Como pode-

se perceber, é evidente o número de mãe com dupla ou tripla jornada de trabalho.

Meninos e meninas descrevem este fato no seu cotidiano mas não fazem referência específica como sentem e o que pensam dessa dupla jornada de trabalho de sua mãe. Apenas uma menina, Gláucia, disse que gostaria que houvesse uma pessoa em casa para aliviar mais a mãe e a si mesma do trabalho doméstico. Por outro lado meninas como Nicole, Janaína e Juliana, cujas mães trabalham apenas em casa, afirmaram que gostariam de ver sua mãe ocupada com algum trabalho fora de casa. Para estas meninas trabalhar fora de casa é "muito mais saudável" do que ficar apenas com o trabalho doméstico.

Portanto, para os adolescentes, as meninas principalmente, o trabalho doméstico tem representações negativas à medida em que é apontado como uma causa de muito cansaço, fadiga e algo sem nenhuma valorização.

Durante a dinâmica dos Grupos Focais, o trabalho doméstico foi associado sistematicamente à mulher, tanto por parte das meninas como pelos meninos.

Acredito que as relações de trabalho doméstico que se desenvolvem no cotidiano familiar podem influenciar na formação de referenciais de gênero para os adolescentes uma vez que este detém o significado do "mundo das necessidades", isto é, da esfera privada.

Ao falarem de seu cotidiano familiar, grande parte dos meninos, mais que as meninas mencionou, de imediato, o trabalho doméstico.

"Minha mãe faz quase tudo, ela limpa, arruma a casa..."(Carlos, 16a.)

"Bom, minha mãe faz o almoço, jantar..."(Adriano, 15a.)

"Bom, é... assim é... a minha mãe ela... ela assim, ela arruma a casa..."(Marcelo, 16a)

Assim, cotidiano doméstico sugere a referência ao trabalho doméstico por parte dos meninos e este é associado, por meninos e meninas à mulher. A mãe foi a primeira pessoa a ser lembrada pelos meninos e meninas quando falaram de trabalho doméstico. No entanto, ao contrário dos meninos, é mais freqüente as meninas fazerem o trabalho doméstico junto com a mãe mas elas só mencionaram estas atividades ao falar de cotidiano, quando indagadas diretamente sobre elas.

Assim as atividades domésticas nas famílias destes adolescentes são executadas basicamente pela mãe, mesmo que ela trabalhe fora; por uma diarista que comparece à casa pelo menos uma vez por semana; por uma tia que mora na casa ou pela avó com a ajuda das meninas. Houve meninas que mencionaram a participação do pai nestas atividades. Em alguns casos, de forma eventual, em outros, de forma mais sistemática. Na casa de Nicole, por exemplo, o pai prepara, diariamente, o café da manhã e nos fins de semana lava louça.

Na família destes adolescentes, portanto, os trabalhos domésticos tendem a ser executados com mais freqüência pelas mulheres que pelos homens, considerando-se apenas a conveniência da dinâmica familiar. Assim ocorre uma incidência maior das mães e filhas com esta responsabilidade.

"À tarde eu fico em casa com minha mãe, ajudo ela, depois faço as coisas da escola... É assim, a gente tem uma passadeira, então a minha mãe não passa roupa porque tem a passadeira e tem a faxineira que vai três vezes por semana. Mas minha mãe, mesmo com a faxineira, minha mãe ajuda em casa, tudo, eu também."(Ticiane,16a.)

"...e eu arrumo a cozinha com minha mãe. É... de segunda-feira tem a faxineira. Mas dia de semana assim, minha mãe faz, eu ajudo ela, cozinha no

almoço e no jantar. Geralmente eu arrumo. Eu e meu irmão. Minha mãe dá uma ajuda e... mas de vez em quando... vez em quando, meu pai também dá uma ajuda."(Débora, 14a.)

"Então, bom... eu quase... você quer dizer assim, quem arruma a casa? Bom, agora eu só arrumo o meu quarto, né? Cada um... meus irmãos que limpam o quarto deles e tal... e, mas a faxina mesmo é minha mãe que faz."(Karen, 15a.)

"Ah!... eu ajudo assim, depois que eu volto da escola, ajeito a louça, dou uma varrida na casa, tal... empregada até esse momento, minha mãe não achou...eu ajudo minha mãe... meus irmãos limpam o quintal..."(Karla, 16a.)

Dentre as meninas pelo menos três (15%) se desenharam no cotidiano familiar, executando trabalhos domésticos (Anexo V, p. 393). Porém, nenhum menino que disse fazer algum trabalho doméstico, se desenhou nesta atividade. Leonardo, por exemplo, que disse ter uma grande participação no trabalho doméstico, desenhou sua mãe varrendo e arrumando a casa (Anexo IV, p. 396).

"Minha mãe cuida da casa e eu outras coisas..."(Léo, 16a.)

Carlos, que reconhece não contribuir, de fato, com as atividades domésticas, desenhou o cotidiano retratando, especificamente, situações em que apresenta uma seqüência de quadros onde sua mãe aparece limpando o que ele suja (Anexo IV, p. 395). Tiago desenhou sua mãe na cozinha (Anexo IV, p. 399).

Em famílias de pais separados, os meninos falaram que tem responsabilidades com alguns trabalhos domésticos e dividem tarefas com a mãe.

"Bom, as compras lá em casa eu que faço junto com minha mãe."(Paulo, 15a.)

Em famílias em que estão presentes pai e mãe, também houve meninos que mencionaram algum tipo de participação em afazeres domésticos:

"...quando a gente suja muita roupa, assim, aí tem que ajudar, cada um limpa o seu quarto lá em casa e o quintal, assim, cada dia é uma pessoa."(Camilo, 15 a.)

"...aí eu faço meu almoço, esquento, né?..."(Daniel, 14a.)

Na maioria das famílias, porém, de alguma forma tem uma pessoa, notadamente uma mulher, que desenvolve determinadas tarefas domésticas. Isto contudo, segundo os adolescentes, não dispensa sua participação e, em alguns casos, a participação do pai, em alguns trabalhos domésticos.

"Ah!, a gente tem uma empregada doméstica e o serviço é só ela quem faz, né? O almoço minha mãe faz..."(Henrique, 15a.)

"Ah!... um pouco minha mãe, um pouco eu, um pouco a empregada. A gente divide tudo."(Tati, 16a.)

"...não... o almoço é... de vez em quando minha mãe faz, quando a gente tem faxineira..."(Roberta, 16a.)

"...só serviço assim, mais pesado que eu não faço, né? Daí minha mãe deixa prá faxineira... tipo lavar cortina... passar roupa, tem roupa assim, tipo jeans, que é muito difícil, né, coisa pesada assim. Daí minha mãe prefere deixar prá lavadeira."(Juliana, 16a.)

A diferença está justamente neste sentido: as meninas e sua mãe são *responsáveis* pelo trabalho doméstico. Os meninos e o pai, por outro lado, têm alguma *participação* nestas atividades.

Portanto, foi mais freqüente, a menção do trabalho doméstico sendo dividido entre mãe, filha, uma tia, avó e empregada. Gláucia mencionou que cabe à ela e à uma irmã a execução e todos as atividades domésticas e, eventualmente, seu pai prepara alguma refeição:

"Quem prepara o almoço sou eu, minha mãe, às vezes meu pai, quando ele chega mais cedo em casa. Quem arruma a cozinha sou sempre eu, quem limpa a casa, sou eu e minha irmã, quem faz os serviços

domésticos é minha irmã e eu, praticamente. A gente faz tudo lá em casa."(Gláucia, 16a.)

Dentre as meninas, apenas Vanessa, Pérola, Janaína, Juliana e Simone não mencionaram executar qualquer tipo de trabalho doméstico e afirmaram que tem uma empregada fixa, diarista ou semanal. No entanto disseram que a mãe tem algum tipo de atividade, como preparar almoço, principalmente.

"A minha avó faz o trabalho doméstico e minha mãe ajuda. E dia de quinta-feira vai uma mulher passar roupa."(Pérola, 15a.)

"Então... tem uma faxineira que vai assim... agora, o almoço é minha mãe..."(Vanessa, 16a.)

"Tem uma empregada lá em casa. Porque senão minha mãe não daria conta. A casa é um pouco grande, assim... e fica difícil porque ela tem que ficar levando a gente prós lugares..."(Juliana, 15a.)

"Ah!... então, minha mãe 'tava' com uma faxineira que vem de vez em quando, né? E aí, mas... eu também ajudava quando a faxineira não vinha, ela que... mas ela, mesmo com a faxineira, ela que arrumava tudo."(Nicole, 15a.)

Dentre os meninos, existem aqueles que disseram ter uma participação mais freqüente nos afazeres domésticos, outros os executam eventualmente. Carlos dá uma ajuda mas disse que deixa a desejar; Henrique se vira na cozinha preparando lanche para jantar; Paulo é responsável pelas compras com a mãe; Tiago arruma o próprio quarto; Camilo arruma o próprio quarto e às vezes a casa; Daniel freqüentemente prepara o próprio almoço; Adriano ajeita a casa e arruma o quarto; Eduardo arruma a louça, põe mesa, tira, varre a casa, mas esta é uma situação momentânea, uma vez que eles tem uma empregada em licença gestante e Léo lava louça, arruma a casa, prepara seu café da manhã e lanches. Dentre estes meninos, Léo, Carlos e Paulo moram com a mãe sem o pai. Isto denota

formas diferenciadas de conceber o trabalho doméstico assim como revelaria uma mudança de feição na dinâmica familiar. Fabrício por outro lado, não mencionou sua participação mas disse que seu pai tem atividades domésticas definidas:

"... meu pai é quem faz as compras, quem faz feira, quem faz... esse tipo de coisa na minha casa quem faz é meu pai, quando tem alguém doente, quem toma as providências de médico, é meu pai..."(Fabrício, 15a.)

Inegavelmente existiram momentos históricos, como o advento da primeira guerra mundial, por exemplo, com conseqüentes mudanças sociais e profundas repercussões na dinâmica familiar na Europa, marcadas, sobretudo, pela ocupação generalizada da mulher no mercado de trabalho. Naquela época, principalmente, para substituir na indústria a mão-de-obra masculina que se encontrava no "front".

Após esse período pode-se observar uma sucessão de significativas mudanças relativas à atuação da mulher além do espaço doméstico, que culminaram em transformações na dinâmica, arranjos e relações familiares. Um fato conseqüente à estas transformações foi a crescente socialização do trabalho doméstico, com a melhoria tecnológica de aparelhos e equipamentos bem com a introdução de serviços substitutos aos realizados a nível doméstico.

Os estudos de gênero desenvolvidos até então, têm revelado as mais diversas alterações nas relações sociais do considerado "mundo feminino", seja dentro ou fora da família.

Pode-se dizer que, hoje, o cotidiano familiar adquiriu uma rotina própria, onde as situações de cuidados para o bem-estar da família podem

passar a ser preocupação de todos, conduzindo a uma tendência à reorganização do trabalho doméstico.

A dinâmica da vida familiar, ao mesmo tempo que passou a demandar serviços no âmbito social, à medida em que ocorreu a "socialização da reprodução", tem se adaptado às sua próprias transformações internas.

Muitas representações de gênero, que teriam sido construídas em determinada época em que as práticas da família se orientavam segundo o modelo de família parsoniana[85], tendem a desaparecer ou a se transformar diante das inegáveis conquistas das mulheres na educação, profissionalização e ocupação no mundo do trabalho. A possibilidade de controlar a fecundidade também tem sido apontada como responsável pela modificação de uma série de valores, e hábitos nas relações familiares e no cotidiano familiar.

A cada dia que passa as pessoas percebem que as funções na dinâmica da vida familiar sofreram e estão passando por transformações cada vez mais surpreendentes.

"...esse negócio de... de... dona de casa, que antigamente era padrão... e hoje varia muito..."(Eduardo, 15 a.)

As substituições dos serviços domésticos por serviços coletivizados, por exemplo, estão presentes no mundo moderno das sociedades urbanas propiciando racionalização de tempo e simplificação de tarefas.

No entanto, mesmo diante de um novo contexto histórico e de relações sociais diferentes, ainda permanecem muitas representações de gênero sobre o cotidiano familiar que foram sendo assimiladas e reproduzidas para

[85] LASCH, C. Op. Cit.

as gerações mais jovens e que estão integradas num universo imaginário, estruturadas e estruturando seu acervo de representações sociais.

"...então minha mãe fica em casa, arrumando a casa..."(Klaus, 16a.)

No cotidiano doméstico, a família reproduz estereótipos através de simbolismos sexuais. Determinados trabalhos domésticos, por exemplo, estariam associados à mulher e seriam transferidos de mãe para filha. Outros estariam associados ao homem e poderiam ser transmitidos de pai para filhos. Assim, trabalhos como preparo de alimentos, executados por mulheres, seriam ensinados às filhas e trabalhos como cortar grama ou a realização de pequenos consertos de utensílios domésticos, seriam ensinados aos filhos.

Esta não seria uma situação diversa a que ocorre em sociedades primitivas, como a Arapesh, por exemplo, descrita por Margaret Mead[86] em que ela identificou a divisão de trabalho no seio da família entre homem e mulher. Naquela sociedade cozinhar no dia a dia, capinar, trazer lenha e água é trabalho feminino, ao passo que, cozinhar nas cerimônias, construir casa, limpar e cercar, carregar toras pesadas e cultivar inhames, são tarefas masculinas. Por outro lado, fazer ornamentos e cuidar dos filhos, são trabalhos tanto do homem como da mulher.

O que se pode observar é que, neste estudo, os adolescentes mencionaram uma separação de tarefas no cotidiano de suas famílias. Se, por um lado, é mais freqüente a mulher preparar as refeições no dia a dia, o homem pode fazê-lo mas nos fins de semana, notadamente, nos churrascos em família, o que não deixa de ser um momento uma ocasião mais

[86] MEAD, M. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 61.

cerimoniosa. Tanto o pai como a mãe foram referidos pelos adolescentes como tendo responsabilidades no cuidado com eles. A mãe, em atenção direta, como na execução da maioria dos trabalhos domésticos, e o pai, de uma maneira mais indireta, tanto na provenção dos recursos ou pequenos trabalhos no cotidiano, como preparação do café ou os levando diariamente para a escola.

Mas será que no atual contexto da dinâmica da vida familiar, esta separação das atividades domésticas se constituíram, de fato, em representações duais de gênero?

O trabalho doméstico é uma realidade bem presente no cotidiano dos adolescentes, pois tanto os meninos como as meninas falaram de responsabilidades com tarefas para executarem em casa. Por outro lado, existem adolescentes, meninos e meninas, que não fizeram qualquer referência a estas atividades.

Foram diversos os tipos de trabalho doméstico que os adolescentes citaram, tanto em relação ao que a mãe como a si próprios executavam. O quadro 11 apresenta os adolescentes em referência à execução de atividades domésticas citadas. Como pode-se perceber neste quadro, dentre os adolescentes do estudo, o número de meninas que executa trabalho doméstico é maior que o número de meninos, assim como a natureza das atividades domésticas são diferenciadas para meninos e meninas. Ainda é muito marcante a associação de trabalho doméstico à mãe ou a outra mulher, e isto foi expressado nos discursos orais, escritos e nos desenhos dos adolescentes.

Dentre os adolescentes que participam das atividades de trabalho doméstico, as meninas disseram executar aquelas que estão relacionadas tanto ao ambiente da casa em geral como à cozinha. Quanto aos meninos, os tipos de trabalho mais assinalados foram aqueles distantes da cozinha.

Nas discussões de Grupos Focais, os meninos principalmente, fizeram a associação trabalho doméstico à mulher, enquanto empregada doméstica. Associaram, assim, atividade à pessoa, mesmo que esta não seja uma figura muito constante no cotidiano familiar.

Através do quadro 11 é possível discutir se existe alguma relação entre o tipo de arranjo familiar de cada adolescente envolvido com trabalho doméstico e sua posição no respectivo arranjo descritos nos quadros 4, 5 e 6.

Pode-se pensar que o tipo de arranjo familiar e a situação do adolescente em seu núcleo familiar, enquanto filho mais velho ou mais novo e mesmo o fato de ser menino ou menina por exemplo, poderiam ser indicadores de realização ou não de trabalho doméstico assim como a natureza deste trabalho.

Quadro 11. Adolescentes em Atividades Domésticas

Atividades Domésticas	Meninas													Meninos						
	Ticiane	Nicole	Débora	Tati	Cristina	Gláucia	Simone	Camila	Hariana	Juliana	Priscila	Karla	Giovana	Tiago	Paulo	Camilo	Daniel	Adriano	Eduardo	Léo
Arrumar o quarto				X	X	X		X		X			X	X		X	X	X	X	X
Arrumar cozinha	X		X	X		X	X	X		X		X	X							X
Arrumar a casa		X		X		X	X			X	X							X	X	X
Cuidar de irmãos menores													X							
Enxugar louça	X					X	X			X										X
Fazer compras															X					X
Lavar louça						X				X		X	X						X	X
Limpar Quintal																X				
Por a mesa							X			X									X	X
Preparar Refeições		X			X	X			X								X			X

*Incluídos neste quadro apenas meninas e meninos que afirmaram executar trabalhos domésticos no cotidiano familiar.

Assim, por exemplo, pode-se perceber que dois dentre os meninos que fazem referência à execução de atividades domésticas, estão entre os quatro que tem os pais separados (Léo e Paulo). Dentre os sete meninos que disseram desenvolver algum tipo de trabalho doméstico em casa, quatro (57%) são filhos mais velhos no seu núcleo familiar. Dois (28,5%) são filhos mais novos e um é filho único. Dentre as treze meninas que se referem à execução de trabalhos domésticos, cinco (38%) são filhas mais velhas, cinco (38%) são filhas mais novas, duas (15,3%) são filhas do meio e uma (7,6%) é filha única. Dentre elas, Tati, cujos pais são separados, divide várias atividades domésticas com a mãe e uma diarista.

Desta forma, não se pode afirmar que existiria uma relação direta entre o tipo de arranjo familiar, a posição no núcleo e o envolvimento do adolescente com o trabalho doméstico. Este, de fato, é referido como um evento circunstancial do cotidiano familiar, que diz respeito principalmente à mãe ou a uma pessoa contratada para este fim. Por isso, a presença de uma empregada doméstica ou uma diarista em casa foi lembrada, principalmente por aqueles adolescentes que não fizeram referência a execução de qualquer trabalho doméstico, notadamente, dentre as meninas

Alguns adolescentes, meninos e meninas apontaram algumas propostas de mudanças no cotidiano. Coube às meninas propor mais mudanças no cotidiano familiar, principalmente em relação às atividades domésticas. Portanto, o desejo de mudança no cotidiano foi mais evidente à medida em que havia, entre as meninas, uma maior responsabilidade com atividades domésticas.

Meninas que não falaram de responsabilidades com tarefas domésticas não fizeram propostas de mudanças no cotidiano familiar.

"Não, tá bom assim. Tá bom"(Kelly, 15a.)

"Não, não, eu gosto desse tipo."(Janaína, 15a.)

"Ah! eu acho que não... nunca pensei numa proposta assim, de mudança."(Simone, 14a.)

"Não... prá mim tá bom."(Hariana, 15a.)

O desejo de ter uma pessoa para realizar os trabalhos domésticos, aliviando-as dessas tarefas foi uma proposta de duas meninas para a mudança do cotidiano.

"Eu procuraria uma empregada prá fazer tudo que eu faço o dia inteiro..."(Gláucia, 16a.)

Assim, 15% das meninas que desejavam colocar alguém para realizar as tarefas domésticas, fosse para aliviá-las ou a sua mãe, pensaram, ainda, que assim sua mãe teria possibilidade de participar do mundo economicamente ativo .

"Empregada, podia ter, né?... minha mãe poder arrumar um emprego fixo, o que eu gostaria muito..."(Camila, 16a.)

O trabalho doméstico tem sempre uma conotação negativa e se a mãe é uma pessoa que se dedica somente à ele, para os adolescentes isto deve mudar. Há sempre a expectativa que a mãe participe do mundo economicamente ativo pois, sob seus pontos de vista, elas se sentiriam mais gratificadas e este trabalho é mais valorizado.

É interessante como as meninas interligam as questões de seu cotidiano com as relações de trabalho dos pais. Elas assinalam uma interdependência significativa da mudança de seu cotidiano familiar com as atividades do pai.

"Ah! Eu gostaria que meu pai não fosse autônomo, tivesse um emprego fixo...e eu gostaria que minha mãe trabalhasse fora de casa. Eu acho que ela se desgasta muito. Acho que ela precisava... sabe... se relacionar com outras pessoas no trabalho, ganhar o dinheiro dela prá comprar as roupas dela, sabe?"(Juliana, 16a.)

"Ah!, eu gostaria assim, que meu pai trabalhasse menos, né?" (Karen, 15a.)

"Não. Não, teria sim. Meu pai trabalhar menos, né? Um pouquinho. Tem às vezes que ele chega em casa, às vezes ele não conversa porque tá com muito problema na firma..."(Danielly, 16a.)

Mas quando falam de mudança no cotidiano familiar, os meninos também revelam sua preocupação com o trabalho doméstico e sobre quem deve recair esta responsabilidade. Para Adriano e Eduardo deve permanecer a divisão de tarefas com todos de casa:

"Não, eu acho que está tudo certo, essa rotina, todos têm de ajudar, senão, só um fica muito pesado."(Adriano, 15a.)

"Bom, sempre tem os dois lados da questão, né? Por mim, eu não fazia nada, né? Mas se eu estivesse do outro lado eu queria que os outros fizessem tudo. Então eu acho que tem que ter razoável equilíbrio proporcional, né? Prá não ter prejuízo prá nenhuma das partes. E eu acho que tá razoável."(Eduardo, 15a.)

Meninos falam também de propostas de mudanças em seu cotidiano familiar enfatizando o trabalho do pai e possibilidade de lazer.

"Proposta de mudança? Deixa eu ver... ah!, por exemplo... a gente viajar junto, assim, com mais freqüência..."(Tiago, 16a.)

Em relação à rotina doméstica em si, eles não têm propostas de mudanças.

"Não, proposta de mudança, não, eu acho que está tudo certo, pelo menos..."(Fabrício, 15a.)

Outras mudanças sugeridas se referiam aos trabalhos dos pais, seja para que a mãe trabalhe fora, o pai trabalhe menos ou que este mude de ocupação.

"Talvez... talvez minha mãe pudesse trabalhar... ela já trabalhou um tempo e depois parou. Mas acho que ela não consegue arrumar trabalho"(Carlos, 16a.)

"Ah!, eu acho mais interessante se o meu pai pudesse saber distribuir o tempo dele e ficar um pouco mais com a gente, né? Que ele fica muito raramente, às vezes. Final de semana para ele é dia útil, nossa!"(Camilo, 15a.)

O desejo de mudança no cotidiano familiar, tanto para meninos como para meninas, está relacionado, notadamente, ao ritmo de trabalho dos pais, seja para que a mãe trabalhe fora, ou não trabalhe tanto em casa ou que o pai diminua seu tempo de trabalho e fique mais em casa.

Assim, como os adolescentes falaram de seu cotidiano familiar, em relação aos seus pais, seja no mundo do trabalho como nas atividades domésticas eles revelam que mudanças neste cotidiano são convenientes à medida em que haja a permanência de seu próprio bem-estar.

Em relação às formas de representação de gênero no cotidiano, os adolescentes deixam transparecer uma tendência a reproduzir o modelo vivenciado, ao mesmo tempo que tentam rompê-lo. A execução de atividades domésticas e o reconhecimento de sua necessidades, o fato de não mencionarem restrições para sua execução, demonstra a tendência à ruptura de estereótipos que perpassa, inclusive, a condição de classe. Isto é, mesmo pertencendo a uma categoria social detentora de bens materiais e culturais, estes adolescentes vivenciam uma dinâmica familiar em que ocorre freqüentemente divisão de trabalho.

Por outro lado, o fato da execução sistemática dos trabalhos domésticos dos meninos ser mais freqüente e restrita a determinados locais como seu quarto, por exemplo, e de certas áreas da casa serem menos freqüentadas, como a cozinha por exemplo, pode ser um indicador da

existência da sexualização não do fato de fazer e não fazer a atividade doméstica, mas do que fazer e onde. Gênero, portanto perpassa a condição e as circunstâncias de execução do trabalho doméstico no cotidiano que, mesmo sem uma manifestação explícita por parte dos adolescentes, atividades consideradas femininas e masculinas constituem o núcleo figurativo das representações desse cotidiano.

O cotidiano dos adolescentes, sem sombra de dúvidas, está demarcado por situações que definem as representações de gênero na sua família, seja pela ocupação dos pais no mercado de trabalho, seja pela forma de considerar a constituição de família, seja nas relações com pais e outros familiares ou no cotidiano doméstico ou na dinâmica das atividades domésticas.

Meninos e meninas atribuíram alguns significados, fossem nos discursos ou desenhos, ao seu cotidiano, principalmente através de conceituações. Assim, para eles o cotidiano aparecia como uma "mesma rotina", uma "vida corrida", "tumultuada" ou uma "correria", expressando a questão do tempo como uma demarca nesta representação. Houve adolescente que conceituou o cotidiano como "super-divertido" ou um "dia-a-dia normal", "tranqüilo" ou que o dia "depende do estado de espírito".

A demarcação do cotidiano em termos de tempo cronológico foi bem evidenciado nos desenhos, assim como na expressão de suas atividades de estudo, de lazer e de intimidade, em casa. A referência ao tempo, com a figura do relógio ou das horas, foi presente no desenho de 25% das meninas (Anexo V, p. 407) e de 30% dos meninos (Anexo IV, p. 393).

5.3. Vida Profissional

Quando os adolescentes falaram do seu cotidiano e de sua família eles fizeram referência às atividades profissionais dos pais e expressaram sua representações sobre estas. Nos vários instrumentos da pesquisa deixaram, em todos eles, algum indício da representação que têm de trabalho. A representação de trabalho está associada a uma oposição entre as imagens do masculino e do feminino, melhor dizendo, entre o trabalho da mulher e do homem no contexto social.

Assim, nos discursos, desenhos e redações de meninas e meninos, há referência ao trabalho dos pais ao que eles indicaram suas representações específicas. Há ocasiões em que o trabalho doméstico é associado à mulher, explicitado sobretudo pelos meninos. Por outro lado, os adolescentes consideram que a mulher deve trabalhar fora de casa, manifestado de forma explícita por, pelo menos, três meninas e implícita por grande parte dos meninos. Em vários discursos o trabalho fora de casa foi associado de imediato, ao homem e, em seguida, à mulher, sendo referido como uma forma da mulher obter igualdade com o homem. Quando foram descritas as atividades do cotidiano doméstico, estas foram associadas de imediato à mulher.

Um menino, Daniel, 14 anos, ao falar de suas relações familiares, referiu-se à condição da mulher e suas relações de trabalho. Assim, ao se projetar como mulher, salientou que procuraria atividades profissionais que pudessem liberá-lo para a atenção com a família. Ele considera que a prioridade da mulher deve ser a família e depois a vida profissional. Ele disse admirar muito uma irmã, que é estudante de psicologia, pois ela tem

"muita garra", sabe o que quer de sua vida, é independente. A mãe de Daniel é professora, trabalha durante um turno, e cuida de afazeres domésticos no outro. Aí estão dois estilos de vida de mulheres próximas a Daniel, um que é um projeto, outro que já se estabeleceu e que trazem para ele, representações de gênero na relação familiar. Por uma lado, a mãe, em uma idade da vida anterior à sua, da qual ele tem certa dependência e subordinação econômica e afetiva; do outro, a irmã, em uma relação de igualdade de interesses frente à vida. Mesmo reconhecendo e percebendo a atuação destas duas mulheres em relação ao trabalho e à vida profissional, Daniel revela uma intencionalidade de priorizar o mundo doméstico como mais significativo para a mulher. Assim é que na redação "Se eu fosse mulher...", ao se projetar como mulher, ele escreveu:

"Se eu fosse mulher, gostaria de me casar, ter filhos, encontrar um homem ideal para mim. Viver minha vida sem interrupção da família"(Daniel, 14a.)

Por outro lado, Carlos, afirma que a mulher não deveria se submeter à imposição da sociedade quanto a sua escolha de participação no mercado de trabalho. Para este, é desejável que a mulher não se fixe apenas na casa e ele considera que a própria mãe, que desenvolve apenas trabalho doméstico mesmo sendo advogada, poderia ser mais "batalhadora".

"Se eu fosse mulher, procuraria um emprego que me agradasse e não os empregos que a sociedade impõe à mulher."(Carlos, 16a.)

Certamente que existem contingências no contexto social que diferenciam as oportunidades de trabalho para o homem e para a mulher. Não se pode negar, porém que, atualmente as possibilidades são mais favoráveis que há algumas décadas. Facilidades de acesso à educação e à profissionalização é uma realidade concreta tanto para homens como para

mulheres. No entanto existem diversos estudos sobre as condições de trabalho feminino que demonstram desigualdades salariais, principalmente.[87]

Portanto, o acesso da mulher ao mundo do trabalho muitas vezes não significa a conquista da igualdade entre homens e mulheres, como colocam muitos adolescentes. A ideologização deste discurso impede perceber que as limitações à mulher ainda permanecem num nível difícil de perceber, pois se refere às atitudes, principalmente.

Cristina, cuja mãe se ocupa apenas com os trabalhos domésticos, acredita que a possibilidade e tendência da ocorrência de igualdade entre homens e mulheres ocorre à medida em que a mulher "ocupe seu lugar no mercado de trabalho":

"A cada dia que passa, as pessoas querem as igualdades entre o homem e a mulher. A mulher está conquistando seu espaço na sociedade... hoje em dia elas trabalham fora, ocupam cargos que antes eram considerados de homens..."(Cristina, 15a.)

As experiências pessoais dos adolescentes, afetas e afetando não só as relações familiares mas todas as outras, dimensionam a composição de suas representações de gênero. Desta forma, os meninos assimilaram o discurso corrente que coloca a conquista do mercado de trabalho e o homem como referencial de igualdade na relação homem-mulher.

As representações, enquanto processo individual e coletivo e de sistemas cognitivos, são produzidas no contexto familiar mas em referência, também, às relações pelas quais os adolescentes passam.

---

[87] Destacaria aqui o trabalho de Livre Docência, da profa. Liliana Seguini, da Faculdade e Educação da UNICAMP, sobre a situação das mulheres bancárias em São Paulo.

Um menino destacou o mundo social como algo exclusivamente masculino e que a mulher terá que lutar muito para conquistar este espaço e a igualdade com o homem:

"...o mundo hoje em dia é muito machista! Mulher prá mudar isso, ela tem que lutar muito. O homem não precisa mudar porque já tá feito prá ele, o mundo. O mundo foi feito pró homem, hoje em dia. Mulher, não, ela tem que abrir o espaço prá ela, então é mais difícil prá ela."(Carlos, 16a.)

A mãe deste menino é advogada e, na perspectiva de Carlos, ela "é muito acomodada, deveria lutar mais, ter mais garra na vida".

Ao mesmo tempo que Carlos reconhece que o mundo do trabalho é "masculino, difícil de adentrar", ele deseja que sua mãe, que tem uma profissão mas não a exerce, "vá à luta", enfrente este mundo e, quem sabe, possa se igualar profissionalmente ao pai, que para ele é um verdadeiro "herói".

Camilo, cuja mãe se ocupa dos afazeres domésticos e o pai é engenheiro químico, ao mesmo tempo que reconhece a necessidade da mulher ter uma participação política e em atividades econômicas, espera que esta mesma mulher "não descuide do lar".

"Se eu fosse mulher, seria uma batalhadora que, através de manifestos, passeatas, clubes e associações, tentaria mudar todas as injustiças sofrida pelas mulheres e lutaria pela verdadeira igualdade social, econômica, política e cultural entre homens e mulheres... seria educada para o lar, embora tivesse condições econômicas de estudar e futuramente trabalhar. Mas, ainda que isto ocorresse, é quase certo que todas as tarefas domésticas (lavar, cozinhar, passar, etc.) seriam minhas responsabilidades."(Camilo, 15a.)

Para outro menino Adriano, cuja mãe trabalha meio expediente, o trabalho fora de casa tem sua importância, mas ele enfatiza as obrigações domésticas como um determinante para sua condição de mulher.

"... se eu fosse mulher, os deveres de casa seriam feitos por mim, pois sendo mulher, o trabalho mais pesado seria meu..."(Adriano, 15a.)

Por outro lado, Fabrício, cuja mãe trabalha dois expedientes, coloca que:

"Se eu fosse mulher procuraria viver nos padrões atuais como uma mulher moderna: estudar, procurar me formar, trabalhar, tentar conquistar um padrão econômico que me sustente. Não ia querer ser dona de casa de jeito nenhum e acho que levaria uma vida normal, cheia de amigos, namoraria bastante, sairia com a turma, etc."(Fabrício, 15a.)

As representações de gênero para os adolescente em relação ao trabalho dos pais e na perspectiva da condição da mulher, não são homogêneas mas bem diversificadas. Isso demonstra que as diferenças de experiências no cotidiano dos adolescentes propiciam as diversidades de representações de gênero em função das relações de trabalho doméstico e fora de casa. Meninos e meninas acreditam que a ocupação da mulher no mercado de trabalho, é a forma mais reconhecida e viável de superar as desigualdades entre homens e mulheres. Assim, a noção de desigualdade para eles é expressa em termos das relações de trabalho.

O senso comum já introjetou a idéia da mulher precisar "ocupar o espaço público", ou participar do "mundo da produção", e uma "liberação" do trabalho doméstico para a ocorrência da igualdade social entre homem e mulher. Esta foi uma condição fundamental colocada pelos adolescentes como a forma de superar as desigualdades entre os sexos. E nesta perspectiva o homem é o referencial de igualdade. No seus discursos, os adolescentes afirmam que as desigualdades entre homens e mulheres serão superadas à medida em que a mulher fizer o que é permitido ao homem na esfera pública. Foi nesta idéia que os adolescentes mais se fixaram para expressar suas representações de gênero na perspectiva das relações de trabalho dos pais.

Os meninos abstraíram-se de sua própria família quando falaram teoricamente, sem identificar se a mulher que precisaria conquistar a igualdade com o homem seria necessariamente sua mãe. Afirmaram que se sua mãe está apenas no espaço doméstico, está em desvantagem em relação aos homens em geral, não especificamente ao pai. A conquista da esfera social deve ser a meta de toda mulher, porém, sem descuidar da família ou da casa.

Eles não fizeram nenhuma referência ao homem precisar conquistar o espaço doméstico para que haja igualdade entre homens e mulheres. Para eles o trabalho fora de casa sugere igualdade entre homem e mulher e a igualdade dos sexos não se faria de outra forma a não ser com a mulher saindo da casa. O referencial foi a esfera social, o homem e o mundo do trabalho economicamente ativo.

Esta visão de desigualdade entre os sexos na perspectiva econômica, que coloca as dicotomias entre as esferas pública e privada, é uma discussão corrente tanto no senso comum como nas disciplinas acadêmicas.

Rosaldo[88] acredita que a sociedade se torna mais igualitária quando homens e mulheres não reivindicam autoridade e o "enfoque da própria vida social é o lar". No mesmo sentido Sacks[89] refuta a idéia da existência de separação entre as esferas doméstica e social, uma vez que as mulheres ainda participam da produção de valores de uso da família. Neste sentido, a

---

[88] ROSALDO, Michelle Z. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: LAMPHERE, L. & ROSALDO, M. Z. *A Mulher a Cultura a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.33-64.

[89] SACKS, K. Engels Revisited: women, the organization of production and private property. In: REITER, R. (ed). *Toward an Antropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975.

igualdade social entre os sexos ocorreria na medida em que o trabalho de homens e mulheres produzisse valores de uso social.

Idéias de "luta", "conquista", "ocupação", "abrir espaço", se encontram bem presentes nas representações que meninos e meninas fazem sobre o fato das mulheres trabalharem fora de casa, mas que, na verdade, não eliminariam as desigualdades sexuais. Reconhecida como uma limitação para a conquista da igualdade, a diferença sexual biológica foi apontada como algo a ser superado nas relações de trabalho profissional.

As representações de gênero, produzidas pela concepção que os adolescentes têm sobre o trabalho da mulher, seja em relação às próprias mães ou às mulheres de uma maneira geral, dentro e fora de casa, refletem uma forma não totalmente dicotomizada entre o que é masculino e feminino no trabalho, mas as situações existentes na família dos adolescentes na prática, revelam certa dicotomia. As profissões e as atividades de trabalho dos pais são duais, e isto vai sendo desvendado pelos próprios adolescentes.

As representações de trabalho presentes na dinâmica da vida familiar, são influenciadas, subjetivamente, pelos esquemas de classificação e categorização de gênero dos adolescentes. Por exemplo, ao perceberem que há uma predominância de determinadas atividades para seu pai que são diferentes para sua mãe, este adolescente tenderá a fazer sua classificação dentro dos parâmetros e modelos vivenciados.

A situação profissional dos pais, sua ocupação no mundo do trabalho e as ocorrências na dinâmica da vida familiar decorrentes destes fatos, certamente influenciam os esquemas de categorização e de classificação

dos adolescentes que são formadores de suas representações. Pois à medida que, em sua dinâmica familiar, o pai está estreitamente vinculado às atividades de trabalho profissional e sua mãe, mesmo com atividade profissional, tem maior vivência na casa que o pai, esta passa a ser, notadamente, associada ao ser feminina.

As práticas e relações vivenciadas pelos adolescentes no cotidiano doméstico conduzem à formação de categorias classificatórias que podem determinar suas representações de gênero.

As representações de gênero, portanto, são construídas na medida em que as representações de família, representações dos pais e os relacionamentos com familiares no cotidiano doméstico propiciam momentos de interação e de formação de conceitos para os adolescentes.

CÉLIA CHAVES GURGEL DO AMARAL

Relações Familiares, Adolescência, Gênero e Representações Sociais de Adolescentes

Volume 2

Capítulos 6 ao 7, Conclusões, Bibliografia e Anexos

CAMPINAS

1997

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
Am 13 r
V. 2 Ex.
TOMBO BC/ 32676
PROC. 295/98
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 19/03/98
Nº CPD CM00104551-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

Am13r

Amaral, Célia Chaves Gurgel do.
Relações familiares, adolescência, gênero e representações sociais de adolescentes / Célia Chaves Gurgel do Amaral. -- Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador : Salvador Antonio Mireles Sandoval.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Família. 2. Adolescência. I. Sandoval, Salvador Antonio Mireles. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

SUMÁRIO

Volume 2

6. IDADE E ADOLESCÊNCIA 227

6.1. Representações Sociais das Idades: Adolescência e Idade Adulta 233

6.2. Sexualidade e Liberdade Sexual: das Concepções às Representações 247

6.3. Representações do Ser Idealizado 258

6.4. Representações Sociais nos Grupos de Convivência 265
6.4.1. Momentos de Lazer 273

7. REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO 280

7.1. As Diferenças 293
7.1.1. Os Meninos falam das Diferenças 301
a. Atitudes 305
b. Relações Afetivas 308
c. Relações com os Pais 310
d. Permissões 311
e. Cotidiano Familiar 312
f. Engajamento Político 314
g. Relações de Trabalho 315
7.1.2. As Meninas falam das Diferenças 317
a. Atitudes 325
b. Relações Afetivas 327
c. Relações com os Pais 329
d. Permissões 329
e. Cotidiano Familiar 331
f. Engajamento Político 332
g. Relações de Trabalho 333
7.1.3. Mas afinal, quais são essas diferenças? 333

7.2. O que é Ser Homem e o que é Ser Mulher? 335
7.2.1. Para os Meninos 338
7.2.2. Para as Meninas 342

CONCLUSÕES 355

BIBLIOGRAFIA 373

ANEXOS 380

ANEXO I RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA POR INSTRUMENTO 381

ANEXO II MODELOS DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA 384

ANEXO III O POEMA 391

ANEXO IV DESENHOS DOS MENINOS 393

ANEXO V DESENHOS DAS MENINAS 407

LISTA DOS QUADROS

Volume 2

Quadro 12. Representações da Adolescência..... 239

Quadro 13. Características Femininas e Masculinas..... 295

6. Idade e Adolescência

"La théorie des générations suppose enfin un modèle de l'espace social dont les principes de construction s'apparentent à ceux de la théorie de l'espace social qui soutien la théorie de l'habitus."

(Mauger, 1990)

A idade tem sido utilizada como forma de classificar objetos de estudo, mas ela é uma "medida" relacional de temporalidade dos eventos que se deseja estudar. Relacional porque a idade não é um dado natural, mesmo que ela sirva de medida para a evolução biológica dos indivíduos e animais. Além disso, a idade não é um dado imediato da consciência universal, pois um indivíduo vivendo isolado, não tem a noção de seu desenvolvimento biológico a partir de uma noção de tempo. Assim, a idade é uma noção social, estabelecida pela comparação entre os diversos membros de um grupo.

Expressada em número de anos, a idade representa uma prática social específica, cujo grau de precisão na sociedade moderna é necessária principalmente por questões legais.

As fases da vida, expressadas em termos de anos, são delimitadas em diferentes culturas e civilizações por eventos significativos, associados a

rituais definidos pelos valores e costumes de determinada época. Assim é que as diversas fases da vida - infância, puberdade, adolescência, idade adulta e velhice - são reconhecidas e estão delimitadas não só a aspectos do desenvolvimento biológico, fisiológico ou psicológico, mas sujeitos, sobretudo a determinantes culturais. E, neste sentido, passa a adquirir significações próprias, hierarquizadas e categorizadas em função de poder e gênero que a elas se atribui.

Estudos antropológicos e etnográficos dão conta que, em diferentes culturas, a entrada na adolescência, seria celebrada através de variados ritos de iniciação, demarcando a entrada na idade adulta.

Dolto[90] considera a adolescência um nascimento após a morte da infância. No início, um período de tomada de consciência de um mundo mais real, menos fantasioso, mas igualmente imerso em uma segunda vida imaginária. Começa uma vida extrafamiliar, de maior participação em grupos de pessoas fora da família, de uma certa forma, a auto-afirmação de suas próprias escolhas de grupos. Em relação ao desenvolvimento mental, o adolescente inicia seu processo de construções mentais abstratas e consegue elaborar melhor argumentos para sustentar suas próprias idéias, contrapondo às idéias dos pais. Ela enfatiza que quando o jovem consegue sustentar suas próprias idéias, diferentes e até mesmo opostas às dos pais sem sentimento de culpa, adquiriu a maturidade.

Erikson[91] discute a adolescência como a fase inicial para a formação da identidade. Neste contexto ele discute tanto aspectos do desenvolvimento físico e psíquico que influenciam a construção desta identidade, a ideologia

---

[90] DOLTO, F. Op. Cit.
[91] ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*, Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

que norteia a reprodução ou produção dos comportamentos no processo da evolução social, como aspectos relacionados às crises de identidade. Erikson procurou discutir, com especial interesse, a dinâmica dos processos psíquicos e sociais para a construção desta identidade.

"A força psicossocial, em conclusão, depende de um processo total que regula os ciclos individuais, a seqüência das gerações e a estrutura da sociedade, simultaneamente. Pois todos os três componentes do processo evoluíram juntos."[92]

Considerada por muitos como uma idade de transformação, os próprios adolescentes a identificam como tal. Para eles, a adolescência inclui um momento de transição para a fase adulta, ou seja, fase em que a maioridade civil é um signo importante. Estes acreditam que aos dezoito anos muitos dos problemas se resolvem:

"Minha idade é problemática mas é só passageiro. Acho que quando eu tiver uns dezoito anos já vai ter estabilizado tudo porque é uma fase de transição de personalidade... eu sei que passa... vou aprender muitas coisas, porque isso é só uma busca de personalidade, meus próprios conceitos sobre tudo, prá estabilizá-los, certo?"(Eduardo, 15a.)

Assim, a maioridade, enquanto uma construção legal, vai sendo assimilada pelos adolescentes como um momento "mágico" de passagem de adolescente para adulto, na qual aparecem, de fato, as verdadeiras responsabilidades legais e jurídicas.

Para Alberto, que completara dezoito anos dois dias antes da entrevista, a concretude de sua transição para a idade adulta, ou para a "maioridade", como ele designou, foi a carta de motorista que ele recebeu no mesmo dia de seu aniversário. Para ele, este documento ao mesmo tempo

---

[92] Idem. Op. Cit. p. 141

que simboliza independência e liberdade, significa uma assunção de novas responsabilidades e um compromisso legal com outras instituições sociais:

"Agora eu tenho que... tudo que eu faço sou eu que assumo, nada é meus pais...eu já respondo pelos meus atos... se um adolescente mata uma pessoa, não acontece nada, mas se ele é de maior ele já vai preso..."(Alberto, 17-18a.)

Por outro lado, Alberto não conseguiu se perceber como adulto, pois para ele ser adulto inclui outras atitudes:

"Adulto... ser adulto é uma pessoa que trabalha prá sustentar a família... eles não brincam porque tem vergonha da sociedade, então só vivem trabalhando..."(Alberto, 17-18a.)

Socialmente subentende-se, ainda, uma fase posterior à adolescência e anterior à idade adulta onde as preocupações são semelhantes à esta: a idade de um jovem adulto

As representações que se formam em relação à idade, como para muitas outras, têm como base a *"reprodução de esquemas de pensamento socialmente estabelecidos, de visões estruturadas pelas ideologias dominantes, ou sobre o desdobramento análogo das relações sociais".*[93]

A noção de idade civil, segundo Ariès[94], ocorreu por volta do século XVI, com o trabalho de registro dos reformadores civis e religiosos das pessoas de camadas mais instruídas da sociedade que passavam pelos colégios.

Ariès destaca ainda uma classificação das "idades da vida" empregada na Idade Média, e que, mesmo com uma noção abstrata e subjetiva, os termos ainda são empregados em nossos dias com significados semelhantes: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e

---

[93] JODELET, D. Op. Cit. p. 366
[94] ARIÈS, P. Op. Cit.

senilidade. O adulto, assim como o adolescente, faz parte da fase da vida chamada, pelos sociólogos, de juventude.

Mannheim discute a questão das idades na perspectiva de geração fazendo uma analogia com a situação de classe. A idade pode ser considerada enquanto dimensão cronológica mas, sobretudo, uma relação sócio-histórica.

"La situation de classe et la situation de génération (appartenance à des classes d'âges voisines) ont en commum de circonscrire, du fait de leur situation spécifique dans l'espace socio-historique, les individus dans un champ des possibles determiné et de favoriser ainsi un mode spécifique d'expérience et de pensée, un mode spécifique d'intervention dans le processus historique."[95]

Gérard Mauger[96] desenvolveu algumas considerações sobre as idéias de Mannheim reconhecendo nelas uma analogia entre a teoria das gerações e a teoria marxista das classes sociais.

*"A une situation (de classe ou de génération) correspond une 'tendence à un * de comportement, une façon de sentir et penser determinés' ou, dans le vocabulaire de la théorie de l'habitus, des 'schèmes de perception, de représentation et d'action'. 'La tendence inhérente à une*

---

[95] MANNHEIM. K. *Le Problème des Générations.* Paris: Nathan, 1990, p. 45. "A situação de classe e a situação de geração (vinculação à classes de idade vizinhas) têm em comum, delimitar, a partir do fato de sua situação específica no espaço sócio-histórico, os indivíduos num campo determinado das possibilidades, e de favorecer, assim, um modo específico de experiência e de pensamento, um modo específico de intervenção no processo histórico." (Tradução minha).

[96] MAUGER, G. Pós-Fácio do livro *Le Problème des Générations*, Op. Cit. p..99. "A uma situação (de classe ou de geração) corresponde a uma 'tendência a um modo de comportamento, uma forma de sentir e de pensar determinados' ou, no vocabulário da teoria do *habitus*, dos 'esquemas de percepção, de representação e da ação.' 'A tendência inerente a uma situação' na teoria das gerações de K. Mannheim tem por equivalente o *habitus* na teoria de Bourdieu. (Tradução minha).

situation' dans la théorie des générations de J. Mannheim a pour équivalent l'habitus dans la théorie de P. Bourdieu."

Mauger relaciona, assim, as idéias discutidas no estudo das gerações de Mannheim àquelas desenvolvidas por Bourdieu no estudo de *habitus*. Assim, as representações dos adolescentes, construídas nas suas relações familiares e sociais, seriam elementos estruturados e estruturantes de seu *habitus*.

As suas representações de adolescência são obtidas, também, a partir de seus esquemas de percepção, dos significados difundidas no contexto sócio-histórico em que vivem.

Neste capítulo são apresentadas as discussões referentes à expressão dos adolescentes sobre a fase de vida por que estão passando: a adolescência. Foram direcionadas, também, discussões acerca das concepções sobre a idade adulta.

O interesse central do estudo ao incluir esta categoria como perspectiva de análise das representações sociais foi destacar elementos e circunstâncias no processo adolescente que influenciariam na construção destas representações. Assim, foram selecionados alguns tópicos orientadores tais como a questão da idade em si, o modelo idealizado, os amigos e os grupos de convivência e a sexualidade.

Durante a entrevista e grupos focais, principalmente, os adolescentes foram inquiridos sobre suas representações do ser adolescente e do ser adulto. Considerando a possibilidade deles projetarem uma imagem idealizada como modelo de identificação, este tópico também foi contemplado na entrevista. Uma vez que os grupos de amigos são mais

consistentes nesta fase da vida, ainda foram contempladas questões sobre as relações com os amigos e com os grupos de convivência mais próximas. As idéias sobre a sexualidade emergiram no corpo das discussões e foram consideradas por constituírem rico material de análise sobre o processo de construção de suas representações sociais. Assim, este capítulo, é composto pelos sub-ítens Representações Sociais das Idades: Adolescência e Idade Adulta; Sexualidade e Liberdade Sexual: das concepções às representações; Representações do Ser Idealizado e Representações Sociais nos Grupos de Convivência.

6.1. Representações Sociais das Idades: Adolescência e Idade Adulta

Os adolescentes constróem suas representações de idades à medida em que suas práticas e suas vivências ocorrem no cotidiano. Eles expressaram suas representações no momento da entrevista, em algumas redações e em alguns trechos da discussão dos grupos focais. Estas representações, ao mesmo tempo em que foram expressas relacionando adolescência e idade adulta, foram construídas tendo gênero como elemento de ancoragem.

Os adolescentes, meninos e meninas, identificam a idade adulta como uma fase de obrigações, de deveres. Assim, dentre as obrigações representativas da idade adulta, os adolescentes destacaram que o adulto tem que: ter responsabilidade, ter maturidade, enfrentar mercado de trabalho, ser sério no trabalho. Para os adolescentes, os deveres de quem é adulto, incluem ter uma profissão, ser independente, ter responsabilidade com a família, assumir conseqüência dos próprios atos. Para os adolescentes, ser adulto é

desvantagem em relação a ser jovem, é mais difícil e é totalmente diferente que ser jovem, pois o adulto sempre tem mais responsabilidade e menos lazer que o jovem.

Por outro lado, para os adolescentes, a adolescência é significativa principalmente pelas vantagens que esta idade representa. Assim, a representação da adolescência está fortemente associada à idéia de vantagens, seja pela despreocupação com o trabalho seja com as inúmeras possibilidades de usufruir de diversas formas de lazer. Para estes adolescentes, portanto, além de ser vantajoso, porque os adolescentes não têm responsabilidades nem obrigações, a adolescência é uma fase da vida em que tudo é permitido porque eles ainda estão "aprendendo muita coisa".

A incidência das representações da idade adulta se evidenciavam entre obrigações, deveres e desvantagens, portanto, aspectos que, na perspectiva dos adolescentes são negativos. Para a adolescência, por outro lado, eles destacaram somente aspectos positivos, destacando apenas vantagens para esta fase da vida.

Assim, para os adolescentes, o ser adulto detém mais representações negativas que positivas, uma vez que demanda mais obrigações que permissões, mais desvantagens que vantagens.

Os meninos, mais que as meninas, reconhecem a adolescência como uma fase de descompromisso, principalmente em relação ao trabalho. Meninos e meninas acreditam que esta fase é de preparação para a vida adulta mas, na adolescência, eles têm "menos preocupação que o adulto". Assim, os adultos são representados com uma associação ao mundo do trabalho e os adolescentes associados ao lazer, diversão, despreocupação.

"... o adulto, ele é responsável... trabalha... mas o jovem também é responsável, mas não tem tanta responsabilidade como o adulto..."(Carlos, 16a.)

As divisões das idades da vida hoje empregadas, foram incorporadas ao senso comum e são largamente utilizadas por todos tanto para se auto-categorizarem assim como categorizarem ou classificarem os outros.

No entanto, os adolescentes se reconhecem tanto em função de sua idade cronológica, como também por suas experiências e determinadas práticas sociais, como formas de vestir, falar e por classe escolar que freqüentam. Eles estabelecem determinadas práticas de comportamento que atendem às suas expectativas e das pessoas com quem convivem. Estas práticas são determinadas e determinantes de diversas representações dessas fases da vida.

Françoise Dolto[97] sintetizou, em um quadro, algumas características marcantes entre adolescentes durante a fase de 10 a 16 anos em referência à Emotividade, Afirmação da Personalidade e às Relações Sociais.

As reflexões de Dolto interessam ao estudo, sobretudo, na faixa entre 14 e 16 anos, em referência à afirmação da personalidade, porque neste processo os adolescentes estruturam suas representações e estas estão perpassadas pelo elemento gênero. Em suas relações sociais, na convivência familiar e com os amigos, todo este processo vai adquirindo uma significação própria.

Não resta dúvida que Dolto conseguiu captar e expressar bem toda dinâmica do processo construtivo do comportamento adolescente. Por outro lado, a categorização destes aspectos em função da idade não pode ser tão

[97] DOLTO, F. Op.Cit. p.66

rígida, uma vez que a incidência destas características nem sempre estão fechadas numa só idade da vida. Porém este esquema apresenta-se como uma eficiente forma de demonstrar as transformações das atitudes dos adolescentes frente ao seu lado emocional e social. Ele traduz, fielmente, todo um processo de transformação em que sentimentos contraditórios se debatem com freqüência e intensidade, em que as atitudes dos adolescentes enquanto processo de auto-afirmação da personalidade é bem evidente.

Se por um lado a divisão em idade apresenta uma forma didática de compreender estas expressões de desenvolvimento psicológico e social, por outro, ela estabelece um rigor etário nem sempre tão determinado.

Logo abaixo encontra-se uma parte do quadro sobre o Crescimento e o Comportamento de Adolescentes entre 10 e 16 anos, elaborado por Dolto[98] sobre os aspectos relativos à emotividade, afirmação da personalidade e relações sociais de adolescentes entre 10 e 16 anos.

Do seu quadro original aparecem somente os aspectos relativos a Afirmação da Personalidade e às Relações Sociais dos adolescentes na faixa etária de 14 a 16 anos, para comparar seus dados com os obtidos neste estudo.

As constatações do comportamento adolescente tanto na afirmação da personalidade quanto nas relações sociais, têm certa influência com os dados obtidos no estudo, o que poderá ser visto mais adiante.

---

[98] DOLTO, F. Op. Cit. p. 64 - 65.

Crescimento e Comportamento de Adolescentes

Idades	**Afirmação da Personalidade** (Procura de si, valores, interesses)	**Relações Sociais** (Parentes, irmãos, irmãs, amigos...)
14 Anos	procura de si mesmo em relação aos outros; ansioso de ser amado; desejo de independência; pressa de crescer; deseja um mundo melhor; interesses e atividades sociais mais equilibrados.	critica seus pais; freqüentemente incomodado por sua família; sente necessidade de romper os laços e afirmar sua independência: dificuldades com os irmãos de idade próxima; formação de grupos de amizade baseadas em interesses comuns; meninas se interessam mais pelos meninos que os meninos pelas meninas.
15 Anos	se interessa por aquilo que o diferencia dos outros; desejo de felicidade pessoal; gostos e interesses pessoais tornam-se mais precisos.	se afasta de seus pais dos quais ele aceita mal as demonstrações de afetuosidade; encontra suas principais satisfações sociais próximo aos seus amigos e nas atividades fora de casa; melhoria das relações com irmãos e irmãs; grupos mistos onde se desenvolvem as relações de amizade privilegiadas.
16 Anos	sentido de si, independente, confiança em si, estado de equilíbrio e de segurança; valores de bondade, sucesso e progresso pessoal.	melhores relações na família mas preferem a companhia dos amigos à dos pais; protetor dos irmãos e das irmãs mais jovens e bom entendimento com os mais velhos; considera os amigos como um fator muito importante em sua vida.

Consideradas idades de grandes transformações físicas e psíquicas, nesta fase os adolescentes admitem que passam a compreender o mundo sob novas perspectivas, reavaliam suas representações sociais a partir de novos significados, e são estes significados que redirecionam suas práticas, valores e crenças.

"...As pessoas impõem tantas coisas, né? Os pais e... é logo nessa idade que você começa a dar sua opinião, a dar o contra... porque quando você é criança, você não... aceita tudo que te impõem. Agora, nessa idade não, você já começa a ver o que serve e o que não serve."(Juliana, 16a.)

No entanto, se por um lado, os adolescentes ao compararem adolescência com a idade adulta admitiram que ser adolescente tem mais vantagens que ser adulto, por outro lado, eles reconhecem que, considerando a adolescência enquanto fase da vida sem compará-la com a idade adulta, também pode ter aspectos que são desvantajosos.

Assim, os adolescentes manifestaram inúmeras expressões sobre o significado desta fase, que variavam entre conceitos negativos ou positivos, reconheceram que nesta idade enquanto afetos às mudanças físicas, mentais e sociais, sobresistem as preocupações, principalmente com o futuro profissional.

No Quadro 12 estes conceitos aparecem como Representações de Adolescência para meninos e meninas. Apesar deles levantarem vários pontos críticos dessa idade da vida, no discurso das meninas, mais que no discurso dos meninos, houve referência à adolescência como uma fase positiva. Aliás, somente no discurso das meninas foi feita alguma referência ao que sentem em relação à idade que tem: se gostam, não gostam ou têm uma posição neutra em relação a ela.

Os meninos falaram com mais freqüência da adolescência como fase de transformações do que as meninas. Por outro lado, ambos, meninas e meninos, disseram que nesta fase da vida ao mesmo tempo que começa a independência, eles têm que ser mais responsáveis. Os adolescentes mencionaram ainda que a adolescência é idade de contradições ou de restrições.

Quadro 12. Representações da Adolescência

Representações	Freqüência	
	Menina	Menino
Positiva (Gosta, acha ótima, boa, melhor idade da vida)	14	8
Neutra (Gosta, mas tem lados Positivos e Negativos, Não sabe)	6	-
Não mudou nada/ Ainda se acha criança	2	-
Fase de Preparação para Vida Adulta/ Passagem para vida adulta/ Preparação para o futuro/ Idade de Transformação/ Idade de Mudança/ Fase de Transição	6	15
Começa Independência / Busca de Personalidade/ Adquire experiência Idade de Descobertas/ Idade de Aprendizagem/ Tem que ter mais Juizo/ Cria Maturidade	12	12
Traz certa comodidade/ Idade de aproveitar/ Sem preocupações	9	5
Idade de Contradições/ Indefinida/ Muita Dúvida/ Tempo Rebelde/ Idade Confusa/ Complicada/ Todo mundo meio bobo	8	6
Mais Responsabilidades na Escola/ Certa Responsabilidade	5	6
Idade de Restrições/Sem liberdade/Imaturo/ Idade Difícil /Fase Difícil/Idade Problemática	5	6
Idade em que fica mais com amigos	2	-
Idade de aproveitar, mas com limites	2	-
Idade de lutar pelos objetivos	1	-
Tem muita irresponsabilidade	1	-
Dificuldades por causa da escolha profissional/ Insegurança	1	1
Principal Idade da vida	1	-
Começa a se sentir mais velha	1	-

Ao mesmo tempo que fazem referência às restrições que vivenciam, levantam a questão da decisão sobre a escolha profissional, apesar de poucos expressarem explicitamente esta relação de causa e efeito.

Dentre as complicações que estes adolescentes falaram da adolescência, Carlos e Camila (5,8%) mencionaram coisas de namorar; Henrique, Juliana e Ticiane (8,8%) falaram sobre as dúvidas na escolha profissional e vestibular.

Realmente, nesta fase da vida, os jovens tem muitas dúvidas quanto ao futuro profissional, pois faz parte de uma dinâmica na sociedade moderna o estabelecimento de expectativas sobre a formação do adolescente e suas escolhas para o ingresso no mundo do trabalho.

Erikson chama atenção sobre as perturbações por que passam os jovens quando na época de decidir sua identidade ocupacional e os riscos das confusões de identidade daí advindas.

"...nossa, é uma coisa tão complicada... é justo nessa hora que você tem que decidir o que você quer para você, o que você quer ser, você tem que construir sua personalidade, né?" (Juliana, 16a.)

"...é uma fase assim muito confusa, né? tem também, daqui a pouco, tem vestibular por aí, e ainda assim até parece que ainda me acho criança ainda, eu tô muito, eu acho muito confuso. E também se eu tô preparada, porque eu me acho muito criança."(Ticiane, 16a.)

O fato dos progressos tecnológicos ampliarem a vida escolar e retardarem a entrada do jovem no mundo do trabalho especializado, segundo Erikson[99], pode significar um período acentuado e consciente, que transforma, cada vez mais, a adolescência em *"um modo de vida entre a infância e a idade adulta."*

Neste sentido, Dolto[100] destaca que os rituais de iniciação estariam sendo substituídos na sociedade moderna por "projetos de vida":

"...eu penso em terminar a faculdade, me formar, né? ter o meu emprego assim, né?"(Priscila, 16a.)

"Ah! ser jovem é assim, supor, curtir a vida prá caramba, estudar, sair, namorar, fazer tudo que tem direito num determinado momento. Aí depois, quando você vai ficando velho, você vai perdendo essa vontade, você vai deixando de fazer coisa que quando você, era jovem fazia, porque é nessa idade: jovem."(Hariana, 15a.)

---

[99] ERIKSON, E. Op. Cit.
[100] DOLTO, F. Op. Cit.

Os fatores resultantes da convivência do adolescente no seu cotidiano, nas suas relações com o mundo, intervêm na construção de suas representações. Ao mencionarem as dificuldades e facilidades que enfrentam no cotidiano e as mudanças por que passam, as permissões e proibições nas relações com os pais estes adolescentes apontam os elementos constituintes de suas representações. Os adolescentes estabelecem as diferenciações entre a infância e esta fase da vida.

"Agora eu acho que é... a hora que a gente... tem responsabilidade, já tem deveres prá fazer, porque quando a gente é criança, não tem obrigação prá fazer nada... tem em parte... mas agora não, a gente tem que saber se tá indo bem na escola..."(Cristina 15a.)

Quando falam da adolescência e de seus significados, eles evidenciaram um ponto em relação às diferenças de tratamento, por parte dos pais, para meninos e meninas.

Entre estes adolescentes, as representações das idades estariam, portanto relacionadas às representações sociais de gênero.

De Barbieri[101] levanta e discute a questão da idade associada às diferenças sexuais e, neste sentido, faz referência, por exemplo, a determinados grupos sociais de regiões da cultura andina, onde as mulheres, após a idade da menopausa, adquirem uma colocação especial na hierarquia deste grupo. Segundo suas observações, o sistema sexo/gênero encontra-se firmemente associado, determinando representações conjugadas e conseqüentes.

Assim é que à medida em que as representações da adolescência para estes adolescentes, incluem aspectos agradáveis, as dificuldades que enfrentam, as mudanças e transformações por que passam, dúvidas,

---

[101] DE BARBIERI, T., Op. Cit. p.34

incertezas e, sobretudo, a assunção de responsabilidades novas, estas podem incluir perspectivas diferenciadas para meninos e meninas.

"Acho a minha idade muito boa porque eu tenho 15 anos, eu gosto dela... essa é minha idade predileta. Eu gostaria de ter 15 anos prá sempre. Eu acho que 15 anos a gente já é um adolescente, não tem aquelas preocupações de família, assim, só estudar e diversão, acho que essa idade é boa prá isso..."(Adriano, 15a.)

"Uma idade assim, um pouco complicada. Por causa que 'tamos' passando assim, por diferenças, né? Mas é uma fase difícil, assim, que a gente passa na vida..."(Carlos, 16a.)

A questão da idade no relacionamento familiar foi apontada pelos adolescentes como motivo para permissões e proibições. Os meninos falaram mais de permissões que usufruem no cotidiano familiar, enquanto as meninas destacaram, sobretudo, as proibições que sofrem. Estariam, de fato, estas proibições para as meninas sendo determinadas pela idade?

"Os meus pais não me dão muita liberdade ainda pelo fato de eu ter 15 anos, ainda"(Débora, 15a.)

"...meus pais são legais, eles deixam... não prendem a gente, né? Só quando é assim, a gente vai viajar, né, dependendo do lugar, eles falam que é perigoso..."(Klaus, 16a.)

As próprias meninas reconhecem que seria mais o fato de ser mulher do que propriamente a idade que levaria seus pais a determinar mais limitações para elas do que para os meninos.

O tratamento diferenciado dos pais para com filhos e filhas neste caso, seria mais uma condição da diferença sexual do que da idade. A representação social da idade, então, se confunde com a própria representação de gênero e as diferenças de idade e as etapas da vida constituam uma parte do sistema sexo/gênero, tal como De Barbieri (1991) teria colocado.

O fato descrito por três meninas, por exemplo, ilustra bem esta relação. O pai de Ticiane a proibia de sair sozinha à noite alegando que ela não teria idade, ao contrário de seus irmãos mais velhos. No entanto, esta mesma alegativa era posta pelos pais de Nicole e Giovana, cujos irmãos eram mais novos. Ambas admitiram que, apesar de mais novos, seus irmãos tinham as permissões que eram negadas a elas. Assim, poderia se pensar que o sistema idade/sexo tem se mostrado permanente para as meninas e circunstancial para os meninos.

No entanto, relação proibição - permissão adquire um novo sentido em relação a representação de gênero entre os adolescentes, diante da análise do desenho do cotidiano, como descrito anteriormente no tópico Autoridade: permissões e proibições.

A permissão ou proibição seriam consideradas como fatos conseqüentes e circunstanciais da idade. Existe uma relação de poder, institucionalmente aceita, que se mantém através do dever dos pais de educar os filhos. Estes, por outro lado, devem obediência aos pais, incorporam esta relação e a reconhecem como necessária ao seu desenvolvimento e educação.

Remi Lenoir [102] considera as categorias de idade como uma forma de definir poderes entre as gerações nos diferentes ciclos da vida. Este poder, incorporado não seria repassado aos mais jovens mas conquistado por eles.

No discurso do adolescente não é explícita a percepção desta idéia de dominação e poder entre adulto e jovem, pelo contrário. Para eles, o adulto, enquanto uma pessoa que está envolvida no mundo do trabalho, tem mais

---

[102] LENOIR, R. Objet sociologique et problème social. In: CHAMPAGNE, P. et alli (org.) *Initiation à la Pratique Sociologique.* Paris: Dunod, 1989.

desvantagens em relação ao jovem. Isto porque, o adulto, tem mais proibições que permissões, mais limitações, obrigações e responsabilidades com o trabalho, tem deveres no sustento com a família, casar, enfim, dar continuidade ao ciclo da vida. E estas não são situações desejadas pelos adolescentes.

Lenoir[103] se refere à luta de poder nos diferentes momentos do ciclo da vida, principalmente entre os "jovens" e os "adultos". *"C'est précisément la determination de cet âge, moment où les générations les plus jeunes contraignent les générations les plus agées à se retirer des positions de pouvoir afin de les occuper à leur tour, qui constitue l'enjeu de la lutte entre les générations."* [104]

Esta luta de poder, por sua vez, tem algumas características próprias na sociedade moderna. O constrangimento tem um objetivo direto em afastar os mais jovens dos cargos de direção e poder na medida em que as instituições sociais, família, escola, etc., utilizam mecanismos para prorrogar sua assunção estabelecendo etapas definidas para a passagem de adolescente a adulto.

Estas etapas vão desde a escolarização prolongada, prorrogando o ingresso no mundo do trabalho, à passagem por experiências de iniciação ao domínio dos códigos e signos do mundo adulto, até à aquisição dos documentos civis tais como a carta de identidade, a carta de motorista, título de eleitor, certificado de reservista dentre outros. A idade civil da maioridade

---

[103] LENOIR, R. Op. Cit..

[104] ____Op. Cit. p.64. "Esta é precisamente a determinação desta idade, o momento em que as gerações mais jovens constrangem as gerações mais idosas a se retirar das posições de poder a fim de ocupá-las, que constitui o jogo da luta entre as gerações" (tradução minha).

é que vai determinar o início do período de utilidade do indivíduo na sociedade.

Durante seu ciclo de vida cada pessoa "se prepara" para alcançar esse grau de utilidade. Essa noção está devidamente incorporada pelos adolescentes, haja vista suas considerações sobre a adolescência: "é uma preparação para a vida adulta"; "idade de formar a personalidade"; "preparação para ficar independente". Os adolescentes, vivenciando uma realidade ideologicamente construída, não se apercebem que existe uma luta de poder subjacente à esta situação geracional e que implica uma submissão, justificada pelas estruturas e instituições sociais que os controlam.

A idealização e o prolongamento artificial da juventude na sociedade como uma fase a ser usufruída ao máximo, o culto ao ideal do belo e jovem, mantém os adolescentes afastados por mais tempo da esfera de poder e de dominação.

Ao que parece, estes adolescentes não se reconheceram em luta com a outra unidade geracional. Na verdade os adolescentes deste grupo específico, falaram da satisfação de ter a idade e a posição que ocupam.

Na própria realidade de seu grupo social, os adolescentes acreditam que é realmente necessário o cumprimento de todas as etapas - educacionais e jurídicas - para se tornar um adulto.

Pode-se pensar que o fato de ainda se encontrarem na fase da vida anterior a jovem adulto esta luta de poder contra a outra unidade geracional ainda não está explícita. Por outro lado, a relação de dominação ocorre na medida em que os pais proíbem os filhos adolescentes de fazerem

determinadas atividades que eles desejam. Ao alegar a idade da filha como justificativa de proibir uma saída, por exemplo, os pais estão, na verdade, camuflando as verdadeiras razões para tais proibições.

Para os adolescentes, mesmo que ocorram proibições tanto para meninos como para meninas, há uma forte representação entre os adolescentes que esta relação de poder dos pais para com os filhos tem mais a referência gênero que mesmo a idade. As meninas, mais que os meninos, falaram das proibições, evidenciando esta diferença.

Considerando seu *habitus*, os adolescentes fizeram referências apenas, o que era de se esperar, a sua própria realidade.

Não se pode esquecer, porém, que existem adolescentes trabalhadores e que, para estes, os significados da idade adquirem representações totalmente diferentes.

Numa categoria social em que as pessoas são pobres, por exemplo, em que os adolescentes precisam trabalhar para manter a casa, a representação desta fase da vida não é diferente da representação da idade adulta em relação à responsabilidade e trabalho. Talvez, para estes adolescentes, esta idade até represente a segurança de trabalho pois, como se sabe, atualmente no Brasil, o contrato de trabalho de menores finda quando este completa dezoito anos. Portanto, para um adolescente de 15 anos, que tem uma relação trabalhista, a idade adulta representa, de imediato, desemprego.

Durante as primeiras sondagens e testagem dos instrumentos de pesquisa entre adolescentes de diferentes categorias sociais, tive oportunidade de conhecer de perto esta situação. Um adolescente de 17

anos, pertencente a classe social pobre, estava prestes a fazer dezoito anos, foi entrevistado. Ele falou justamente de sua preocupação pois, ao adquirir a maioridade civil, perderia o trabalho em uma empresa, cujo cargo é destinado aos menores de idade. Assim, ter dezoito anos para este menino, lhe provocava angústia, representava perda econômica e uma conseqüente desvalorização de seu status no interior de sua família. Ele não teria, por enquanto, condições de contribuir com o orçamento familiar.

Assim, no nosso contexto social, este é um dos fatos que comprova que a idade não é apenas um dado numérico, mas um elemento que influencia e é influenciável por todo um processo bem mais complexo, determinante e determinado por aspectos sociais, políticos e econômicos.

6.2. Sexualidade e Liberdade Sexual: das Concepções às Representações

Embora não colocada diretamente como uma questão, em alguns momentos da entrevista e dos grupos focais, meninos e meninas também falaram sobre sexualidade, e este tema foi diretamente abordado em uma redação fornecida pela professora: "A juventude de hoje e a liberdade sexual". Apesar de tratar explicitamente sobre sexualidade, a temática da redação direcionava a discussão para a questão das permissividades, o que induz, de maneira implícita, a um discurso sobre as proibições.

Tanto na entrevista, como nos grupos focais e na redação os adolescentes falaram de sexualidade apenas sob a perspectiva da heterosexualidade.

A educação, a partir da própria família, reproduz as diferenças sexuais em relação a comportamento e modos de pensar. Os condicionamentos, no mesmo convívio familiar, são diferenciados e diferenciadores para meninos e meninas. Há, por exemplo, um medo ontológico na família classe média burguesa da sociedade moderna, "desviar" o objeto do desejo, sobretudo dos meninos, para um indivíduo do mesmo sexo.

Na família e na escola, por exemplo, as preferências sexuais de meninos e meninas são incentivadas precocemente, através de vários estímulos e reforço de várias situações, a fim despertar a escolha de um parceiro do sexo oposto.

Com base nas diferenças sexuais biológicas, portanto, as preferências sexuais são previstas e predeterminadas neste contexto e estabelece, sobretudo, que a preferência sexual deve ser por um indivíduo do outro sexo biológico, considerado o oposto.

A princípio, a primeira identidade da pessoa está determinada, portanto, pelos limites de seus caracteres sexuais físicos mais visíveis. No contexto social, toda a simbologia está devidamente construída para compor esta identidade sexual. Esta passa a ser a identidade máxima da pessoa humana, delimitando suas ações, definindo seu percurso social e estabelecendo os parâmetros sociais de toda sua história de vida.

Porém, pode acontecer que esta determinação escape às percepções humanas, e o indivíduo se encontre, biologicamente, no limiar da transexualidade. A sociedade, porém, tem sido apenas dual em relação à aceitação da sexualidade, e qualquer outra forma tem sido tratada, mesmo

na medicina, como "desvio", ou mesmo "aberração" da natureza, passivo de tratamento médico e psicológico.

Aceitar o ser humano apenas como dual no seu sexo biológico, e conseqüentemente em sua sexualidade, ignorando sua multiformidade, tem colocado uma camisa de força nas discussões seja nas questões biológicas, psicológicas bem como nos estudos de gênero. Contextualizadas numa realidade social própria, as pessoas reconhecem e reproduzem essas determinações e construções sociais sobre uma identidade sexual dual, e acreditam serem elas as formas únicas de representar as pessoas.

Nesta parte do capítulo são apresentadas as concepções acerca de sexualidade e de liberdade sexual dentre os adolescentes, discutindo e comparando as posições e representações de meninos e meninas, contextualizando aqueles dos quais obtive dados sobre a família. Como mencionado anteriormente, os adolescentes se referiram somente à heterossexualidade.

Obtive trinta redações, das quais dezessete de meninas e treze de meninos. Doze redações eram de meninas que faziam parte do grupo de vinte e seis meninas que respondeu ao Formulário Situação Familiar. Cinco redações eram de outras meninas: Bianca, Letícia, Renata, July, Jana. Dentre o grupo inicial da pesquisa de dezesseis meninos, seis redações eram de meninos deste grupo e oito redações eram de outros meninos: Jefferson, José, Jacinto, Leandro, Rafael, Tomás, Amaro, Fábio.

Na Entrevista os adolescentes, em alguns momentos, falaram indiretamente de sexualidade. De certa forma o assunto se colocava ao falarem das relações familiares, afetivas, contatos com amigos e o que

pensam sobre as pessoas do sexo oposto. Durante os grupos focais, percebi que este assunto tem algum tipo de censura, principalmente quando o grupo é misto. O assunto é tratado por uma série de códigos determinantes de princípios a serem acatados e seguidos sob o risco de se sentirem excluídos do seu grupo de convivência.

Assim, por exemplo, quando estes adolescentes falaram sobre a proximidade do corpo e as manifestações de sua sexualidade, fizeram uma série de referências a uma parte destes códigos. Nas formas de relacionamento que evoluem na perspectiva do contato corporal, existe o "ficar", o "rolo" e o "namoro". O "ficar", significa um contato físico entre o menino e a menina que se sentem atraídos sexualmente, através de abraços, carícias e beijos. A relação sexual pode ocorrer se a menina, principalmente, não for mais virgem. O "ficar" não significa, necessariamente, ter um envolvimento emocional ou um compromisso de namoro. Eles "ficam", para saber se "dar prá rolar alguma coisa a mais" para saber se o namoro pode vir a dar certo. O "ficar" é o primeiro contato físico para saber se existe afinidade entre os dois. Se os dois gostam das carícias, vem o "rolo", o encontrar-se novamente, mas sem uma definição de compromisso ou horários marcados de encontro. Seria um pouco o encontro ao acaso, porém ambos sabem em que locais podem encontrar o outro. O namoro seria uma etapa posterior, e significa um compromisso de fidelidade, explicitamente declarado e com horários de encontro definidos. Para "ficar" com uma menina, ou vice versa, o adolescente pode solicitar a intervenção de um amigo ou amiga em comum para fazer a ponte, isto é, falar com a pessoa que interessa e sondar se ela "topa ficar". Parece ser uma experiência leve, descompromissada,

despretensiosa, mas se esta experiência se repete inúmeras vezes, "pega mal" para as meninas mais que para os meninos. Algumas meninas revelaram uma certa culpa e reprovação por "terem ficado mais do que deviam..."

"Tem menina assim, que pensa que porque tá na idade assim de encontros, assim, com meninos, acaba virando galinha, assim. Falando que... pensando que... tem que "ficar" com todo mundo para dizer que é mulher, mas isso é só um lado, assim de um certo tipo de pessoa, né? Tem outras pessoas assim, que são mais reservadas, outras meninas são mais reservadas. Tem o meio termo assim, né? Não se expõe muito, mas "fica".(Camilo, 15a.)

A conotação da menina certinha e da não certinha, agora, é decorrência do "ficar muito" e o "não ficar". Uma menina, falando sobre a questão do "ficar", revela certa censura moral que esta experiência lhe provocou:

"As meninas eu não sei também, a maioria acho que não pensa igual a mim, são assim... é... não sei, esse negócio assim de "ficar", entendeu? Tem... que nem... eu tinha uma opinião a respeito disso, só que agora eu mudei completamente. Eu achava que a menina podia "ficar" com um, com outro, não tinha nada... tudo bem... Agora eu acho que... não que eu tenha uma opinião careta, mas eu acho que... eu tenho pelo menos que conhecer mais, entendeu? Sei lá, é como se fosse uma preferência mais pró namoro, né?...Todo mundo passa por essa fase de... acaba de descobrir "fica", "fica", "fica", sabe? Quer descobrir, sei lá... é como se fosse uma descoberta. Aí a pessoa quer aproveitar o máximo, pensa que vai acabar o mundo, né? Aí depois você vê que não é por aí... cair na rede é peixe, entendeu?... Você tem que pensar, tem que ver... se você... uma... completamente falta de romantismo isso, né?... então eu mudei. Tem umas amigas que não mudaram."(Giovana, 15a.)

Se Giddens[105], em referência ao estudo de Lilian Rubin (1989) realizado nos Estados Unidos, reconhece uma surpreendente mudança nas relações entre homens e mulheres, no tocante à vida sexual ressalta que, a

[105] GIDDENS, A. *A transformação da Intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993. p. 18-22.

"transformação da intimidade", ainda detém alguns valores para modelos de comportamento.

Quando falam de sexualidade, as referências não são diretamente ao termo "sexo", mas as poucas meninas que falaram do assunto, empregaram expressões tais como: *"certos assuntos"; "esse tipo de assunto" ; "essas coisas"; "falar de tudo"; "falar besteira"*, quando se referem ao tema sexo; *"os meninos usam as meninas"; "se virar pró outro lado"*, quando se referiam à prática do sexo.

Para algumas meninas, falar de sexo é mais fácil com amigas do que com a mãe e nunca com amigos

"...é lógico que não conto tudo prá ela... principalmente porque existe uma vergonha..."(Camila, 16a.)

"...Porque eu acho que se a gente fizesse umas brincadeiras assim, perto da minha mãe, ela ia ficar meio assustada. Porque a gente fala muita besteira. Maioria que a gente fala é besteira, quase não dá prá aproveitar, né?(Priscila, 16a.)

"...mas acontece que é... porque eu vejo que a maioria das mães, geralmente todas as amigas minhas, ninguém conversa muito com os pais mesmo."(Giovana, 15a.)

"...Íntimo é assim, sobre sexo, essas coisas assim, sabe? Comentários... Daí eu já não comento muito com meus amigos, sabe? Daí eu prefiro menina que já conhece nosso corpo, sabe do que eu tô falando, tem a mesma língua, né? Já menino assim, nessa parte, já não dá muito certo."(Juliana, 16a.).

Algumas meninas falaram que os meninos podem usufruir da sua sexualidade com mais liberdade que elas. Há, porém uma contradição no discurso de uma menina sobre o direito a sexualidade e a igualdade de direitos entre homem e mulher.

"Ah, tem coisas que o homem pode fazer que a mulher não pode fazer. Digamos, homem... não que não pode, sabe? Por exemplo, homem fica fazendo as noitadas dele, da vida. Mulher já não. Mulher não faz isso. Pelas que eu conheço, não fazem(risos). Acho que não é muito legal também homem que vê essas mulheres... eles gostam, é lógico. Eles ficam com

essas garotas, eles fazem que.. acompanham junto, eles... mas eu acho que na hora de ter alguma coisa mais séria eles procuram as quietinhas. "(Débora, 14a.).

Essas idéias dicotomizam o comportamento da mulher e do homem: homem caçador, mulher é a caça; homem tem que ser danado e mulher, certinha. Esta menina acredita que homem e mulher devem ser realmente diferentes: para ela, "homem deve ser mais fogueteiro e mulher mais caseira". Ela não acha "muito legal a discriminação da mulher" mas acha que "tem que ter diferenças." Ela considera uma perspectiva contraditória pois ao mesmo tempo que acredita que a mulher deve ter liberdade, acredita que ela precisa ser "comportada" para obter o "prêmio do casamento feliz".

Um menino que disse conversar com sua mãe sobre sexo:

"Com minha mãe?... geralmente com minha mãe eu converso sobre coisas mais assim... é... coisas mais fortes, assim... falo de amor, falo de sexo, falo de... de problemas, né?"(Fabrício, 15a.)

Falar de sexo é falar de *"coisas mais fortes"*. Este menino contou ainda que sua mãe lhe falou que menina que tem muita liberdade de sair à noite, não serve, que se ele fosse menina, ela não o deixaria sair à noite. Ela classifica a mulher em certinhas e não certinhas. Fabrício parece ter assimilado o discurso da mãe quando fala:

"...a gente conversa assim com elas, coisas que a gente conversa, coisas que elas falam assim... aí eu fico até surpreso porque sempre a gente tem... a mulher, ela é coisa mais ou menos assim, muito... muito santinha assim, sabe? Você nunca é... então às vezes... converso com um colega às vezes assim, coisas que a gente fala, nossa!, essa menina é isso?..."(Fabrício, 15a.).

Há uma tendência para uma representação do menino como alguém sexualmente ativo, dono do assunto e da situação. As meninas, por outro lado, deveriam se apresentar, em termos de sexo, como certinhas e

sexualmente corretas, "não ficando com todo mundo". O cuidado com o corpo da filha, para a família ainda é o grande mito. Um menino diz:

"...o pai se preocupa mais com a filha mulher do que com o filho homem. Como o comportamento masculino, como o pai já sabe, é diferente, ele pode... ele, como é que eu vou dizer... ele pode abusar. Ele sabe que o temperamento do homem assim, é diferente, o homem pode abusar da filha dele..."(Daniel, 14a)

Permanece assim, idéia de preservação para a mulher e dos riscos para o homem, tal como discutiu Giddens[106] a respeito da "moça certinha" e do rapaz audacioso, característicos de uma determinada época. Nos discursos destes adolescentes, portanto, gênero aparece como elemento norteador de suas representações sobre sexualidade mesmo uma projeção de suas atitudes. Isto mesmo quando parecem não falar de si mesmos.

Quando escreveram sobre o tema, eles o trataram de uma forma impessoal, mas, de certa forma, se colocaram na situação, manifestando seus próprios pensamentos.

Para vários adolescentes a "liberdade sexual" foi uma conquista, de gerações passadas.

"Devido a gerações anteriores, a juventude de hoje encontra-se em um grau muito avançado da chamada liberdade sexual. Isto nos traz pontos positivos e negativos"(Ticiane, 16a.).

O discurso de meninos e meninas sobre liberdade sexual foi muito semelhante. Alguns condenaram a liberdade sexual e outros falaram que tem seu lado positivo e o seu lado negativo. Por outro lado, foi entre as meninas que apareceu algum discurso de aprovação da liberdade sexual.

"Hoje em dia há muito mais diálogo, explicações e liberdade a respeito do sexo...Com as dúvidas esclarecidas, o comportamento sexual tomará um caminho para a vida."(Giovana, 15a.)

---

[106] GIDDENS, A., 1993, Op. Cit.

"Transar, curtir este momento, é uma forma de se libertar, tendo a sensação que o jovem também pode ter este prazer."(July)

"Outras vezes num namoro, havendo uma relação sexual, é muito proveitoso para se consolidar e unir mais essas pessoas."(Hariana, 15a.)

Outras meninas condenaram a liberdade sexual quando ela é apenas por busca de prazer e quando não há amor. Elas também condenaram esta liberdade, se reportando à questão religiosa e a um desvio da educação dos adolescentes por parte dos pais:

"A juventude de hoje está descontrolada. Os jovens acabaram entrando profundamente em uma relação sexual sem amor, apenas por prazer... a juventude deve estar consciente de que uma relação sexual é boa apenas quando há amor. O jovem ainda não sabe diferenciar amor, paixão e atração. Na minha opinião sexo só tem sentido no casamento."(Renata)

"Mas os jovens estão confundido namoro com sexo. Não estão preocupados com os riscos que isso pode lhes trazer, nem com a distância de Deus que isso lhes causa."(Priscila, 16a.)

"Hoje em dia está ocorrendo muitos problemas com a sexualidade entre os jovens, devido a liberdade que é dada pelos pais... do jeito que o país está, não deveria haver tanta liberdade sexual..."(Ana Paula, 17a.)

Para alguns meninos, a liberdade sexual lembra libertinagem e, neste caso, ela é condenável do ponto de vista moral. A liberdade sexual também é reprovada pelos meninos, quando não existe amor, e pelos riscos de saúde e de gravidez causadas pela desinformação das pessoas. A sexualidade, neste ponto, lembra a campanha de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, especialmente a AIDS.

"Hoje a juventude não se contenta apenas em falar, conversar sobre o assunto sexo, mas se aproveita deste para chegar mais longe, até ao ato sexual. Essa confusão torna-se muito perigosa porque, numa dessas bobas brincadeiras, pode, infelizmente, nascer um filho e, então, quem vai arcar com as conseqüências?"(Daniel, 14a.)

"Segundo meu ponto de vista, esta liberdade sexual atrapalha a convivência amorosa e harmônica entre os parceiros e entre os jovens que começam a descobrir esta relação, essencial para a vida, quando feita com amor."(Danilo)

"A liberdade sexual se torna um problema, porque muitos dos jovens desinformados, por terem vergonha de perguntar, não sabem o risco de gravidez de uma moça na adolescência, não sabem usar corretamente a camisinha e por isso contraem a doença..."(Leandro)

"Muitos jovens procuram o sexo como uma diversão. O que leva a uma grande incidência de meninas de doze treze anos que engravidam..."(Luís Marcelo, 15a.)

Meninas que falaram que a liberdade sexual tem seu lado positivo e negativo, falam que tem de haver limites e falam de riscos se não houver responsabilidade, se houver, o que chamaram, libertinagem.

"Bem essa liberdade tem seus aspectos positivos e negativos. Com a liberdade sexual podemos conversar à vontade com nossos pais, sem medos, nos abrir e falar tudo que sentimos e desejamos.... Mas eu acho que deve haver um limite nessa liberdade sexual... Do mesmo modo que é bom ter liberdade sexual, temos que saber dosá-la e não passar dos limites. Assim como a liberdade ajuda ela pode estragar um relacionamento...Temos que saber conciliar as duas coisas: respeito e liberdade."(Letícia)

"Liberdade sexual, isso é bom ou é ruim? Ora, com certeza qualquer tipo de liberdade é bem-vinda. É necessário saber tirar vantagens, ou seja, usar em seu proveito. O que pode acontecer é o aumento da promiscuidade, principalmente entre jovens que não tenham uma formação sólida."(Bianca)

"...o jovem pode falar e conversar sobre sexualidade. E além disso, hoje em dia, o jovem é informado sobre cuidados que devem ser tomados em relação a gravidez, doenças, etc. E isso ajuda além de tudo, a melhorar o relacionamento sexual e amoroso entre as pessoas. Mas também a liberdade pode ter seu aspecto negativo, quando ela é confundida com libertinagem... o único modo de se fazer bom uso da liberdade, é com muita responsabilidade!"(Nicole, 15a.)

Uma menina chama atenção para a tendência do sexo ser praticado sem amor, o que, tanto para meninas como para meninos, é algo a ser evitado:

"A juventude de hoje está mais preocupada com a liberdade sexual do que com o relacionamento amoroso em si, que envolve o compromisso, a fidelidade, o amor e em conseqüência a liberdade sexual... O segredo de tudo é o amor, o sentimento mais lindo e sincero que uma pessoa pode ter em relação a outra"(Karla,).

Os meninos também se posicionaram sobre a liberdade sexual, lembrando que existem pontos positivos e negativos. Enfatizaram a importância do amor no relacionamento, condenando o sexo apenas por prazer.

"A liberdade sexual pode também aproximar mais as pessoas umas das outras. Por outro lado, tem o sentido negativo da liberdade sexual.... Pode fazer com que as pessoas dêem mais valor ao sexo e esqueçam o amor..."(Fabrício, 15a.)

"Para se ter uma relação sexual é preciso, fundamentalmente, que haja amor e carinho entre as pessoas, pois só assim o sexo servirá como uma demonstração de amor que se tem para com as pessoas."(Tiago, 16a.)

"Um dos fatores favoráveis é que não existe mais preconceito para se esclarecer qualquer dúvida que por ventura venha a surgir sobre determinado assunto. A cada dia novos tabus são quebrados."(Tomás)

Enquanto um assunto que suscita inúmeros debates sobre questões morais e religiosas, a liberdade sexual e a sexualidade para estes adolescentes provocou ainda a manifestação explícita, de preocupações acerca dos riscos diante da liberdade sexual, principalmente por causa da AIDS e a possibilidade de gravidez.

"Outro problema que está no cotidiano de todos nós é a AIDS. É uma doença que não tem cura. As pessoas morrem mesmo..."(Cristina, 15a.)

"Uma gravidez na adolescência, por exemplo, pode trazer sérias conseqüências... sem contar com inúmeras doenças sexualmente transmissíveis e até a AIDS..."(Ticiane)

"Infelizmente a geração saúde atravessa um período de muita dificuldade (AIDS), por isso, muitos ou a maioria das pessoas jovens usufruem ao máximo do que eles ainda podem aproveitar, um sexo seguro, só para sentirem não mais do que o essencial, que é o prazer de amar."(Rafael)

Rafael se reporta justamente à denominação "geração saúde", em referência à adolescência que, segundo o modelo presente no meio cultural nestes últimos anos do século XX, tem divulgado o esportista como a imagem idealizada do jovem.

Foi idéia comum, tanto entre meninos como entre meninas, que a liberdade sexual tende a eliminar o amor dos relacionamentos, que a liberdade sexual leva o jovem a pensar no sexo só por prazer e não por amor que é preciso não confundir liberdade com libertinagem. A felicidade não está nos desejos sexuais mas no amor entre as duas pessoas.

Por outro lado, nenhum menino tem um discurso de aprovação à liberdade sexual como algumas meninas.

Uma coisa que chama atenção nos discursos de meninas e meninos é a forma impessoal, não no aspecto literário, mas no uso da palavra "jovem" e "juventude" como se não falassem de si mesmos. Eles falaram, na maioria da vezes, em tese, e sempre empregando o masculino, mesmo as meninas. É como se para falar de sexo, o sujeito da ação devesse ser do gênero masculino.

6.3. Representações do Ser Idealizado

A vida imaginária do sujeito, iniciada na infância, não se rompe, mas se modifica durante o período da adolescência. Durante este período de tomada de consciência de uma vida extra familiar, o adolescente tem na família seu "valor refúgio" e busca se auto-afirmar no mundo social, onde o grupo de amigos, os companheiros de escola e de vizinhança adquirem um significado especial.

Com os amigos, eles constituem um grupo escolhido e, com ele, o adolescente vai vivenciar este segundo período imaginário, como uma forma de apoio extrafamiliar, necessário à afirmação de sua personalidade e

formação de sua identidade. O adolescente troca os modelos familiares por outros que estão fora da família.[107]

Dolto refere-se, ainda, aos modelos de juventude através dos séculos e às imagens tutelares femininas impostas pelo meio cultural, presentes na sociedade moderna como modelos de comportamento que foram assumidos ou que estão sendo divulgados para os jovens. As representações ideologizadas apresentariam um modelo, uma postura que seria assimilada. Estes modelos de juventude que tem atravessado os séculos perpassam uma imagem estereotipada daquele lutador e vencedor, envolvido em embates significativos para sua época.

Diante desta realidade, procurei identificar entre os adolescentes se eles têm algum tipo de modelo e como eles lidariam com este modelo. Erikson[108] discute sobre a importância do adolescente definir um "modelo" em que a afirmação da personalidade se processa para a construção da identidade.

Na entrevista foi colocada uma questão que buscava captar dos adolescentes algum modelo significativo para suas atitudes. No entanto, como a questão foi colocada durante a entrevista logo após o adolescente ter falado sobre sua família, isto pode ter sugerido um referencial no âmbito familiar o que não era, a princípio, a intenção deste estudo.

O objetivo era saber dos adolescentes qual sua representação mais significativa de pessoa. Assim, interroguei se eles gostariam de se parecer com alguém, pertencente a sua família ou não, e com quem.

---

[107] DOLTO, F. Op. Cit.; ERIKSON, E. Op. Cit. e DAVITZ, Lois & Joel. Op. Cit. fazem referência a este processo de desenvolvimento do adolescente.

[108] ERIKSON, E. Op. Cit.

Os meninos foram unânimes em dizer que não gostariam de ser parecidos com ninguém. As meninas por outro lado, tiveram suas respostas variadas. Dentre as meninas 50% admitiu, ao contrário dos meninos, que gostariam de se parecer com alguém, citando figuras femininas, sobretudo, como o modelo ideal. Algumas afirmaram que gostariam de se parecer com a mãe, uma prima, uma tia ou outra pessoa, e mesmo com personagens de série de TV. Outras, assim como os meninos, afirmaram que não gostariam de se parecer com ninguém.

Seis meninos dentre quatorze (42,8%) afirmaram que não gostariam de se parecer com ninguém:

"Alguém?... bom, parecido?... Acho que não, acho que gosto do jeito que sou e...tem que ser desse jeito mesmo porque eu tenho que sofrer as coisas que eu tenho que sofrer mesmo."(Fernando, 16a.)

"Não. Acho que esse alguém você tem que procurar dentro de você, tem que se parecer com a imagem que você faz e não alguém em pessoa."(Henrique, 15a.)

"Ninguém. Tô contente com aquilo que eu sou"(Alberto, 18a.)

"Olha, gostaria de ser parecido comigo mesmo. Eu não gostaria de ser parecido com ninguém. Eu acho que cada um tem a personalidade que tem, cada um tem que ser o que é, eu nunca pensei em ser ninguém...Tanto é que nunca senti inveja de pessoa nenhuma..."(Fabrício, 15a.)

"Não, não tenho não, por mim eu acho que uma pessoa que eu tivesse que escolher, seria eu mesmo, acho que inveja, essas coisas parecidas, não têm nada a ver."(Adriano, 15a.)

"Parecido?... não. eu acho que não... parece que não...(Marcelo, 16a.)

Dois meninos (14,2%) afirmaram não ter interesse de parecer com ninguém mas em ter qualidades positivas de outras pessoas:

"Não, porque, na verdade eu analiso muito as pessoas. Eu acho que cada um tem seu ponto... alto e seu ponto baixo. Às vezes uma pessoa que é muito inteligente mas o aspecto pessoal da vida dela é uma droga. E outra que tem uma vida feliz e gostosa mas não tem aquela inteligência brilhante. Então eu procuro perceber as pessoas, o que elas fazem bem e como é que elas são. Aquele cara fez bem aquilo, ele é daquele jeito... vou tentar fazer mais ou menos daquele jeito prá ver se dá certo, mas não vai. E´ uma

mistura de amigos... mais ou menos parecido comigo, de outro que de televisão, talvez até, que a gente vê que o cara fala muito bem... vou tentar falar igual a ele...e outro aqui me fez uma coisa muito... Assim, mas não alguém, assim."(Paulo, 15a.)

"Não... parecido assim... mas as idéias que ele tem, eu gostaria de ter."(Klaus, 16a.)

Um menino associa o ser parecido com alguém a um jogo infantil:

"...quando eu era criança, assim, eu gostaria , né?... tipo os super heróis, assim que passavam na televisão... Aí passou essa fase assim, eu acho que não tenho que procurar seguir as pessoas, eu tenho que procurar ser do meu jeito. E não fazer igual aos outros. Porque se eu copio os outros igual, eu faço as coisas certas que eles fizeram e eu vou acabar fazendo o que eles fizeram de errado. Procuro fazer o meu estilo e não o que os outros pensam."(Camilo 15a.)

Dentre vinte meninas, três (15%) afirmaram que gostariam de ser parecida com a mãe e uma disse que gostaria de ser parecida com os pais:

"Ah!... com minha mãe... ela é... porque o modo de pensar dela, sabe?... ela é... tem solução prá tudo..."(Ticiane, 16a.)

"Profissionalmente, acho que com minha mãe... eu tomo como exemplo... então eu acho que ela é aquela coisa assim. Não me vejo uma mulher dependente de alguém. Independente como ela está sendo."(Karla, 16a.)

"...deixa eu ver... com minha mãe... ela tem um jeito assim, de pensar muito... uma opinião assim muito formada, minha mãe é muito decidida, quando ela resolve fazer uma coisa, ela faz mesmo, entendeu? Minha mãe é muito inteligente, ela tem grandes idéias, assim, ela pensa de um jeito e ela defende o jeito dela pensar até o fim, entendeu?"(Priscila, 16a.)

"Parecida?... ah!... eu gostaria de ser parecida com meus pais. Em tudo. No jeito que eles me tratam, no jeito como tratam os outros, ter bom relacionamento com todo mundo. Me espelhar mesmo."(Roberta, 16a.)

Quatro meninas (20%) falaram de outras pessoas com quem gostariam de ser parecidas, sendo que dentre elas, três (15%) se identificaram com outras pessoas da família:

"Ah!... eu não sei, eu acho que, tipo assim, de tudo eu gostaria... de cada um assim, um pouco. Que nem agora eu tô vendo, é aquele programa que passou na Cultura, confissões de Adolescentes. E vi lá, eu vejo que é exatamente, acontece comigo. Só que no final sempre dá certo com elas e

comigo não, entendeu?(risos)... ah!, não sei... não sei como dizer..."(Nicole, 15a.)

"Como assim, psicologicamente?...(pausa) com o irmão da minha mãe que já morreu. Morreu com quinze anos, pelo que minha avó conta, ele era uma pessoa maravilhosa... eu o conheci através da minha avó... ele era uma pessoa muito amável, não brigava com ninguém... ele não discutia com ninguém... ele se dava muito bem com todo mundo..."(Débora, 14a.)

"Parecida?... com minha irmã... ah!, eu acho que ela... tudo que ela faz é tipo, à vezes, ela é bem inteligente, né, agora, né, ela tá fazendo pós-graduação em Química, na USP e tudo. E sei lá, ela é uma pessoa simpática, tudo. Não que, sei lá, eu sou chata, né?(risos) ela é bem legal, assim. Mas eu gosto do jeito que eu sou, né?"(Simone, 14a.)

"Ah!... com minha prima Mônica. É minha prima só que ela já tem vinte e cinco anos. Ela não é mais adolescente. Ah!... eu acho ela uma pessoa super inteligente. Ela é super aberta, assim... disposta a progredir... ela é super alto astral, dificilmente você vê ela triste... nossa!, eu gosto muito dela."(Juliana, 16a.)

Sete meninas dentre vinte (35%) falaram que não gostariam de ser parecidas com ninguém.

"Eu não..."(Tati, 16a.)

"Difícil, essa pergunta(risos). Sei lá, se você não gostar de você mesma, quem vai gostar? Acho que eu gostaria de ser eu mesma."(Gláucia,. 15a.)

"Não, acho que você tem que ser você mesma, né? Não pode ficar assim, se copiando nos outros, tem que ser você mesmo."(Pérola, 15a.)

"Parecida?... Não, acho que não"(Vanessa, 16a.)

"Agora eu não sei... quando assim, se eu fosse pequena... não sei... num primeiro... não me espelho em ninguém, assim, por enquanto, não."(Karen 15a.)

"Não, eu sou feliz do jeito que eu sou, acho que..."(Hariana, 15a.)

"Acho que não, não tenho. Às vezes eu me baseio assim... eu tenho uma tia, eu gosto muito dela, à vezes eu me baseio como ela. Não sei por que. Porque ela tem o que eu quero: ser mãe. E ela tem aquele carinho especial... que ela é mãe... ah, é difícil explicar..."(Danielly, 16a.)

Dentre as meninas, portanto, três (15%) afirmaram não ter interesse em ser parecida com ninguém, especificamente, mas se referiram à qualidades desejáveis.

Quando as meninas citam a mãe ou a irmã mais velha ou a prima ou uma tia como a pessoa com quem gostariam de ser parecidas, o significado está, sobretudo, na atribuição dada a estas pessoas: "pessoa independente", "mulher inteligente", "super alto astral", "decidida", "simpática". Estas mulheres representam pessoas bem sucedidas, seguras de si e que estão muito bem situadas no seu ambiente social.

As meninas, ao se auto projetarem em pessoas bem sucedidas, revelam a condição de gênero e o desejo de superar um sentimento de inferioridade. A relação desigual homem mulher, percebida e apontada pelas próprias meninas no seu cotidiano, demonstra um desejo de vir a ser diferente do que podem representar para elas mesmas. As atribuições simbolizam a auto afirmação de um poder desejável. São as meninas, portanto, quem mais manifestam o desejo de se pensar diferente, projetam atributos e uma imagem que simbolizam mais poder, aceitação e sucesso no contexto social, porém sempre em referência à figura feminina bem sucedida..

Considerando a fase de transição descrita por Dolto[109], de onze a quatorze anos, em que o adolescente não mais tem no âmbito familiar seus referenciais de modelo, os dados surpreendem pelas respostas apresentadas.

---

[109] DOLTO, F. Op. Cit.

Na realidade, ao falarem de si, isto é, ao se projetaram como se percebem enquanto homem ou enquanto mulher na redação "Se eu fosse homem/ mulher..."; ao se transporem para uma situação de ruptura familiar, na redação "Se eu fosse a esposa do caso do vestido..."; ao colocarem sua posição sobre o comportamento dos adolescentes nas redações "Os jovens de hoje e a liberdade sexual" e "Pais e filhos: o difícil diálogo"; ou na discussão sobre o ser homem e o ser mulher durante a entrevista e nas discussões nos grupos focais, os adolescentes representaram suas atitudes em relação a uma postura idealizada. Assim, ao falarem de sua família, suas amizades, de sua casa, da sexualidade e da liberdade sexual, de certa forma eles deixaram transparecer um modelo idealizado de ser, subjetivamente situado entre valores que variavam da harmonia familiar a um projeto de vida consubstanciado na conquista de um ideal.

Por outro lado, as pessoas com quem o adolescente convive no cotidiano familiar e social, poderiam ter constituído ou constituir modelos que eles estariam seguindo. O desejo e a admiração por alguém, que simbolize algo idealizado, pode levar a uma forte identificação e uma conseqüente imitação de sua forma de ser e agir. Os meninos não citaram pessoas específicas como modelo idealizado mas assinalaram atitudes idealizadas. As meninas, por outro lado, fizeram referência a pessoas específicas que conhecem, basicamente de seu relacionamento mais próximo, atribuíram-lhes qualidades que detém um significado associado, sobretudo, ao sucesso profissional.

Pode-se deduzir que gênero constitui elemento estruturador das representações do ser idealizado diferentemente para meninos e meninas à

medida em que o processo de elaboração destes modelos é distinto ou não é explicitamente expressado.

6.4. Representações Sociais nos Grupos de Convivência

O adolescente começa a formar laços com grupos extra família como uma forma de afirmação da personalidade. Ele busca, justamente, nos seus grupos de convivência sua auto-identificação. Considerando as relações sociais existentes na sociedade moderna, poderia se deduzir que, a escola tem sido um importante local de constituição dos grupos de convivência do adolescente.

Segundo Dolto, a formação de grupos de amigos para o adolescente ocorre como o substituto do grupo familiar e tem um papel de apoio extrafamiliar, um referencial importante para a formação de sua autonomia.

"Um jovem precisa gostar de pessoas da sua idade e moldar-se pelas de suas própria geração, não pode ser dependente de alguém da geração anterior e que foi um modelo em uma determinada época..."[110]

Erikson considera que a constituição de grupos de amizade pelo adolescente é um fator importante para a construção de sua identidade.

As relações de amizade foram expressas pelos adolescentes em relação à constância de encontros e afinidades com pessoas com idades e interesse semelhantes aos seus. Em suas amizades, os adolescentes, aproximados por afinidades de *habitus*, estabelecem representações indicadoras, também, da formação de sua identidade.

---

[110] DOLTO, F. Op. Cit. p. 29.

Meninos e meninas, ao falarem de suas relações com os amigos e grupos de convivências mais próximas, expressaram suas representações de amizade. Eles mencionaram a natureza das amizades, como eles concebem essas relações, a quantidade de amigos e amigas, que interesses e atividades tem em comum.

Para os adolescentes a amizade tem um forte sentido de sociabilidade e fidelidade:

"...sou muito sociável. Qualquer um que eu me encontre, eu já vou puxando um papo que eu conheço, começo a conversar, faço mesmo bastante amizade. Nossa! Amigo eu tenho muito." (Mário, 15a.)

"Minhas amizades, puxa!... assim que... que eu tenha amigos assim... eu não vejo as imperfeições eles, eu não posso falar nada, né? Mas também, né? Eu vejo as minhas e também tento corrigir mas, não acaba, acho que vai ficando um pouco igual... são legais assim, mas têm defeitos assim que eu veja assim que eu tento escapar deles, desses defeitos, mas eu acabo entrando, viu? Esses defeitos que a gente ter não quer, um meio maluco, só quer fazer zona em classe, daí eu acabo fazendo também... o outro, ele é muito certinho e eu acabo... não sei se isso é uma coisa errada, ser certinho, mas eu acabo sendo também um pouco, né? Acho que mesclando isso e meus amigos são bastante... bastante assim, gente boa, eu acho."(Carlos, 16a.)

"Eu procuro evitar algumas amizades porque eu acho que não legais prá mim. E eu sou bem amiga... eu sou assim... bem... eu não sou uma pessoa detalhista, mas eu procuro escolher as minhas amizades. Eu me dedico a elas."(Gláucia, 15a.)

Para os adolescentes a escola é, por excelência, o local onde mais se estabelecem vínculos de amizade, tanto para os meninos como para as meninas. Na escola, onde as afinidades de interesses se estabelecem principalmente pela semelhança de estilos de vida e de *habitus*, as possibilidades dos adolescentes fazerem amizades parecem ser maiores. Em alguns casos, na vizinhança da rua, quando o adolescente mora em casa, ou no condomínio, se ele mora em apartamento ou mesmo no grupo religioso.

"Ah... minhas amizades são mais todas aqui do Liceu, né? A maioria dos meus amigos estuda aqui. É... tem uns amigos da rua também, que normalmente eu gosto de sair. É isso aí."(Henrique, 15a.)

"Amigos eu tenho bastante, né? Tenho o pessoal da classe assim, que é mais colega assim, que ainda não tô muito entrosado e amigos... amigos mesmo assim, eu tenho, se você for ver, dá prá contar nos dedos, uma meia dúzia de amigos assim, mas são amigos assim, que você pode contar com eles nas horas assim, difíceis e que você também dá o apoio assim prá eles quando eles precisam."(Camilo 15a.)

"Meus amigos mesmo, é aqui no Liceu... não tem nenhum deles que eu convivo no dia a dia... lá do meu bairro..."(Daniel, 14a.)

"Ah! Amigo, eu tenho bastante. Só que tenho amigos bastante diferentes. Na escola eu tenho um tipo de amizade, na igreja eu tenho outro e lá perto de casa tenho outro. Os três são totalmente diferentes um do outro...Aqui na Escola é que eu tenho as melhores amigas...Tenho um monte de amigas. Sou muito fácil de fazer amizades, muito mesmo. Fácil. Só que também sei escolher muito bem. Tenho amizade com todo mundo mas eu tenho sempre as pessoas que eu confio mais."(Danielly, 16a.)

A formação de grupos de amizade, antes referida preferencialmente à escola, se amplia quando as meninas relatam os hábitos de encontro com amigos e amigas:

"Ah!, a gente... às vezes... tem uma amiga minha, que mora perto de casa, né? Que é a que eu fico mais, né? E a gente... vai tomar sorvete, a gente fica na casa dela escutando música, às vezes a irmã dela passa, a gente vai dar uma volta."(Cristina, 15a.)

"É que eu saio com meus primos... a gente sai... amiga... é que só... a gente vive muito junto com meus primos, né? A gente vai no clube, almoça dia de sábado e domingo inteiro... A gente sai à noite, vai num barzinho. Dançar... é isso..."(Ticiane, 16a.)

Para meninos e meninas as amizades estão associadas, principalmente, a afinidades de interesses, mas esta afinidade pode se dar, justamente, pela diferença na forma de ser.

"Ah!... eu sou uma pessoa super autoritária. Autoritária, não. Eu gosto de escolher minhas amizades a dedo. Não sei se é isso. A minha mãe que passa prá mim e eu acabo sendo assim. Eu sempre andei com gente do meu nível, que gosta das mesmas coisas que eu gosto... mesmo estilo meu, sempre. Nunca tive problema de andar com gente que faz coisas diferentes do que eu. Sempre é do mesmo nível, do mesmo estilo de vida."(Juliana, 15a.)

"Minhas amizades, eu sempre procuro amizade com gente diferente de mim. No jeito dele ser, eu procuro sempre conhecer gente nova, de jeito diferente"(Léo, 16a.).

No entanto, quando o adolescente passa a se interessar afetivamente por alguém, quando começa a namorar, há uma diferença nas relações e contatos com os amigos:

Ultimamente me separei dos amigos, não me separei, mas não vejo com tanta freqüência porque estou namorando, então não consegui conciliar muito bem os dois. Então, ultimamente eu parei de ver, de sair com eles, de repente não vejo, prá sair, conversar. Dias da semana, mas fim de semana a gente, eu saio com minha namorada, assim. Às vezes eu saio com meus amigos mas todo dia. Pelo menos, eu falo com alguém."(Mário, 15a.)

"Ah!... com meu melhor amigo?... a gente sempre... eu só saio quando eu não tô namorando . (Danielly, 16a.
)

As meninas destacaram a qualidade, a profundidade e a duração do relacionamento.

"Eu tenho bastante amigos, assim... nossa!, eu adoro fazer amizades, prá mim quanto mais melhor, sabe? Seja... por mais longe que seja, a gente se corresponde por cartas, mando muitas cartas prá minhas amigas de fora, né?"(Juliana, 16a.)

"Bom, eu tenho... não tenho muitas amigas não, mas as amigas que eu tenho são sinceras comigo, como é o caso da Janayna... faz tempo que eu sou muito amiga dela... tem mais duas que também faz um tempão. Mas, assim, não tenho assim, amigas mesmo, não tenho muitas não."(Roberta, 16a.)

"São tantas(risos). Não, amizade assim... bom, as pessoas que eu tenho amizade assim, no geral elas são... todo mundo assim é... pelo menos eu penso, né? É tudo... ah! são legais assim, sabe?..."(Giovana, 15a.)

Meninos e meninas valorizam suas amizades tanto pelo tempo que conhecem a pessoa, como pela troca de confidências, a cumplicidade em momentos especiais que eles destacaram com um ar de mistério:

"Mas amigas eu tenho bastante e as que eu tenho, que são minhas amigas mesmas é de muito tempo, desde a quinta série, assim. Porque as amizades que eu tenho hoje aqui no Liceu são as da quinta série, desde o começo, né? E, é... minhas amizades costumam ser assim, bem... abertas, sabe?"(Karen, 15a.)

A afinidade de interesses, a possibilidade de se divertir junto, de sentir o apoio do outro, são as condições para reconhecer a verdadeira amizade.

"Ah!, é legal as minhas amizades. Todo mundo, assim comigo, eu brinco com eles também, meus amigos... legal a amizade que eu tenho com eles."(Klaus, 16a.)

"Amigas mesmo... ah! tem que ajudar um pouco. Amigo mesmo, nas horas difíceis, nas horas de alegria tem que tá sempre do lado, não importa a hora. Tem que apoiar, dar conselho, receber conselho."(Kelly, 15a.)

Diferenciar entre amizade e simples contato na escola pareceu um pouco decepcionante para alguns adolescentes. Era como se fosse uma falta grave não ter um amigo de fato. Realmente, o vínculo de amizade é seu referencial de aceitação no mundo extrafamiliar e se o adolescente admite não ter amigos é como admitir que não é aceito no âmbito social.

"Nossa! Tem muita, né? Colegas. Tenho descoberto que eu só tenho colegas, não tenho amigos, um ou outro são meus amigos. Porque a gente vai vendo a falsidade, a ambição de outros e vai perdendo o contato com eles mesmo. Porque um vai prum canto, outro vai pró outro. Então, ultimamente, eu tenho dado bola prá quem realmente eu me importo e que eu sei que se importa comigo. E' lógico que eu continuo cultivando a minha amizade, pequena, por mais pequena que seja, com meus colegas."(Camila, 16a.)

Hariana é filha única e disse se sentir muito só em casa quando volta da escola. A amizade para ela, tem um significado especial, de substituição de irmãos que ela não tem.

"Eu gosto de ter amigo, amiga e eu acho assim eu não tenho colega, eu não considero colega, por colega, prá mim são todos amigos. Não tenho distinção disso, entendeu? Ah! Eu... eu acho que me identifico bem com meus amigos, eu conto tudo prá eles, sei lá, eu acho que é porque eu não tenho uma irmã, um irmão, então prá mim, são amigos mesmo, conto, não tô nem aí..."(Hariana, 15a.)

Quanto à natureza da amizade e à quantidade de amigos, meninos e meninas falaram sobre a fidelidade e o envolvimento destas relações, e a afinidade ou não em relação ao gênero.

Dentre quatorze meninos entrevistados, nove (64%) afirmaram ter mais amigos que amigas.

"Tenho mais amigo mesmo. Não sei... Fica mais fácil prá conversar. Eu... as idéias..."(Mário, 15a.)

"Amizade?... é mais amigo..."(Tiago, 16a.)

"Eu tenho mais amigos."(Klaus, 16a.)

Os meninos acreditam que os interesses deles são diferentes dos interesses das meninas e isto ocasiona aproximação maior com os meninos:

"Talvez eu tenha mais amigos, assim, do que amigas, talvez porque os problemas são muito mais parecidos, né? Menina assim com menina do que menino com menina. Então tenho mais amigos que amigas"(Camilo, 15a.)

"Por que eu tenho mais amigos? Ah!, desde pequeno é... quando a gente é pequeno a gente, o comportamento do menino é de não andar com menina. Aí, crescendo, todo mundo junto. Aí, o tanto de amigo que eu tinha continuou e as meninas eu vim conhecer depois."(Daniel, 14a.)

Assim, as justificativas que os meninos colocaram em ter mais amigos que amigas são conseqüências de interesses comuns definidos pelas condições de convivência resultantes, principalmente, dos condicionamentos sociais. Poucos meninos falam que têm o mesmo número de amigos e amigas, talvez um pouco mais de amigos

"Amigas e amigos... acho que nunca procurei diferenciar. Acho que seria a mesma coisa. O mesmo número de amigos, eu tenho de amigas."(Léo, 16a.)

"Ah!, eu tenho mesclado, tenho tanto... tenho prós dois, mas eu acho que, um pouquinho mais deve ser de amigos."(Adriano, 15a.)

Nove dentre vinte meninas, cerca de 45% das meninas, disseram ter mais amigos que amigas e preferir a amizade dos meninos à das meninas e, para tanto, enumeraram diversas justificativas.

"Não, eu tenho bastante amigo, também eu me dou bem com os garotos. Eu acho que a gente se relaciona bem. Bom, do meu ponto de vista, né? Eu levo como uma boa amizade. Agora não, nunca dá prá saber se eles

levam prá outro lado. Aí é meio difícil ter amigos. Agora, amiga eu tenho... amiga, mas amiga mesmo, de confiança, é uma."(Débora, 14a.)

E sei lá, eu acho que eu gosto mais de ter é... amigos do que, sei lá... menina, assim. Com menina de vez em quando. Sei lá. Você nunca sabe se ela tá falando a verdade, se ela gosta de você ou se ela é mais assim mais falsa. Sei lá. Agora, menino não, menino se ele não gosta de você acho que ele já fala, que tá errado em você, ele é mais sincero, eu acho" (Nicole, 15a.)

Para elas, há concorrência de interesses quando as relações de amizade se dão com as meninas, por isso, preferem as amizades dos meninos mesmo se têm mais amigas.

Por outro lado, oito meninas, cerca de 40% das entrevistadas, afirmaram ter igualmente amigos e amigas e, dentre estas, três, ou seja, cerca de 37,5%, disseram preferir a amizade das meninas.

"Bom, amigo homem é muito difícil ter. Se eu tenho assim, nunca dura muito, sabe?"(Karen, 15a.)

A referência à amizade com meninos, segundo algumas meninas, têm suas restrições. Mesmo as meninas que disseram preferir amizade de menino à de menina, disseram que existem determinados assuntos que só gostam de conversar com meninas:

"...a gente conversa sobre tudo. Menos coisa íntima, sabe? Aí com menino não dá prá conversar. Daí é melhor procurar uma menina, né?... sobre sexo, essas coisas assim..."(Juliana, 16a.)

"Mais amigas... sabe, na escola... os meninos não se misturam tanto com as meninas. Assim as meninas conversam com os meninos. Mas os meninos parece que têm medo de conversar com as meninas. Assim, na classe, você vê assim, tá todas as meninas dum lado e os meninos do outro... eles ficam tudo quieto, não falam nada. Agora assim, na minha rua só tem menino. Aí a gente conversa bastante..."(Pérola, 15a.)

Cerca de três meninas dentre as entrevistadas, ou seja, 15%, afirmou ter mais amizade com menina do que com menino.

"É... acho que tenho mais amigas. Tenho amigos também mas acho que são mais amigas."(Giovana, 15a.)

"Eu tenho mais amigas, assim"(Priscila, 16a.)

"Mais amiga. Sei lá, eu acho que, mais facilidade de ter amizade, né? Tem amigos também, né? Mas, mais amiga de ir em casa de amiga, mais assim, de ficar, de sair com amiga... difícil de sair com amigo. Não tem tanta amizade assim"(Cristina. 15a.)

A valorização da amizade sempre é restrita, ou seja, para o adolescente a amizade valiosa é rara por isto os verdadeiros amigos ou amigas são poucos :

"Olha, eu tenho bastante amigas. Mas os poucos amigos que eu tenho, são dois ou três, compensam as vinte amigas que eu tenho."(Camila, 16a.)

"Amigas... eu tenho amigo, colega amigo menino também, mas não é muito, é pouco... não sei por que. Eu não tenho nada contra assim, os meninos..."(Kelly, 15a.)

Foi mais significativo o número de meninas que de meninos admitindo ter uma quantidade semelhante de amigos e amigas, indicando, inclusive meninos da escola:

"Ah!, de uma maneira uniforme: amigos e amigas."(Simone, 14a.)

"Olha, eu acho que os dois. Eu tenho assim, iguais, amigos e amigas."(Hariana, 15a.)

"Eu não tenho quase nenhum amigo, mas eu acho que tenho me aproximado deles, mas eu tenho muitos amigos."(Gláucia, 15a.)

"Tenho bastante amigas. Geralmente tenho mais amigas mas também tenho contato com bastante meninos, garotos, assim, meus amigos."(Tati, 16a.)

Em relação aos meninos, as meninas afirmaram ter mais amigas que amigos e também ter muitos amigos, destacando sua preferência pela amizade dos meninos. Os meninos, por outro lado, afirmaram apenas ter mais amigos que amigas, e não manifestaram preferências por amizades pela condição de gênero. Destaca-se, por outro lado, a questão da preferência das amizades que, para as meninas, foi apontada como notadamente como por amizades masculinas enquanto que os meninos não

evidenciaram preferências. Isto lembra o quadro elaborado por Dolto[111] sobre o Comportamento de Adolescente, apresentado anteriormente, em referência às Relações Sociais. Neste tópico Dolto elucidara, também, que na faixa de 14 anos as meninas manifestaram mais interesse pelos meninos que vice-versa.

O fato de ocorrer certa incidência divergente quanto à preferência ou omissão desta preferência pode indicar uma representação negativa das meninas enquanto "amigas", tanto por elas mesmas como pelos meninos.

6.4.1. Momentos de Lazer

Os adolescentes fizeram referências à horas de lazer, destacando encontros com amigos, horas de ficar em casa, passeios com a família e como estes momentos ocorrem no seu cotidiano.

Na pesquisa não foi colocada uma questão direta para o adolescente descrever e falar sobre lazer e suas preferências. Estes dados apareceram à medida em que durante a entrevista posta a questão aberta "Fale sobre suas amizades", os adolescentes associaram amigos aos momentos de lazer.

Sendo a adolescência uma período de expansão social esta é, sobretudo, uma época de lazer, como destaca Galland.[112]

Ao falar do cotidiano familiar assim como ao desenhá-lo, o adolescente faz referência e retrata suas obrigações na escola e na casa, com suas horas de estudo ou de trabalho doméstico. Da mesma forma, eles retrataram alguns momentos de lazer e falaram destes momentos ao se referirem às suas relações de amizade.

---

[111] DOLTO, F. Op. Cit.
[112] GALLAND, O. Op. Cit. p.214.

"Vai assim, na casa do outro, vê TV, ouve música, conversamos, sai prá algum lugar, prá comprar alguma coisa, prá ver isso, ver aquilo, sair junto." (Mário, 15a.)

"A gente vai no clube... a gente sai à noite, vai num barzinho, Dançar... é isso." (Ticiane, 16a.)

Dentre as formas de lazer que os adolescentes fazem referência, pode-se perceber uma distinção entre aquelas realizadas dentro e fora de casa. Em casa, no espaço privado, o lazer descrito foi, sobretudo, escutar música ou assistir TV. Na maioria dos casos, à sós, no próprio quarto. Em algumas ocasiões, retratado com mais freqüência pelas meninas, assistir TV em família. Assim, o lazer em casa é associado à privacidade familiar, fora de casa os tipos de lazer do adolescente são, sobretudo, com amigos.

São diversos os interesses e as atividades que o adolescente desenvolve em comum e que se caracterizam como formas de lazer. Todos disseram que o que mais gostam e fazem quando estão com os amigos, é conversar. Afirmaram conversar de tudo, escola, problemas com a família, coisas do cotidiano, política, assuntos do momento, esportes, meninas, namorado ou namorada, contam piada, fofocam, ficam "zoando", etc.

"Ah!...sei lá, a gente conversa sobre... de outras pessoas, né? Das meninas, sei lá, conversa sobre esporte, demais... futebol... às vezes a gente sai, vamos andar..."(Henrique, 15a.)

"Ah!, assim, esporte, a gente conversa bastante. Assim, quando a gente faz uma prova, a gente comenta a prova... o que a gente vai fazer no fim de semana... A gente vai num barzinho, se reúne, fica conversando... sobre tudo o que aconteceu na semana, coisa assim. Depois a gente vai prá... assim, se a gente combina de ir numa boate, a gente vai antes num barzinho e depois vai mais tarde numa boate."(Klaus, 16.a.)

Eles falaram dos locais que freqüentam, como casa de amigos, barzinhos, boate, cinema, shoppings, clube ou que atividades físicas preferem, como o futebol, por exemplo, principalmente os meninos. Assim,

ficar e encontrar com os amigos representa lazer, descontração, e eles sempre associam a atividades prazeirosas:

"...a gente sai à noite prá se divertir... é... um conjunto de conversa de, sobre esporte, namorada, sabe, esse tipo de assunto assim... Música, sobre tudo, não tem como não limitar os assuntos..."(Fabrício, 15a.)

A atividade física, uma forma de lazer também mencionada por oito dentre quatorze entrevistados (57%), foi o futebol:

"A gente sai, vai à boates, vai, joga algum tipo de esporte, joga vôlei, joga basquete, joga futebol, vai à sorveteria, sai fica aqui na escola conversando, todos os filmes que rolam, assim a gente conversa."(Adriano, 15a.)

"...a gente vai no shopping, depois... dia de sábado. Principalmente, e os amigos da escola, às vezes vão lá no meu prédio, jogar bola."(Marcelo, 16a.)

"É bom, a gente conversa muitas coisas, né? Ir no shopping, dar uma volta, jogar futebol..."(Tiago, 16a.)

Dentre as formas de lazer citadas pelos meninos com maior incidência foi "sair para algum lugar...", normalmente este "algum lugar" refere-se a um local público, de circulação, uma praça ou mesmo determinada área da cidade onde estão diversos barzinhos e que é ponto de encontro dos adolescentes.

Assim como os meninos, as meninas também associam amigos a momentos de lazer, descontração ou intimidade. As conversas são as formas preferidas de relacionamento quando se encontram.

"...a gente se reúne, né?... fala de coisas engraçadas que acontecem na escola... ou um mundo de coisas, assim, tipo, tô gostando daquele cara da minha escola... fofocas, fofocas, muitas fofocas..."(Simone, 14a.)

"...ah!... eu acho que geralmente é conversar, não me lembro agora sobre o que, porque sempre está surgindo assunto. Mas eu gosto muito de dançar..."(Giovana, 15a.)

Os assuntos preferidos nas conversas, segundo as meninas, depende do interlocutor. Interessante notar como a referência a assuntos de sexualidade é citado com "besteira", "essas coisas":

"Depende, né?...com amiga, a gente gosta de falar de menino, né? E quando a gente tá com amigo, a gente fala um monte de coisa, depende do que tiver assim, no momento, né? E quando a gente tá junto ou quando a gente sai prá ir a algum lugar, a gente vai num clube, ah!, a gente se diverte, da melhor forma possível."(Hariana, 15a.)

As meninas citam diversos locais e atividades que preferem para o lazer:

"Ah!, a gente topa tudo, sabe? Ah!, vamos num restaurante? Então vamos, vamos num cinema? É qualquer lugar, sabe? Contanto que esteja a turma reunida, que dê prá gente descontrair um pouco, a gente topa qualquer... qualquer parada."(Karen, 15a.)

"Tem muitas coisas. Tem... viagens, sei lá... sair, boate... comer alguma coisa, assim, fazer churrasco..."(Vanessa 16a.)

Uma referência constante das meninas foi sair para dançar, o que pode significar seu lazer preferido:

"Às vezes a gente vai numa boate, às vezes a gente se reúne na casa de um deles prá ficar conversando, ouvindo música. Às vezes... que mais, que a gente pode fazer? Vai no shopping. Em bar, papai não deixa eu ir pelo fato da idade."(Débora, 14a.)

"Eu gosto de festa, eu gosto bastante de dançar... qualquer lugar que tenha bastante gente eu gosto."(Juliana, 16a.)

"A gente gosta de sair prá dançar, de sair prá... que nem vai ter uma festa no fim de semana, a gente marca, todo mundo vai. Mas, assim... às vezes um barzinho tomar cervejinha e tal e tal. Pessoal gosta, mas eu não sou chegada(risos)."(Karla, 16a.)

As atividades de lazer para meninos e para meninas são bem semelhantes. Porém, uma diferença foi marcante: a referência a "prática de esportes", mencionada pelos meninos, e a referência ao "gostar de dançar", mencionado pelas meninas.

Citadas como obrigações do cotidiano, as aulas extra de idioma, música ou dança podem ser consideradas como momentos de lazer além de

serem indicadores de um estilo de vida. Elas compõem um referencial para se compreender a formação de um capital cultural que nem sempre corresponde ao pertencimento a uma categoria social detentora de um grande capital econômico.

Assim, dentre os adolescentes, Janaína e Hariana, disseram freqüentar aula de dança. A mãe de Janaína é economista e, no momento, se ocupa com os afazeres domésticos; seu pai é economista e trabalha em uma indústria de medicamentos. O pai de Hariana tem o 2° grau, é ferramenteiro de automação, e sua mãe tem o 1° grau e é escriturária. Quatro meninas, Nicole, Gláucia, Janaína e Priscila têm aula de inglês. A mãe de Nicole tem formação em Psicologia mas não tem trabalho fora de casa. Seu pai tem nível superior mas ela não informou em que. A mãe de Gláucia tem nível superior e é professora, seu pai tem o 1° grau e é vendedor autônomo. A mãe de Karla é enfermeira, professora universitária e seu e pai tem o 2° grau e é comerciante. A mãe de e Priscila é empresaria e seu pai é falecido. Gláucia também faz aula de guitarra. Mário, cuja mãe é professora e separada do pai, estuda violão e Tiago, cuja mãe também é professora e o pai é engenheiro, estuda inglês. Mário informou, ainda, que dá aulas de violão em alguns dias da semana.

Essas diversas atividades como aulas de dança, música e língua estrangeira expressam gostos culturais e a formação de um estilo de vida.

Em "Gostos de Classe e Estilo de Vida", Bourdieu discute como as diferentes posições das pessoas no espaço social, "retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência"[113], propiciam

[113] BOURDIEU, P. Gostos de Classe e Estilos de Vida. In: ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. p. 82.

a formação de um esquema das práticas e das propriedades constitutivas dos diferentes estilos de vida.

A dimensão do estilo de vida discutida por Bourdieu refere-se, basicamente, à disposição estética que seriam adquiridas mediante certas condições econômicas, culturais e depende da trajetória social da pessoa. Depende do "*habitus, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto.*"[114]

Participar do mundo cultural, com aulas de música, dança e língua estrangeira, leva o adolescente a constituir o sistema que vai formando seu estilo de vida.

Por outro lado, quando meninos e meninas disseram que, em casa, preferem ficar principalmente em seu próprio quarto, ouvindo música, lendo alguma revista, ou em conversas por telefone com amigos ou amigas, assistindo TV ou dormindo, isto revela a possibilidade que os adolescentes têm de usufruir de uma intimidade, que é possível entre aquelas famílias que desenvolveram um estilo de vida que preserva a intimidade não só nas relações mas ainda no espaço doméstico.

Estas atividades extras, aulas de música, dança e de língua estrangeira, revelaram a separação masculino e feminino à medida em que ficou evidente que para o corpo feminino é permitido a dança. Nenhum menino freqüenta aula de dança. As meninas, no entanto, fazem cursos de música e língua estrangeira mas não se referiram à prática de esporte como o futebol.

---

[114] BOURDIEU, P. Op. Cit.. p.82

Intimamente relacionadas às construções de seu mundo social, as atividades de lazer estão para os adolescentes repletas de significados em que perpassa a dualidade do gênero enquanto um elemento de ancoragem, mesmo que existam algumas ocasiões de semelhanças das formas e atitudes de lazer de meninos e de meninas.

As representações sociais que os adolescentes constróem em relação às suas atividades de lazer estão sempre associadas às suas amizades. Gênero ancora estas representações assim como aquelas do ser idealizado, da sexualidade e da própria adolescência.

Assim, à medida em que vivenciam suas experiências no cotidiano, as pessoas têm oportunidade de estruturar suas representações de acordo com os referenciais percebidos e elaborados internamente e em constante interação com o mundo exterior.

7. Representações de Gênero

"Acho que o homem é mais frio na hora de se relacionar... e a mulher já não é... porque ela se permite, né? Que ela chore, que ela sinta, que desabafe...

(Juliana, 16 a.)

Até aqui discutimos como o processo de construção das representações sociais dos adolescentes tem em gênero seu elemento de ancoragem.

Por outro lado, gênero detém, por si só, significados imanentes às relações sociais entre homens e mulheres no contexto da vida cotidiana, produzindo símbolos, estruturando modelos, sugerindo classificações e categorizações entre coisas, objetos, atitudes e comportamentos.

Spink[115] problematiza a noção de contexto social à medida em que reconhece que o processo contínuo de elaboração das representações sociais é resultado de uma "atividade de reinterpretação contínua" no espaço da interação. Portanto, o *processo de elaboração das representações sociais*

---

[115] SPINK, Mary Jane. O contexto como pretexto. Paper apresentado no *XXIV Congresso Interamericano de Psicologia*, Santiago, Chile, 4 a 9 de julho de 1993. SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In:GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, Sandra. (Org.) *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

que ocorre no "espaço da interação", seria o verdadeiro objeto de estudo das representações sociais. Neste sentido, contexto social compreende as determinações estruturais, as relações sociais e os diferentes tempos históricos os quais vão fornecendo os elementos significativos para a construção das representações no espaço e no tempo.

Assim, as representações do ser masculino e do ser feminina, do ser homem e do ser mulher seriam construídas em referência e como conseqüência das relações sociais, das determinações estruturais da sociedade e decorrentes de um processo histórico vivenciado. Os adolescentes, portanto, construiriam suas representações de gênero em referência tanto às suas vivências e interações cotidianas, como aos conteúdos presentes no seu contexto social. Aprenderiam estes conteúdos em suas relações heteronômonas, com os pais e instituições sociais constituídas, e em suas relações autônomas, com os amigos e a mídia, por exemplo. Ao "aprender estes conteúdos" os adolescentes formariam atitudes e comportamentos de tal modo que seria possível reagrupá-los segundo suas identidades coletivas.

As representações de gênero como as representações sociais em geral, estão afetas a processos espaciais e temporais[116].

Spink[117] refere-se a três tempos que definem a perspectiva temporal: o tempo curto da interação revelando a funcionalidade das representações; o tempo vivido, destacando a socialização, o pertencimento a um determinado grupo e seu *habitus;* e o tempo longo, destacando-se aí, o imaginário social, os conteúdos culturais de nossa sociedade.

---

[116] BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. Op. Cit.
[117] SPINK, M. J. Op. Cit.

Poderia dizer que, no meu estudo procurei extrair a expressão das representações sociais de gênero nas perspectivas espaciais e temporais, à medida em que os adolescentes foram tomados no contexto de suas interações familiares e sociais (com amigos), e vivenciando experiências de uma idade da vida específica: a adolescência. Porém, é evidente, que não é apenas no convívio nestes dois grupos que os adolescentes constróem suas representações de gênero, pois existem muito mais elementos significativos e influenciando na formação de esquemas de categorização e percepção dos adolescentes, que apenas aqueles presentes na família e relação com amigos. Os meios de comunicação de massa, que foram explicitamente retratados nos desenhos de seu cotidiano (Anexo IV, p. 393 e Anexo V, p. 407), por exemplo, são importantes transmissores de informações e lhes propiciam uma série de elementos para a composição do seu processo de construção de representações sociais. No estudo, porém, estes não foram tomados especificamente como referenciais de análise, mas são reconhecidos como valiosos no processo de formação de atitudes.

Ao internalizar os significados dos conteúdos presentes no seu contexto social, os adolescentes expressaram suas relações com o mundo e se situaram neste mundo. Neste processo duplo, em que o adolescente define e se situa no mundo, as representações sociais adquirem seu valor simbólico. Ficou evidente que os adolescentes expressaram suas representações movidos tanto por aspectos cognitivos como por aspectos inconscientes, afetivos e emocionais.

Se ao expressarem as representações que constróem em suas relações familiares foi evidente como gênero aparece como elemento de ancoragem,

ao manifestarem suas representações de gênero eles se referiram ao sexo biológico como o elemento de ancoragem.

Para Hurtig e Pichevin[118], o sistema categorial de sexo é a origem da categorização de gênero. Elas fazem referência a uma pesquisa desenvolvida recentemente sobre a primeira percepção que se forma em relação ao outro. A pesquisa foi desenvolvida entre pessoas que acabavam de ser atendidas no "guichet" de venda de bilhetes de trem. Quando estas pessoas foram, logo em seguida à compra do bilhete, interrogadas sobre quem lhes havia atendido, respondiam, de imediato, o sexo de quem lhes vendera o bilhete, acrescentando, depois outros detalhes pessoais, como cor do cabelo ou forma de vestir. Mesmo as pessoas que não haviam registrado quem lhes havia vendido o bilhete faziam referência de imediato ao sexo, ao dizerem: "Não percebi... não sei nem lhe dizer se foi um homem ou uma mulher quem me atendeu..." Deste modo estas pesquisadoras procuram comprovar que o sexo é a mais imediata e mais rápida categorização que uma pessoa faz em relação à outra.

Maccoby, por sua vez, desenvolvendo um estudo sobre a auto-segregação por sexo que crianças faziam quando escolhiam companhia para jogos, brincadeiras, conversas ou companhias, reconheceu como o caráter biológico é forte nesta identificação.

---

[118] HURTIG, Marie-Claude & PICHEVIN, Marie-France. *Diferenciação e categorização dos sexos*. Conferência apresentada no Comité de Pilotage - Dièse em Paris, 22 de março de 1996.

"On a parfois dit que les caractères sexuelles primaires, et en particulier les différences génitales, sont la source principale de la connaissance que nous avons du sexe des autres, et du nôtre."[119]

As noções e conceitos sobre o ser homem e o ser mulher, constituídos em determinados momentos históricos e sociais aparecem também como significativos para a categorização e construção das representações sociais de gênero. Classificações do ser homem e do ser mulher pelo estilo de roupa ou pela profissão, por exemplo, se percebe hoje, como um atributo social, pelas próprias circunstâncias históricas. Ao mesmo tempo que o corpo se constitui no mais forte referencial para as pessoas atribuírem classificações, este referencial se diversifica diante da dinâmicas das relações sociais e quando outros símbolos e significados a ele se associam. Assim gênero é considerado enquanto uma categoria básica de classificação e categorização do ser masculino e do ser feminina em relação a um "sexo biológico" e a um "sexo social"[120]. Gênero detém, por si só, importantes significados para a construção de identidades sociais.

A construção de representações sociais ocorre por um processo interativo, intercambiante entre o social e a intersubjetividade do sujeito.

Os adolescentes, no processo de construção de suas representações sociais, interpretam e assimilam os conteúdos do mundo em que os vivenciam. Estes conteúdos são derivados tanto de antigas produções culturais, que passam a constituir o imaginário social, como de produções atuais, presentes nos meios de comunicação de massa, por exemplo. Muitas

---

[119] MACCOBY, Eleanor E. Le sexe, categorie sociale. *Actes de la Recherche en Siciences Sociales - Maculin/féminin 1*, n.83, p. 16-26, juin., 1990. "Se diz, algumas vezes, que os caracteres sexuais primários e em particular as diferenças genitais, são a principal fonte de conhecimento do sexo dos outros e do nosso." (Tradução minha)

[120] MATHIEU, Nicole-Claude. Op. Cit.

manifestações inconscientes participam da estruturação de suas idéias e revelam comportamentos, aparentemente, inexplicáveis.

A ênfase do processo de construção e de estruturação das representações sociais é dada, sobretudo, às dimensões cognitiva, afetiva e social. Os saberes sociais compõem a cognição e, em referência a gênero, o reconhecimento do sexo biológico orientaria este saber, no sentido de constituir uma identidade social, por exemplo. Neste ponto vale salientar que, os transexuais mesmo tendo uma caraterística biológica especial, a comunidade científica assim os classifica mas, mesmo na sociedade moderna, é difícil a aceitação desta dualidade biológica em uma mesma pessoa. Legalmente os transexuais não existem e, tratados como caso médico, eles devem optar por um dos dois sexos institucionalizados: feminino ou masculino. Uma outra discussão quando se pensa na identidade socialmente constituída do "ser feminina" e do "ser masculino", refere-se à questão da androginia, considerada por Badinter[121] como a tendência das relações entre homens e mulheres.

Pode-se dizer que a construção da significação simbólica é, ao mesmo tempo, ato de conhecimento e ato afetivo. A realidade social que propicia as interações e as convivências, como a família ou grupos de amigos, por exemplo, dão bases para a cognição e afeto. A dimensão afetiva incluiria o caráter simbólico da representação em que o sujeito percebe e interpreta os símbolos segundo sua afinidade e identificação.

Em referência às representações construídas nas relações familiares descritas anteriormente, ficou evidente como os adolescentes se expressam

[121] BADINTER, E. *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

sob aspectos afetivos e cognitivos, sinalizando o aprendido e o sentido do significado de gênero. Assim, ao mesmo tempo que existem símbolos que expressam significados de gênero, masculino e feminino, as relações no mundo estruturam estes símbolos.

Duveen[122] em seu trabalho sobre representações de gênero entre crianças admite que, mesmo nascendo em um mundo já estruturado pelas representações sociais, a própria criança vai estruturar suas representações à medida em que interage com este mundo. Reconhece ainda que os elementos determinantes que definem o ser homem e o ser mulher ao redor da criança são tão fortes que lhe imputa uma identidade de gênero específica. Assim, a construção do mundo na perspectiva de um reconhecimento do feminino e do masculino lhe fornece, como outros elementos, uma segurança e identidade necessárias a um equilíbrio para a definição do "eu".

Os adolescentes revelaram a existência de características que definiram como próprias de homens ou mulheres referindo-se tanto a aspectos físicos como a conceituações opostas entre si ou não, percebidas em suas atitudes nas relações com o mundo. O sexo biológico apareceu como o centro de suas representações de gênero. Isto é compreensível uma vez que, para o próprio adolescente, seu corpo está atravessando efervescente processo de transformações biológicas e fisiológicas.

A representação de si, os conceitos que elabora na interação com o mundo, a influência das determinações culturais presentes no imaginário social, estariam estruturadas e seriam estruturantes de suas representações

---

[122] DUVEEN, Gerard. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em desenvolvimento. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (Org.) Op. Cit. p. 260-293.

de gênero. Da mesma forma, elementos simbólicos que os adolescentes associam ao ser homem e ao ser mulher nas relações que estabelecem com as pessoas no seu meio familiar e social, constituem outros referenciais para estas representações.

Portanto, para os adolescentes o aspecto físico foi um ponto firmemente defendido como o elemento determinante nas representações do "ser homem" e do "ser mulher". Do mesmo modo os aspectos emocionais foram ressaltados como referencial para definir verdadeiras diferenças entre homens e mulheres. Assinalaram, ainda, que as diferenças estão na forma como a sociedade discrimina a mulher.

Presentes nas suas relações familiares e com amigos, e em todos os eventos do seu cotidiano, os elementos que contribuem para a construção de suas representações lhes possibilitariam categorizar eventos, pessoas, atitudes e comportamentos.

Na pesquisa empírica, foi proposta e estimulada a discussão para identificar, especificamente, as representações de gênero dos adolescentes através de três instrumentos: na entrevista semi-dirigida, em uma redação e nas discussões dos grupos focais. Durante as aulas de português, a professora propiciou outros momentos de discussão e reflexão quando sugeriu temas de redação como: "Homens e mulheres: diferentes e iguais"; "Se eu fosse a esposa do caso do vestido...", esta última acrescida aos instrumentos da pesquisa.

Na entrevista as questões específicas sobre representações de gênero sugeriam a expressão de cada adolescente sobre o que pensa dos meninos, das meninas e deles próprios. Solicitavam, ainda, suas impressões sobre a

forma de ser de meninas e meninos e uma discussão sobre a existência ou não de diferenças entre o ser homem e o ser mulher. A entrevistei foi realizada com a participação de quatorze meninos e vinte meninas.

Para os adolescentes, falar de meninos e meninas, significa falar de pessoas de idade semelhante à sua. Neste caso, a imagem referida é bipolar e se encontra em oposição. As referências foram em função das diferenças entre meninos e meninas que eles admitiram serem marcantes tanto na forma de ser como na maneira de pensar e de agir. Neste ponto foi evidente um sentimento de disputa entre eles em que se declaravam, os meninos, "menos emotivos", e as meninas, "mais emotivas", por exemplo.

Esta forma de estabelecer representações pode ser compreendida à medida em que se percebe gênero como detentor de oposição, hierarquia e relação de poder. Assim, os meninos valorizavam os meninos e menosprezavam as meninas e vice-versa. O que se percebeu, contudo, foi que entre as meninas, houve algumas que desvalorizaram seu próprio grupo. Isso poderia ser compreendido pelo fato de haver certa hierarquia nas relações entre os gêneros, ou seja, se o masculino é concebido como superior, a manifestação dessa imagem, que está no inconsciente coletivo e individual, vai aparecer como a idealizada.

Por outro lado, os opostos se complementam e, meninos e meninas se referiram a esta complementaridade, quando a hierarquia é mascarada. isto não ocorreu quando falaram especificamente sobre seu grupo de convivência e de mesma faixa etária, ou seja, seus colegas de escola, por exemplo. Foi evidente a manifestação do idealizado e o sentido de

complementaridade ao se referirem, genericamente, ao "ser homem" e ao "ser mulher", o que ocorreu através da redação.

A redação com o tema "Se eu fosse homem..." para as meninas e "Se eu fosse mulher..." para os meninos, sugeria que, através de uma projeção de si, os adolescentes estabelecessem e expressassem seus referenciais de gênero: Obtive redações de vinte meninas e de treze meninos.

As meninas, ao se projetaram na redação "Se eu fosse homem..." o fizeram de uma forma genérica e idealizada. Neste sentido, quando elas se referiram ao homem, na maioria das vezes, elas negaram assumir atitudes e comportamentos do homem que elas conheciam e criticaram as características que, para elas, marcam o homem com quem convivem. Assim, se fossem homem, as meninas disseram que seriam diferentes do homem que conhecem e chegaram a traçar um perfil do homem idealizado. Em seus discursos as meninas priorizaram, sobretudo, uma forma de ser de homem, mais voltado para as relações afetivas, um homem mais sensível.

As meninas reconheceram que as permissões para os homens em oposição às proibições para as mulheres nas relações familiares, estabelecem uma das grandes diferenças entre o ser mulher e o ser homem.

O acesso às permissões e a expectativa de uma maior afetividade nas relações com as mulheres foram, portanto, características mais citadas pelas meninas quando na representação e idealização, respectivamente, do "ser homem".

Pôde-se perceber que as meninas representaram o homem genérico tomando-o de uma forma idealizada, apontando, negativamente, os homens com quem se relacionam.

Algumas meninas admitiram que existiriam vantagens em ser homem mas que, mesmo assim, preferem ser mulher. Enfatizaram o poder da maternidade como a maior das vantagens do ser mulher sobre o ser homem e a liberdade e a permissividade como a vantagem do ser homem sobre o ser mulher. Os meninos, por sua vez, ao se projetarem em "se eu fosse mulher..." o fizeram a partir da mulher que dizem perceber, conhecer e conviver no cotidiano familiar e social. Eles disseram que, se fossem mulher seriam diferentes de sua condição de gênero e, ao contrário das meninas que negaram se representar como os homens que conhecem, eles não negaram se representar como as mulheres de sua convivência.

Foi significativa a incidência de referências em "se eu fosse mulher..." ao cotidiano familiar, casamento e dedicação aos filhos. Assim, da mesma forma quando expressaram as representações de cotidiano, os meninos confirmaram a convergência de representação de cotidiano familiar e mulher pois, ao se colocar como mulher, afirmaram assumir as atividades domésticas e cuidado com filhos. Neste ponto pode-se perceber uma tendência da representação do ser mulher ao "mundo das necessidade", à esfera privada, tal como Arendt[123] define.

A questão das permissões e proibições foi outra convergência encontrada entre gênero nas representações de relações familiares e as representações de gênero em si. Isto porque, ao mesmo tempo que os adolescentes assinalaram que as relações familiares da menina com os pais são demarcadas por proibições e as relações familiares dos meninos são demarcadas por permissões, ao falarem do ser homem e do ser mulher,

[123] ARENDT, H. Op. Cit.

"permissão" foi significativa para a representação do "ser homem" e "proibição", para o "ser mulher". Estas permissões tanto se referem às ações como às atitudes e comportamentos, seja no âmbito familiar ou no espaço público.

Dois meninos questionaram atitudes conformistas da mulher, em se tratando da necessidade de reivindicar seus direitos políticos e negar o machismo que, segundo ele, muitas mulheres cultivam.

Um menino disse ter dificuldades em se colocar ou não conseguir pensar como mulher, para se descrever como tal e escreveu a redação na terceira pessoa.

Meninas e meninos em diversos momentos da pesquisa apontaram características como próprias de homens ou de mulheres. Estas características indicavam formas de homens e mulheres ser, pensar e ver o mundo que, para eles, são diferenciadas.

Ao mesmo tempo que gênero foi elemento de ancoragem para a construção de diversas representações sociais, os adolescentes constituem suas representações de gênero a partir de fatos percebidos e vivenciados. Os adolescentes demonstraram que desenvolvem seu processo de representações de gênero, como um processo contínuo de produções simbólicas tanto através de imagens, como de linguagem e de relações.

Dentre os adolescentes foi possível perceber dois aspectos igualmente relevantes no seu processo de construção das representações de gênero. Primeiro: eles se expressaram sobre o "ser menina" ou o "ser menino" especificamente sobre as pessoas com quem conviviam mais de perto, ou seja, sobre adolescentes como eles. Segundo: eles se expressaram

sobre o "ser mulher" ou o "ser homem" genericamente e, neste caso, falavam de pessoas de idades diferentes da sua, sempre pessoas de mais idade. Nestes dois casos, algumas representações foram coincidentes porém, houve uma certa distinção entre os conceitos quando a mulher ou o homem referidos eram adolescentes como eles, pessoas de sua convivência.

Assim, quando escreveram a redação "Se eu fosse homem/mulher..." e nas discussões nos grupos focais eles se projetarem em situações nas quais se colocaram numa idade diferente da sua. Todavia, durante a entrevista e mesmo em alguns momentos das reuniões dos grupos focais, as expressões sobre o masculino ou feminino tiveram como referência adolescentes como eles.

Na projeção, os adolescentes caracterizaram aquele ou aquela em quem se projetam, que é uma forma de atribuir significado, de elaborar representações. Eles expressaram diferentes características tanto sobre a forma de ser como a forma de agir de homens e mulheres genéricos.

Em outro momento, quando falaram especificamente das meninas e meninos que conheciam, os adolescentes emitiram suas representações em referência concreta a quem conhecem e com quem convivem. E, neste momento, suas representações foram perpassadas por disputas e menosprezo entre si.

Quando se referiram ao "ser homem" e ao "ser mulher", os adolescentes levantaram, principalmente, aspectos referentes às diferenças, igualdades e desigualdades entre homens e mulheres. Ao mesmo tempo que gênero sugere referenciais de diferenças, também sugere uma hierarquia e poder que é inerente ao conteúdo histórico das relações homem-mulher.

Tanto para os meninos como para as meninas as **Diferenças** constituíram referenciais para representações de gênero que se apresentaram como demarcadoras da construção das representações do ser homem e do ser mulher nas mais diversas situações.

7.1. As Diferenças

Ao falarem sobre as representações do ser homem e do ser mulher, a ênfase foi, sobretudo, na questão das diferenças.

Apontadas inicialmente em relação ao corpo, as diferenças **Físicas** se constituíram o núcleo figurativo das Representações Sociais de Gênero dos adolescentes.

"Diferenças?... não, sempre vão existir, né? As biológicas..."(Paulo, 15a.)

A diferença física foi associada à diferença de mentalidade e, neste aspecto, as meninas se colocavam em vantagem aos meninos e vice-versa:

"Bom, eu acho, como eu já lhe falei, que eles são muito imaturos, nem todos, mas a maioria... acho que só pensam em computador, sabe, essas coisas assim, você vai conversar, não tem nada na cabeça... fica contando piadinha suja, falando só de computador e você fica boiando..."(Giovana, 15a.)

"Meninas? Menina... elas se desenvolvem fisicamente primeiro, ficam maior... não sei, acho que cresce só fisicamente porque de mentalidade eu acho que... não sei, eu acho que se distancia um pouco."(Léo, 16a.)

"eu só acho, que na minha idade agora, as meninas, eu acho, normalmente eu acho que elas amadurecem mais rápido."(Mário, 15a.)

Os meninos destacaram a precocidade do desenvolvimento físico das meninas e criticaram o preconceito que elas têm no relacionamento com eles o que indicaria uma mentalidade "atrasada".

"Porque, falam tipo, um homem, um homem conversar com uma mulher como amigo, tudo bem, mas menina não encara desse jeito. Se eu

chegar prá um menina e começar a conversar com ela, ela vai achar que eu tô dando em cima dela, na minha idade assim, pelo menos..."(Léo, 16a.)

"Eu só acho que na minha idade agora as meninas, eu acho normalmente eu acho que elas amadurecem mais rápido. As preferências são um pouco diferentes, né?... por isso que às vezes é meio difícil ter amigas, menino e menina da mesma idade. Não tão difícil mas não tanto quanto menina e menino..."(Mário, 15a.)

Dentre vinte meninas, cinco (25%) consideraram os meninos como crianças, infantis, com o desenvolvimento aquém ao delas.

"Os meninos são caretas. Os meninos são muito crianças, eu acho. Acho que eles demoram mais prá amadurecer... isso me incomoda, porque eles ficam tirando sarro da sua cara... não da minha, pelo menos, né? Mas dos outros... são bem crianças. Acho que eles deveriam procurar mudar e tirar essa fama."(Gláucia, 15a.)

"...acho que os meninos são mais crianças... menina da minha idade tem mais cabeça. Eles amadurecem muito menos, sei lá..."(Vanessa, 16a.)

O sentimento de disputa esteve presente em grande parte dos discursos das meninos e meninas apesar das ressalvas feitas:

"Ah, tem muito menino legal, né? Eu acho que nessa idade, tem exceção, mas a maioria dos meninos tem a cabeça pequenininha, eles não... sei lá... parece que eles regridem ao invés de progredir... são muito crianças ainda."(Kelly, 15a.)

As diferenças assinaladas pelos adolescentes ao mesmo tempo que puseram em destaque aspectos físicos e mentais, reafirmaram as relações competitivas existentes entre eles.

Não seria nem um pouco fresca, característica que não agrada a maioria dos homens. Na minha opinião é fácil não ser fresca..."(Henrique, 15a.)

Assim, também foi possível destacar várias **Características** que eles assinalaram como diferenciadoras do que, para eles, seria próprio do "ser homem" ou do "ser mulher".

Estas características, expressadas através de conceitos, foram pinçados de seus discursos nos diversos instrumentos. O quadro 13 apresenta estas características e, nele, é possível perceber as coincidências e incidências de representações negativas e positivas na percepção de meninos e meninas. Na definição de características para homens e mulheres algumas são coincidentes, segundo meninos e meninas, e outras são opostas.

Quadro 13. Características Femininas e Masculinas

Meninos		**Meninas**	
Características Femininas	**Características Masculinas**	**Características Femininas**	**Características Masculinas**
Delicadeza Calma Compreensão	Racional Irracionalidade Agressivo Briguento	Delicadeza Calma Serenidade Educação	
Vaidade		Vaidade	Contam vantagens
Emotividade	Emotividade reprimida	Emotividade	Emotividade reprimida
Sentimentalismo Sensibilidade Sutileza Paciência Beleza	Frieza	Melosa Sensibilidade Derretida Carinhosa Beleza	Oportunista Insensibilidade
Abertura para mudanças Responsabilidade Fazer trabalho doméstico Presteza Desinibição	Acomodação	Mais competitiva Responsabilidade Certinha	Facilidade de fazer amigos Não faz trabalho doméstico Brincalhão Desinibição Menos complicado
Menos livre	Mais livre	Menos livre	Mais livre
Enfrenta problemas	Não enfrenta problemas		
Inteligência Amadurecimento mais rápido Sincera nas amizades Fechada para amizades masculinas		Estudiosa Amadurecimento mais rápido Falsa nas amizades	Lentidão de pensamento Imaturos Sincero nas amizades Fechado nas amizades
Machismo	Machismo		Machismo
		Maternidade	Não engravida

Tanto os meninos como as meninas expressaram mais características negativas para os homens, ao passo que ambos, expressaram inúmeras características para as mulheres, que eu consideraria positivas. Dois conceitos negativos para as meninas que apareceram no discurso de meninas, como "falsa nas amizades" e "menos livre", presente no discurso de ambos, podem ser considerados sob pontos de vista diferentes. Enquanto um seria decorrente de uma atitude da própria menina na relação com amigos, o outro decorre de sua relação familiar.

Nos discursos dos adolescentes aparecem características que tendem a demarcar a feminilidade do corpo e, ao mesmo tempo, uma certa complementaridade.

Foi marcante a freqüência de conceitos relativos a aspectos afetivos das meninas no discurso de ambos. A polarização da característica apontada, "emotividade" para as meninas e "emotividade reprimida" para os meninos referida igualmente por meninos e meninas, diferencia, substancialmente, o ser mulher e o ser homem.

Esta bipolarização se mantém diante de outras características apontadas, tanto por meninas quanto por meninas, realçando "frieza" ou "insensibilidade" versus "sentimentalismo" ou "sensibilidade. A conotação positiva versus negativa se coloca, igualmente no discurso de meninas e meninos à medida em que o desejado para ambos seria a permissão, para o homem, de manifestar a emotividade, de ser mais sensível.

A característica "vaidade" apontada por meninos e meninas como feminina poderia ter coincidência à característica "contam vantagens", apontada para os meninos. No entanto, elas tem conotações diferentes.

Enquanto a primeira diz respeito ao corpo, à conservação da femininlidade a outra diz respeito ao comportamento, no sentido de machismo. Neste sentido, não se poderia afirmar que, meninos e meninas considerem a vaidade como negativa, pois, para ambos, a mulher "deve ser vaidosa, deve cuidar do corpo e da beleza". Por outro lado, o "contar vantagens" para as meninas tem uma conotação negativa à medida em que estas "vantagens" se referem a um comportamento masculino que é indesejado.

Outro aspecto relevante, foi a referência ao conceito "machista", assinalado dentre os meninos para as mulheres e dentre as meninas, para os homens. Em ambos os casos, este tem uma conotação negativa, revelando sempre uma exploração e dominação do outro.

A medida em que as meninas e meninos se referiam às características de homens e mulheres, eles apontaram representações genéricas do ser homem e do ser mulher. Por outro lado, quando interrogados sobre o que pensavam de meninos, meninas e sobre si mesmos, eles expressaram representações em referência específicas a quem conheciam mais de perto. Nos dois casos eles apontaram características que estão no quadro 13.

Estes dados, de certa forma, estão em relação direta às representações constituídas do ser homem e do ser mulher em processos tanto dentro como fora da família. Estas características, retiradas de seus discursos, pareciam apresentar elementos suficientes para definir as diferenças que eles apontavam entre homens e mulheres.

No entanto, os adolescentes foram bem precisos em suas definições e apontaram de diversas formas as diferenças entre homens e mulheres definidas no corpo ou nas relações sociais.

As diferenças no corpo salientaram aspectos do desenvolvimento mental e das funções biológicas, que destaquei anteriormente.

As diferenças sociais que eles destacaram em sues discursos, foi possível categorizar em relação às **Atitudes**, às **Relações Afetivas**, às **Permissões**, ao **Cotidiano Familiar**. às **Relações de Trabalho** e ao **Engajamento Político**.

A referência às atitudes foi muito marcante, seja para meninas ou para meninos que afirmaram nelas se encontrarem as grandes diferenças entre homens e mulheres.

Nas redações, os adolescentes fizeram referências explícitas ao comportamento diferenciado de homens e mulheres frente às suas relações afetivas.

As discussões nos grupos focais também colocou em pauta, principalmente, entre os meninos, o lado afetivo que é negado ao homem desde suas relações familiares.

Em uma reunião de grupos focais entre os meninos, um deles citou o caso de um amigo que foi surrado pelo pai porque foi visto chorando. Este menino, como os demais presentes, admitiu que esta é uma atitude comum entre os pais, ou seja, querer que os filhos neguem a condição de chorar. A discussão conseqüente levou os meninos a discordarem da atitude do pai citado, mas não questionaram no fato em si: o menino tem ou não o direito de chorar? Chorar é ser mulher?

As meninas, em outra reunião, discutiram como o lado emocional dos meninos tem sido reprimido e elas acreditam que isto acontece por causa da educação dos pais. Para elas, os meninos deveriam manifestar mais os

sentimentos, ser mais afetivos. Assim, para os adolescentes, a reprodução do comportamento masculino tem seguido um modelo de repressão às emoções e este ainda tem sido imposto para os meninos nas suas relações familiares.

Na sua projeção enquanto homem e enquanto mulher, meninas e meninos, respectivamente, acrescentaram como agiriam em relação aos pais enfatizando a necessidade de manifestar afetividade.

O discurso nas redações incluíram representações contidas em relação ao cotidiano familiar. Este cotidiano fazia referência, sobretudo, às relações de trabalho doméstico. Os meninos, ao se projetarem como mulher, fizeram mais referência ao cotidiano doméstico, referindo-se às relações de trabalho doméstico, ao contrário das meninas. Isto pode indicar uma associação imediata dos meninos de doméstico, à mulher e à família. Mas, nos grupos focais, a palavra "mulher" para os meninos foi associada à beleza, sensualidade e apelativa ao sexo.

Quando os adolescentes se projetaram enquanto homem ou enquanto mulher, houve referências ao que poderiam fazer junto às causas políticas. As meninas o fizeram, ao se projetar como homem, enfatizando uma ação ampla ação política. Por outro lado, as lutas contra a opressão feminina foram lembradas pelos meninos ao se projetarem como mulher.

Se o mundo doméstico tem sido, via de regra, associado à mulher, a esfera pública, enquanto o mundo do trabalho economicamente ativo, tem sido associado ao homem. O mundo da produção está no contexto político e a figura masculina tem sido mais associada a este contexto do que a feminina. Deste modo, não foi surpreendente as representações que os

adolescentes têm do ser masculino e do ser feminina quando se referem ao engajamento político.

Os adolescentes já haviam se referido às relações de trabalho durante a entrevista, evocaram algumas situações nos desenhos e nos grupos focais. Também na redação "se eu fosse homem/mulher..." eles acrescentaram algumas idéias sobre como estas relações se apresentam e significam para eles. Meninos e meninas fizeram referência às relações de trabalho, de forma que os meninos negam desigualdades neste aspecto. As meninas, por outro lado, afirmaram desigualdade, com desvantagens para a mulher e falaram da necessidade de, como homem, terem sucesso no trabalho economicamente ativo.

Meninos, mais que meninas iniciavam seus discursos afirmando não ter diferença entre homens e mulheres, em relação ao ser e ao fazer, isto é, principalmente nas relações de trabalho economicamente ativo. No entanto, na continuidade dos discursos, eles contrariavam suas afirmações assinalando, freqüentemente, aspectos diferenciadores.

Portanto, as meninas, mais que meninos, foram mais categóricas ao afirmar que as diferenças existem. Ambos apontaram suas causas e origens, enfatizando o corpo como determinante da maior das diferenças ou seja, a "natureza" do corpo feminino e do corpo masculino. Mas ao mesmo tempo que se referiram à diferença destacando o sexo biológico eles assinalaram condicionamentos presentes no contexto social como definidores de diferenças. Neste sentido enfatizaram atitudes e comportamentos como diferenciadores entre o ser homem e ser mulher. Ao apresentarem as distinções percebidas, meninos e meninas mantiveram um discurso em que

idealizam as relações entre homens e mulheres, no sentido de se alcançar a igualdade entre ambos.

Os tópicos seguintes apresentam como meninos e meninas consideram as diferenças do "ser homem" e do "ser mulher".

7.1.1. Os Meninos falam das Diferenças

Houve um consenso entre os meninos da existência de uma diferença marcante entre o ser mulher e o ser homem, seja pela educação ou mesmo pela constituição da personalidade.

"...eu teria que passar por todas as fases de preparação para ser mulher, seria educada para ser mulher..."(Léo, 16a.)

Um menino, porém, inicia afirmando que esta diferença não é tão marcante como parece para depois concluir que existem diferenças:

"Se eu fosse mulher não acho que a vida seria diferente. Apenas por alguns detalhes. Acho que minha infância e tudo que aconteceu, acontece e acontecerá, seriam diferentes."(Mário, 15a.)

Em outras ocasiões os meninos negaram a existência de diferenças entre homens e mulheres, mas quando se referiram a estas diferenças, eles destacaram, principalmente, diferenças físicas e dificuldades de acesso ao mundo do trabalho, à esfera pública.

"Não vejo uma coisa que o homem não possa... que o homem possa fazer que a mulher não possa a não ser mijar em pé. Aí, eu não vejo coisas que um homem possa e que a mulher não possa... eu não vejo diferença entre homem e mulher, né? Prá mim, mulher é igual ao homem e eu acho que ela tem todo os direitos que o homem tem... é isso. A sociedade impõe diferenças, mas eu acho que se a mulher realmente quiser, acredito que ela pode, ela consegue o que ela quiser... se ela lutar..."(Carlos, 16a.)

A ênfase entre os meninos em negar ou conceber uma pequena diferença entre homens e mulheres ocorre à medida em que eles

reconhecem que a mulher, atualmente, tem uma forte presença no mundo do trabalho:

"A cada dia que passa tá diminuindo a diferença, né? Entre homem e mulher... a mulher tá conquistando o espaço dela, começando a trabalhar... acho que diferenças assim... infelizmente o homem ainda leva vantagem. né?... a mulher tem que lutar, se bem que ela tá conquistando o espaço, né? Tá demorando... está custando bastante, mas ainda não está completo."(Henrique, 15a.)

A superação das diferenças entre homens e mulheres, em função destas estarem no mundo economicamente ativo, foram assinaladas pelos meninos mais do que a constatação que existam diferenças de fato:

"Diferenças?... hoje em dia... não tem porque a mulher agora está, tudo o que o homem faz ela já tá fazendo, já. Campo de trabalho, a mulher tá ocupando tudo... tem uma certa discriminação... acho que não tem nada a ver isso aí..."(Klaus, 16a.)

"...todo mundo é igual, mulher... menino, menina... é... não tem nenhum... não tem diferença assim. Eu acho que é do mesmo jeito, não tem diferença."(Daniel, 14a.)

"Não, as coisas... são... porque antigamente as coisas... havia distinção, mas hoje acho que não, é a mesma coisa. Antigamente acho... que era mais fácil para homem arrumar emprego que prá mulher. E há muito tempo atrás os homens, só os homens votavam, tipo assim."(Marcelo, 16a.)

A maioria dos meninos não reconhecendo diferenças entre homens e mulheres, a não ser a física, admitiu que, se elas existem, se extinguiram à medida em que a mulher ingressou no mercado de trabalho. Eles falam de uma igualdade com base nos direitos legais mas reconhecem que há necessidade da mulher lutar muito para alcançá-la.

"Se tem muitas diferenças?... entre o ser homem e os ser mulher? Não, não sei. Acho que... logo eles são diferentes, justamente pela sexualidade, mas é... não tem como citar essas diferenças... eu não sinto diferença porque... onde eu vou, elas vão, o que eu faço, elas fazem, é... eu acho que nesse sentido assim, elas teriam os mesmos costumes... elas teriam os mesmos costumes que os homens, assim, os mesmos."(Fabrício, 15a.)

"Diferença? Prá mim é só física. E diferença é o que a sociedade impôs. Porque seja filho ou filha vou deixar os dois fazerem a mesma coisa do jeito que quisessem, prá mim não ia ter problema nenhum."(Léo, 16a.)

Alguns meninos, portanto, admitem e reconhecem que a diferença entre homens e mulheres é, notadamente, biológica, seja na sexualidade ou na capacidade de força física.

"Diferença?... em muita, muita coisa, vamos supor. Quando tem um serviço assim, mais na área de serviço, quando tem um serviço pesado, lógico, mulher não pode estar carregando uma saca de batatas que nem homem...mas na minha escola, com meninas da minha escola, nos dias de hoje quase não tem diferença entre homem e mulher. Homem e mulher é quase tudo a mesma coisa. Acho que quase não tem diferença. Tanto sendo um como outro acho que daria na mesma."(Alberto, 17a.)

A noção da esfera pública ser masculina e da esfera doméstica ser feminina é amplamente acentuada nos discursos dos meninos, dicotomizando as duas esferas de acordo com as idéias que Arendt[124] discutiu.

"...o mundo hoje em dia é muito machista! Mulher, prá mudar isso, ela tem que lutar muito. O homem não precisa mudar porque já tá feito prá ele, o mundo. O mundo foi feito pró homem, hoje em dia. Mulher, mulher não, ela tem que abrir o espaço prá ela, então é mais difícil prá ela."(Carlos, 16a.)

Para Carlos, um fato conseqüente àquele do mundo ser dos homens e a mulher ter que lutar para "conquistar um espaço" na esfera pública, seria a acomodação do homem. Neste sentido, ele caracterizaria o homem como "acomodado" ou "mais fraco" que a mulher devido às circunstâncias das condições historicamente definidas. Carlos, por exemplo, admitiu que a mulher seria alguém com muito mais garra que o homem, que luta por mudanças e não se acomoda.

"...eu acho que realmente as mulheres são bem mais fortes que os homens... as mulheres agüentam as barras fácil, os homens, os homens não podem falar nada, né?... Chorar... assim, tem que segurar, né? Segura...

---

[124] ARENDT, H. Op. Cit.

Mas a mulher ela segura barra... ela consegue segurar mais barra do que o homem. O homem, não, ele... como por exemplo... você joga uma pressão em cima do homem eu acho que ele... na maioria das vezes, ele sai... por exemplo, ou você pode ter, arriscar, ou você prefere ficar na sua. Ele prefere ficar na sua. As mulheres, não. As mulheres querem mais mudanças, elas são mais fortes realmente. O homem, não... ele... é acomodado, prefere ficar na dele... Então sou bastante acomodado, eu gosto é... acho que eu gosto assim..."(Carlos, 16a.)

Meninos assinalaram que se as condições físicas são determinantes para existência de diferenças entre homens e mulheres, admitiram que condições na sociedade, ao mesmo tempo que as favorecem, também são injustas para com as mulheres. Isto porque, para eles, a mulher precisa lutar para conquistar a igualdade.

"Existe muita diferença entre a mulher e o homem. A mulher é muito discriminada na sociedade. Agora é que ela vem adquirindo os espaços, né? Na área de trabalho, todas as áreas... eu acho até injusto, porque o homem e a mulher, eu acho que eles são capazes das mesmas coisas, né? São todos humanos, pensa, né? E tudo o mais."(Tiago, 16a.)

Adriano destacou como a existência da diferença entre homens e mulheres é desejável pois ela é que possibilita a complementaridade dos sexos:

"Eu acho que existem porque se fossem iguais não existiria tantas discussões entre maridos e mulheres se fossem as mesmas... se os dois seres fossem iguais, tivessem o mesmo pensamento por que então haveria constantes brigas? Até mortes, assim, entre maridos e mulheres, namorados, eu acho que tem sim..."(Adriano, 15a.)

Reconhecendo ou não a existência de diferenças entre homens e mulheres, a maioria dos meninos mencionou discordância com as discriminações contra a mulher, existentes em nome das diferenças sexuais, afirmando que, à exceção das diferenças biológicas, as outras são construções sociais.

"Ah!, os meninos, eles são diferentes... prá eles não tem esse negócio de exigências não... no geral eles não são desse jeito. Eles procuram valorizar as coisas que os outros fazem... ah!, o pessoal tem muito

preconceito em relação à mulher, né? É... acham que elas não são capazes de tais coisas, né? A gente é capaz de tudo e tal... eu acho bom isso..."(Tiago, 16a.)

Compreendo que, quando negaram a existência de diferenças entre homens e mulheres, os meninos se referiram, basicamente, em relação às condições da sociedade moderna que, ao mesmo tempo propiciam a educação feminina e o ingresso da mulher no mundo do trabalho, lhe impõe mais exigências e restrições que para o homem.

Nestas situações de relações sociais, portanto, os adolescentes assinalaram aspectos diferenciadores do "ser homem" e do "ser mulher" demarcadas por: **Atitudes, Afetividade, Permissões, Cotidiano, Postura política e Relações de trabalho.** estas categorias foram encontradas, sobretudo nas redações "Se eu fosse homem.../mulher..."

a. Atitudes

Para os meninos, as atitudes que projetaram em sendo mulher, indicariam uma clara mudança na forma de ver e sentir o mundo. Estas atitudes eles reconhecem como sendo próprias das mulheres com quem se relacionam:

"...teria uma personalidade completamente diferente pois acredito que seria educado de maneira diferente pelos meus pais."(Fabrício, 15a.)

Ao mesmo tempo que os meninos não admitiram haver diferenças entre o ser homem e o ser mulher, em relação às atitudes, eles marcaram estas diferenças:

"...acredito que seria completamente diferente do homem, pois o ser homem e o ser mulher é um oposto do outro."(Adriano, 15a.)

"Se eu fosse mulher haveria muitas mudanças..."(Alberto, 17a.) .

Os meninos admitiram assumir o comportamento e atitudes da mulher comum que conhecem e com quem convivem:

"Se eu fosse mulher me interessaria por coisas de mulher, pensaria como mulher... mulheres pensam diferente dos homens..."(Léo, 16a.)

"Procuraria ter visões diferentes do mundo. Não como as mulheres radicais de hoje que, com rápidas e profundas mudanças, querem produzir modificações no mundo."(Tiago, 16a.)

Ao se projetarem como mulher, houve quem admitisse que não mudariam de atitude com os amigos. Permaneceria com as mesmas relações de amizade que têm atualmente enquanto homens, apesar de diferenciar as formas de relacionamento:

"Continuaria saindo com meus amigos mas os olharia de outra maneira, praticaria os mesmos esportes e trabalharia da mesma forma com meu pai."(Alberto, 17a.)

Para Alberto, portanto, suas atitudes em relação aos amigos não mudariam.

"Trataria os homens como gosto de ser tratado, sem muita frescura. Conversaria com eles sem qualquer restrição. Teria as mesmas amizades que eu tenho hoje, mas olharia para eles de maneira diferente, do jeito que trato hoje as meninas."(Daniel, 14a.)

Ao mesmo tempo que se pode fazer uma leitura de uma mensagem sutil no discurso dos meninos, que é dirigido às meninas, para que elas, derrubem as barreiras e, sem preconceitos, sejam mais amigas dos meninos, revela como e em que nível as disputas ocorrem entre eles. Esta informação contradiz àquela das meninas quando elas falaram de suas afinidades e preferências para serem amigas dos meninos. Será que esta relação de amizade que as meninas se referem não vale para os meninos da mesma classe escolar?

Realmente, na reunião dos grupos focais, as meninas afirmaram que na sala de aula os meninos têm atitudes infantis e que, por isso, preferem não se aproximar deles. Os meninos, por outro lado, reconhecem que as meninas de sua classe se consideram "superior", são "trancadas" e "não são amistosas".

Nos grupos focais os meninos destacaram que as atitudes das mulheres diferem das atitudes dos homens à medida em que o homem não é tão "cheio de exigências" como a mulher e assinalaram que homem é bem mais racional que a mulher. Para eles, enquanto o homem age apenas pela razão, a mulher age, sobretudo, pela emoção.

Quatro, dentre quatorze meninos entrevistados, ou seja, 28,5% referiram-se à forma diferenciada das meninas se comportarem em relação ao sexo oposto. Para eles estas atitudes significam machismo, desinibição e ser ou não ser "certinha".

"Ah!, elas não facilitam muito o relacionamento, assim, não sei, não sei o motivo. Tem algumas assim, mas outras, não."(Marcelo, 16a.)

Desta forma eles assinalaram como gostariam que fossem suas relações de amizade com as meninas, ao se projetarem "se fosse mulher..."

"Seria, ao mesmo tempo, misteriosa e aberta. Misteriosa até o ponto de não me isolar do mundo e ser aberta com os amigos. Seria assim, o mais aberta e desinibida possível a fim de ser bem vista por todos."(Henrique, 15a.)

Os meninos reconhecem que não podem generalizar as meninas e expõem sua impressões negativas, sobre aquelas meninas com as quais não desenvolveram afinidades, e suas impressões positivas sobre as meninas com as quais criaram laços de amizade.

"Ah!, eu acho que as meninas têm um comportamento extremamente diferente em relação a nós, homens, né? Elas, de vez em quando, se revelam muito, muito cheias de coisas, de frescuras, de futilidade e a gente

não. A gente... a gente procura resolver as coisas direito, sem querer exigir muita coisa dos outros entendeu?... elas exigem... ah! me leva em tal lugar... aqui não tá bom, vamos embora... Tá lá, não tá satisfeita, tem que ir em outro lugar, é sempre assim..."(Tiago, 16a.)

Suas representações, portanto, são positivas quando se envolvem afetivamente com a pessoa e, ao contrário, são negativas, caso não existam laços de afetividade.

Dentre quatorze meninos, quatro (28,5%) falaram que se existem meninas "fresquinhas", existem as "camaradas" e ótimas amigas.

"...as meninas realmente não são iguais, tem vários tipos de mulheres... existem aquelas meninas que realmente são interesseiras, que eu conheço que são muitas... e tem as meninas que não querem nada com nada, não quer saber de ninguém, têm dinheiro, não quer saber de nada. Prá mim são as meninas certinhas, né? Ela não quer 'ficar', ela não quer... elas são muito assim, cheias das frescuras... Tem umas meninas assim, que são camaradas, né? Elas assim, não, vamos dizer que elas vão sair com todo mundo mas, acho que assim elas chegam a ser amigas... realmente são as grandes amigas."(Carlos, 16a.)

Quando se referem às meninas de convívio mais próximo, como as colegas da escola, falam de pouca aproximação. Apesar de falarem que os amigos são, sobretudo, da escola, os meninos concebem que as meninas da escola não são abertas para amizades. Isto confirma a posição delas em relação aos meninos.

b. Relações Afetivas

No tocante às relações afetivas, posições de meninos e meninas foram distintas em vários aspectos.

Quando os meninos falaram de ser mulher, em referência às relações afetivas eles destacaram, sobretudo, a necessidade de bem se relacionar com os meninos e a busca do casamento como meta para uma estabilidade.

"...tentaria aprender a conviver com os meninos, pois acho importante que se conheça o sexo oposto para quando eu for tomar uma atitude definitiva na vida (como casamento, por exemplo), não fazer besteira e

perder um tempo que passa rápido. Depois que a juventude passasse, iria procurar um homem que me desse segurança, estabilidade, que me amasse muito e que aceitasse minha independência... gostaria de ter filhos para poder amá-los e poder ensinar-lhes tudo que aprendi na vida."(Paulo, 15a.)

Como mulher gostaria de ser feliz junto de alguém que eu ame e que, acima de tudo, me amasse para eu aproveitar toda minha vida."(Paulo, 15a.)

A idéia de complementaridade é colocada pelos meninos, acentuando a intenção do casamento como meta da mulher.

"Deus criou o homem e a mulher para um viver em função do outro, pois sem as mulheres, que seria dos homens?"(Tiago, 16a.)

A projeção enquanto mulher, associada a idéia de casamento e maternidade foi muito freqüente entre os meninos. Para 38,4% deles, ao se projetarem como mulher, falaram das relações afetivas se colocando na instituição do casamento nos moldes tradicionais.

"Teria de ser uma mãe dedicada, compreensiva e sacrificar os meus interesses pessoais em prol dos interesses dos meus filhos."(Camilo, 15a.)

"Quando pensamos em ser mulher, pensamos em ter namorados, ter filhos, curtir a vida... se eu fosse casar, casaria por amor e não pelo dinheiro como algumas pessoas fazem..."(Klaus, 16a.)

"Gostaria de me casar, ter filhos, encontrar um homem ideal para mim. Viver minha vida sem interrupção da família."(Daniel, 14a.)

Enquanto existem aqueles que apontam a dedicação total da mulher à família (casamento, marido e filhos) outros indicam a necessidade dela se afirmar, independente de suas relações afetivas, mas dentro do contexto casamento.

"Casaria, teria um filho, não deixaria que meu marido me comandasse."(Carlos, 16a.)

Um menino se projetou de tal forma na condição do ser mulher que manifestou o desejo incontido da curiosidade pelas sensações da maternidade.

"...quem sabe até casar e ter filhos. Uma das maiores curiosidades que tenho é saber como é a sensação de carregar uma criança no ventre. Acho que também me apaixonaria facilmente, que teria a cabeça no lugar e procuraria tomar cuidado com o sexo, pois é muito mais delicada a condição da sexualidade da mulher que a do homem, porque para o homem engravidar a mulher e não se responsabilizar é fácil, duro é para ela, que sofre a responsabilidade ... namoraria bastante..."(Adriano, 15a.)

Enquanto se afirma que a mulher manifesta atitudes que expressam, inconscientemente, seu "complexo de castração", Mead[125] nos relata cerimoniais em diversas sociedades sobre a inveja do papel da mulher e um desejo de imitá-lo. Neste sentido, poderia se pensar que Adriano teria manifestado, justamente, a expressão desta inveja.

Ao mesmo tempo em que os meninos atribuem à mulher aspectos de afetividade e de emotividade quando nela se projetam, ao se referirem às meninas, ou seja, colegas da escola, adolescentes como eles, afirmaram que as meninas tendem a dissimular suas emoções ao se relacionar com os meninos. Para eles, isso é muito negativo e o ideal seria que as meninas buscassem uma maior proximidade dos meninos. Assim, ao mesmo tempo que menosprezam o feminino, ele é seu objeto de desejo, de complementaridade.

c. Relações com os Pais

Ao se projetarem como mulher, os meninos mencionaram que teriam uma dedicação maior aos pais, colocando a idéia de retribuição quando se referem às relações afetivas com os pais:

"...e visitaria meus pais freqüentemente, pois foram eles que me deram a educação que mereci."(Klaus, 16a)

"Não seria baderneira e respeitaria meus pais. caso o que eles pusessem fosse machista iria lutar para mudar isso."(Carlos, 16a.)

---

[125] MEAD, M. Op. Cit. p. 93

Ao mesmo tempo que, para os meninos, a dedicação e manutenção de relações afetivas com os pais deve ser algo a ser preservado enquanto mulheres, um menino lembra a resistência que a mulher deve fazer para não sucumbir à dominação masculina.

d. Permissões

Os meninos falam de limitações em contraposição às permissões. Ao mesmo tempo que reconhecem que, enquanto homens, usufruem de permissões, ao se projetarem como mulher, admitem que teriam as limitações que, consideram, ser comuns entre as mulheres que conhecem.

"...acho que mesmo na sociedade é mais fácil pró homem... é mais fácil, né? Mesmo o pai, tipo assim, se eu com 14 anos arrumasse uma namorada, meu pai não ia falar nada, mas se fosse uma menina era diferente. Ele... bom, prá tudo é mais fácil pró homem... homem, tem muita coisa que homem faz porque o pai deixa, porque se fosse menina não deixaria."(Léo, 16a.)

Para dois meninos (15,3%), a não permissividade para a mulher se justifica à medida em que eles reconhecem que a mulher precisa se preparar para função materna, portanto, precisa ser recatada:

"Meu comportamento teria que ser o mais bem educado e compreensivo... Quando estivesse pronta para ter um filho, minha responsabilidade em não beber, não fumar, enfim, não me expor a coisas ruins, seria o marco inicial para não trazer prejuízo ao futuro filho que sairá de mim."(Adriano, 15a.)

Um menino aponta para certa forma de permissão, curiosamente para a mesma forma original de permissão conquistada pela mulher no contexto histórico: a educação.

"Faria uma faculdade para ser independente de qualquer pessoa. Teria amigos diferenciados e legais. Iria praticar esportes e me divertir nos fins-de-semana."(Klaus, 16a.)

Se, por um lado, dois meninos assinalaram limitação de permissões para a mulher, a maioria, ao se projetar como mulher, colocou como meta a conquista de uma liberdade não no sentido de sair, conquistar o mundo, mas na idéia de buscar contatos mais igualitários com os homens.

É interessante assinalar que, em vários desenhos sobre o cotidiano (Anexo IV; p. 393 e Anexo V, p. 407), os adolescentes retrataram situações de permissões mas com restrições, fossem menino ou menina. Isto pode indicar que a permissão, por vezes decantada pelos meninos e desejada pelas meninas, está relativizada pela idade.

Para os meninos, portanto, existe uma idéia e uma sensação de permissividade, mas ao refletirem sobre seu cotidiano e ao retratá-lo, eles encontram e falam de situações em que esta tem suas limitações.

e. Cotidiano Familiar

No discurso dos meninos, houve mais referência ao cotidiano do que no discurso das meninas. Isto pode ser interpretado como, pelo fato de se colocar como mulher, na redação "se eu fosse mulher...", eles associam, de imediato, o "ser mulher" à dinâmica doméstica. Esta associação, portanto, está delimitada à idéia da mulher identificada ao lar e à família:

"Meus filhos não seriam reprimidos e teriam uma boa educação..."(Klaus, 16a.)

"Em casa eu seria muito mais atarefado pois teria que fazer os vários trabalhos domésticos, como lavar louça, varrer, limpar banheiros, etc.."(Daniel, 14a.)

"Seria educada para o lar, embora tivesse condições econômicas de estudar e futuramente trabalhar. Mas, ainda que isto ocorresse, é quase certo que todas as tarefas domésticas (lavar, cozinhar, passar, etc.), seriam minhas responsabilidades." (Camilo, 15a.)

Dois meninos se colocam em situações do cotidiano doméstico, porém negando sua submissão a este cotidiano, chamando atenção para o fato da conquista de uma independência financeira e igualdade na relação homem-mulher:

"...procuraria viver nos padrões atuais como uma mulher moderna: estudar, procurar me formar, trabalhar, tentar conquistar um padrão econômico que me sustente. Não ia querer ser dona de casa de jeito nenhum e acho que levaria uma vida normal, cheia de amigos, namoraria bastante, sairia com a turma, etc."(Fabrício, 15a..)

"Dividiria o trabalho de casa com meu marido."(Carlos, 16a.)

Um menino reconhece a questão da dupla jornada de trabalho como inevitável na condição feminina:

"Minha liberdade diminuiria, e muito, só sairia de casa com a cabeça bem formada e uma bagagem trazida de casa bem assimilada, os deveres domésticos seriam feitos por mim, pois sendo mulher, o trabalho mais pesado seria meu. Se tivesse alguma dúvida sobre o ser mulher eu iria perguntar à minha mãe."(Adriano, 15a.)

Assim, ao se projetarem como mulher, os meninos enfatizaram as relações de trabalho doméstico, da mesma forma que, ao falarem de seu cotidiano, o associaram, de imediato, às atividades domésticas desenvolvidas pela mãe.

Isto demonstra que a demarcação diferencial entre o ser homem e o ser mulher para os meninos quando se referem ao cotidiano, está fortemente associada ao trabalho doméstico como feminino, mesmo se eles mencionaram executar algumas destas atividades. Tal ocorreu em várias redações de meninos, se opondo mesmo à idéia presente na entrevista sobre a divisão sexual do trabalho.

Há uma tendência de atribuir à mulher um significado maior para a responsabilidade da organização dos assuntos da casa. Por outro lado ficara

evidente certa participação de homens nos trabalhos domésticos, mesmo de forma diferenciada. Neste sentido, ao mesmo tempo que ocorre, na prática, um redimensionamento da divisão sexual do trabalho, em relação ao trabalho doméstico e o mundo das necessidades versus esfera social e o mundo da produção entre os adolescentes permanece um sistema dual de categorização de gênero para suas representações sociais.

As práticas no cotidiano familiar e social não têm sido suficientes para estabelecer uma unidade entre a representação e o real. Por outro lado, de que forma este real é incorporado ao cotidiano para a construção de suas representações? Esta questão também se colocaria em relação à idéia de permissão para os meninos versus proibição para as meninas.

f. Engajamento Político

Os meninos fizeram referência a uma postura política que assumiriam em sendo mulher. Para quatro meninos (30,7%), a luta feminista foi lembrada e, enquanto mulher, eles lutariam pela defesa dos direitos da mulher e contra sua discriminação.

"Lutaria para obter iguais direitos com os homens, pois ambos são racionais e capazes das mesmas proezas e façanhas... faria de tudo para tirar da cabeça dos homens a sua superioridade e provaria quão útil é a mulher à sociedade."(Tiago, 16a.)

Dois, dentre estes quatro meninos haviam afirmado que, nas relações familiares, sua mãe têm uma prática questionadora sobre a condição feminina. Para estes meninos, portanto, o discurso por uma igualdade de direitos entre homens e mulheres é bem familiar.

g. Relações de Trabalho

Quando se projetaram como mulher, os meninos, falaram basicamente de dois enfoques que teriam em relação ao trabalho: seriam livres para optar o tipo de trabalho ou estariam limitados em função das responsabilidades com a família. Predominou, porém, a idéia de liberdade em relação à possibilidade de opção de trabalho, associada também à necessidade de uma conquista, a uma busca e até sem esquecer o trabalho doméstico.

"...tentar conquistar um padrão econômico que me sustente."(Fabrício, 15a.)

"...trabalharia da mesma forma com meu pai."(Alberto, 17a.)

"Procuraria um emprego que me agradasse e não os empregos que a sociedade impõe à mulher."(Carlos, 16a.)

"Teria outras idéias sobre estudos, acho que não iria querer fazer Geologia, mas sim cursos que me tornassem independentes no futuro, que pudesse fazer e depois viver minha vida com meu marido, sem interrupção da família."(Daniel, 14a.)

O fato concreto de existir um grande número de mulheres no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo que é fato comum a convivência com meninas que se preparam, como eles, para competir nas mesmas condições de igualdade o ingresso no mundo profissional, constitui referencial para suas representações de gênero na perspectiva das relações de trabalho. Portanto, a referência à igualdade neste contexto foi mais destacada do que a diferença. Por outro lado, para eles, o homem ainda permanece como o referencial desta igualdade, o que assinala a representação de gênero no contexto de uma relação hierarquizada e de poder entre os sexos.

Tanto na entrevista como nos grupos focais e na redação, os adolescentes citaram o homem como o referencial para que exista a igualdade, como o modelo a ser seguido. Há uma "naturalização" do referencial masculino quando se fala de igualdade entre homens e mulheres.

Os meninos consideraram que o mundo se apresenta como algo essencialmente masculino. A esfera social está fora do âmbito doméstico e é, para eles, um espaço de domínio essencialmente masculino. A mulher conquistará a igualdade, e esta igualdade se fará, em relação ao homem, na medida em que ela lutar e conquistar esse espaço. Neste sentido, o espaço que está além do doméstico deve ser, segundo os meninos, objetivo de conquista da mulher. Conquistar esse espaço significa, pois, se igualar ao homem e assim, atingir a justa igualdade entre os sexos. A conquista e ocupação do espaço doméstico pelo homem não é cogitada. É como se isso fosse desnecessária para a igualdade social ou estivesse implícito que a conquista do público deva ser a meta da mulher. Para meninos e meninas o homem não tem necessidade de "conquistar" o espaço doméstico para que haja igualdade entre homens e mulheres, pois esta idéia de igualdade está "naturalmente" ligada à mulher "conquistando" o mercado de trabalho e uma suposta "libertação" do trabalho doméstico.

A discussão das esferas pública e privada[126] tem sido, pois, interpretada como uma demarcação das diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Este significado foi assimilado pelos adolescentes que, constatemente, se reportaram a ele como elemento de suas representações.

---

[126] ARENDT, Hanah. Op. Cit.

Rosaldo,[127] por outro lado, defende que a igualdade entre homens e mulheres se dará pela ocupação/conquista do espaço doméstico pelo homem.

7.1.2. As Meninas falam das Diferenças

As meninas foram mais contundentes ao afirmar que existem diferenças entre o "ser homem" e o "ser mulher" e que certas diferenças são desejáveis principalmente quando acentuam o "lado feminino" da mulher. Percebe-se que, ao discorrer sobre diferenças, aos contrário dos meninos que acentuaram as relações de trabalho, elas centraram o discurso na forma de homens e mulheres "ser", "sentir" e se relacionar com o mundo.

Muito acentuadas entre as meninas foram as permissões e proibições presentes nas relações familiares e sociais.

"Ah!, tem coisas que o homem pode fazer e que a mulher não pode fazer. Digamos, homem, não que não pode, sabe? Por exemplo, homem fica fazendo as noitadas dele, da vida. (Débora, 14a.)

Uma menina expõe sobre proibições, o desejo de ir contra estas e, ao mesmo tempo, de reproduzi-las.

"Ah! Às vezes eu acho, ah! por que eu não nasci homem? Porque meu irmão pode sair à hora que ele quiser e eu tenho que ficar na minha casa... ficar lavando, enxugando louça, limpando as coisas assim, eu também não gosto... Meu pai me prende porque ele sabe que lá fora não é fácil... às vezes eu dou razão, às vezes eu acho que sei me cuidar... Eu acho que minha educação foi muito certa... então é assim que eu vou passar prós meus filhos..."(Ticiane, 16a.)

Um outro discurso fala de proibições no sentido moral e de como elas são importantes para "preservar" a mulher e sua reputação, assegurando-lhe possibilidade de "algo mais sério", ou seja, casamento.

---

[127] ROSALDO, Michelle Z. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: LAMPHERE, L. & ROSALDO, M. Z. *A mulher a cultura a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.33-64.

Mulher já não. Mulher não faz isso. Pelas que eu conheço, não fazem... Acho que não é muito legal. Também homem que vê essas mulheres... eles gostam, é lógico. Eles ficam com essas garotas... mas na hora de ter alguma coisa mais séria, eles procuram as mais quietinhas." (Débora. 14a.)

O discurso das meninas retrata inúmeras situações, por vezes, contraditórias, mas que espelhariam, de fato, as condições diversificadas em que elas acreditam serem as únicas para a mulher se relacionar com o mundo.

Foi comum, entre as meninas, um discurso contraditório entre o que elas acreditam como devem ser as diferenças e como estas diferenças se apresentam para elas. Ao mesmo tempo que constatam a diferença discriminadora contra a mulher, as meninas reprovam o tipo de comportamento da mulher que vai de encontro aos modelos propostos pela sociedade.

Assim, a mulher não deveria ter um comportamento moralmente permissivo como o homem mas no mundo do trabalho não deveria haver diferenças.

"Diferenças? Acho que existem sim. Eu acho que existe uma diferença assim, no comportamento, né? Por exemplo, ah, sei lá, eu acho que uma mulher não deve assim ser igual ao homem, fazer as mesmas coisas que ele faz relacionado ao comportamento dele, entendeu?... profissionalmente a mulher pode se destacar mais que o homem..."(Priscila, 16a.)

Quando falaram das diferenças as meninas assinalaram, ainda, aspectos relativos à educação familiar, que influenciam na maneira de meninas e meninos se relacionarem com o mundo. A educação do menino reprime seus sentimentos e emoções ao mesmo tempo que lhe propicia certa liberdade. Por outro lado, a educação da menina é permissiva para as emoções mas limita sua liberdade.

"Diferença?... existe. Homem tem mais, sei lá, liberdade... mulher é mais reprimida, não sei. Eu acho que não devia ser assim... devia ser igual. A mulher é mais reprimida que o homem. Mais presa do que ele. É que a mulher é criada de maneira diferente, né? Que nem, não faz, não fala... de criança, pequena ainda..."(Vanessa, 16a.)

Eu não sei se é o modo com que o homem é criado que... desde pequeno... sabe, o pai fala, ah!... é que o pai, né, tem todo aquele medo do filho, né? Se virar pró outro lado, né? Então... Aí filhão, vai, se é homem, vai lá, não chora... sabe?, essas coisas que acabam influindo. Aí o garoto cresce assim, com aquela coisa meio machista, sabe? Acho que o homem é mais frio que a mulher na hora de se relacionar... e a mulher já não é... porque ela se permite, né? Que ela chore, que ela sinta, que desabafe e ao homem, se é aquele cargo, né? Não, você tem que agüentar, você tem que ser homem... é mais ou menos isso."(Juliana, 16a.)

Ao mesmo tempo que assinalam esse tipo de diferença as meninas a condenam, almejam por uma real igualdade na forma de ser e sentir, que o homem poderia ser mais emotivo, mas, o próprio discurso de uma menina foi contraditório. Isto demonstra que houve a incorporação de um modelo masculino existente contrapondo sua idealização de homem:

"Diferenças? Ah!, existe sim. Ah, como que eu posso falar? Ah, são particularidades assim, né? A mulher tem certas formas de expressar, homem tem outras, principalmente formas de amar, né? A mulher é assim, mais melosa, *mais derretida... o homem é... tem mais aquele, aquela coisa que se impõe, de se achar, o mais. De não... dificilmente tem homem que gosta de se rebaixar assim, sabe? É mais fácil você ver menina chorando por homem do que homem chorando por menina... Mas um amigo meu já chorou... e eu chorei com ele... achei lindo!..."(Juliana, 16a.)*

" ...homem também tem sentimentos e também tem que mostrar, né? Não é um ser bruto que não pode mostrar sentimento."(Simone, 14a.)

As meninas, assim como os meninos, acreditam que, diferenças entre homens e mulheres são resultado de construções sociais, mas defendem que certas diferenças são desejáveis.

"A discriminação... homem tem direito disso, mulher não... eu não acho muito legal... Mas a diferença entre homem e mulher, eu gosto. Por mulheres serem mais... quieta e os homens mais fogueteiros. Eu acho que tinha que ter. Realmente tinha que ter isso Tem que ser um diferente do outro."(Débora, 14a.)

Ao mesmo tempo que consideram importante a existência de diferenças entre homens e mulheres, houve meninas que condenaram discriminações e limitações impostas à mulher, seja pela família ou pela sociedade:

"Essas diferenças são ridículas... o que precisa haver é uma igualdade. Ainda existe um pouco de preconceito entre mulher e homem."(Camila, 16a.)

Enquanto construções sociais, as meninas enfatizaram que as diferenças podem ser superadas uma vez que a mulher tem uma participação no mercado de trabalho.

"Acho que a sociedade impõe bastante diferenças, né? No trabalho... mas eu acho que basicamente não existem diferenças porque é a sociedade que faz essas diferenças."(Gláucia, 15a.)

"Ah, eu acho que tem. Acho que tem, acho que a própria sociedade já põe aquela coisa de... machista, tal. Tem aquela diferença. Mas... agora tá mudando. Mulher já tá preenchendo seu espaço, tal independente... Acho que basicamente é isso. Aquela diferença da sociedade e tem aquela lá do físico do homem, da mulher... Mas eu acho que mais assim é a sociedade..."(Karla, 16a.)

Diferenças físicas nos aspectos cognitivo e fisiológico foram acentuadas como diferenciadoras na medida em que a mulher foi considerada como amadurecendo física e mentalmente mais rápido que o homem, e tendo a capacidade de gerar.

"Eu acho que a cabeça da menina, ela desenvolve mais rápido do que a do garoto também."(Danielly, 16a.)

E o homem acho que é mais criancinha... e também mais frio, entendeu? Não sei se é porque não amadurece muito. Dá a impressão que a menina amadurece mais rápido, entendeu? Mas acho que a diferença assim... diferença é só no olho... então é difícil saber a diferença."(Giovana, 15a.)

Para as meninas, o aspecto físico enquanto definidor de diferenças entre homens e mulheres, não pode ser tomado como referencial de desigualdade social, nem inter ou intra os sexos.

"Ah, por mim mesma, não acho. Eu acho que mais características físicas... é que eu conheço pessoas, né? que tratam mulher de uma maneira desigual e o modo... e outros que já acham que não tratam assim, né?..."(Simone, 14a.)

"Bom, eu acho que diferença... assim do ponto de vista físico é lógico que tem, né? Mas assim, do modo de pensar, eu acho que não, não devia ter, né? De pessoa para pessoa tem a diferença, né? De pensar. De homem prá homem, de mulher prá mulher também tem diferença. Mas eu acho que todo mundo é igual, não tem essa restrição, né? Não pode branco preto, essas coisas assim, não pode... prá mim não pode ter essa diferença. Pelo menos na minha cabeça não entra isso de racismo, de preconceito contra criança pobre, esse tipo de coisa... isso aí acho que não pode. O que existe muito, né?"(Cristina, 15a.)

A idéia da maternidade foi assinalada não apenas como função biológica, mas como papel social e como complementaridade entre homem e mulher:

"Ah, também mulher, assim... não tem coisa melhor... o homem não pode ter um filho... que sai dela... e acho isso lindo..."(Ticiane, 16a.)

"Bom, eu... sei lá, dessas diferenças. Tem que ter, né? Acho que tem que ter essas diferenças... as mais marcantes... mulher pode gerar, né? Gerar um filho, né? Deus deu esse poder prá mulher, em compensação deu a força pró homem..."(Kelly, 15a.)

"Ah!... diferenças? Ah!, eu acho que a diferença é isso, né? Que a mulher eu acho que tem mais cuidado. Eu acho que ela, de uma maneira geral, se liga bem mais com os filhos. Sei lá."(Nicole, 15a.)

Outras diferenças constantemente apontadas pelas meninas falavam de distintas maneiras de homens e mulheres no que se refere ao pensar, se expressar e demonstrar as emoções.

"Diferenças? Bom, acho que... por mais assim, que a gente não queira assim, há uma pequena diferença, não assim que a gente não deva considerar, né?... não é isso, entendeu? Mas eu acho que no geral a mulher é mais... pelo menos a maioria, né? É... mais emotiva, mais delicada, essas coisas, né ? (Giovana, 15a.)

"Existem diferenças grandes entre um homem e uma mulher, entendeu? Mas elas se equilibram. Numa sociedade que nem a nossa, o homem é machista... a mulher parece que é mais sensível, é mais bonita, né?"(Camila, 16a.)

A acentuação das diferenças se fazem, sobretudo, entre meninos e meninas que não tem um *habitus* semelhante. A questão do corpo e do sexo biológico pode ser considerado como um dado que participa da construção deste *habitus*. Para aqueles com igualdade de condições e de condicionamentos comuns, não existiriam diferenças entre o ser, o pensar e o sentir.

Danielly ao mesmo tempo que admitiu haver diferenças entre homens e mulheres, afirmou não existirem diferenças entre ela e os meninos que fazem parte da mesma igreja que participa mas haver diferenças entre ela e os meninos da escola:

"Diferença entre eles tem bastante, do modo de pensar em geral... a menina, num ponto assim, ela é mais sensível. O homem, não, ele já é mais, não é tão sensível assim do que a menina. Em vaidade também. Menina sempre é mais do que o menino, a respeito da educação, acho que as meninas também são mais educadas do que os meninos, tudo. Tem bastante diferença um do outro. É difícil falar de diferenças porque com os meus amigos da igreja, a gente é muito assim, né? Parece até igual um com o outro... mas no colégio, não..."(Danielly, 16a.)

Estas afinidades ocorreriam pela semelhança de campo social[128] ao mesmo tempo em que as diferenças que ela percebe entre os colegas de escola, demonstraria que, com eles, não participa do mesmo campo social.

Várias meninas afirmaram que as diferenças entre homens e mulheres devem existir. Ao mesmo tempo que reconheceram as diferenças em relação à forma de pensar, sentir e agir, elas definiram como devem ser as diferenças entre homens e mulheres, acentuando, sobretudo, um "lado feminino" a ser preservado assim como a forma de se comportar.

"Ah!, eu acho que existem bastante coisas diferentes assim. Porque o homem ele pensa de uma maneira diferente da mulher. E a mulher é sempre mais assim, madura que o homem. Eu acho que essa diferença, praticamente, tem que existir... uma distinção do homem e da mulher. Acho

[128] BOURDIEU, P.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

que tá certo, na minha opinião se essas diferenças existem, acho que tá certo... desde o físico até o psicológico. Do jeito de pensar, do jeito de agir, tudo..."(Hariana, 15a.)

"Ah, eu acho que a mulher tem que ser sempre mais assim, feminina, mais preocupada assim com ela mesma. E o homem pode ser assim, muito... sei lá... A menina tem que ser sempre assim, tem que tá sempre se preocupando com ela mas nunca deixando de se preocupar com os outros. Agora os meninos eu acho que eles são mais... eles não ligam tanto assim, quanto as meninas, entendeu, prá aparência, essas coisas. Ah!, eu acho que a menina ela tem que ser menina, entendeu? É o jeito dela. É normal. O menino não se incomoda tanto porque inventaram batom prá mulher e não pró homem(risos), entendeu? Ah, é isso."(Pérola, 15a.)

Apenas duas meninas (10%) disseram, como grande parte dos meninos, não haver diferenças entre homens e mulheres. Ao falar da não existência de diferenças, uma menina se referiu às relações de trabalho e outra se referiu à questão da sexualidade.

"Não. Não vejo nenhuma diferença não. Ah!, não sei o que falar, não sei explicar... eu acho que não existe diferença. Ah!, eu vejo assim, nos dias de hoje, não vejo diferenças, porque o que o homem pode fazer, a mulher também pode nos dias de hoje. Não tem mais coisa assim, de preconceito com a mulher como tinha antigamente, porque não tem aonde... já não tem mais nos dias de hoje, acho que não tem diferença. Antigamente era mais rígido, né? A mulher tinha que ficar em casa criando os filhos, homem era para trabalhar. Hoje em dia a gente não tem mais isso, né? Trabalha quem quer... eu não vejo diferença mais não..."(Roberta, 16a.)

"Diferenças... não acho. De maneira de pensar, não, não acho não. Talvez o homem possa ser um pouco mais... não sei. Ah, não sei, ele são mais... não, é que tando... do mesmo jeito que os meninos pensam besteira, as meninas pensam. Então eu acho que não existe diferença nenhuma."(Janaína, 15a.)

A referência às diferenças entre homens e mulheres sempre foi acompanhada por uma denúncia de discriminação e desigualdades sociais. Por outro lado, ao mesmo tempo que admitem que estas diferenças podem ser discriminatórias para com a mulher, as meninas admitiram que certas diferenças são desejáveis, seja no sentido de complementaridade homem mulher ou no sentido da mulher preservar sua feminilidade. A feminilidade

para elas, tem um sentido de beleza, cuidado e atenção com a aparência, com o corpo, enfim, a idéia de vaidade. Existem aquelas diferenças desejáveis, que definiriam o ser feminina. e aquelas diferenças indesejáveis. que falam de injustiça e de desigualdades de direitos, principalmente no mundo do trabalho.

Assim como os meninos, as meninas admitiram que não podem generalizar a formas de ser dos meninos, pois há diferença entre eles. As diferenças estariam também entre eles.

Ah!, eu acho assim, que tem menino que, nossa, é legal assim, eu até acho assim como é que pode existir meninos tão diferentes? É muito diferente, eu acho. Porque tem aqueles que... igual na minha classe assim... eles tiram muito sarro, mas você conversa com ele separados, é totalmente diferente. Não é daquele jeito, sabe? Acho que todo mundo assim, tem duas caras, eu acho. Os meninos são assim, eu acho."(Ticiane, 16a.)

"O que eu acho dos meninos?... Ah!, depende muito, né? Varia muito de pessoa prá pessoa porque... é muito diferente a gente dar uma geral assim, né?... é difícil falar assim e pronto... cada um é diferente... a gente tem que falar prá conhecer."(Cristina, 15a.)

"Ah!, não dá prá generalizar, né? Cada um tem seu estilo, tem uns... que são mais estúpidos, grossos... Tem um menino que fala besteira. Tem tanto tipo..."(Janaína, 15a.)

As meninas representam os meninos ora de forma positiva ora de forma negativa, se colocando como referencial de amizade e padrão de comportamento desejável.

Várias meninas consideraram os meninos negativamente nas relações afetivas com elas. Interpretam suas formas de proceder como depreciativas ou machistas para com a mulher. Algumas, porém, citam que há exceções. pois os meninos também podem ser grandes amigos.

"Os meninos, eu acho que eles fazem idéia da menina como um objeto. Eu acho que eles usam muito, acho que eles são muito falsos, eles não... não pensam, acho que... eles são muito frios, eles são muito frios."(Débora, 14a.)

"Prá mim são todos iguais. Não tem diferença. Todos pensam as mesmas coisas. Agem da mesma forma... eles maltratam as meninas, eles vêm as meninas como, assim, ou uma forma de prazer ou uma forma... ah!... eu não sei explicar mas é muito pouco os meninos que se relacionam com as meninas por amizade mesmo. não contam tudo. Mas tem sempre as exceções... tenho amigos de verdade... Os meninos não 'tão' nem aí com nada..."(Hariana, 15a.)

Também para as meninas as diferenças foram circunscritas em relação às **Atitudes, Permissões, Afetividade, Cotidiano, Participação política e Relações de trabalho.**

a. Atitudes

A definição de diferenças em relação às atitudes foi extraída, sobretudo, das redações, quando as meninas se projetaram como homem. Assim, para as meninas, os homens que elas conhecem não seriam o modelo para sua projeção. Na realidade, elas afirmam que seriam "bem diferente dos homens que existem", ou seja que elas conhecem e que, certamente, não se aproximam do seu idealizado. As atitudes descritas trataram de uma idealização do que elas esperam do ser homem. Dentre as meninas, 25% iniciou o discurso negando as atitudes dos homens que elas conhecem e propondo novas atitudes.

"...eu seria bem diferente dos que eu conheço...(Juliana, 16a.)

"...em primeiro lugar, eu queria ser um homem diferente de todos os outros, pois os comuns fazem a mulher sofrer."(Pérola, 15a.)

O ser homem é, principalmente, uma questão do ser interior, mas elas destacam a questão do corpo como revelador da diferença de suas atitudes.

"Acho que eu nunca mudaria como pessoa. Acho que não há muita diferença entre homem e mulher."(Nicole, 15a.)

"...acho que minha vida no aspecto interior seria a mesma coisa, mas já no exterior, seria um pouco diferente."(Simone, 14a.)

Uma menina se referiu à diferença de atitude entre homens e mulheres nos aspectos cognitivo e afetivo e de amizade:

"...eu acho que menino é tipo assim, se você, se você conta alguma coisa prá ele, ele não vai já correndo, fofocar prá alguma pessoa, entendeu? Se é amigo mesmo, agora, se não... É mais, então, que eu falei, é mais sincero... nessa idade, os meninos, sei lá, eles são muito preocupados com, acho que não são tão responsáveis quanto as meninas. Eles, acho que eles ainda é, pensam mais em fazer... brincadeirinhas..."(Nicole, 15a.)

A referência a atitudes que elas estereotiparam como masculinas se referem, sobretudo, à relação homem mulher. São representações negativas:

"...os meninos, a maioria, é tudo farinha do mesmo saco, né? Nenhum... a maioria assim, é super, em questão de amizade, são super legais, mas em questão de namoro, já... precisa escolher a dedo quem dá prá você namorar... tem uns que são muito sacanas... tem outros que dá prá levar um namoro legal, mesmo. Tem sempre as exceções à regra, né? Mas são poucas."(Juliana, 16a.)

"Ah, eu acho que os meninos, não sei... acho que eles são assim, tipo meio complicado, sei lá. Eles pensam de uma maneira diferente da gente... tudo prá eles tem que ser do jeito deles, eu acho assim. Não pode ser do nosso jeito... a gente fala uma coisa eles falam que não tá certo, falam que você... eu acho que eles são muito machistas..."(Tati, 16a.)

Percebe-se, nas representações que várias meninas fazem dos meninos, um discurso negativo. Em momentos anteriores muitas meninas afirmaram que preferem a amizade dos meninos à das meninas, e outras que preferem apenas a amizade das meninas. Foram justamente estas últimas que apontaram vários empecilhos para se relacionar com os meninos, colocando-os como os causadores dessas dificuldades, que vão desde a uma forma infantil de se comportar à posturas machistas.

Muitas meninas têm uma representação positiva dos meninos, destacando-os como mais amigos, tanto em relação a pessoa de seu sexo como em relação às meninas. Para as meninas os meninos são mais

confiáveis como amigos e mais unidos entre si e isto os torna mais fortes em relação às meninas.

"Eles são assim, eu acho que confio mais nos meninos que nas meninas. Acho que homem é mais... assim, não compete com você... por isso eu confio mais neles. Apesar de serem meio fofoqueirinhos e tal, vai levando, eles são mais confiáveis..."(Karla, 16a.)

Duas meninas 10%, reconheceram que, entre os meninos, existe um tipo de cumplicidade nas amizades, o que não acontece entre as meninas, cujas relações, segundo elas, são sempre permeadas por competição e rivalidades:

"Eles são muito mais unidos que nós mulheres, né? Eu acho sempre que homem é muito unido. Também esses garotos, né? Que segredo, tipo, eles guardam entre si?... Assim eles, eles que programam tudo né? Prá sair assim, daí eles que dominam, essas coisas."(Simone, 14a.)

Ao mesmo tempo que houve quem afirmasse que os meninos são insensíveis nas relações afetivas com as meninas, uma delas reconhece que, quando existe uma atração, esta é efêmera:

"Menino se apaixona muito fácil, depois, oh!... xi, na hora se apaixona rápido, aí depois, durante um tempo, fica completamente apaixonado. E logo... acaba logo, sabe, aquela paixão, aquele fogo... mas eu acho eles interessantíssimos..."(Camila, 16a.)

b. Relações Afetivas

Ao se projetarem como homem, as meninas negaram o modelo que conhecem pois este é justamente o protótipo da repressão e negação das emoções.

Apenas uma menina ao se projetar como homem, afirmou que reproduziria o comportamento estereotipado do homem no tocante às relações afetivas dos homens:

"...queria ser o mais machão possível, faria de tudo para ser o melhor do grupo, o mais conquistador e o mais brincalhão."(Vanessa, 16a.)

As demais meninas, porém, negaram tal atitude reafirmando o empenho em se aproximar mais de características que elas consideram femininas, ou seja, o lado sentimental que, para elas, o homem não tem.

Para grande parte das meninas, ao se projetarem como homem elas o idealizam como complementar à mulher que elas são:

"...eu tentaria ser mais sentimentalista..."(Danielly, 16a.)

"...eu procuraria observar o que as meninas gostam e precisam para sempre agradá-las."(Karen, 15a.)

"Iria ser bom e não fazer as mulheres sofrerem. Então eu iria me apaixonar por uma garota e lutar por ela sem fazê-la sofrer."(Hariana, 15a.)

Para 65% das meninas, portanto, as relações afetivas foram ressaltadas em função daquilo que elas esperam do homem para si, ou seja, a manifestação incontestável de amor sincero, sentimentalismo, dedicação, respeito e fidelidade.

"Com as mulheres seria sincero e bem educado."(Roberta, 16a.)

"...não iria chifrar minha namorada. Seria fiel, amável, carinhoso, enfim, faria tudo o que uma mulher merece. Não seria machão... iria ser um homem muito gentil, enfim, diferente desses."(Karla, 16a.)

Projetar-se enquanto homem implicou, para as meninas, discutir principalmente a relação homem mulher. As meninas enfatizaram a idéia de complementaridade, apontando a questão da fidelidade na relação homem-mulher, para a necessidade do homem ser mais sensível, atencioso e dedicado nesta relação.

"...trataria as mulheres com mais respeito, não faria tanta distinção entre eu e ela... seria fiel ao casamento, não ficaria bebendo em bares até mais tarde sem minha esposa. Faria o possível para demonstrar meu sentimento, mostrar que sou frágil e sinto quando alguém não me quer. Jamais desprezaria uma mulher que gosta de mim."(Débora, 14a).

As meninas admitiram, portanto, a existência de grandes diferenças entre homens e mulheres no tocante às relações afetivas e, ao expressar estas diferenças e projeções do idealizado, elas manifestaram, em parte, a representação do homem que conhecem.

c. Relações com os Pais

Ao se projetarem como homem, as meninas falaram da relação com os pais, destacando a manifestação de carinho e afeto e obediência. Estes dois pontos contrapõem, justamente, o conceito que elas reconhecem nos meninos em relação aos pais.

"Ah, uma coisa que eu faria bem diferente dos meninos(da maioria) é beijar meus pais, pois nós percebemos claramente que os meninos não têm coragem de beijar os pais, e em especial, o pai."(Pérola, 15a.)

"Com meus pais teria uma ótima relação não sendo rebelde."(Karla, 16a.)

Assim, para as meninas, ao mesmo tempo que elas se colocam mais afetivas com os pais enquanto homens, elas reconhecem que este não é um comportamento comum aos homens.

d. Permissões

Como foi destacado anteriormente, uma forte demarcação das diferenças entre o ser homem e o ser mulher, foi o fato das permissões. Neste sentido, ao se colocarem como homem, as meninas anseiam pelas permissões que a elas são negadas enquanto mulher.

"...eu aproveitaria esta liberdade que é dada não só pela família... liberdade de namorar, fazer o que bem entende, na hora que tem vontade..."(Juliana, 16a)

"...aproveitaria para fazer o que não posso devido ao fato de ser mulher. Gozaria da liberdade que teria, como por exemplo, chegar tarde à noite."(Débora, 14a.)

Ao mesmo tempo que se descobre com amplas possibilidades de usufruir de uma liberdade de "ir e vir" que não têm pelo fato de ser mulher, Karla, ao se projetar como homem, não deixou, porém, de pensar em um limite para esta liberdade, justamente em relação ao aspecto afetivo:

"...viver a vida intensamente e não contando tanta vantagem da vida..."(Tati, 16a.)

"Iria curtir a vida com os amigos mas sem beber muito, até encontrar uma pessoa legal para namorar."(Karla, 16a.)

Por outro lado, a maioria das meninas, manifestaram-se totalmente favoráveis a usufruir plenamente as permissões que o homem tem, tanto no âmbito familiar quanto na sociedade. Chamaram atenção, entretanto, para algumas restrições ao comportamento permissivo:

"...as coisas seriam diferentes, sem grandes preocupações formais. Eu seria um homem relaxado mas... bem educado. Teria uma vida mais liberal, fazendo coisas que são mais aceitas com mais naturalidade para os homens, como beber bastante, ficar com várias meninas, etc. Gostaria de curtir a vida, aproveitar dela o máximo possível. Teria uma vida agitada, cheia de momentos felizes..."(Roberta, 16a.)

Ao mesmo tempo em que, quando inquiridas sobre as diferenças entre homens e mulheres, cerca de 60% das meninas assinalaram a permissividade para o homem, ao se projetarem como homem na redação, elas expandiram suas idéias sobre todas as possibilidades de mais liberdade que desejam e que não têm pelo fato de serem mulher.

"...eu adoro fazer um monte de coisas que os meninos fazem, como jogar bola, falar palavrão, ser moleque, poder chegar tarde em casa, não se preocupar tanto com fineza e etiqueta, não arrumar cozinha nem a própria cama. O homem tem uma liberdade maior para ser ele mesmo. Ainda se tiver condição de vida, essa liberdade aumenta mais."(Camila, 16a.)

"...provavelmente teria mais liberdade, poderia sair mais sem a minha mãe ficar no meu pé. Eu teria liberdade para falar tudo que penso."(Priscila, 16a.)

A idéia de permissão tanto para as meninas como para os meninos, se coloca como algo muito presente, indispensável. O que mais se destacou entre as meninas ao se projetarem como homem, foi a referência tanto a forma pouco emotiva dos homens como o desejo à permissividade. As meninas acentuaram a liberdade como desejáveis enquanto homens, justamente pela possibilidade de terem mais permissões de "ir e vir", de "fazer" e "nada lhes impedir" de fazê-lo.

e. Cotidiano Familiar

A referência ao cotidiano familiar ao se projetarem como homem, foi feito por apenas duas meninas. Elas falaram do cotidiano familiar projetando o desejo da existência de um homem mais voltado para os interesses da casa.

"Eu ajudaria minha mãe nas tarefas de casa para não deixar tudo nas costas da minha irmã."(Priscila, 16a.)

A idéia do homem bem sucedido que conquista boa posição e é dedicado à família, complementa a noção de que a menina projeta um homem que idealiza para ela:

"...depois de casado, já com um emprego garantido, eu iria fazer tudo para que os meus filhos e minha mulher tivessem de tudo, e a nossa família seria a família mais feliz do mundo."(Vanessa, 16a.)

Enquanto para os meninos que se projetaram como mulher o cotidiano familiar foi bastante referido, poucas meninas, falaram de cotidiano ao se projetarem como homem. Isto demonstra, em parte, como a representação da esfera privada se associa à mulher, à medida em que os meninos acentuam a presença da mulher no doméstico e que as meninas aí não incluem o homem.

f. Engajamento Político

As meninas mais que os meninos associaram o homem, às grandes causas de justiça, haja vista que os poucos meninos que falaram sobre a participação política feminina se restringiram às questões da discriminação da mulher. Quanto às meninas, ao se projetarem como homem falaram de questões políticas mais abrangentes.

"Então eu teria uma visão de igualdade entre homens e mulheres... Além disso, ia tentar ser útil à humanidade...sem preconceito de cor, raça ou sexo."(Giovana, 15a.)

"Se eu fosse homem tentaria usar a força que Deus me deu para ajudar a todos."(Kelly, 15a)

Parece contraditório pois, ao mesmo tempo que as meninas reconheceram nos homens um papel político ligado às grandes causas, elas denunciaram os riscos de discriminação contra a mulher no contexto político e social. Por outro lado isto se justifica à medida em que elas reconhecem que cabe ao homem mais poder de decisão e mais possibilidades de engajamento político que à mulher.

"Mudaria o mundo, pois iria fazer uma revolução nas mentes das pessoas. Principalmente a dos homens que na maioria têm uma mente fraca."(Ticiane, 16a.)

"Na situação atual do nosso Brasil, não podemos pensar só sobre os bens que nos favorecem, mas sim sobre tudo que se passa a cada dia...devemos lutar em busca de um futuro brilhante... lutar pelo bem geral da nação é um dever não só dos homens mas de todos os seres humanos."(Tati, 16a.)

Esta forma de se projetar na condição masculina é um tipo de interpretação e conceituação do ser homem. Seria, portanto, a expressão de uma das diferenças entre homens e mulheres que representa, para as meninas, o ser homem no sentido idealizado.

g. Relações de Trabalho

As desigualdades no mundo do trabalho são referidas pelos adolescentes e as meninas, ao se projetarem como homem, passaram tanto a constatar este fato como a explicitar as responsabilidades que os homens assumem no trabalho.

"Nossa sociedade até hoje coloca os homens de uma maneira superior às mulheres, tanto no campo social (emprego, trabalho) como econômico..."(Janaína, 15a.)

"...seria preocupado com meu trabalho..."(Juliana, 16a.)

"Já no ramo do trabalho, tentaria ser o melhor possível, com responsabilidade e competência, etc." (Karla, 16a.)

"Na parte material, obviamente iria ser um pouco ganancioso, pois acho que todo mundo tem um pouco de ganância dentro de si próprio."(Hariana, 15a.)

Acentuar as diferenças no mundo do trabalho entre homens e mulheres foi, para as meninas, confirmar o que elas percebem em suas relações familiares e sociais. Representam não o idealizado, como em outras diferenças apontadas, mas o real.

Assim, quando falaram das diferenças no tocante às atitudes, relações afetivas, relações com os pais e ao engajamento político, as meninas se projetaram apontando representações idealizadas do ser homem. As diferenças quanto às permissões, ao trabalho e cotidiano familiar, revelam representações do mundo real, vivenciado por elas.

7.1.3. Mas afinal, quais são essas diferenças?

Meninos e meninas se referem às diferenças de natureza física e social. Para eles as diferenças biológicas são desejáveis, e as sociais são injustas porque discrimina homens e mulheres, na medida em que nega ao

homem, a emoção, e à mulher, alguns direitos legais. Coloca mulher em desvantagem social e o homem em desvantagem emocional. Ao mesmo tempo em que se discutiu diferenças, se associou a relação vantagem e desvantagem dessas diferenças para homens e mulheres.

Houve uma tendência nos discursos em afirmar que é preciso acabar com as diferenças sociais entre homens e mulheres, mantendo as diferenças biológicas.

O acesso da mulher ao mundo do trabalho foi mencionado como o grande eliminador das diferenças sociais entre homens e mulheres. Há uma idéia generalizada que, somente com a mulher ocupando funções no mercado de trabalho, se dará a igualdade de direitos entre homens e mulheres e o homem é colocado como o referencial de igualdade a ser conquistada pelas mulheres.

Quando, no senso comum, as pessoas se referem à questão da igualdade entre homens e mulheres, o engajamento da mulher no mercado de trabalho é sempre lembrado pois, de fato, a história demonstrou que a organização econômica e política das mulheres lhes proporcionou sua condição de cidadãs, mediante sua integração na economia formal. Da mesma forma, quando se fala genericamente em "homens", subtende-se aí a inclusão da população feminina o que não ocorre quando se refere à "mulheres". Do mesmo modo que existe uma prevalência do conceito de "homem" sobre a mulher, se percebe que a mulher se inclui mais facilmente no universo masculino do que o homem no universo feminino.

Os adolescentes destacaram que, na intimidade da família, também ocorrem muitas diferenças de comportamento entre homens e mulheres. São

diferenças na forma de tratar as coisas do cotidiano, as atividades e responsabilidades domésticas, simbolicamente representada pela casa, como área da mulher com os filhos, objeto de cuidados e atenção da mãe.

Muito mencionada pelas meninas e por alguns meninos, foi a questão da permissividade do homem, em que se evidencia uma maior liberdade do menino no seio da família. Este fato suscitou um debate acirrado nos grupos focais a respeito da negação das emoções aos meninos em troca de uma liberdade física: para o homem é permitido ampliar e ocupar muitos espaços, mas transgredir suas emoções, manifestar sua intimidade afetiva é proibido. O homem teria a liberdade de espaço, de sair, viajar, passar noite fora mas teria de reprimir suas emoções, seus sentimentos. Esta diferença foi apontada, por ambos, como desvantagem para os meninos.

Os meninos, mais que as meninas, negaram as diferenças sociais entre homens e mulheres e apontaram a discriminação contra a mulher. Por outro lado, ao mesmo tempo que as meninas apontaram diferenças entre homens e mulheres elas idealizaram, mais que os meninos, as relações entre eles.

Ao apontarem diferenças entre homens e mulheres, meninos e meninas explicitaram suas representações do ser homem e do ser mulher.

7.2. O que é Ser Homem e o que é Ser Mulher?

A discussão levantada pelos estudos de gênero sobre esta questão pretende demonstrar que, antes e acima de tudo, a essência humana prevalece no seio das diferenças.

"...Não vejo assim tanta diferenciação entre os sexos assim... eu vejo assim: prá mim é tudo gente, são pessoas que merecem muito respeito... (Mário, 15a.)

Colocada durante todo o andamento da pesquisa esta questão foi provocativa à medida em que propôs os adolescentes a pensarem nas relações sociais em que as diferenças entre os sexos são transformadas em desigualdades e discriminações sociais. são consideradas como pontos de partida para relações de poder e hierarquia. Estimulou-os, ainda a encontrar conceitos que definissem o ser homem e o ser mulher inerentes às suas representações.

A idéia de oposição entre os sexos colocada já por Aristóteles assinala macho (seco, quente, fogo, positivo) e a fêmea (úmida, fria, água , negativa).

Nos estudos antropológicos há uma clara exposição das relações entre homens e mulheres que demonstram não existir um modelo universal sobre a identidade masculina ou feminina em referência ao sexo social. No entanto pode-se afirmar que nas mais diversas culturas o homem é dominante. Este seria um dos atributos universais da masculinidade uma vez que em todas as culturas o homem tinha o poder sobre a mulher.

O discurso medical do século XIX justificava a dominação de um sexo sobre o outro assim como o mito de Adão e Eva foi incorporado ao inconsciente coletivo sobre a inferioridade feminina. A imagem do homem pai, ausente mas omnipresente.

Todavia, à medida em que no processo histórico a condição da mulher, na sociedade ocidental, foi se modificando, pode-se perceber que o homem não tem, como outrora, uma posição de dominação em relação à mulher. A dinâmica das relações sociais colocou em cheque o poder do homem sobre a mulher, embora no inconsciente coletivo ainda persista esta representação. À medida em que a mulher assume cada vez mais

características que a colocam ou a destacam no contexto social onde ela vai assumindo vários papéis e estabelecendo vários modelos (mulher mãe, mulher empresária, mulher militar. mulher astronauta, mulher profissional, etc.) hoje o homem também não tem um modelo dominante.

Percebe-se que, para se chegar à conceituar o ser homem ou o ser mulher, torna-se necessário colocá-los como referenciais um do outro. Assim para encontrar o referencial de diferença ou de identidade haveria necessidade de se colocar, homem e mulher, masculino e feminino em relação constante.

Os estudos feministas traçaram o roteiro histórico dos movimentos de mulheres que colocaram a mulher em uma posição possível de contestar e lutar contra a discriminação, a encontrar soluções para relações mais igualitárias e justas no mundo do trabalho e, enfim, nas relações na esfera privada. O mundo da intimidade passou por muitas transformações nos últimos cinqüenta anos, seja pelas descobertas científicas, como os anticoncepcionais, seja pela mulher ocupar espaços significativos na esfera pública, como na educação, mercado de trabalho e política. Tudo isto foi fundamental para que ocorressem visíveis mudanças nas relações entre homens e mulheres.

O sociólogo Edgar Morin, em recente entrevista a um periódico francês, afirmou que "não há mais um puro masculino nem um puro feminino".[129] Isto porque ambos, homens e mulheres, tendem a exercer funções bem semelhantes na sociedade. Elisabeth Badinter vai mais adiante quando, no mesmo sentido de Morin. afirma que, se o homem não tem um

---

[129] Entrevista concedida à Revista *Les Raisons de Lire - Revue Humaniste*. N. 8. Paris: 1996.

modelo único definido e as mulheres não estão satisfeitas com os homens que estão hoje na sociedade[130].

Ao mesmo tempo que tentavam traçar diferenças, os adolescentes encontravam igualdades ou semelhanças e algo foi destacado como próprios do homem ou da mulher.

7.2.1. Para os Meninos

Durante as mais diversas circunstâncias durante a pesquisa, os meninos expressaram suas representações do ser homem, ancorados, sobretudo nas características físicas e sempre em referência à diferença com as mulheres. Falaram, basicamente, em relação a si próprios e aos amigos, enquanto meninos adolescentes, na condição do masculino.

Na realidade não houve uma representação dominante, mas foi comum a afirmação que homem é aquele que tem determinadas características físicas e biológicas, tem uma forma de ser própria, diferente da mulher. Ao mesmo tempo que tem mais liberdade ele é emocionalmente mais reprimido. Homem simboliza ainda o próprio pai ou a si mesmos quando em relação à afirmação da sexualidade.

A representação do homem foi mais definida em relação às permissões. Para os meninos, o mundo é feito para os homens e reconhecem que têm mais permissões que as meninas.

Foi neste sentido que eles afirmaram que gostam de ser meninos principalmente pelas permissões que desfrutam.

"Ser menino, acho bom. Tem até uma vantagem pelo fato de... da liberdade..."(Daniel, 14a.)

---

[130] BADINTER, E. La crise de l'identité masculine. *Sciences Humaines*. Número d'été - 42, Août-Sept. 1994, p. 32-33.

"Ser menino? É gostoso. Tem as vantagens e desvantagens..."(Alberto, 17a.)

"...eu gosto de ser menino..."(Mário, 15a.)

"Ser menino? Ah! É bom, a gente aproveita... assim... o que mais gosto é poder sair mais... ser mais livre prá fazer coisas que eu gosto, coisas que eu quero..."(Klaus, 16a.)

"Eu gosto de ser menino, eu não escolheria ser menina não... pelas coisas que eu posso fazer, tipo jogar futebol... não sei que. Acho que... não acontece com a menina..."(Adriano, 15a.)

Há ainda quem afirme que o que mais gosta em ser homem é o fato de não engravidar. O corpo neste caso foi lembrado como desvantagem pela própria função biológica.

"Eu acho que os homens são mais acanhados que as mulheres... mas o que mais gosto em ser menino é o fato de não ter, não ser... como eu posso dizer? Ser mais solto prá vida, assim... poder fazer o que bem entender. Menina já tem mais restrições, não pode sair, não pode chegar muito tarde, não pode beber..."(Adriano, 15a.)

"O que mais gosto em ser menino é não ter que ficar grávido, prá começar. Putz, se eu fosse mulher, se eu pensasse em ficar grávido um dia, Deus me livre!... porque eu não gosto muito da idéia, sabe?"(Eduardo, 15a.)

Os meninos se reconhecem, em relação às meninas, como pessoas que tem facilidades de se relacionar com o mundo.

"Os meninos?... olha, sempre foram pessoas mais... mais assim, não têm essas frescuras aí das meninas, né? Se tiver amizade, sabem ter amizade, se for prá ter outra coisa, também, né? Ser menino é maravilhoso"(Paulo, 15a.)

Eles se consideram mais livres nas relações familiares, apesar de certas limitações e admitem que não colocam dificuldades no relacionamento com os outros.

"Meninos?... eles são companheiros, pelo menos comigo, né? Eles 'tão' sempre junto... fazendo várias coisas... nós somos muito unidos... Ah!, ser menino ou ser menina tem suas vantagens... ah!, não sei se tem vantagens ou desvantagens, né? Eu gosto de ser menino. Você faz o que você quer, você fala o que você quer, se bem que menina também fala, né?"(Henrique, 15a.)

Os meninos admitiram, ainda que não têm tantas preocupações com proibições nem com a forma de lidar com os outros. No discurso deste menino foi colocada sua preocupação com a questão da bebida, mas ele não aprofundou o assunto.

"Bom, os meninos, eles são é... como é que eu vou dizer... é... são legais, são... pelo menos é... pelo menos os que eu... vivo, são meninos legais, muitos é... são... meio que... muitos não se dão bem com os pais... muitos é... são... os pais não dão... muita liberdade prá eles sair, então... eles geralmente se queixam bastante disso, né?... tem pai que é... os meninos em geral tem um negócio meio complicado porque... é... muita gente que eu conheço assim, né, também gosta de muita bebida alcoólica, sabe?"(Fabrício, 15a.)

Um menino se referiu ao lado feminino do homem, afirmando que, ao assumi-lo, o homem consegue agir melhor diante de determinadas situações.

"Bom, todo homem tem o lado feminino, né? Porque ele sabe se colocar no lugar de outras pessoas, né? Como agir diante de dadas situações, tudo. E como eu disse, né? Maneira de agir... da mulher!..."(Tiago, 16a.)

Ao admitir a existência de um lado feminino, Tiago reconhece a oposição e a feminilidade dos sentimentos e da sensibilidade, que é preciso ter um "lado feminino" para perceber e sentir melhor o outro. E este é um aspecto representativo do ser mulher.

A representação do ser mulher para os meninos, foi tomada em relação à mulher de uma maneira geral e à menina com quem conviviam. Assim eles falaram de vários "tipos" de mulheres e as representaram de forma positiva ou negativa em função de uma maior ou menor relação afetiva. Por outro lado, as características apontam, quase sempre, um estereótipo do feminino no senso comum.

Características quanto à afetividade foram assinaladas como características diferenciadoras de homens e mulheres:

"Ah!, mulher assim, geralmente ela é, geralmente, né? Porque cada caso é um caso. Geralmente é mais sensível assim, há situações, ela procura ir mais pela sensibilidade que pela racionalidade. Tem exceções, claro porque cada um tem o seu jeito, né? Mas geralmente elas vão pela sensibilidade e os meninos vão mais pela racionalidade e irracionalidade também, são mais violentos, tudo, e é muito difícil assim, você ver uma menina saindo no tapa assim, é mais meninos que sai brigando."(Camilo, 15a.)

Tiago caracteriza politicamente a mulher que ele reconhece estar presente no contexto social em que vive, não se referindo especificamente a alguém que conheça:

"As mulheres de hoje são muito conformadas pois são exploradas em silêncio, não lutando por seus ideais."(Tiago, 16a.)

Para dois meninos foi com base em um referencial concreto e real que caracterizaram o ser mulher:

"Gostaria de ser como minha irmã, bonita, inteligente, responsável, prestativa e paciente."(Daniel, 14a.))

"...eu seria muito vaidosa pois acho uma característica muito bonita e interessante..."(Paulo, 15a.)

Aspectos como beleza, aparência física e emotividade foram muito referidos pelos meninos e isto foi um forte indicativo que, para eles, esta é a representação do ser mulher.

"...as mulheres se preocupam bastante com a aparência física, não são grosseiras, têm um comportamento mais sutil, delicado, são, em geral, sentimentais, mesmo em vista da liberdade que toda mulher tem para expressar seus sentimentos, chorar, etc."(Léo, 16a.)

"Mulher: uma palavra que nos diz muitas coisas. Representa para o homem grande parte da importância de se viver ..."(Henrique, 15a.)

Um menino se projetou enquanto mulher conceituando-se e revelando o que percebe ser a amizade para as mulheres:

"Acho que seria mais calmo, mais compreensivo, mais responsável ou qualquer coisa diferente devido a isso. Eu acho que a amizade entre as mulheres é mais aberta, sincera, franca e compreensiva que a dos homens."(Mário, 15a.)

Estas representações do ser homem e do ser mulher obtidas através da redação, foram complementadas com as discussões dos grupos focais.

Nas reuniões dos grupos focais solicitei a cada adolescente que expressassem a que associavam a palavra "mulher" e "homem" desenvolvendo, em seguida, uma discussão sobre suas idéias. Durante estas discussões os meninos caracterizaram o ser mulher e o ser homem através, sobretudo, de conceituações.

Para o homem, os meninos associaram principalmente a palavra "força", no sentido de força física. Em seguida falaram da imagem que a palavra lhes sugeria, o próprio pai e depois sua própria imagem.

Durante os grupos focais, quando foi solicitada associações à palavra "mulher" os meninos, de imediato, falaram "beleza", "sensualidade", "sexualidade". Alguns reagiram sorrindo e falando baixo para o colega sentado ao lado. Pode-se perceber que, a primeira reação ao sentido da palavra mulher, lhes traz um significado que tem sido constantemente veiculado nos meios de comunicação de massa, nas publicidades, etc. Durante todo o andamento da pesquisa, em diversos instrumentos, o ser mulher ou o ser menina, teve vários significados, mas mulher, apenas o nome, estimula mais fundo sua fantasia, a sua própria sexualidade.

7.2.2. Para as Meninas

As meninas admitiram, principalmente que o "ser homem" representa liberdade, permissividade tanto em relação às atitudes como em relação ao próprio corpo, significa, ainda, a desobrigação com a questão doméstica:

"Ser homem é ter liberdade, é poder sair sem falar nada. Ser homem é ser o que, talvez, sempre se tenha sonhado. Às vezes penso na possibilidade de ser homem. Um homem pode sair, se divertir e, muitas vezes, sem precisar se explicar, dar satisfação O homem é mais livre que a mulher. O

homem não tem a responsabilidade engravidar, sofrer na hora de parir o filho, cuidar da casa, saber cozinhar, cuidar dos filhos."(Gláucia, 15a.)

"...a forma como o homem vive é mais liberal. Eu gostaria, preferia ser um homem, pois ele pode fazer tudo que ele quiser..."(Simone, 14a.)

Para as meninas, assim como para os meninos, ser homem é uma questão relacional do ser mulher, pois sempre que falavam de um referiam-se ao outro. Uma menina admitiu que o homem teria uma forma descomplicada de lidar com o mundo e isto, para ela, é uma característica positiva. Reconhece, também, no homem, aquela pessoa que domina e sabe controlar a situação. E é neste tipo de homem que ela se projeta :

"O homem encara tudo com muito mais facilidade que a mulher, eu acho que a minha vida ia ser bem menos complicada. Eu iria fazer de tudo um pouco, pois não ia ter problema de ficar com quantas eu gostaria, sem levar fama, ter mais jogo de cintura para assuntos que a mulher tem vergonha de falar."(Vanessa, 16a.)

Quando as meninas negaram assumir características que identificaram como masculinas e idealizaram uma forma de ser dos homens, elas reafirmam o que é ser homem. Por exemplo, à medida em que elas dizem que, "se fossem homem..." "seriam sinceros", "fiéis", "respeitariam todas as mulheres" é porque, para elas, o homem não tem estas características. Assim, o homem é alguém insensível, que sempre pensa em sexo, é infiel...

"Seria um homem sensível, daria um incrível valor à mulher, ao amor sincero e não pensaria o tempo todo em sexo. Seria um homem bem caseiro, preocupado com minha família e, sem dúvida, com meu trabalho. Seria também bastante fiel à pessoa que escolhesse para viver ao meu lado e trataria a mulher de um jeito todo especial... Não seria nem um pouco machista, ajudaria minha esposa em tudo para que ela também se sentisse realizada afetiva e profissionalmente."(Juliana, 16a.)

Assim, poderia se deduzir que as meninas representam o ser homem como alguém ausente da família, machista, egoísta...

Ao mesmo tempo destacaram conceitos positivos que são desejáveis para os homens serem aceitos pelas meninas que elas são.

"...não seria babaca... seria educado, gentil... seria um mauricinho..."(Pérola, 15a.)

"...não tendo vergonha de me mostrar vaidoso, educado e amigo."(Giovana, 15a.)

"Iria ser um homem muito gentil, enfim, diferente desses."(Karla, 16a.)

"Agiria com sinceridade e honestidade. Faria tudo com grande responsabilidade"(Roberta, 16a.)

"...não seria tão insensível como a maioria deles são, eu seria mais meigo e carinhoso. Eu seria menos egoísta e procuraria enxergar outras pessoas além de mim."(Priscila, 16a.)

A medida em que as meninas citam e negam se assumir com certas características que apontam como dos homens, elas demonstram que estas têm um referencial nos meninos que conhecem e com quem convivem. Ao negarem estas características como desejáveis, "se fossem homem...", as meninas as reconhecem como características masculinas.

"...eu tentaria ser mais legal com meninos e meninas, ser mais maduro..."(Karen, 15a.)

"Os homens têm mais facilidade de fazer amigos mas não de se abrirem com eles. São mais fechados e sempre gostam de contar vantagens."(Cristina, 15a.)

"Seria mais compreensivo e aceitaria com maior prazer os conselhos das pessoas amigas..."(Danielly, 16a.)

"Iria ser inteligente... iria cuidar da aparência... iria ser uma pessoa cativante, com grande espírito de humanidade."(Hariana, 15a.)

Neste sentido, as meninas representaram o ser homem real, que elas negam assumir, e o idealizado, que seria o ideal como companheiro.

Para uma menina, o homem é alguém que está mais preocupado em ter um trabalho e que prefere ter uma companheira dependente de si:

"O homem geralmente vai trabalhar mais cedo. A mulher sempre é influenciada a ficar em casa apenas para o estudo e ter que se contentar com a mesada do pai. Os homens não, querem trabalhar, ter seu dinheiro próprio. Saem para trabalhar cedo e estudam à noite. Os homens casam, geralmente não querem que a mulher vá trabalhar. Quer bancar todas as despesas. Isso é um tipo de preconceito, pois as mulheres têm a mesma capacidade dos homens." (Cristina, 15a.)

As meninas expressaram ainda, durante os grupos focais, associações à palavra "homem" através de gesticulação e de conceitos. Os conceitos mostram os significados que a palavra representa e eles são manifestados a partir do que tem sido divulgado e aprendido, de suas vivências e experiências.

Assim, as meninas associaram imediatamente as expressões "força", "sensualidade" e "sexualidade" à palavra homem. A primeira imagem que as meninas associaram à palavra "homem", foi a imagem de um homem forte e sexy para em seguida se referirem à imagem do pai. À palavra "mulher", as meninas associaram à idéia de "beleza" e a primeira imagem referida foi a da própria mãe, para então se referirem a si próprias.

Nas representações que fazem de si, as meninas se reconhecem com diferentes formas de pensar e agir e há meninas que falam positivamente e negativamente do ser mulher.

"Ah, tem menina legal, e tem aquelas... tem sempre aquelas que não dá prá confiar..."(Kelly, 15a.)

Algumas meninas acreditam nas diferenciações entre si, ressaltando que existem várias formas de pensar e agir e que não se pode definir uma única forma de representação.

"Mesmo caso dos meninos, é o das meninas... não dá prá generalizar... tem umas chatas e tem umas que não são. E a gente tem afinidade... eu gosto de ser menina. Eu acho que a vida não é assim, não é tão... agora principalmente, né? Com a mulher podendo trabalhar, ganhar a

vida dela, ter o dinheiro dela... não precisa ficar dependendo do marido..."(Cristina, 15a.)

Elas destacam aspectos da amizade, competição afetiva em relação aos meninos e formas de se relacionar com as pessoas no mundo. Falam do que sentem e pensam em ser mulher e do modo de se comportar para manter ou construir uma imagem feminina.

"Ah!, as meninas... tem diferença muito entre elas. É difícil falar de menina porque cada uma pensa de um jeito. Uma tem um pensamento, outra tem outro, nunca... é difícil bater... é difícil ter amizade... ao mesmo tempo que é sua amiga, de repente se torna sua inimiga. Por pouca coisa. É incrível isso..."(Danielly, 16a.)

Cinco dentre vinte meninas destacaram a questão da rivalidade entre si no tocante às relações afetivas com os meninos, admitindo esta como um dos aspectos negativos da forma de ser das meninas.

"As meninas?... ah! é uma rivalidade total, tipo, sempre quando fala assim ah, eu acho aquele garoto bonito, a outra logo passa a se interessar, né? Por aquele, né?... porque aí eu penso puxa, é difícil encontrar amizade assim, verdadeira, né? "(Simone, 14a.)

"...e a mulher já é mais competitiva, ela... se você gosta de um garoto, se ela... também se insinua, ela também vai só prá te deixar lá, só prá fazer, sabe, uma intriga... mas as amigas, mesmo, não fazem isso..."(Karla, 16a.)

"A maioria das meninas tem muito mais esse negócio de competição... sabe? inveja. Tem muitas... Não sei... agora acho que homem é diferente."(Vanessa, 16a.)

"...as meninas, mulher tem um defeito, eu tenho um grande defeito também... mulher é um pouco falsa consigo mesma. Mas eu acho que a mulher tem muito mais caráter, às vezes... é, sei lá, parece que a mulher gosta mais de estudar..."(Camila, 15a.)

Muitas meninas falaram positivamente da forma de ser das meninas, destacando as relações de amizade entre elas, sua dedicação, afinidades e sinceridade nos relacionamentos.

"A menina se... eu acho assim, que a menina é sempre mais preocupada com as coisas, sabe? Elas levam tudo sempre mais a sério. Em tudo o que ela faz. Agora eu não sei te dar um exemplo assim... ah!, eu não sei te dizer..."(Karen, 15a .)

"As meninas eu acho que tem umas que até que o pensamento bate assim com... meu modo de pensar... tem umas que são imaturas... outras que querem chamar a atenção, mesmo. Mas pelo menos a maioria que eu conheço acho legais, sabe? Acho que são legais."(Giovana, 15a.)

"As meninas? Ah!, eu acho que... é mais difícil de esconder. As meninas eu acho que são bem diferentes ou melhor, são iguais, na verdade tanto estando junto com as amigas, falam das amigas... mas eu acho que elas são bem mais... têm mais cabeça. As meninas já se preocupam mais, já são mais responsáveis. Nem todas, mas a maioria"(Ticiane, 16a.)

"Ah!, as meninas assim quando... sei lá, amigas assim, amigas mesmo, eu acho que é pouca o que a gente tem, né? Que é... e com essa eu acho que você, acho que pode, pode contar, conversar... mas demora prá você conseguir ser bem amiga da pessoa."(Nicole, 15a.)

Nove dentre vinte meninas afirmaram que as meninas se "comportam melhor", ou sejam, são mais sinceras, afetivas e fiéis que os meninos em suas relações afetivas.

"As meninas... elas mergulham de cabeça, elas se entregam... mergulham de cabeça num relacionamento, elas já se... ah!... elas já são mais cuidadosas. É muito raro alguma garota que usa. Mesmo porque não é muita mulher que usa, ela aceita ser usada... os garotos sempre levam vantagem em tudo, sabe?... eles que, digamos, eles que, sei lá, passam a mão, sabe? Menina não tem muito disso. Eles enchem o ego deles fazendo essas coisas. Garota já não. Elas não chegam a falar, ai eu passei a mão naquele, então eu sou a melhor. Menino já não, ah!, olha, mais uma, então eu sou melhor que você. Eles têm muito disso e eu não gosto."(Débora, 14a.)

A representação do ser mulher ou ser menina também foi tomada pelas meninas sob uma forma relacional com os meninos, ou com os homens.

"As meninas?... ah! eu acho elas bem melhor que os meninos... É... tudo, né?... não sei... mas eu acho o relacionamento, a amizade, elas são mais carinhosas, sabe, elas sabem dar mais apoio na hora que você precisa... são mais amigas. Não sei se por não ter amigo assim, homem, né? Eu não sei, mas eu acho o relacionamento fácil com as meninas que com eles... Karen, 15a.)

Para as meninas, ser mulher ou ser menina é ser mais responsável, "mais preocupada", "mais certinha" e esta representação tem um aspecto positivo:

"...as meninas são mais certinhas..."(Hariana, 15a.)

Por outro lado, houve meninas que se referiram ao lado "assanhado", das meninas, em referência à uma maior liberação da sexualidade. Neste ponto a conotação para elas foi apresentada de forma negativa:

"As meninas são assim... mais abertas, né, são super, não sei, mas nessa idade, as meninas são tão assanhadas. Por qualquer coisa, né? Tudo que você fala, né? Principalmente de homem..."(Juliana, 16a.)

"As meninas são, ah, sei lá, são meia frescas, sabe? Tem umas que, ah!, elas acham que tem que ser o máximo, entendeu? Que elas podem passar por cima de todo mundo."(Pérola, 15a.)

O que mais diferenciou o ser homem e o ser mulher, tanto para os meninos como para as meninas foram as possibilidades de permissões para os primeiros. Neste contexto, as meninas falaram sobre sua preferências ou não do ser mulher e suas expectativas nesta condição.

Algumas meninas têm um discurso ambivalente em relação às suas condições biológicas e social: admitem desejo de ser diferente mas gostam de ter o poder de gerar filhos; na situação social, reconhecem a exigência para que a menina se arrume mais que o menino, e isto é bem aceito por umas e desconfortável para outras.

Seis dentre vinte meninas falaram de condições desfavoráveis, biológicas e sociais, de ser meninas. Admitiram que gostam de ser meninas, mesmo quando afirmaram que ser homem poderia ser melhor principalmente porque reconhecem que na condição fisiológica eles levam vantagem.

"Ah, eu gosto de ser menina. Às vezes de querer ser homem também porque tem dia que ser mulher enche o saco... aqueles dias da menstruação... dá cólica, assim, ai meu Deus, eu queira ser outra. É horrível. Mas tirando isso, eu acho super legal. Tipo se arrumar... pinta a cara, pinta o cabelo..."(Kelly, 15a.)

"Eu gosto de ser menina. A única hora que não gosto é quando eu fico menstruada. Eu adoro falar palavrão. Tenho verdadeira paixão por falar palavrão... adoro me expressar através deles(risos)... O que mais gosto em ser menina é a vaidade... poder se arrumar, poder pensar nisso, sabe? Ter uma ocupação nisso. sabe? Poder brincar de boneca, poder gerar filhos, né? Mesmo sendo menina, né? Então assim... é ótimo."(Camila, 16a.)

"...prá falar a verdade, acho às vezes que seria muito mais fácil, acho que em todos os aspectos, ser homem, né? Porque além de não ter esse negócio de menstruação e tudo, que é um verdadeiro saco, né? Acho que além de ser menos perigoso, pelo menos parece, prá eles, ainda assim há... menina é muito complicado, tanto prá sair, despeja metade do guarda-roupa, entendeu, tudo prá sair é cabeleireira, manicure, não sei que... homem não, põe uma calça, uma blusa, penteia o cabelo rápido e já sai, essas coisas..."(Giovana, 15a.)

Ao mesmo tempo que apontaram condições fisiológicas como desfavoráveis ao ser mulher, uma menina referiu-se à outra condição fisiológica como vantagem em relação ao ser homem: a gravidez.

"Ah! Às vezes eu acho, ah, por que não nasci homem? Porque meu irmão pode sair a hora que ele quiser... mas aí homem não pode ter filho e mulher pode..."(Ticiane, 16a.)

"...eu gosto de ser menina... o que eu mais gosto mesmo é... poder ser mãe, sei lá."(Nicole, 15a.)

Por outro lado, uma menina mesmo admitindo que gosta de ser mulher, apontou esta mesma condição, a gravidez, como algo desfavorável por ser "complicado"...

"Ah!, se eu pensasse em nascer de novo, eu queria nascer homem. Menina tem muito problema depois quando cresce, mulher, tudo, tudo na mulher é mais complicado, essas coisas... tudo a respeito da gravidez, a respeito de doença, tudo é mais complicado na mulher que no homem... mas eu gosto de ser menina."(Hariana, 15a.)

O ser menina ou o ser mulher foi citado pelas meninas de forma indiferenciada. Algumas reconheceram a dificuldade de ser menina por circunstâncias sociais que limitam suas atitudes ao mesmo tempo que estas

mesmas circunstâncias sociais exigem delas determinados comportamentos em função de sua condição fisiológica. Para elas, isto é desvantajoso.

"Ser menina?... ah!, eu acho que é bem mais difícil do que ser menino, não sei. Eu acho mas eu gosto. É mais difícil porque tem um monte de coisa que nem... menino não precisa se preocupar com nada, quer dizer, nesse sentido. Porque eu acho que menina que tem que... que menina se preocupa mais... tipo assim, numa relação sexual, só menina que se preocupa com esse negócio de gravidez. Claro que menino teria que se preocupar, mas eu acho que eles não se preocupam."(Nicole, 15a.)

Uma menina colou uma idéia justamente oposta a esta, considerando fácil ser mulher pela natureza de problemas existentes:

"Eu gosto de ser menina. Ah!, parece que os problemas são mais fáceis... parece que amiga é mais compreensiva... menina parece ser mais aberta... tá com problema, conta mais... prás outras, confia mais nas pessoas."(Roberta, 16a.)

Oito, dentre vinte meninas (40%) afirmou gostar de ser menina apontando como vantagem alguns aspectos: a possibilidade de amizades com pessoas de sua mesma condição biológica; a capacidade de engravidar; e também as condições culturais que, segundo elas, propiciam e possibilitam se tornarem mais femininas, se arrumando, se produzindo, tornando-se belas...

"O que eu acho de ser menina? Eu acho bom... não tem muitas coisas prá gente fazer. Ah!... é legal..."(Tati, 16a.)

"o que mais gosto em ser menina é de ter amigas mulheres. Porque eu acho que, igual que eu te falei, né? Mulher tem muito mais cabeça... é lógico que tem homem que tem, mas eu acho que as mulheres têm bem mais..."(Ticiane, 16a.)

Três meninas apontaram vantagens de ser menina em relação a ser menino, reafirmando que não gostariam de ser meninos:

"As meninas, algumas são que nem os meninos, mas eu acho que a maioria não é. Eu acho legal ser menina. Eu não queria ser homem. Não queria. Queria ser menina mesmo."(Gláucia, 15a.)

"Ser menina? Eu acho melhor que ser menino, com certeza. Eles são muito... lerdinhos. O que mais gosto em ser menina, é a vaidade. É muito bom. Você poder se arrumar."(Débora, 14a.)

"Ser menina? Eu acho bom, eu acho ótimo... Eu acho que é muito melhor que ser homem, não sei. Acho que a gente é muito mais bonita, o corpo da gente é mais assim, não sei. Acho que a mulher é bem melhor, apesar de ter aquelas coisas, né? Que fala... ah! porque mulher tem menstruação, mulher tem... sente dor no parto, mulher tem isso, mulher tem aquilo e homem não tem nada, não sofre nada, né? Eu acho que isso faz parte da mulher. Eu gosto de me produzir... de ficar bonita, de tá sempre assim, bonita..."(Karla, 16a.)

Dentre as meninas que afirmaram gostar de ser mulher, cinco colocaram como significativos a questão do casamento, da maternidade e do corpo, com mais possibilidades e permissões para se enfeitar, se arrumar para afirmar o ser feminina. Colocaram, ainda, a expectativa do casamento, o "sonho com o príncipe encantado", que me parece, uma forte representação do desejo de complementaridade:

"Ah!, eu acho uma delícia ser menina(risos). Eu adoro, não sei, eu acho que não... não consigo me imaginar menino. Não consigo. Eu que já tenho todo aquele jeito de menina, sabe? Eu adoro, assim. Acho que é jeito de menina. É realmente o meu jeito, sabe? Não tem... Eu tenho uma loucura assim, prá ser mãe, eu acho que deve ser maravilhoso sabe? Construir um lar, toda aquela coisa, sabe, de menina mesmo. Você tá sonhando... eu não sonho com um príncipe porque eu já coloquei na minha cabeça que não existe, sabe? Mas você fica sonhando com seu maridinho, sua casa, seus filhos..."(Juliana, 16a.)

Assim, a idéia de criar suas fantasias se faz presente entre as meninas também como representação do ser mulher:

"Ser mulher é poder viver e sonhar com um príncipe encantado, com um dia poder ser mãe."(Gláucia, 15a.)

Foi freqüente a referência a condição física do ser mulher não como desvantagem mas como possibilidade de se fazer diferente do homem.

Ao mesmo tempo que se reconhece que os valores culturais definem estereótipos de beleza, modelos de feminilidade que são perpassados através da mídia, por exemplo, para as meninas, estes modelos são interpretados como permissões dentro do sistema social para definirem as diferenças entre elas e os homens. Neste sentido, estes são reconhecidos como vantagem:

"Eu gosto de ser menina. É, não sei, você pode se produzir mais, ser mais delicada, sabe?... Você poder se arrumar prá alguém, mostrar seu charme... eu adoro me arrumar, me mostrar feminina..."(Karen, 15a.)

"...o que eu mais gosto em ser menina... ah! a vaidade, seria uma coisa assim que... ah, fora isso, não sei..."(Danielly, 16a.)

"Eu acho que a mulher tem que ser sempre mais assim, feminina, mais preocupada assim, com ela mesma..."(Pérola, 15a.)

As representações de gênero que têm sido construídas pelos adolescentes em suas trajetórias de vida estão, portanto, delimitadas por inúmeras simbologias não só de seu cotidiano e de suas vivências mais diretas, mas também como fruto de tradições culturais, resultado de heranças das gerações passadas.

Se dentre as meninas algumas manifestaram desejo de ser homem, por reconhecerem fossem vantagens físicas ou sociais, entre os meninos nenhum mencionou este desejo.

Quando os adolescentes falaram de sua família, de suas relações familiares, de seu cotidiano, das relações com amigos, enfim, quando se expressaram sobre os momentos vivenciados ou sobre atitudes, objetos e relações de seu cotidiano, apresentaram todo o processo de suas classificações e categorizações que lhes permitem estruturar suas representações sociais.

Foi evidente que gênero, enquanto elemento de ancoragem de diversas representações sociais dos adolescentes, ora agrupa determinados elementos, ora os separa e reagrupa outros, numa dinâmica constante de categorização nem sempre dual. Diversos aspectos relacionados à afetividade foram evidentes no processo de construção das representações de gênero.

Uma menina, ao falar sobre homens e mulheres nas discussões dos grupos focais complementava sua idéia, gesticulando com a palma das mãos voltadas para fora do corpo e para o alto dos ombros, como sinal de mais alto e de maior força muscular assinalando sua idéia de "ser homem". Gestos contrários, ou seja, mãos voltadas em direção ao ventre e para o centro do corpo, como sinal de menor altura e menor capacidade muscular, associando-os ao significado do "ser mulher". Desta forma, essa menina referiu-se ao valor simbólico do ideal masculino (para cima e para fora) contrapondo a expressão simbólica das "virtudes" femininas (para baixo e para dentro), tal como discutiu Bourdieu.[131]

Na medida em que a construção das representações de gênero tem sido resultado de um processo interativo e dinâmico dos adolescentes em suas relações com o mundo que o rodeia, nas suas relações cotidianas, os adolescentes tendem a construir suas representações sociais ancoradas no elemento gênero. Neste sentido é interessante refletir se estas representações estão pautadas por referenciais no sentido dos conceitos natureza - cultura, relações de poder e hierarquia (dominante - dominado),

---

[131] BOURDIEU, P. La domination masculine. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v.2, n.84, p.3-31, sept. 1990.

sentido de oposição, (seco - úmido, positivo - negativo, quente - frio, etc.), resultados mesmo de influências ideologicamente incutidas nas relações sociais.

CONCLUSÕES

O estudo procurou demonstrar quais são e como ocorre a construção das representações sociais de adolescentes nas suas relações familiares e em relação a idade da vida em que se encontram: a adolescência. O interesse central foi saber como gênero aparece nestas representações e, ao mesmo tempo, quais são suas representações sociais de gênero.

Ao mesmo tempo que a questão central do estudo orientava para um olhar sobre as representações sociais de gênero dos adolescentes nas suas relações familiares, em relação à sua idade da vida e, conseqüentemente, nas suas relações com amigos, os dados obtidos revelaram, também, que as representações de gênero não apenas detém significados próprios como também este se revela como elemento de ancoragem de variadas representações sociais no contexto do cotidiano do adolescente. Assim é que, os dados obtidos demonstraram como gênero é elemento de ancoragem das representações sociais de adolescentes que se constituem em suas relações familiares e com amigos, e quais são, propriamente as suas representações sociais de gênero.

As condições colocadas para que os adolescentes expressassem suas representações sociais foram delimitadas à sua idade, às situações na esfera familiar e às suas relações nos grupos de convivência. Nestas situações e relacionamentos eles expressaram as concepções que constróem sobre si mesmos e sobre os outros, referindo-se a si e aos outros e às outras, basicamente, enquanto ser dotado de um sexo biológico cujos valores e atitudes são fortemente afetados pelas conveniências sociais. Assim, as classificações que os adolescentes foram levados a expressar estão marcadas por influências circunscritas ao seu contexto social. Compreendendo que suas concepções são construtos sociais, é possível conceber as representações de gênero como mutáveis, tal como o próprio desenvolvimento físico e social do indivíduo em função do espaço e do momento histórico.

Reconheço que a base da teoria das representações sociais está na interrelação de duas questões fundamentais: Como o social intervêm na elaboração psicológica que constitui a representação social? Como esta elaboração psicológica intervém no social? Considerando, portanto, este conceito como uma via de mão dupla, o estudo tomou como referencial a concepção de *habitus* para melhor contextualizar o sujeito a ser estudado.

A partir da afirmação de Jodelet que admite que todo estudo de "representação social passará por uma análise das características ligadas ao fato que ela é uma forma de conhecimento",[132] pode-se acrescentar a esta afirmação que o processo de constituição desta aprendizagem ocorre

[132] JODELET, D. *Représentations Sociales: un domaine en expansion.* Presses Universitaires de France. 1989

durante toda a vida do adolescente, estando estreitamente vinculado às suas experiências pessoais.

Na intenção de situar o contexto da idade da vida que vivenciam, o estudo levantou questões específicas para captar as representações sociais que os adolescentes constróem acerca desta fase.

Existem construções conceituais acerca de "juventude" e "adolescência" definidas, sobretudo, a partir de um referencial histórico.

Mesmo existindo algumas diferenças entre o que se considera o que é a adolescência e o que é a juventude, os adolescentes reagiram a estas duas expressões de forma indistinta. Isto é, ser jovem tem a mesma significação do ser adolescente. No entanto, "jovem" foi tomado de uma forma impessoal, enquanto que "adolescente" estabelece, com eles, uma relação de identidade. Considerando-se o processo da vida como um ciclo, a adolescência seria uma etapa da juventude com características próprias, imediatamente posterior à infância, demarcada pela puberdade. Já a juventude propriamente dita, seria a fase seguinte à adolescência imediatamente anterior à idade adulta. As responsabilidades assumidas mediante a exigência das instituições em cada contexto histórico e social, tanto quanto as características físicas, demarcariam quando uma começa e a outra termina: existiria o adolescente e o jovem adulto.

Na pesquisa ficou claro justamente um certo distanciamento dos adolescentes em relação às questões de "responsabilidades" que se consideraria serem próprias para a idade adulta. Isto é compreensível uma vez que situações mais próximas das vivências do chamado "jovem adulto"

não fazem parte da vida cotidiana deste adolescente e estas não o atingem de imediato.

A representação de adolescência, enquanto "fase de despreocupação" ou "preparação para a vida", foi comum tanto para os meninos como para as meninas. Assim, a representação social do adulto em relação ao adolescente tem mais desvantagens porque, mesmo tendo mais experiências, dele são exigidas mais responsabilidades e estas exigências foram mencionadas como indicador da idade adulta e, portanto, com uma representação negativa para os adolescentes.

A entrada na adolescência apresenta um significado especial para a construção de representações sociais à medida em que, nesta idade, ocorrem grandes transformações físicas, emocionais e elaboração de novos referenciais de identidade, como a formação do grupo de amigos fora das relações familiares.

Para os adolescentes, ao mesmo tempo que a adolescência representa "certa despreocupação", ela é uma "fase muito difícil" de "grande responsabilidade" pois, nesta época, os adolescentes são cobrados pelas instituições sociais uma decisão sobre sua futura vida profissional, por exemplo. Estando no segundo grau, eles são, no âmbito da escola, freqüentemente estimulados e intimados a pensar e decidir sobre o curso universitário que devem escolher. Para os adolescentes a escolha do curso profissional é uma decisão muito importante para o seu futuro. Isto foi referido perpassado por um medo muito acentuado na medida em que, neste período da vida, eles acham que ainda não estão preparados para tomar uma decisão tão definitiva.

Adolescência, criação cultural ou não da sociedade moderna, o fato é que as transformações que ocorrem no corpo alteram, sobremaneira, a imagem que o adolescente tem de si. Esta imagem tem uma influência na construção das representações sociais. Como afirma Bourdieu[133] as diferenças entre os sexos biológicos vão influenciar em formas essencialistas, diferenciadas e hierarquizadas de representações e "como uma justificativa indiscutível da diferença socialmente construída dos sexos." A dominação masculina reconhecida e admitida em várias circunstâncias sociais e culturais encontra neste essencialismo sua explicação.

Fruto de processo biológico, o sexo define as características mais primárias do ser homem e ser da mulher. Não por serem mais importantes do que as construções sociais mas, talvez, por se apresentarem mais visíveis.

Quando os adolescentes adotam determinada moda no uso do cabelo, roupas, adereços e mesmo na linguagem ao mesmo tempo que parecem contestar a imposição de modelos do mundo adulto, criam um estereótipo próprio. A forma de se vestir, ao mesmo tempo que acentuaria diferenças entre meninos e meninas, algumas vezes poderia mesmo atenuá-las.

Se para os mais velhos o adolescente teria uma forma andrógina, seja por sua aparência física em função de suas transformações fisiológicas inerentes à idade ou por suas indumentárias, esta indefinição dos caracteres físicos já havia sido registrada há muito tempo por famosos artistas plásticos.

Portanto, não se pode dizer que é somente na sociedade moderna que o adolescente adquire caracteres físicos de uma tendente androginia por

---

[133] BOURDIEU, P. Domination masculine. In *Actes de la Recherche en Sciences* Sciences Sociales - Masculin/Féminin 2, Paris, n° 84, p. 3-31, septembre, 1990.

portar cabelos longos e usar brincos. Não se pode esquecer que a adolescência já era retratada com caracteres andróginos nas obras de arte de Rafael e Ticiano, por exemplo.

As diferenças mais marcantes na representação social do adolescente de ontem e de hoje se poderia dizer que se referem às atitudes e intenções deste adolescente no contexto da sociedade moderna.

Os meninos, afirmaram que a sensibilidade não é uma característica masculina na medida em que reconhecem que seria desejável que os homens pudessem expressar mais livremente aqueles sentimentos que são considerados femininos, como a manifestação da dor, da perda, enfim, poder chorar. Houve meninos que falaram da intenção de assumir um pouco mais o "lado feminino" se fazendo mais presente no cotidiano familiar e ficando mais tempo com seus filhos, quando um dia fossem pais. Os meninos, com um sentimento de frustração, reconheceram que a sociedade não admite que um homem tenha sensibilidade e seja emotivo. Eles demonstraram uma clara intenção de mudança, de desejo de poder expressar seus sentimentos sem parecerem, para os outros, que perderam a masculinidade. Neste ponto, percebe-se como eles consideram importante a imagem que os outros fazem de si. Da mesma forma as meninas expressaram um desejo que os meninos fossem mais sensíveis, principalmente na relação amorosa.

Neste ponto, a representação que as meninas fazem dos meninos parece distorcida à medida em que elas acreditam na imagem estereotipada do menino "insensível" e "frio". Contraditoriamente, os meninos ao mesmo tempo que reconheceram estas características como masculinas, expressaram o desejo de mudar.

A forma de expressar as representações do ser homem e do ser mulher para os adolescentes, foram diferenciadas em função da idade e da proximidade do referencial masculino ou feminino colocados. As meninas, por exemplo, ao falarem de suas representações sobre o ser masculino associado a uma maior permissividade e liberdade em referência ao homem genérico, falaram também de um modelo masculino idealizado contrário àquele com o qual conviviam, ou seja, os colegas de escola. Este idealizado referia-se à possibilidade do homem que as meninas querem para companheiro, serem mais sensíveis e emotivos. Para os meninos, a representação do feminino é assinalada, sobretudo, à forte emotividade, à beleza ou ao doméstico, em referência à mulher genérica. As representações sociais das colegas de escola são, geralmente, negativas, momento em que são consideradas como pessoas complicadas e difíceis de fazer amizade.

Ao introduzir as discussões das representações sociais nas relações familiares dos adolescentes, procurei, de início, compreender as características estruturais e de relacionamentos entre as pessoas que compõem cada família e contextualizar o cotidiano doméstico do adolescente. Desta forma, ao trabalhar os elementos referentes à família, foi dirigido o olhar para aqueles pontos que eles destacaram que foram: o relacionamento com as pessoas de sua convivência familiar (pai, mãe, irmãos, irmãs e demais parentes), as situações de trabalho dos pais e suas próprias, fora ou no cotidiano doméstico, a convivência com amigos e os momentos de lazer.

Na convivência familiar, ou seja, com pai, mãe, irmãos e irmãs e outros parentes os adolescentes destacaram representações das relações

entre pais e filhos, o sentimento de família, encontros e constituição de família.

O cotidiano familiar foi registrado pelos adolescentes através da menção do trabalho dos pais, do trabalho doméstico, dos seus momentos de estudo e lazer. Neste cotidiano ocorrem relações que inspiram a construção de suas representações de gênero. De fato, ao falarem sobre seu cotidiano, pode-se perceber representações de gênero expressadas pelos adolescentes - meninos e meninas - na perspectiva do trabalho dos pais e trabalho doméstico.

A família, assim como as relações familiares e seu cotidiano têm em gênero o elemento de ancoragem para suas representações sociais e, neste sentido, as relações estabelecidas com pai, mãe e demais familiares revelaram este dado.

Ao mesmo tempo que admitiram que o ser homem e o ser mulher apresenta-se demarcado, principalmente pelas meninas, pelas diferenças físicas do corpo, houve um reconhecimento que as relações sociais, os valores e as atitudes são fortes definidoras de diferenciações entre homens e mulheres. Assim, os meninos, ao mesmo tempo que admitem um grande peso na diferenciação física, foram mais contundentes em reconhecer a igualdade de direitos entre homens e mulheres, independente do dado biológico. Afirmaram que são diversas circunstâncias do contexto social, originadas mesmo na própria convivência em família, as responsáveis pelas concepções e construção de representações sociais diferenciadoras do ser homem e do ser mulher.

As referências mais expressadas pelos meninos e meninas sobre as diferenciações entre o feminino e o masculino nas relações familiares associadas à mãe e ao pai tratam de presença e ausência, respectivamente. Os adolescentes tem mais representações positivas da mãe do que do pai. Positivo compreendendo maior presença, aproximação, mais abertura para conversar, e negativo, significando ausência ou afastamento, pouca ou nenhuma conversa. Assim, os adolescentes apresentam a mãe como mais compreensiva e acessível a eles. O tipo de assunto para conversar com pai e mãe também foi mencionado como definidor das diferenças entre eles.

A mãe tem uma presença mais significativa que o pai no contexto familiar, mesmo que ela tenha atividades profissionais extra domicílio. Sobre o pai, os adolescentes revelaram mais conceitos e representações negativas, ao lhe reconhecerem como ausente do seu cotidiano e lhe atribuíram conceitos que o qualificavam como "nervoso" ou "rígido", por exemplo.

Uma maior referência de afinidade com os parentes por linha materna descrita pelos adolescentes, podem indicar sua identificação maior com o lado feminino do que com o lado masculino da estrutura familiar.

Há um consenso entre os adolescentes que a família expressa, acima de tudo, uma relação de sentimento associado aos laços de consangüinidade. Mesmo quando os pais são separados, o adolescente referiu-se à família mencionando-os como a partes de sua estrutura familiar. Assim, a representação de família para os adolescentes extrapola as pessoas com quem ele convive num determinado espaço físico, se associa mais àquelas pessoas com quem mantém laços de afetividade mas,

sobretudo, de consangüinidade, mesmo se não há uma convivência diária. Poderia se pensar que a representação social de família, para grande parte dos adolescentes, é a família biológica.

Para aqueles meninos cujos pais divorciados contraíram novas núpcias, a representação desta família recomposta tem um significado de família ampliada. Os filhos do primeiro casamento da cônjuge de seu pai são referidos, por alguns, como seus verdadeiros irmãos.

No tocante ao relacionamento amoroso associado, via de regra, ao casamento e à constituição de família, os meninos se mostraram mais intransigentes no tocante à infidelidade do que as meninas. Ou seja, em uma situação colocada para os adolescentes através do poema "O caso do vestido" de Carlos Drumond de Andrade, o sentimento de indignação e de desejo de punição para o homem infiel foi mais presente entre os meninos do que entre as meninas. Neste ponto poderia se pensar que as próprias representações sociais que os meninos construíram sobre o ser mulher, como ser "mais compreensiva" e "sentimental" justificariam suas atitudes de maior tolerância à infidelidade masculina.

O cotidiano possibilita a construção de representações de gênero na medida em que a vivência dos adolescentes no seu *habitus* propicia a elaboração, durante toda sua vida, de referenciais para a categorização do feminino e do masculino.

Ao falar de suas relações familiares os adolescentes assinalaram o trabalho, seja no contexto da vida profissional, ou do cotidiano doméstico, como referencial desta categorização. Ao mesmo tempo que os meninos ao descreverem seu cotidiano, mencionaram, de imediato, o trabalho doméstico

associando-o à mãe, as meninas iniciaram o relato de seu cotidiano fazendo referências ao horário do pai sair de casa para ir ao trabalho.

A execução do trabalho doméstico, culturalmente imposta para as mulheres, foi transparente nos desenhos dos adolescentes (Anexo IV, p. 393 e Anexo V, p. 407). As referências a este trabalho no discurso oral, qualificado como exaustivo, foi acompanhado de manifestações do desejo de sair desta rotina. Os adolescentes reafirmaram o trabalho doméstico como feminino na medida em que as meninas, mesmo desejando alterar esta identificação, afirmaram através do discurso oral e do desenho, manterem estreita relação com ele. Os meninos, por outro lado, mesmo afirmando terem participação no trabalho doméstico, de imediato o associam à mulher indistintamente, enquanto mãe ou irmã.

Ao compor o quadro da teia familiar dos adolescentes pode-se destacar uma evidente distinção no âmbito da atividade profissional dos pais uma marcante presença das mães em atividades consideradas femininas. Assim, o referencial de feminino x masculino se faz presente no universo dos adolescentes marcando, evidentemente, as possíveis distinções e associações sobre estes universos. Se os meninos admitem que o mundo da esfera pública é masculino, suas atitudes não revelam nenhuma reprovação face à possibilidade das meninas, suas colegas de escola, estarem presentes também neste espaço. Se a representação do espaço público é masculina, as atitudes e a realidade da vida cotidiana do adolescente contradizem aquilo que, sobretudo os meninos, afirmaram.

Se há uma referência à ausência do pai na convivência com o adolescente, para os meninos, ao se projetarem numa relação futura com os

filhos, eles afirmaram que seriam mais próximos, mais ligados aos filhos. Neste sentido a representação negativa do pai, em relação à ausência, é contestada pelos meninos que negam reproduzir esta atitude projetando-se em situações diferentes.

A representação social de mulher ou homem, foi associada à beleza ou força, respectivamente. Mas a construção desta idéia se passa primeiramente, pela própria pessoa. Para o menino, mulher, de uma forma genérica foi associada, de imediato, à sexualidade e homem foi associado a sua própria pessoa ou ao pai. Para a menina, mulher foi associada à mãe ou a si própria e homem, de uma forma genérica, foi associado ao apelo sexual.

Ao mesmo tempo que a imagem bipolar das representações sociais de gênero aparecem como núcleo figurativo, por definição de diferenças, por reconhecimento de hierarquias entre homens e mulheres, pelo menosprezo ao indivíduo de sexo diferente do seu, ela se confunde em não bipolar à medida em que os adolescentes, mesmo não admitindo uma hierarquia explícita em suas atitudes diante das pessoas de sexo oposto, reconhecem que o contexto social impõe certa relação desigual entre homens e mulheres e admitem as diferenças entre meninos e meninas. As meninas, principalmente, afirmaram que estas diferenças são desejáveis, sobretudo em relação ao corpo e atitudes.

A contradição entre as representações do ser homem e do ser mulher ou do que é masculino e feminino expressadas pelos adolescentes seriam uma decorrência de relações simétricas, ou seja, como o pensamento não está limitado pelo poder hegemônico, mas ao mesmo tempo está, as representações construídas e expressadas apresentam conteúdos

diversificados e muitas vezes contraditórios. O discurso reproduzido pelos adolescentes nem sempre refletem aquilo em que eles acreditam e vivenciam de fato e, por isso mesmo, as contradições são tão flagrantes.

As representações de si mesmos, ou seja, dos meninos pelos meninos foi mais positiva do que das meninas pelas meninas. Pode-se destacar, contudo, que ambos, meninos e meninas, mesmo expressando representações sociais acerca do feminino e do masculino de formas diferenciadas, acentuaram que estas não são claramente distintas nem imutáveis, variando segundo a relação que mantém com as pessoas de sua convivência.

Existem coisas evidenciadas sobre a distinção entre o ser homem e o ser mulher mais presente no discurso que nas atitudes dos adolescentes. As atividades domésticas, por exemplo, mesmo tendo certa distribuição entre as demais pessoas da família continua sendo, via de regra, associada ao feminino, à mulher, assim como a casa.

Muitas vezes, para se chegar a definir o masculino se nega o feminino, ou seja, o referencial da diferença é mais contundente para afirmar o ser homem ou ser mulher. Ao mesmo tempo que o ser masculino é uma construção historicamente destacada, o modelo masculino não é universal.

Durante todo o decorrer do trabalho foi possível estabelecer como fio condutor das idéias então discutidas, a questão sobre as formas como os adolescentes vivenciam seu cotidiano, em relação à família e a sua própria idade, e como estes são referenciais de categorização de gênero.

Mesmo que os adolescentes reconheçam que o homem não tem o poder de comandar a vontade da mulher ou de dominá-la nas relações

familiares ou sociais, eles admitem a existência de superioridade masculina associada, sobretudo, à possibilidade de uma maior permissão ou liberdade.

Participando de um momento sócio-histórico em que têm possibilidade de vivenciar uma maior liberdade nas relações familiares, existem meninas que ainda não se permitem "determinadas" experiências, condenam aquelas mais livres e acreditam que a mulher deve resguardar-se para casar, o que confirma o desejo de complementaridade. Os meninos manifestaram também este tipo de expectativa para a mulher à medida em que, ao se projetarem como mulher, referiram-se ao casamento enquanto meta.

Entre os adolescentes existe um discurso no qual eles repetem o que escutam das pessoas com quem convivem em suas relações familiares e sociais. Refere-se aquilo que eles acreditam que deve ser dito e vivido numa reprodução dos modelos aprendidos em sua convivência. Existe, porém, entre eles um discurso no qual eles expressam suas pretensões de atitudes em função do que acreditam ser o mais coerente assumir para suas vidas. Estes discursos, em alguns momentos parecendo contraditórios, reafirmaria o processo de construção de sua representações sociais como produto de suas vivências.

Pode-se concluir, ainda, que as representações sociais de adolescentes, meninas e meninos são semelhantes no tocante à família e idade, o que se deduz que o sexo biológico não se caracterizaria como diferenciador de suas representações, mas, sobretudo o sexo social. No que se refere às representações de gênero, existe algo indefinido entre o limite daquilo que se repete e o que se acredita de fato, ou seja, o que se aparenta e o que se deseja ser.

Os adolescentes fizeram referência sobre o que consideram caracterizar um homem e uma mulher mas, ao mesmo tempo, expressaram suas expectativas de um ser humano, dotado de sentimentos mesmo que estes estejam associados ao feminino. Reconheceram que as características podem ser sexuadas mas que, nem por isso, o ser homem e o ser mulher deveria ser percebido pelas diferenças em relação ao lado afetivo ou aos sentimentos.

Diante de diversas constatações, percebe-se que a mulher conseguiu, nos últimos anos, assumir diferentes funções na sociedade, antes caracterizadas como masculinas. Assim a mulher se sentiu mais à vontade com o "lado masculino" mais rápido do que o homem em assumir "seu lado feminino", mesmo se é crescente o número de homens e mulheres expressando uma vontade de que o homem tenha a "permissão social" de ter as características consideradas femininas e assim ser mais feliz.

Duveen[134], assim como Pichevin e Hurting[135] assinalaram que a mulher tem mais facilidade de se inserir no grupo masculino que os meninos nos grupos femininos. As meninas se associam facilmente, sejam entre elas seja com outros meninos. Duveen chamou este fato de "desenvolvimento de identidades múltiplas". Esta maleabilidade e facilidade de associatividade ou de identificação pode ser encontrada entre as adolescentes e mesmo percebida e citada entre os meninos e, em nenhum momento levantou dúvidas sobre a feminilidade das meninas.

---

[134] DUVEEN, G. Crianças enquanto atores sociais In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (Org.) *Textos em representações sociais.* Petrópolis: Vozes, 1994, p. 283

[135] PICHEVIN, Marie-France HURTING, Marie-Claude. *La dynamique psycho-sociale en jeu dans les processus mentaux liés à la bicatégorasation de sexe.* Palestra proferida em Paris em 22 de março de 1996.

Na verdade, não é o desejo de ser homem fisicamente que atrai as meninas mas as vantagens sociais dadas aos homens na nossa sociedade e que provocam a inferioridade da mulher nas suas relações sociais. Elas afirmaram um desejo de adotar o comportamento masculino mas se identificam, apesar de tudo, com o papel maternal, com o lado "vaidoso" da mulher, a possibilidade de se "enfeitar" mais que o homem. Ao perceber os privilégios culturais concedidas aos homens, as meninas expressaram uma espécie de protesto viril manifestando a preferência por este papel masculino. Por outro lado, entre os meninos, o fato de ser homem induz uma sensação de superioridade e um apego compulsivo à masculinidade. Estes mesmos resultados puderam ser obtidos por inúmeros outros pesquisadores na década de sessenta[136], ou seja, há trinta anos atrás, o que nos leva a interrogar em que medida as transformações sociais poderiam alterar os valores e influenciar nas representações e qual o espaço de tempo para que isto ocorra.

Finalmente, o que se pode depreender deste estudo, cuja amplitude de idéias abarcadas deveu-se, sobretudo, à diversidade de informações obtidas entre os adolescentes, poderia ser expressada em três idéias básicas: Primeira, em relação à metodologia do trabalho.

Ao serem traçados os objetivos do estudo e sua proposta de alcance representativo, seria preciso ampliar a profundidade e extensão da pesquisa empírica, o que se obteve, neste trabalho, com uma certa diversidade de instrumentos. Esta variedade de instrumentos e a forma de obter os dados

---

[136] Pierre Tap assinala em seu trabalho Représentations de qualités paternelles à l'adolescence publicado em *Enfance*, n. 3, 1971, p. 258 vários autores que chegaram a estas mesmas conclusões.

da pesquisa, através, sobretudo, da análise de conteúdo, possibilitou elucidar, apresentar e contrapor idéias cujo peso não estava apenas na objetividade estatística mas na subjetividade do sujeito informante.

Em segundo lugar, sobre a natureza do referencial teórico tomado:

Ao ser delimitado o campo de pesquisa e definido o objeto de estudo, as categorias teóricas necessárias para dialogar com os dados foram sendo integradas pelo fio condutor das representações sociais. Assim, ao precisar o referencial teórico, as questões específicas foram sendo elucidadas e transpareceram as coerências e incoerências próprias quando se trabalha no sentido de priorizar os dados qualitativos. Na perspectiva teórica das relações familiares, da adolescência e gênero vários desdobramentos nestes campos de estudo possibilitou refletir, ainda, sobre cotidiano, trabalho doméstico e profissional, casamento, sexualidade, idade adulta, grupos de convivência e momentos de lazer.

Em terceiro lugar a confrontação entre as hipóteses levantadas e os objetivos do estudo com os resultados encontrados.

As informações repassadas ao longo do estudo demonstraram que, inegavelmente, existe todo um processo de construção de representações sociais entre os adolescentes, fruto de suas relações familiares e grupos de convivências mais próximas.

Ao mesmo tempo que se pode demonstrar uma certa incidência de representações sociais semelhantes entre meninos e meninas, foi possível, também, perceber que estas podem ser diferenciadas em função daquilo que meninos e meninas são formados para expressar devido, justamente, à sua condição de sexo biológico e o sexo social.

Quando pertencentes a *habitus* semelhantes, os adolescentes encontram no sistema de produção de práticas que vivenciam, os elementos para aprender a categorizar e a classificar, a si e aos outros, conforme os códigos e os esquemas classificatórios existentes no mundo social. As concepções e idéias de gênero fazem parte deste sistema compondo, portanto, de seu referêncial na construção de representações sociais.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Neuma. *Mulheres na Força de Trabalho na América Latina: um Ensaio Bibliográfico*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, *Boletim Informativo Bibliográfico*, n° 16, 1983.

ALBUQUERQUE, Irene de. *Noções de Educação Doméstica*. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s.d.

AMARAL, Célia C.G. "A Prática Docente do Economista Doméstico em Escolas de 1° e 2° graus." *Anais do V Encontro de Diretores e /ou Coordenadores de Curso e Representantes de Classe de Economia Doméstica*. Pelotas: Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior, 1988.

AMARAL, Célia C.G. *O Ensino de Economia Doméstica nas Escolas de 1° Grau de Fortaleza.* Fortaleza: Departamento de Economia Doméstica - Universidade Federal do Ceará, 1988.

ANDERSON, M. *Elementos para a História da Família Ocidental - 1500-1914.* Lisboa: Querco Ltda., 1980.

ARAPIRACA, J. O. *A USAID e a Educação Brasileira.* São Paulo: Cortez,1982.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana.* São Paulo: 1993.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

Association Internationale des Sociologues de la Langue Française. Les espaces de la Famille - Actes du Colloque. *Les Cahiers de Sociologie de la Famille,* n° 1, (junho, 1995): Paris.

BADINTER, Elisabeth. *Um é o Outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *XY Identidade Masculina.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BALAZS, Gabrielle e FAGUER, Jean-Pierre. "Que deviendront-ils?" *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 86/87, p. 92 - 98 (março 1991): Paris.

BAUDELOT, C. e ESTABLET, R. "Sexe et origine sociale: Deux régimes disctintes d'inégalité." In: Baudelot, C. e Establet, R. *Allez les Filles*. Paris: Editions du Seuil, 1992.

BERGER, Peter I. e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.

BOURDIEU, Pierre. e PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

BOURDIEU, Pierre. "Gostos de classe e estilos de vida." In: Ortiz, R. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-120.

BOURDIEU, Pierre. *Raisons Pratiques - sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil, 1994.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. "À propos de la famille comme catégorie realisée." *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 100, p.32-36. (dezembro 1993): Paris.

_____. "La domination masculine." *Actes de la Recheche en Sciences Sociales - Masculin/Fémin 2,* n°84, p. 3-31, (setembro 1990): Paris.

BOURDIEU, P. e SAINT-MARTIN, M. "Goûts de classe et styles de vie." *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 5, p. 18 - 43. (outubro 1976): Paris.

BOURDIEU, P. (e WACQUANT, Löic J. D.) *Réponses - Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Seuil, 1992.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

BRUSCHINI, Cristina. *Mulher, Casa e Família*. São Paulo: Vértice, 1990.

CHAUDRON, Martine. "Vie de famille, vie de travail." In: de Singly, François. (org.) *La Famille: l'État des Savoirs*. Paris: Editions La Découverte, 1991.

CLAES, Michel. *L'expérience Adolescente*. Liège: Mardaga, 1994.

CORCUFF, Philippe. *Les Nouvelles Sociologies: Constructions de la realité sociale*. Paris: Nathan, 1995.

COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (org.) *Questões de Gênero,* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

CUNHA, L. A. *Política Educacional no Brasil: a profissionalização no ensino médio*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

DAVITZ, Lois Leiderman. *Como Viver (quase) Feliz com seu Filho Adolescente*. São Paulo: Maltese, 1992.

DE BARBIERI, Teresita. "Sobre a categoria gênero: uma introdução teórico-metodológica." In: Azeredo, S. e Stolke, V. *Direitos Reprodutivos*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

DE LEO, Rossela. "Il luogo della differenza", *Revista Volontà*. Milão, v.1-2, 1988, p.7-32.

DE SINGLY, François. *Fortune et Infortune de la Femme Marié*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

_____. *L'enquête et ses méthodes: le questionnaire*. Paris: Nathan, 1992;

_____. La Famille: l'état des Savoirs (org.). Paris: La Découverte, 1991.

_____. *Sociologie de la Famille Contemporaine*. Paris: Nathan, 1993.

_____. *La Famille en Questions - état de la recherche*. (org.) Paris: Syros, 1996.

_____. *Le Soi, le Couple et la Famille*. Paris: Nathan. 1996.

DOISE, Willem. "Attitudes et représentations sociales." In: Jodelet, Denise (org.) *Les Représentations Sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989, p. 220-238.

DOLTO, Françoise. *A Causa dos Adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DURKEIM, Emile. *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

DURKHEIM, E. Da divisão do trabalho social. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1983.

FARR, Robert. "Les représentations sociales." In: Moscovicci, S. *Psychologie Sociale* (org.) Paris: Presses Universitaires de France, 1984, p. 379 -389.

FRAISSE, Geneviève. *La Différence des Sexes*. Paris: Presses Universitaires de France. 1996.

FREITAG. B., *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo: Moraes Ltda., 1984.

GALLAND, Olivier. *Sociologie de la Jeunesse - l'entrée dans la vie*. Paris: Armand Colin, 1991.

GERSTEIN, Ira. "Domestic work and capitalism." In: *Radical America*, V. 7, n° 4 e 5, p.101-128 (julho-outubro 1973).

GOLDANI, Ana Maria. "As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação." *Cadernos Pagu - De trajetórias e Sentimentos*, Campinas, n° 1, 1993, p. 65 - 110.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: Editora da Universidade do Estado de São Paulo, 1992.

GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs.) *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUICHARD, Jean. *L'école et les Représentations d'Avenir des Adolescents*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

GUILLAUMIN, Colette. *Sexe, race et pratique du pouvoir*. Colombia: Côté-femmes. 1992.

GUTTON, Philippe. *Adolescents*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

HERZLICH, Claudine. "La représentation sociale." In: Moscovici, Serge. *Introduction à la Psychologie Sociale* (org.). V.1, Paris: Larousse Université, 1992. p. 303-325.

HERITIER, Françoise. *Masculin/féminin - la pensée de la diférence*. Paris: Odile Jacob, 1996.

JODELET, Denise. "Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie." In: MOSCOVICI, Serge. *Psychologie Sociale*. (Direction). Paris: Presses Universitaires de France, 1984, p. 357-389.

_____. "Représentations sociales: un domaine en expansion." In: Jodelet, D. (org.) *Les Représentations Sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989, p. 31 - 61.

KAUFMANN, Jean-Claude. L'Entretien Compréhensif. Paris: Nathan, 1996.

_____. "Les habitudes domestiques." In: de Singly, François. (org.) *La Famille: l'état des savoirs*. Paris: Editions La Découverte, 1991.

KOFES, Suely. "Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações." *Cadernos Pagu - Trajetórias e Sentimentos,* Campinas, n° 1, 1993, p.19 - 30.

LAGE, Elisabeth. *Les Représentations Sociales du Métier de Chercher dans la Jeneusse à travers l'Institution Scolaire*. Paris: Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1978.

LAMPHERE, L. e ROSALDO, M. Z. A *mulher, a Cultura, a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LASCH, Christopher. *Refúgio num Mundo sem Coração*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Le groupe familial - Les espaces de Familles, n° 143, (abril-junho 1994): Paris.

LENOIR, R. "Objet sociologique et problème social." In: Champagne, P. et alli (org.) *Initiation à la Pratique Sociologique*, Paris: Dunod, 1989.

LENOIR, R. La famille, une affaire d'état. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales - La famille dans tous ses états*, n° 113, p.16 - 30, juin, 1996.

Les Raisons de Lire - Revue Humaniste. n° 8, Paris, Jui. - Août. 1996

LÉVI-STRAUSS, C. *Las estructuras Elementares del Parentesco*. Buenos Aires: Paidós, 1960.

LEVISKY, David Léo. *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MACFARLANE, Alan. *História do Casamento e do Amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

MACCOBY, Eleanor E. "Le sexe, categorie sociale." *Actes de la Recherche en Sciences Sociales - Masculin/féminin 1*, n.83, p.16 - 26, (junho 1990).

MACCORMACK, Carol. Nature, culture and gender a critique. In: Maccormack, Carol e Strathern, Marilyn. (orgs.) *Nature, Culture and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p.1-24.

MANNHEIM, K. *Le Problème des Générations*. Paris: Nathan, 1990.

MATHIEU, Nicole-Claude. *L'anatomie politique - catégorisations et idéologies du sexe*. Colombia:Côté-femmes, 1991.

MEAD, Margaret. *Macho e Fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

_____ *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MICHEL, André. "Os Estereótipos Sexistas na Sociedade e na Escola." In: *Não aos Estereótipos*. Fortaleza: ENDM/Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 1989.

MONTMOLLIN, Germaine de. "Le changement d'attitude." In: Moscovici, Serge (org.). *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984, p. 91-138.

MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NAHOUM-GRAPPE, Véronique. *Le Féminin*. Paris: Hachette, 1996.

NOLASCO, Sócrates. (org.) *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

ORTNER, Sherry B. "Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?" In: Rosaldo, Michelle Zimbalist, e Lamphere, Louise. (org.) *A Mulher, a Cultura, a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.95 - 120.

PARSONS, T. e BALES, R.F. *Family, Socialization and Interaction Process*. Glencoe: Free Press, 1955.

PARSONS, T. e BALES, R.F. *Family, Socialization and Interaction Process.* Glencoe: Free Press, 1955.

PERROT, Michelle. "Les échanges à l'intérieur de la famille. Approche historique." In: de Singly, François. (org.) *La Famille: l'etat des savoirs.* Paris: Éditions La Découverte, 1992, p.97-106.

PETITAT, A. "A escola e a produção da sociedade." *Educação e Realidade*, v.14, n° 2, p.21-30, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.* São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda. 1991.

ROCHEBLAVE-SPENLÉ, Anne-MARIE. *O Adolescente e seu Mundo.* São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

RODRIGUES, Leda Ma. P. *A instrução Feminina em São Paulo: subsídios para sua história até a proclamação da República.* São Paulo. Tese (Provimento efetivo da Cadeira de História do Brasil), Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1960.

SACKS, K. Engels Revisited: women, the organization of ptoduction and private property. In: Reiter, R., (org.) *Toward an Antropology of Women.* New York: Montthly Review Press, 1975.

SECCOMBE, W. The housewife and her labour under capitalism. *New Left Review*, n.83, (janeiro 1984).

SERRANO, Izabel A. *Noções de Economia Doméstica.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, s. d.

Science Humaines. n° 42 , (agosto-setembro 1994): Paris.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma Categoria de Análise Histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n° 2, p. 5 - 22 (julho-dezembro 1990): Porto Alegre.

_____. Deconstructing equality versus difference: or, the uses of poststructura-list theory for feminism. *Feminist Studies*, v.14, n° 1 (primavera 1988), p. 33 - 50.

SILVA, Tomaz Tadeu. *O que Produz e o que Reproduz em Educação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SCOTT, R. Parry. "O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico." *Cadernos de Pesquisa*, n° 73, maio 1990, p. 38 - 47: São Paulo.

SPINK, Mary Jane (org.) *O Conhecimento no Cotidiano.* São Paulo: Brasiliense, 1993.

STEWART, David e SHAMDASENI, *Prem N. Focus Groups: Theory and Pratice.* London: Sage Publications, 1990.

TAP, Pierre. "Etude différentielle de la représentation des qualités paternelles à l'adolescense." *Enfance*, 1971, n° 3, p. 249 - 289.

TAP, Pierre. "Etude différentielle des qualités maternelles à l'adolescense. *Enfance*." 1977, n° 2 e 4, p.123 - 140.

WARDE, M. J. *Educação e Estrutura Social - a profissionalização em questão.* São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

ZAVALLONI, Marisa. "L'identité psychosociale, un concept à la recherche d'une science." In: Moscovici, Serge (org.) *Introduction à la Psychologie Sociale.* Paris: Librairie Larousse, 1973.

ZAZZO, Bianka. *Psychologie Différenttielle de l'Adolescence. Paris:* Presses Universitaires de France, 1966.

ANEXOS

ANEXO I

RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA POR INSTRUMENTO

RELAÇÃO DOS MENINOS PARTICIPANTES DA PESQUISA POR INSTRUMENTO

Meninos	Instrumentos					
	Roteiro I Situação Familiar	Roteiro II Entrevista	Roteiro III Redação	Roteiro IV Desenho	Roteiro V Dinâmicas	Roteiro VI Grupos Focais
Mário	X	X	X	X		
Carlos	X	X	X	X	X	X
Léo	X	X	X	X	X	X
Henrique	X	X	X	X	X	X
Alberto	X	X	X	X		
Tiago	X	X	X	X		
Paulo	X	X	X	X	X	X
Klaus	X	X	X	X	X	X
Camilo	X	X	X	X	X	
Daniel	X	X	X	X	X	X
Fabrício	X	X	X	X	X	X
Adriano	X	X	X	X	X	X
Marcelo	X	X	X	X	X	X
Eduardo	X	X				X
Luís	X					
Danilo	X					
TOTAL	**16**	**14**	**13**	**13**	**10**	**10**

RELAÇÃO DAS MENINAS PARTICIPANTES DA PESQUISA POR INSTRUMENTO

Meninas	Instrumentos					
	Roteiro I Situação Familiar	Roteiro II Entrevista	Roteiro III Redação	Roteiro IV Desenho	Roteiro V Dinâmicas	Roteiro VI Grupos Focais
Ticiane	X	X	X	X	X	X
Nicole	X	X	X	X	X	X
Débora	X	X	X	X	X	X
Tati	X	X	X	X		
Karen	X	X	X	X		
Gláucia	X	X	X	X	X	X
Cristina	X	X	X	X		
Pérola	X	X	X	X		
Vanessa	X	X	X	X		
Juliana	X	X	X	X	X	X
Roberta	X	X	X	X	X	X
Janaina	X	X	X	X		
Karla	X	X	X	X	X	X
Simone	X	X	X	X		
Giovana	X	X	X	X	X	X
Hariana	X	X	X	X		
Priscila	X	X	X	X	X	X
Camila	X	X	X	X		
Danielly	X	X	X	X	X	X
Kely	X	X	X	X		
Ana	X					
Paula	X					
Cássia	X					
Cláudia	X					
Fabiana	X					
Fúlvia	X					
TOTAL	**26**	**20**	**20**	**20**	**10**	**10**

ANEXO II

MODELOS DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Roteiro I : Situação Familiar

I) Identificação:

1. Nome:_____Sexo: _____
2. Data de nascimento:_____Idade:_____
3. Local de nascimento:_____
4. Endereço (Rua, nº, Bairro):_____

_____Fone: _____CEP: _____

5. Escolaridade:_____Nome da Escola:_____

_____

6. Pais vivos? _____Pessoas com quem mora:_____

_____

7. Nome da mãe: _____Idade:_____
8. Nome do pai:_____Idade:_____
9. Escolaridade da mãe:_____Profissão:_____
10. Local de Trabalho:_____
11. Escolaridade do pai: _____Profissão:_____
12. Local de Trabalho:_____
13. Nome de irmãos e/ou irmãs com respectivas idades_____

_____

14. Renda familiar (aproximada): _____
15. Experiência em trabalho:_____
16. Período:_____Salário:_____
17. Por que deixou:_____

II) Descreva, com maior número de detalhes possível, como é o dia a dia na sua casa durante, pelo menos, cinco dias da semana:_____

_____

_____

_____

_____

_____

Roteiro II - Entrevista Semi-dirigida

1. O que você acha da sua idade? Por que?
   1.1. Para você, o que é ser adulto? E o que é ser jovem?
   1.2. Como você vê a pessoa adulta?
   1.3. Como você vê a adolescência?
2. Fale sobre sua família:
   2.1. Fale sobre sua relação com seus pais, irmãos, irmãs e com outras pessoas que moram com você.
   2.2. Você conversa com seus pais? Sobre o que? Com quem mais gosta de conversar (pai, mãe, irmãos, irmãs?) Por que?
   2.3. Como você imagina que seria a sua relação com seus filhos?
   2.4. O que você acha dos seus pais, avós, irmãos, irmãs?
   2.5. Tem alguém com quem gostaria de ser parecido? Com quem? Por que?
3. Como é a rotina da sua casa?
   3.1. Quem faz o que no dia-a-dia?
   3.2. Você teria alguma proposta de mudança dessa rotina?
   3.3. Gosta de ficar em casa? Onde? Por que?
   3.4. O que gosta de fazer quando está em casa?
4. Fale sobre suas amizades:
   4.1. Você tem mais amigos ou amigas? Por que?
   4.2. Que assuntos você mais gosta de conversar?
   4.3. O que gostam de fazer juntos?
5. Fale um pouco sobre a forma de ser das meninas e dos meninos.
   5.1. O que você acha dos meninos? e das meninas?
   5.2. O que você acha de ser menina/menino?
   5.3. O que você mais gosta no fato de ser menina/menino?
   5.4. Você acha que existem diferenças entre o ser mulher e o ser homem? Por que?

Roteiro III - Redação

I) Faça uma Redação de no mínimo vinte linhas com a seguinte temática:

"Se eu fosse homem... " (para as meninas)

"Se eu fosse mulher..." (para os meninos)

Nome:_____Idade:____

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

Nome: _____Idade:____

Roteiro V - Dinâmicas de Grupo

1) **HISTÓRIA DO NOME**: Dispôs-se os participantes do grupo sentados em círculo. Cada pessoa foi informada que diria seu nome e a história dele, isto é, contaria como e por que ele/ela tem esse nome. Por que tem esse nome? Quem escolheu? O que representa para você? Cada pessoa teve até cinco minutos para expor a história do seu nome.

2) **ESCOLHA DE UM OBJETO**: Foram colocados vários objetos espalhados sobre uma mesa, em quantidade duas vezes maior que o número de participantes. O grupo, sentado em círculo, foi dito que caminhasse ao redor da mesa e, em silêncio, cada pessoa escolhesse um dos objetos e voltasse para o seu lugar. Em seguida, cada participante falou o por quê da escolha, o que o objeto escolhido significa para si. Caso alguém retirasse antes o objeto que havia escolhido, a pessoa escolheria outro e faria referência ao primeiro objeto. Cada pessoa teve até cinco minutos para expressar suas idéias e emoções. Foram selecionados três tipos de conjuntos diferentes de objetos. O primeiro conjunto, objetos de utilidade doméstica, tais como: porta-retrato, pincel, vela, lâmpada, chave de casa, pilha, fita adesiva, chave de fenda e cabide. O segundo conjunto, objetos de uso da mulher como: vidro de perfume, espelho de mão, esmalte, batom, brincos, bolsinha, revista NOVA, caderno diário, porta-jóia e colar. No terceiro, objetos de uso de homens, tais como: bola, boné, revista 4 RODAS, desodorante masculino, óculos de natação, óculos escuro, minigame, carteira, carrinho e chaveiro.

Roteiro VI - Guia de Discussão dos Grupos Focais

I - Representações Simbólicas de Gênero:

- Quando falo a palavra MULHER, o que vem à sua cabeça?
- Quando falo a palavra HOMEM, o que vem à sua cabeça?

II - Identidade de Gênero:

- O que é para você, SER MULHER?
- O que é para você, SER HOMEM?
- Como é SER HOMEM/SER MULHER?

III - Construção da Identidade:

- Como você formou a idéia que você tem sobre o que é SER MULHER? Quem foi responsável pela formação dessa idéia? ("Aprendeu" onde? Alguém lhe "ensinou"? Como?)
- Como você formou a idéia que você tem sobre o que é SER HOMEM? Quem foi responsável pela formação dessa idéia? ("Aprendeu" onde? Alguém lhe "ensinou"? Como?)
- Que atitudes das pessoas com quem você convive ou conviveu lhe teriam ajudado a formar essa idéia sobre SER HOMEM e SER MULHER? Exemplifique.

IV - Sobre o Trabalho Doméstico:

Quando falo a expressão: Trabalho Doméstico, o que lhe vem à cabeça?

ANEXO III

O POEMA

O Caso do Vestido

Carlos Drummond de Andrade

Nossa mãe, o que é aquele
vestido naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe?
Era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa.
Vosso pai e vem chegando.

Nossa mãe, dizei depressa
que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo
ficou frio e não o veste.

O vestido nesse prego,
está morto, sossegado.

Minhas filhas, escutai
palavras de minha boca.

Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,

se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou,

chorou no prato de carne,
bebeu, brigou, me bateu,

me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,

mas a dona não ligou,
Em vão o pai implorou.

Dava apólice, fazenda,
dava carro, dava ouro,

beberia sobejo,
lamberia seu sapato,

Mas a dona nem ligou,
Então vosso pai, irado,

Mas a dona nem ligou,
Então vosso pai, irado,

me pediu que lhe pedisse,
a essa dona tão perversa,

que tivesse paciência
e fosse dormir com ele...

Nossa mãe, por que chorais?
Nosso lenço vos cedemos.

Nossa mãe, não escutamos
pisar de pé no degrau,

Minhas filhas, procurei
aquela mulher de demo,

E lhe roguei que aplacasse
de meu marido a vontade,

Eu não amo teu marido,
me falou ela se rindo,

Mas posso ficar com ele
se a senhora fizer gosto,

só prá lhe satisfazer, não
por mim, não quero homem,

Olhei para vosso pai,
os olhos dele pediam,

Olhei para a dona ruim,
os olhos dela gozavam,

O seu vestido de renda,
de colo mui devassado,

mais mostrava que escondia
as partes da pecadora,

mais mostrava que escondia
as partes da pecadora,

Eu fiz meu pelo-sinal,
me curvei...disse que sim,

Saí pensando na morte,
mas a morte não chegava,

Andei pelas cinco ruas,
passei ponte, passei rio,

visitei vossos parentes,
não comia, não falava,

tive uma febre terçã,
mas a morte não chegava,

Fiquei fora de perigo,
Fiquei de cabeça branca,

perdi meus dentes, meus olhos,
costurei, lavei fiz doce,

minhas mãos se esclavraram,
meus anéis se dispersaram,

minha corrente de ouro
pagou conta de farmácia,

Vosso pai sumiu no mundo,
O mundo é grande e pequeno,

pobre, desfeita, mofina,
com sua trouxa na mão,

Dona, me disse baixinho,
não te dou vosso marido,

que não sei onde ele anda,
Mas te dou este vestido,

última peça de luxo
que guardei como lembrança

daquele dia de cobra,
da maior humilhação

Eu não tinha amor por ele, ao
depois o amor pegou

Mas então ele enjoado
confessou que só gostava

de mim como eu era dantes,
Me joguei a suas plantas,

me fiz toda sorte de dengo,
no chão rocei minha cara,

me puxei pelos cabelos,
me lancei na correnteza,

me cortei de canivete,
me atirei no sumidouro,

bebi fel e gasolina,
rezei duzentas novenas

dona, de nada valeu:
vosso marido sumiu,

Aqui trago minha roupa
que recorda meu malfeito

de ofender dona casada
pisando no seu orgulho,

Recebei esse vestido
e me dai vosso perdão,

Olhei para a cara dela,
quede os olhos cintilantes?

Quede aquela cinturinha
delgada como jeitosa

Quede graça de sorriso,
quede colo de camélia?

Quede pezinhos calçados
com sandálias de cetim?

Olhei muito para ela,
boca não disse palavra,

Ela se foi de mansinho
e já na ponta da estrada

vosso pai aparecia,
Olhou prá mim em silêncio,

mal reparou no vestido
e disse apenas: Mulher,

põe mais um prato na mesa,
Eu fiz, ele se assentou,

comeu, limpou o suor, era
sempre o mesmo homem,

comia meio de lado
e nem estava mais velho,

O barulho da comida,
na boca, me acalentava

me dava uma grande paz,
um sentimento esquisito

de que tudo foi um sonho
vestido não há... nem nada...

Minhas filhas, eis que ouço
vosso pai subindo a escada,

ANEXO IV

DESENHOS DOS MENINOS

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

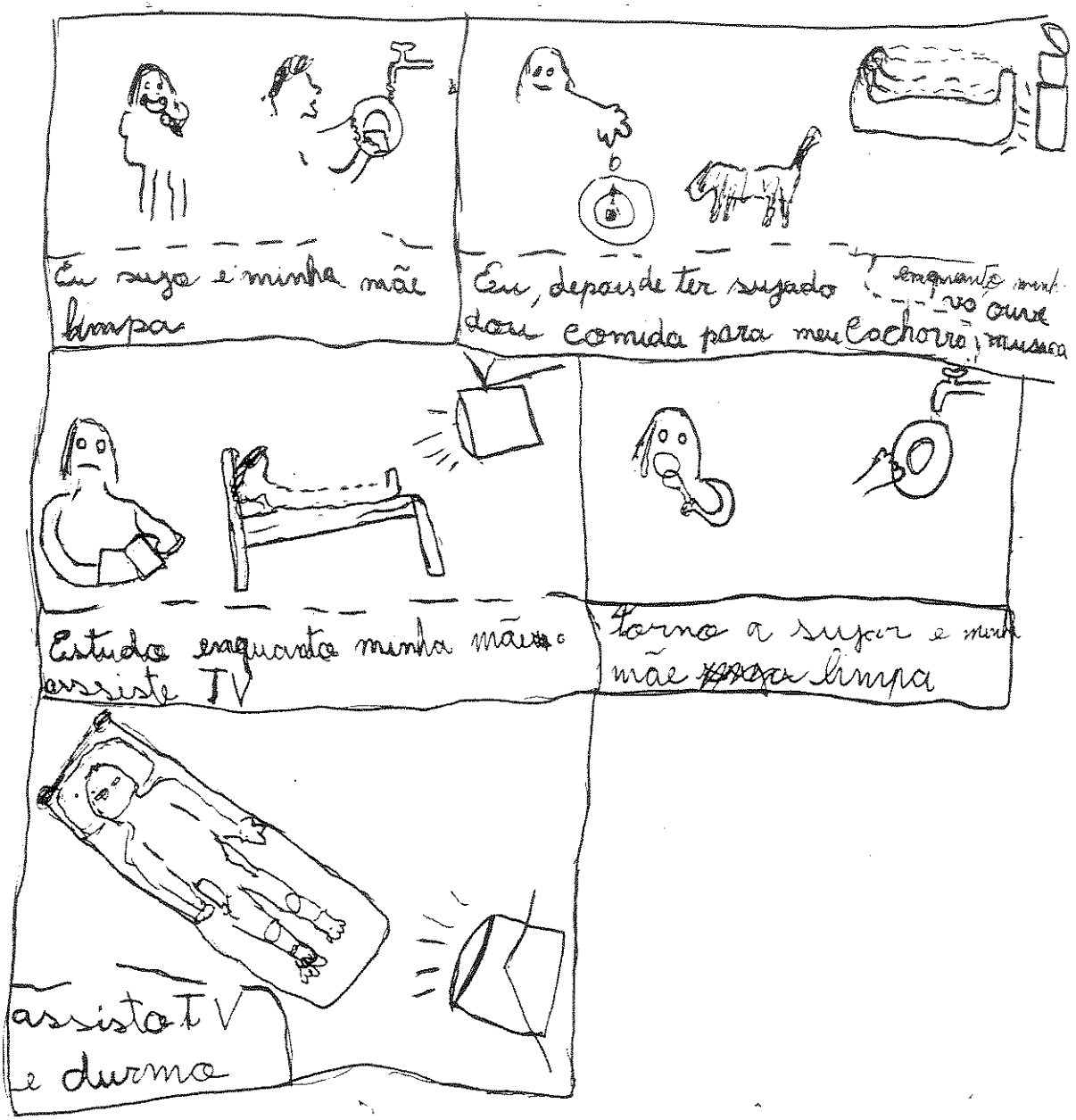


Mário. 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

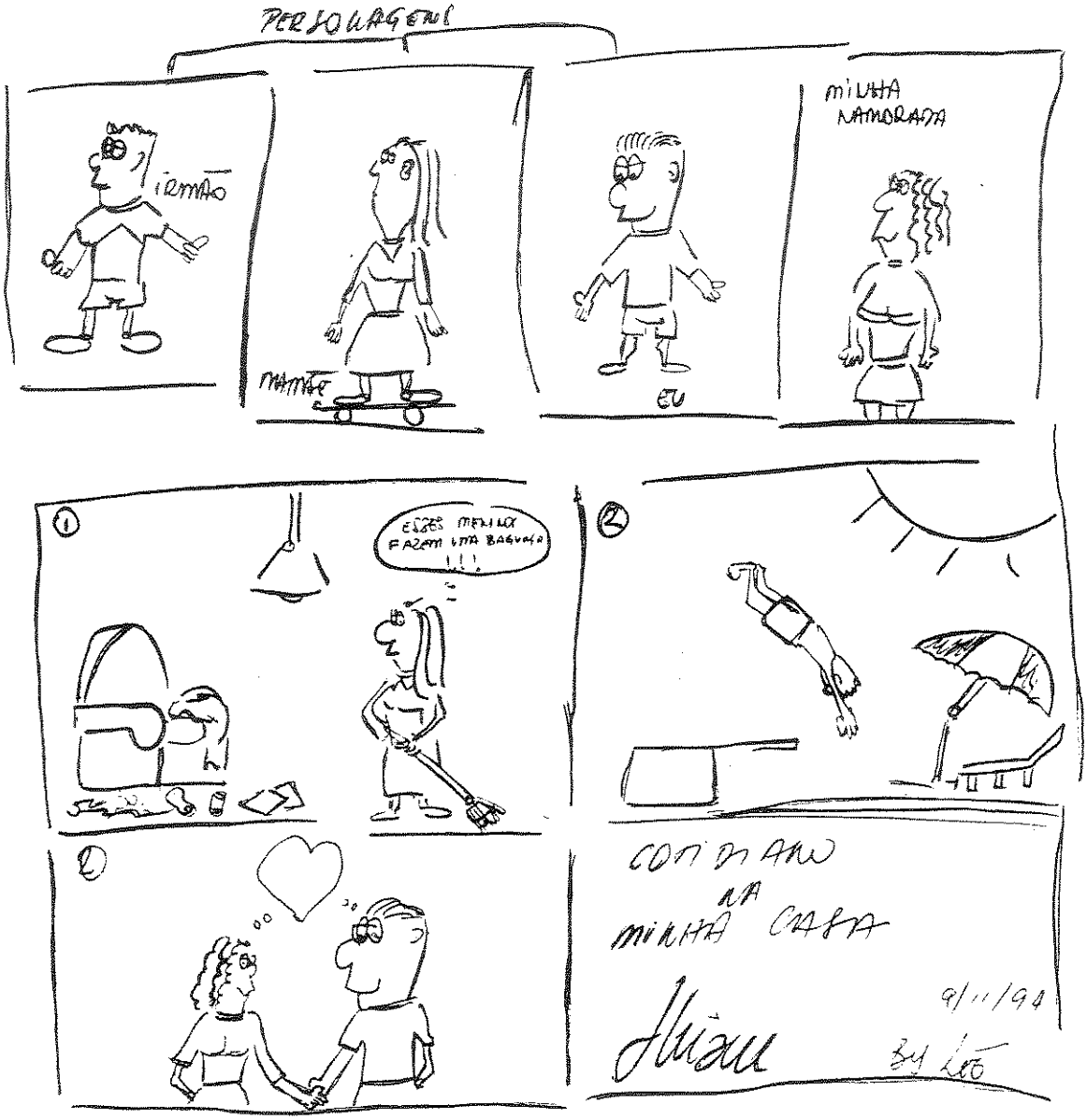


Carlos. 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

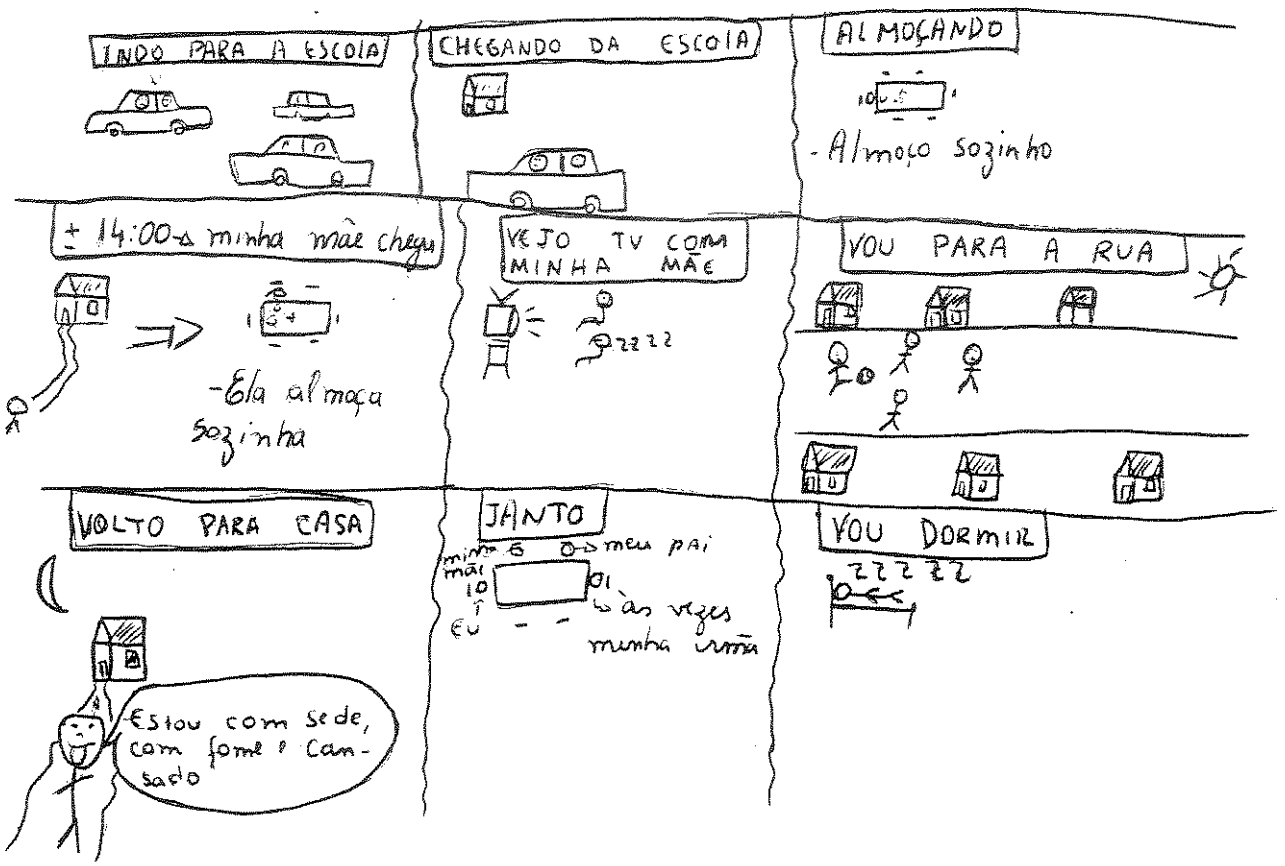


Léo, 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

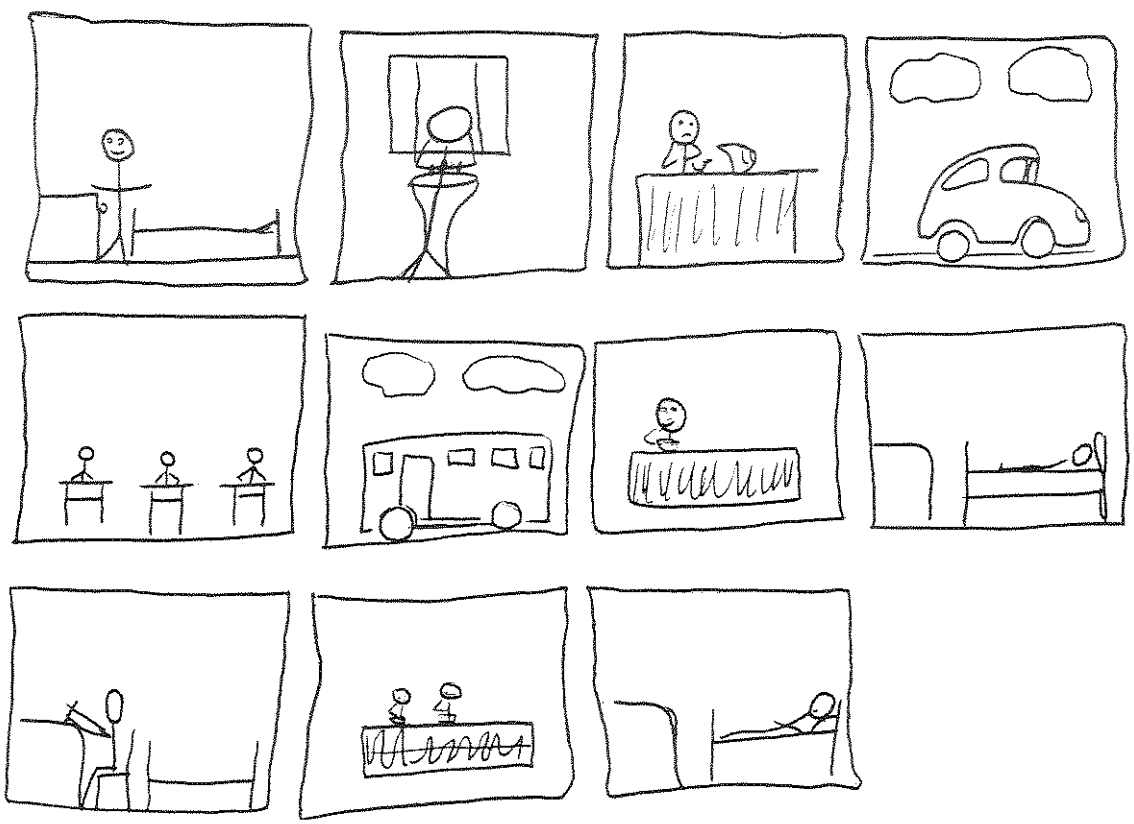


Henrique, 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

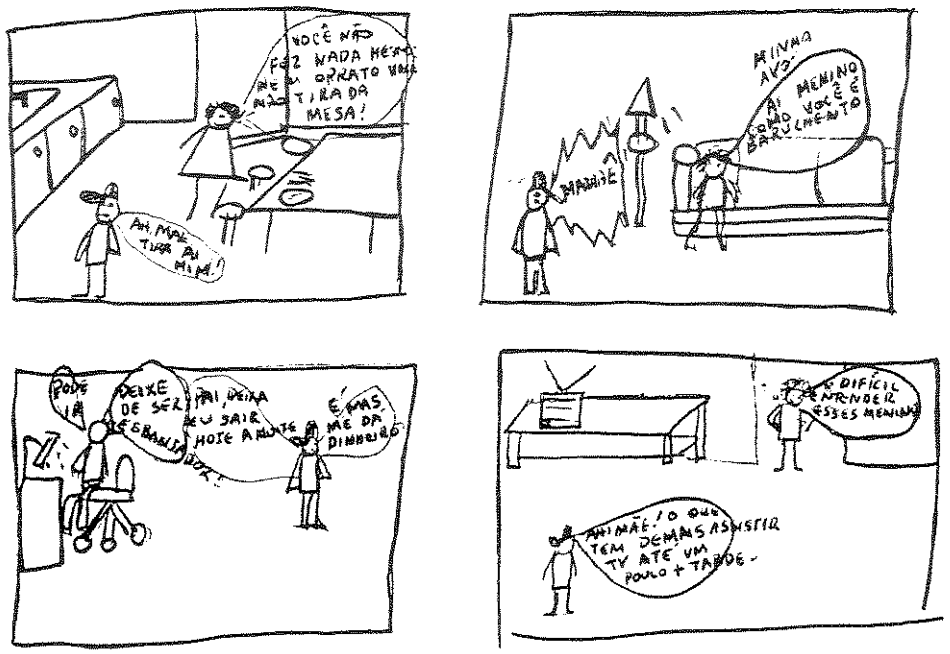


Alberto. 18 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

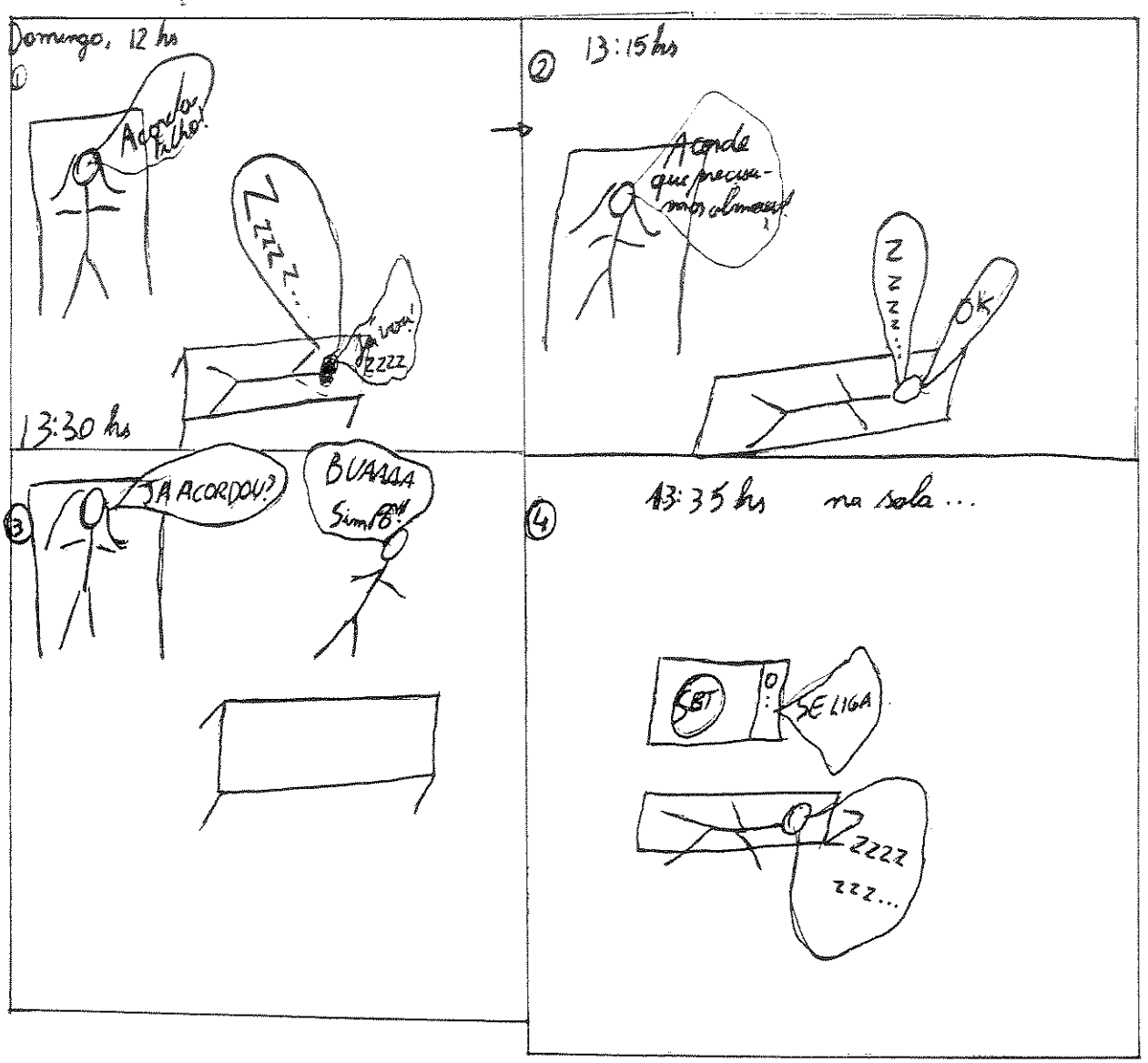


Tiago, 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

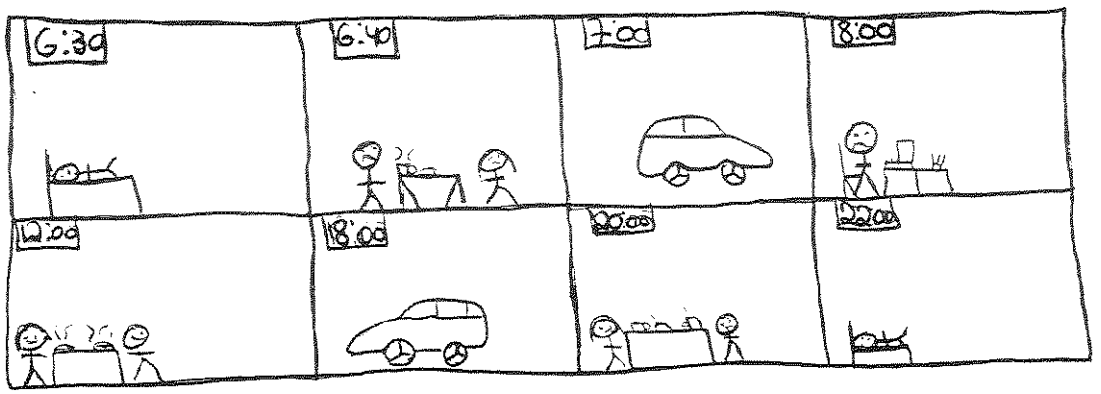


Paulo. 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

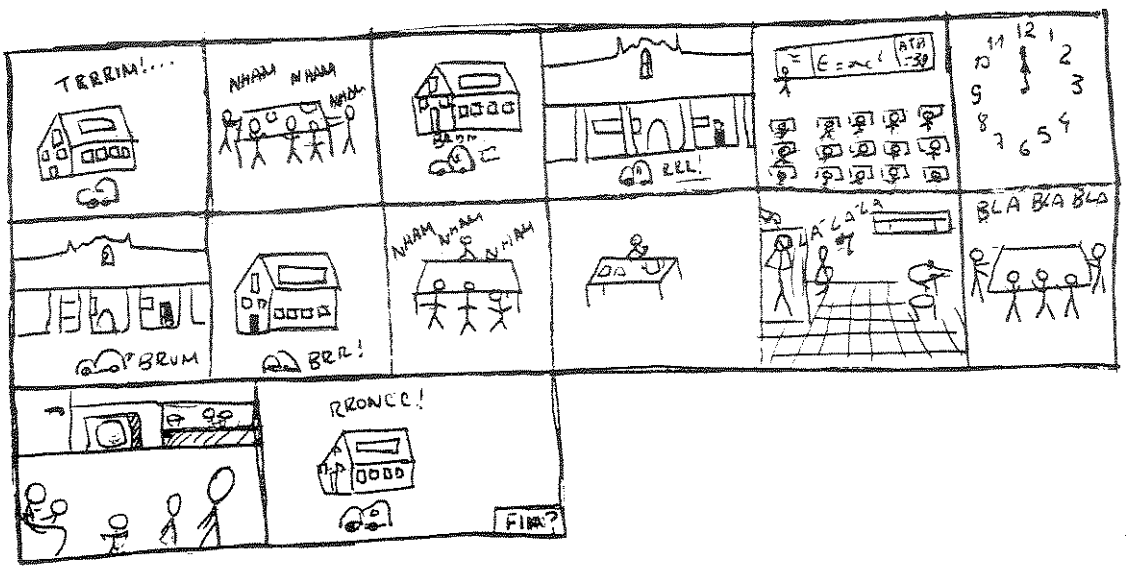


Klaus. 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

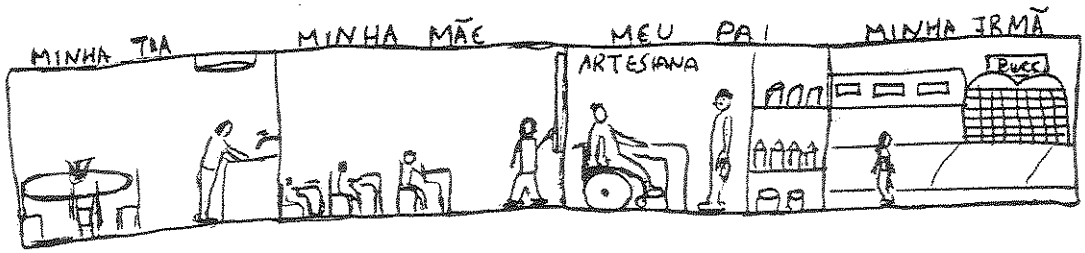


Camilo, 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



Daniel, 14 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



Fabrício, 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

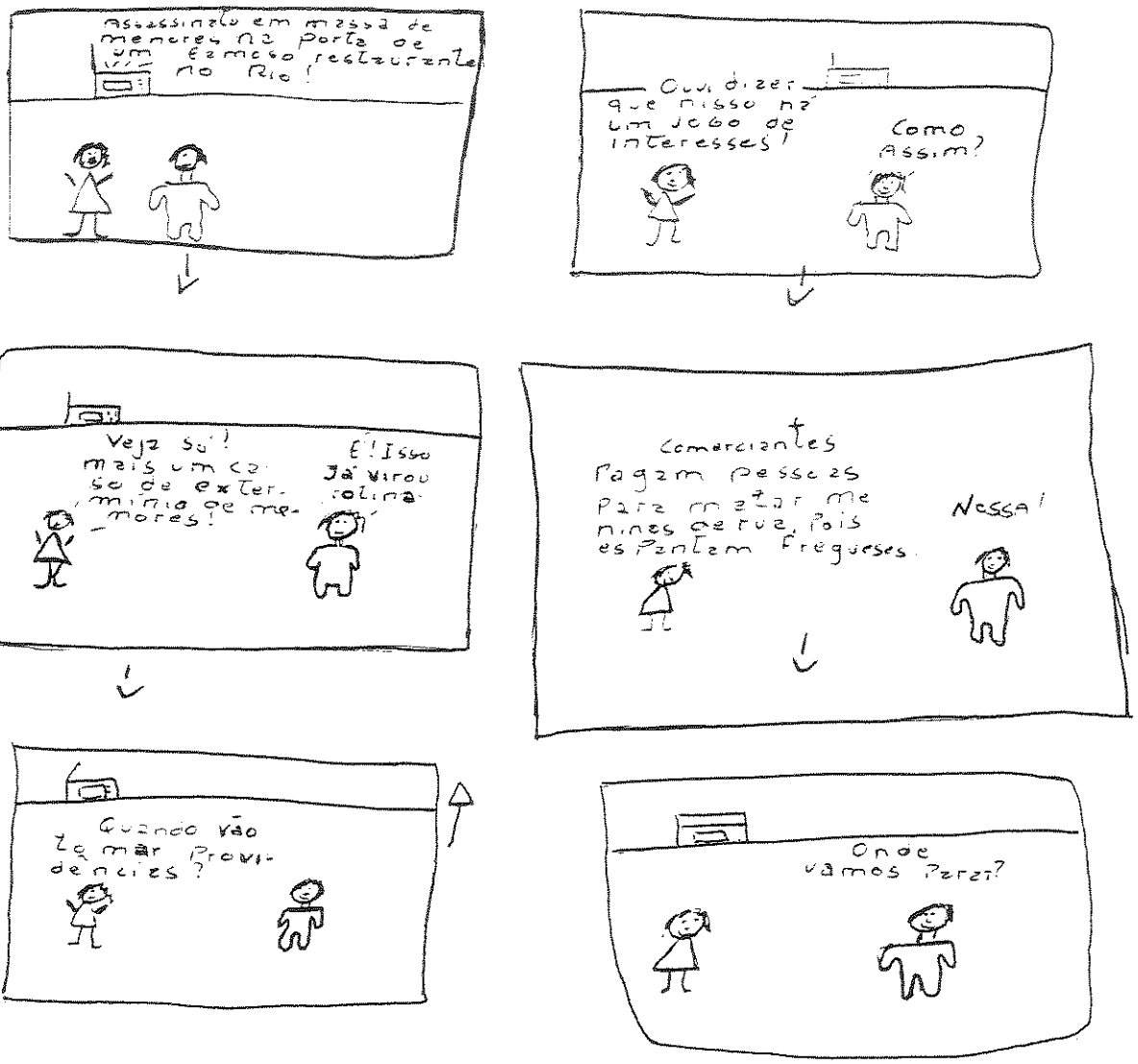


Adriano. 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



Marcelo, 16 anos

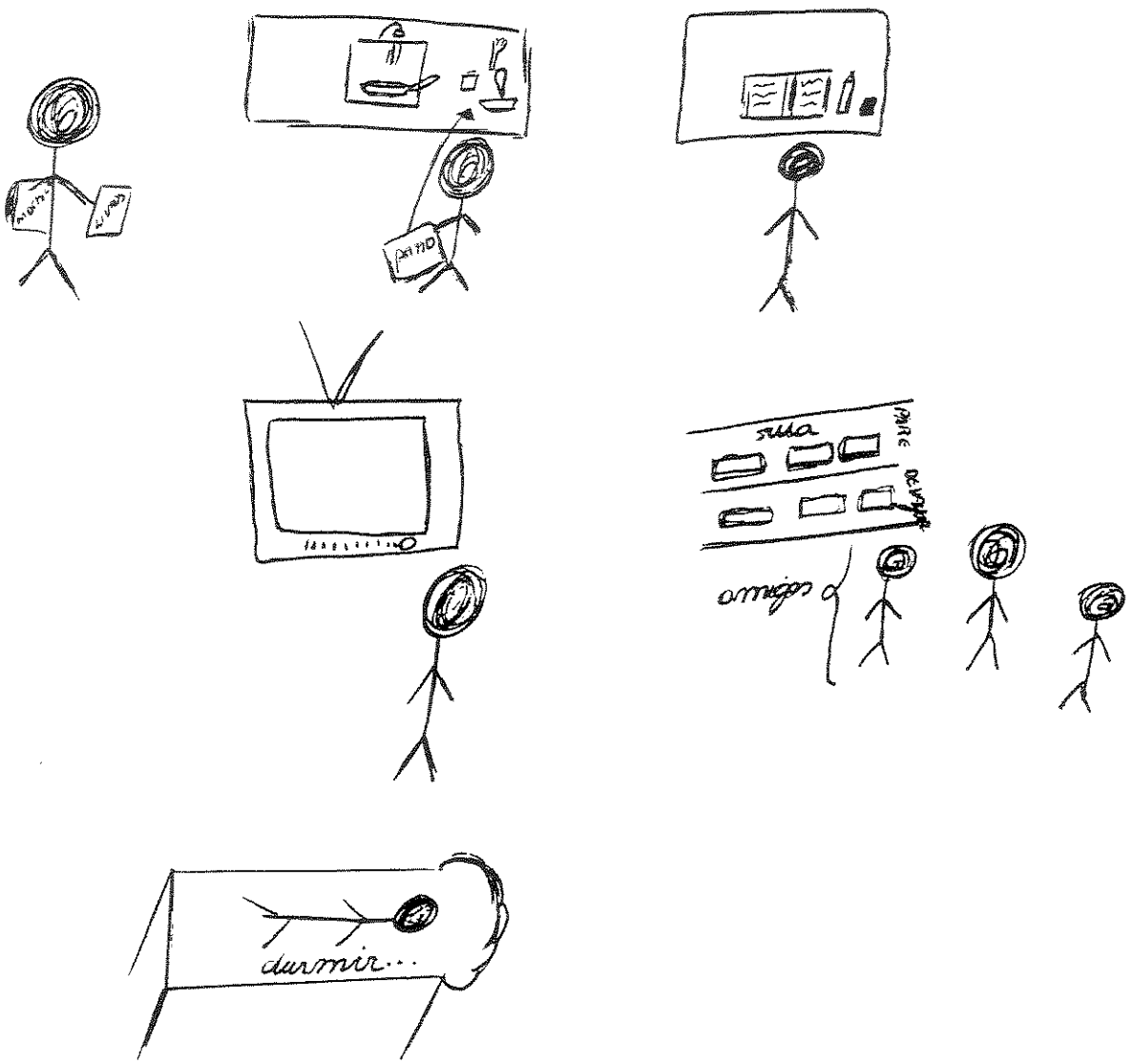
ANEXO V

DESENHOS DAS MENINAS

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

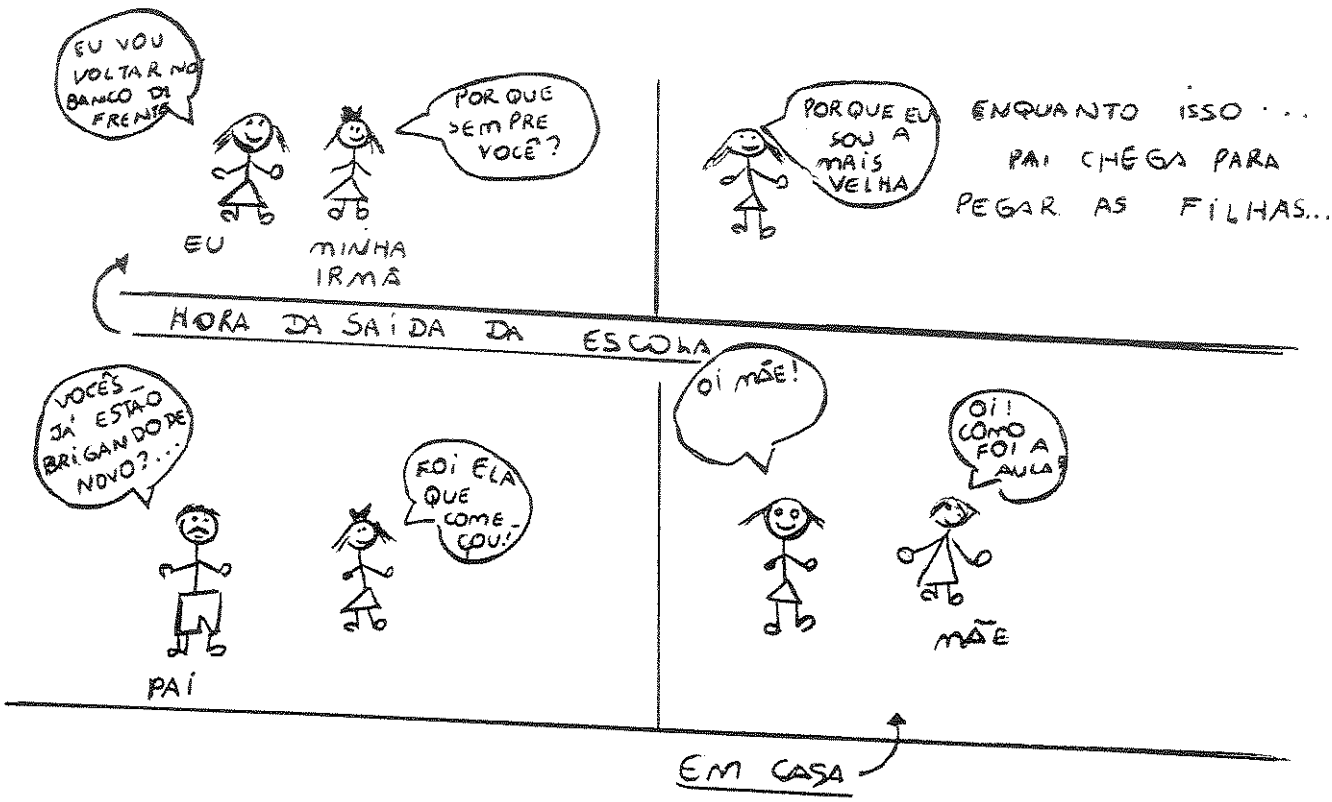


Ticiane. 16 anos

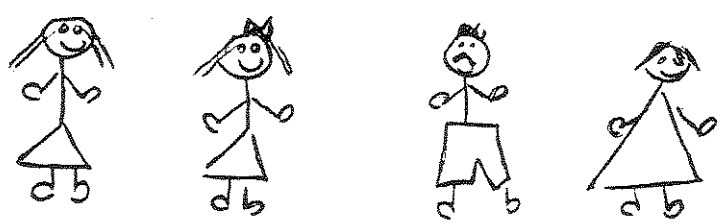
Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



TODOS ALMOÇAM JUNTOS:

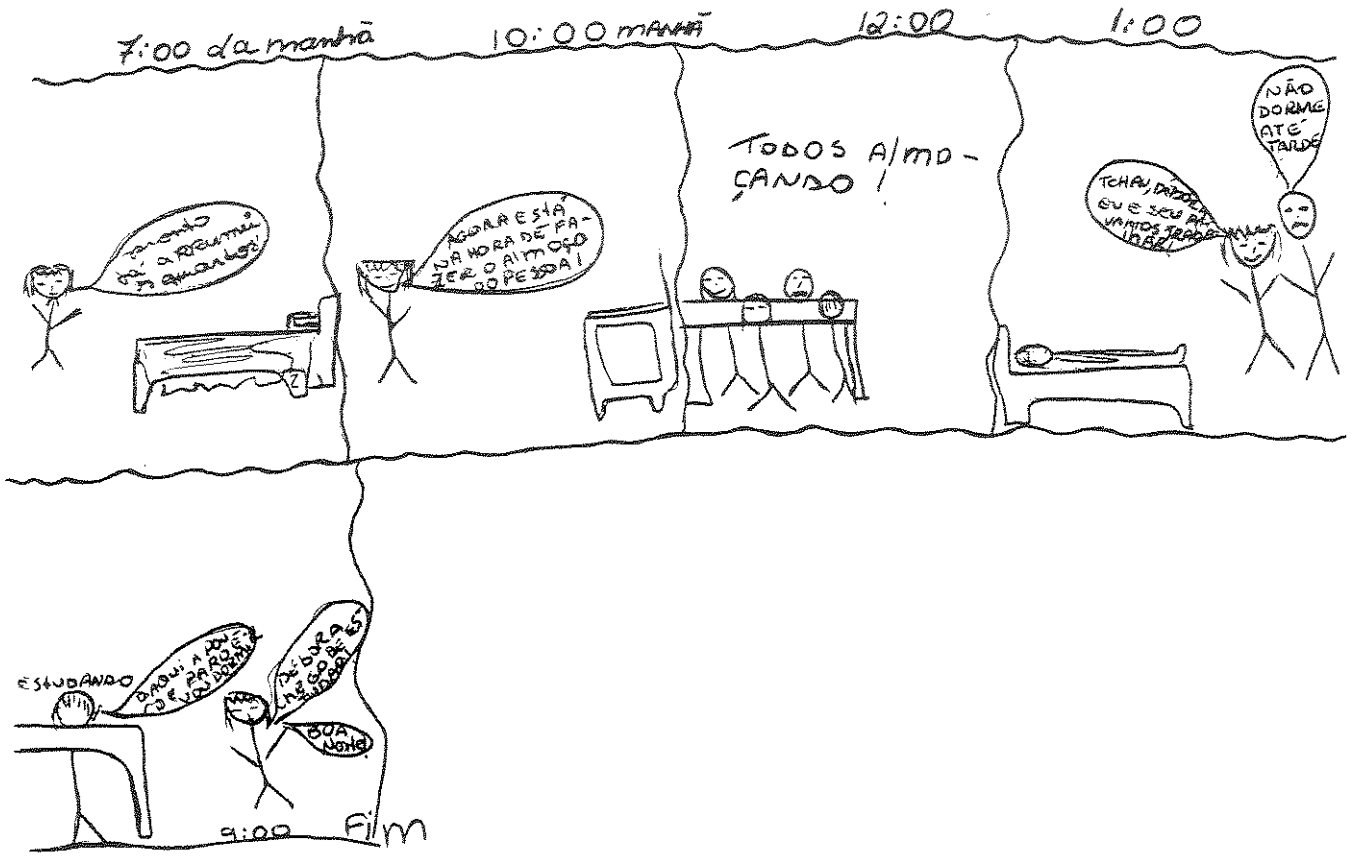


Nicole. 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

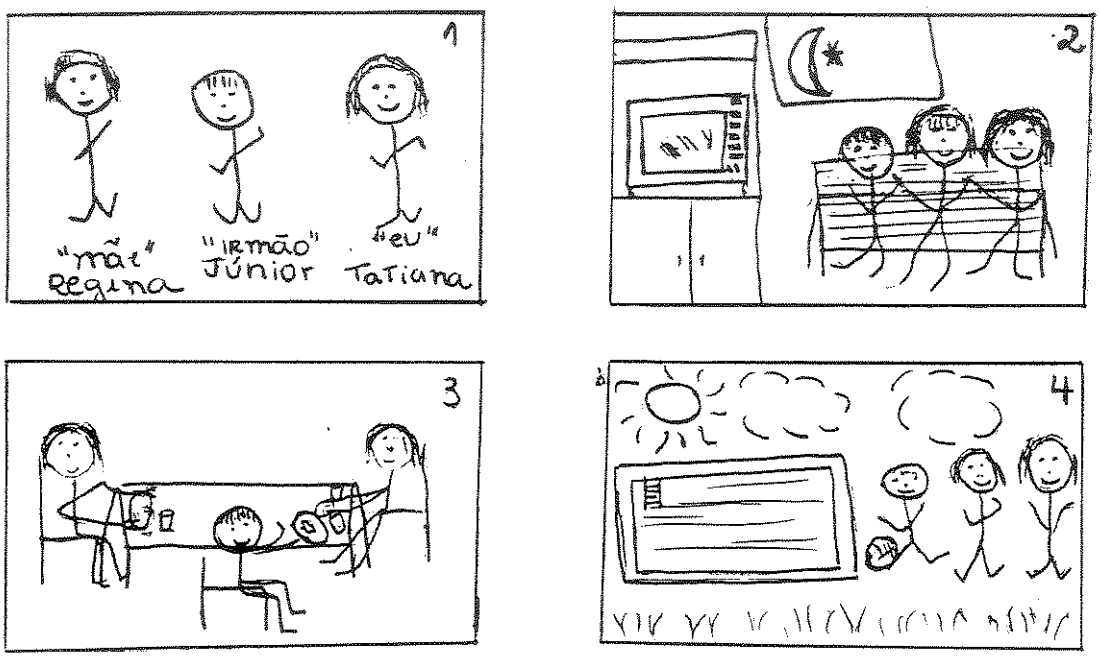


Débora, 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

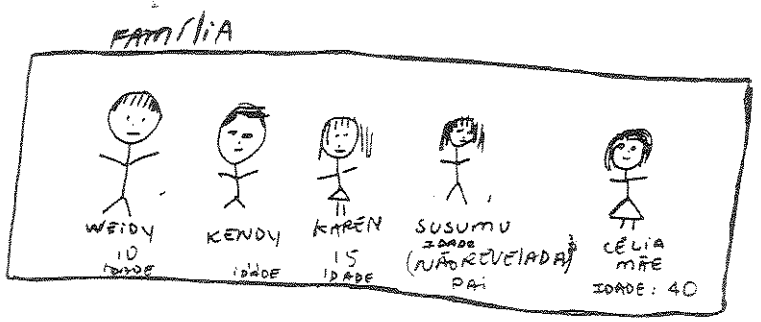


Tati, 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!











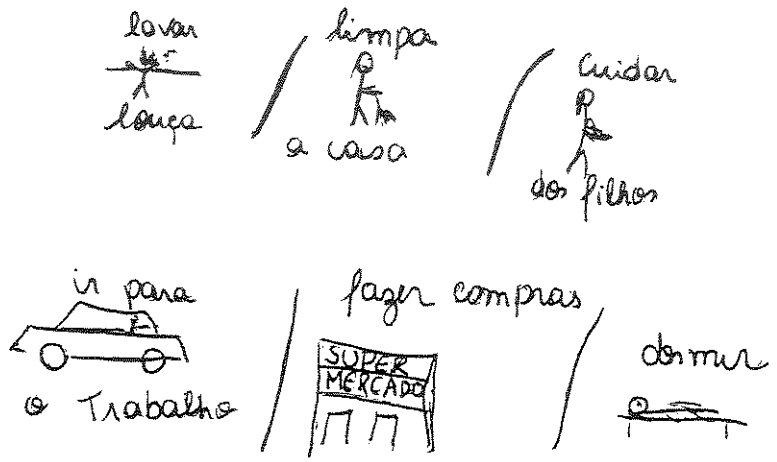
obs: já deu p/ perceber que a D. Célia é a sargenta de casa, não?!

Karen, 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



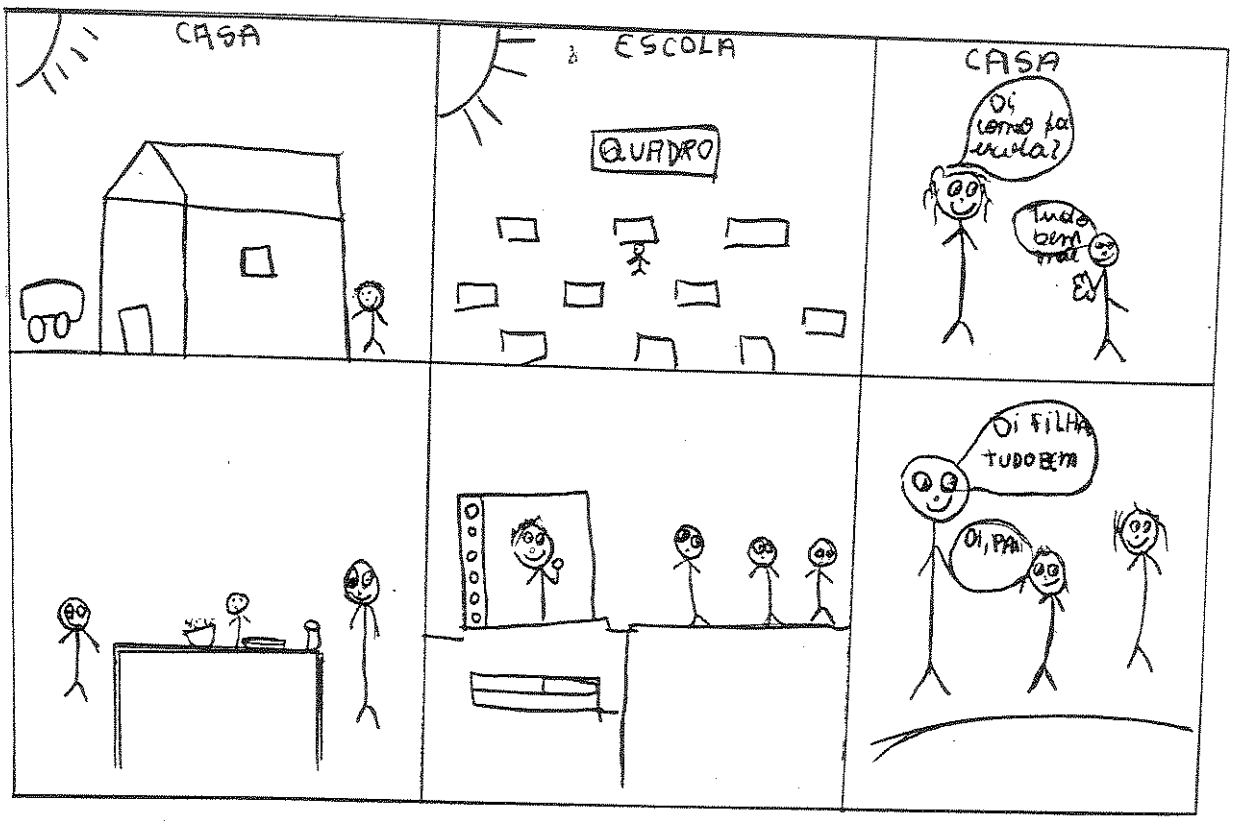
Gláucia. 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



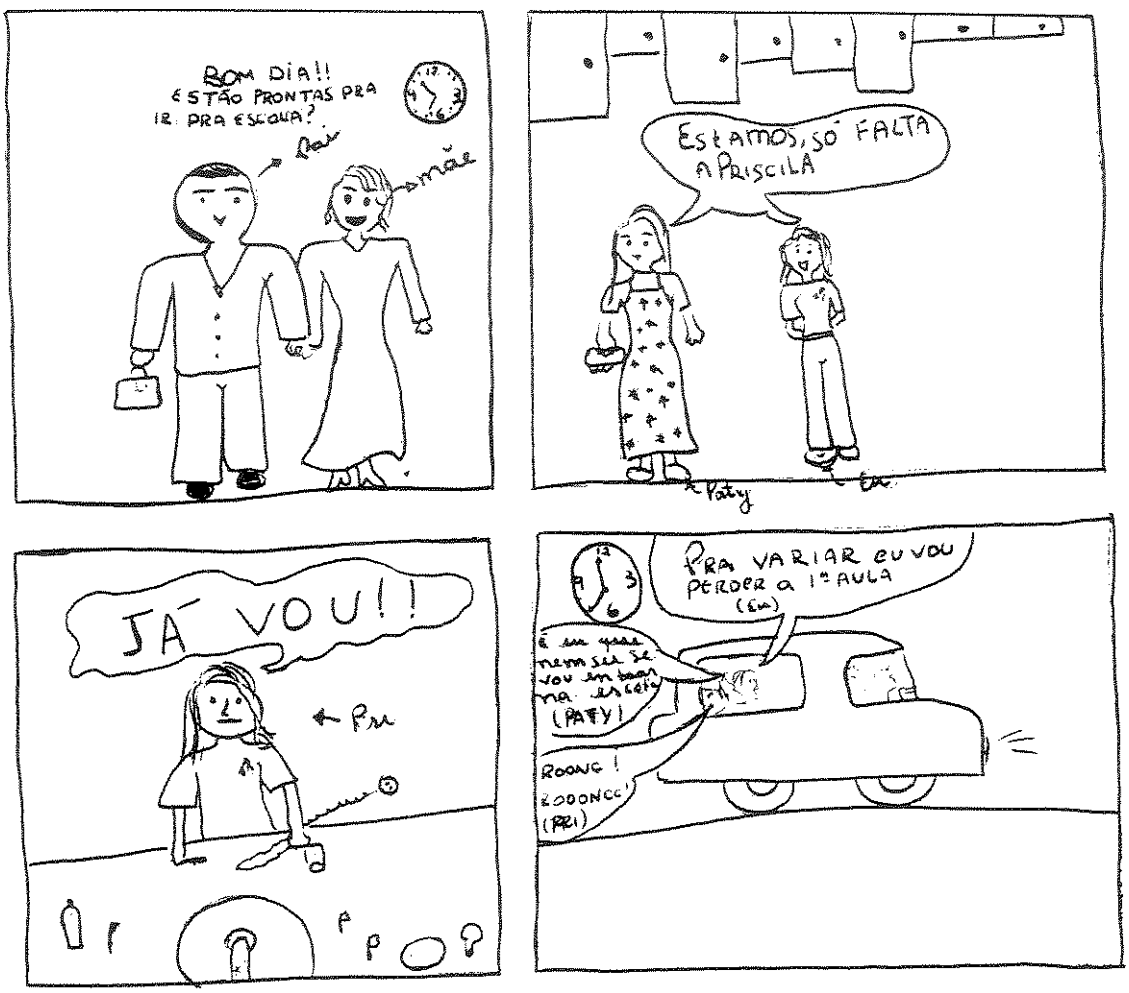


Cristina, 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

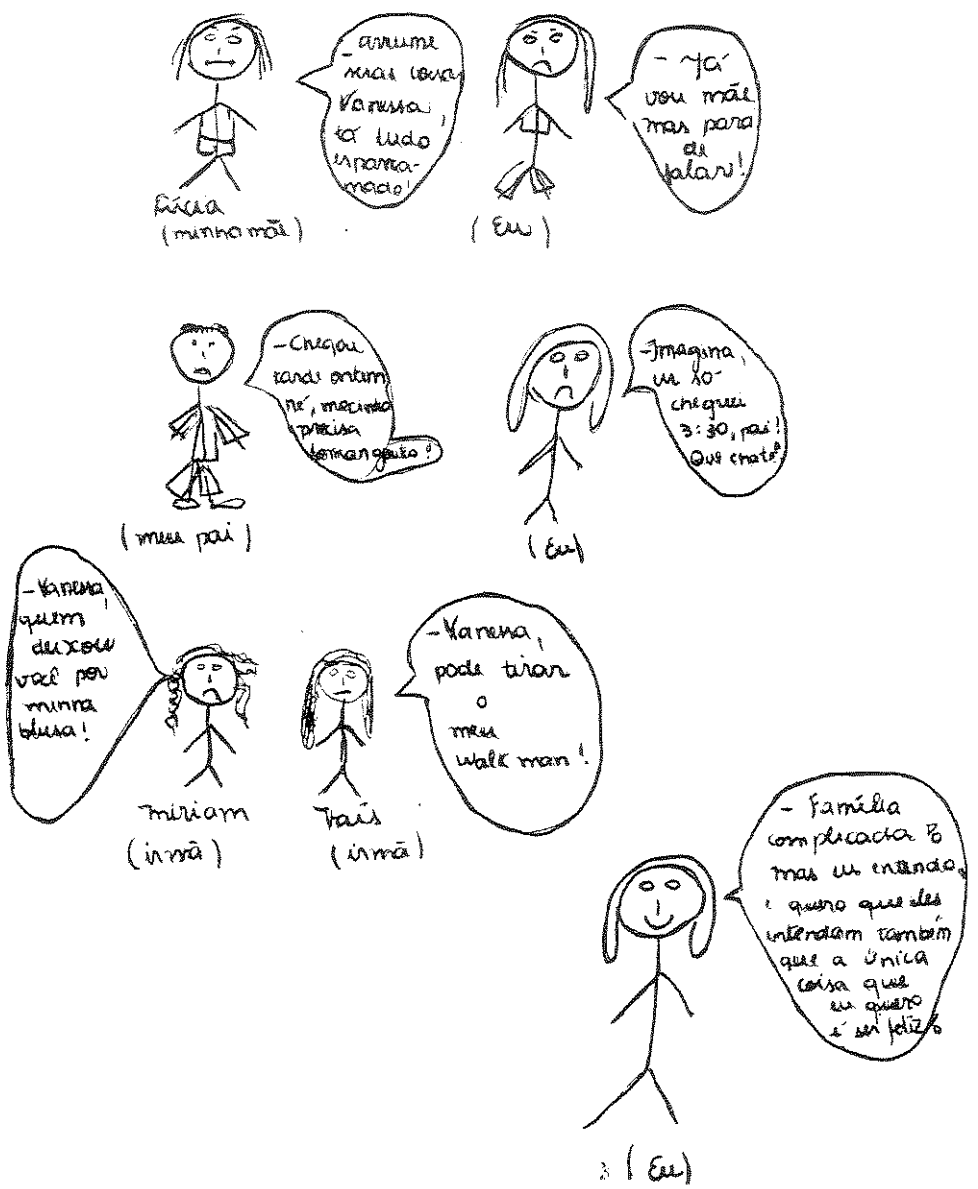


Pérola, 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



Vanessa, 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

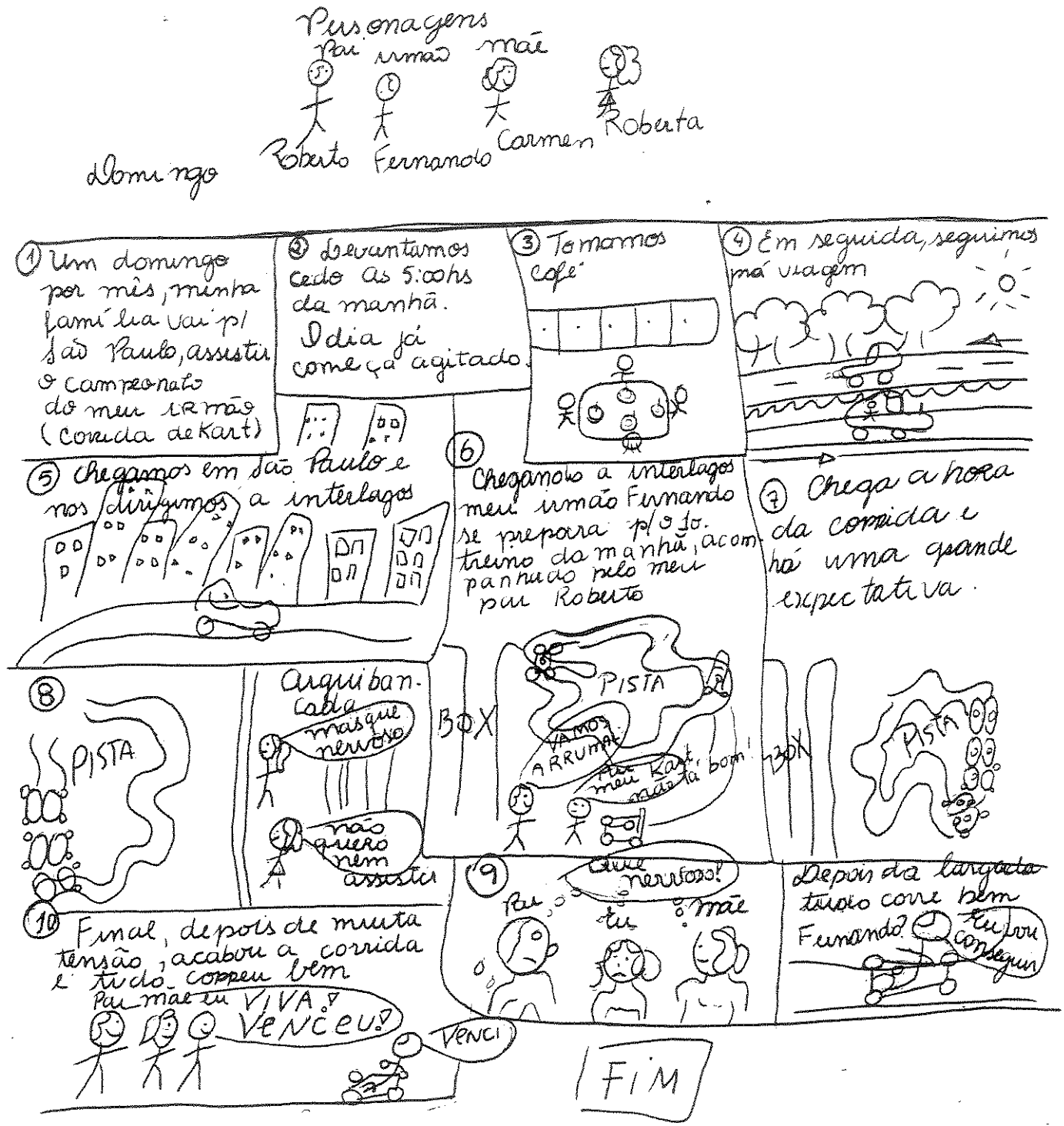


Juliana, 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



Roberta. 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

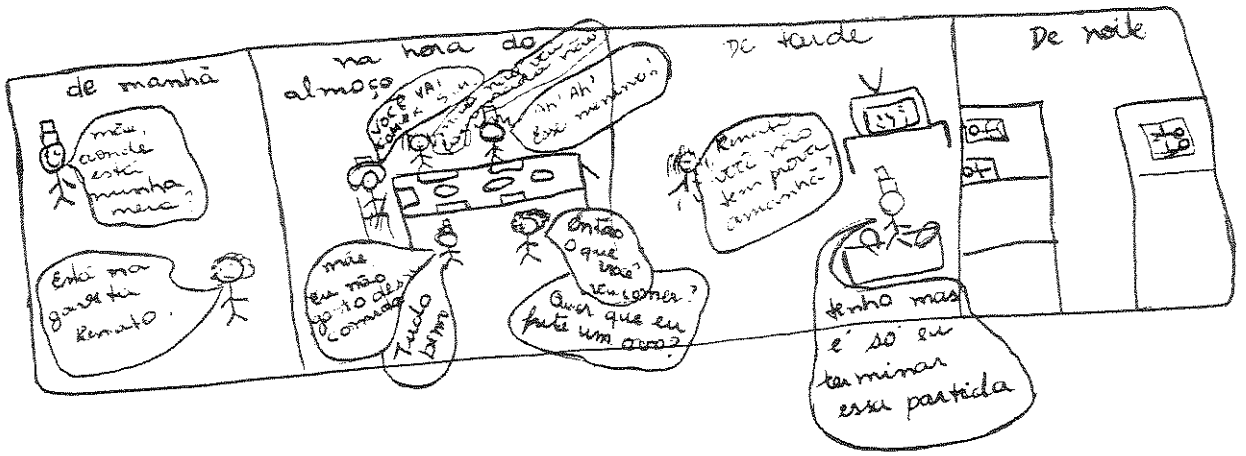


Janaína. 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!




Renato


mãe


pai


eu

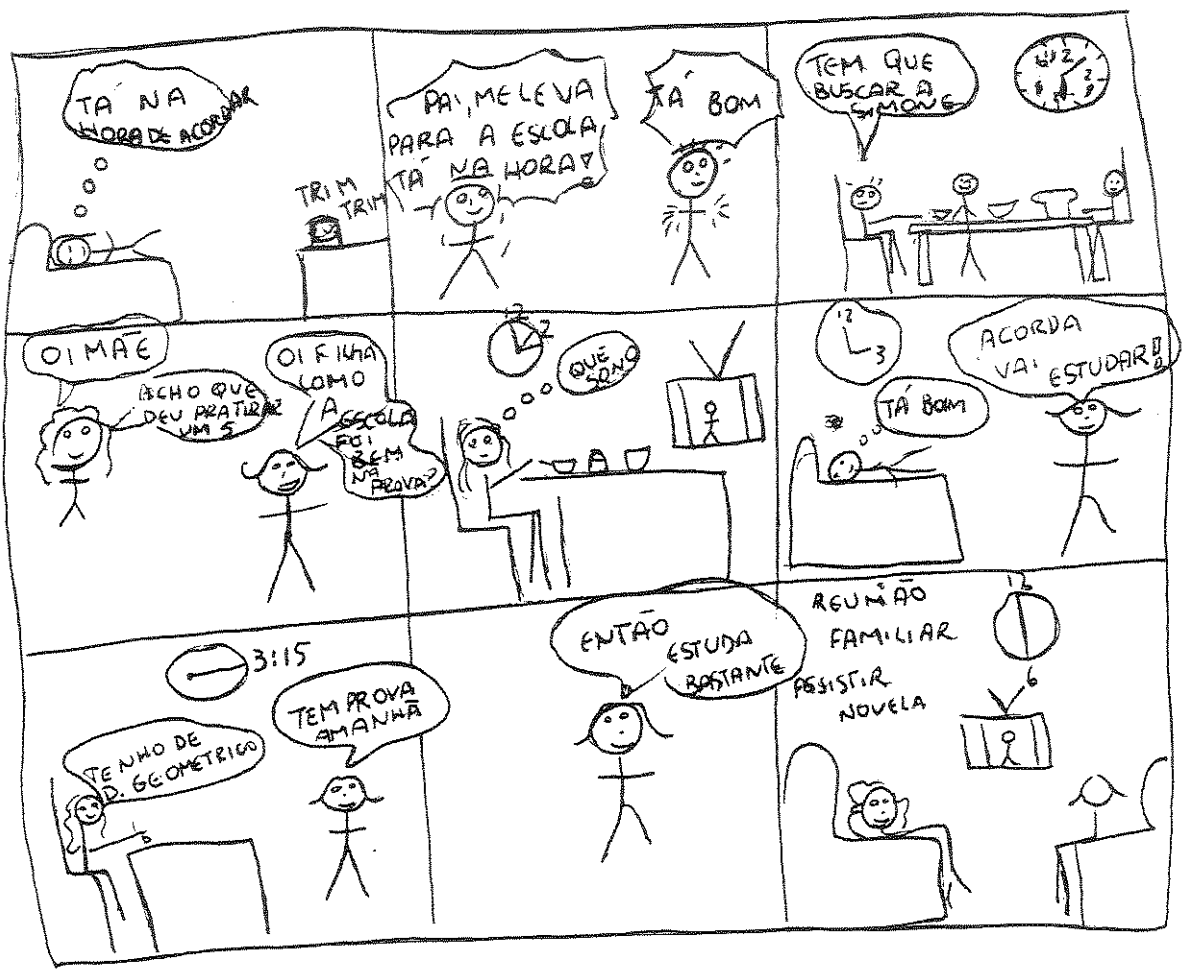

Gustavo

Karla, 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



Simone. 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

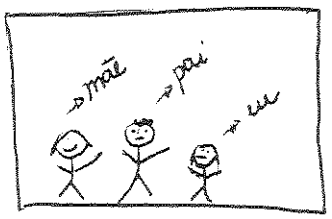


Giovana, 15 anos

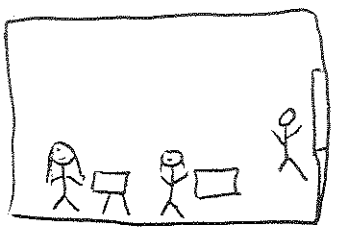
Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

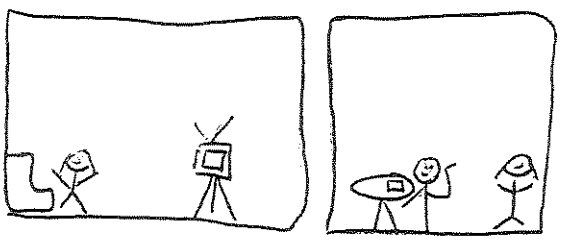
Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



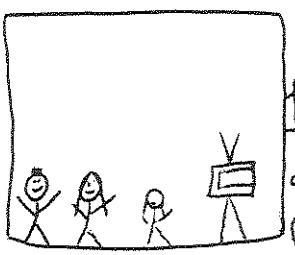
todos os dias eu, minha mãe e meu pai saímos juntos, eu pl a escola e meus pais pl trabalhar.



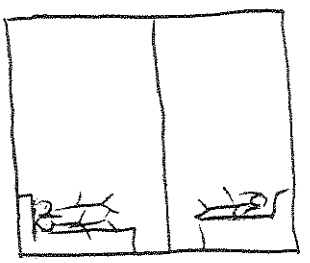
Na escola, fico até 12:00



Até 2:00 hrs, assisto TV depois vou estudar, e minha mãe chega as 4:00 hrs meu pai chega as 6:00



Eu e minha família, assistimos TV ou fazemos alguma coisa de diferente (jogar, visitar amigos, receber visitas etc)



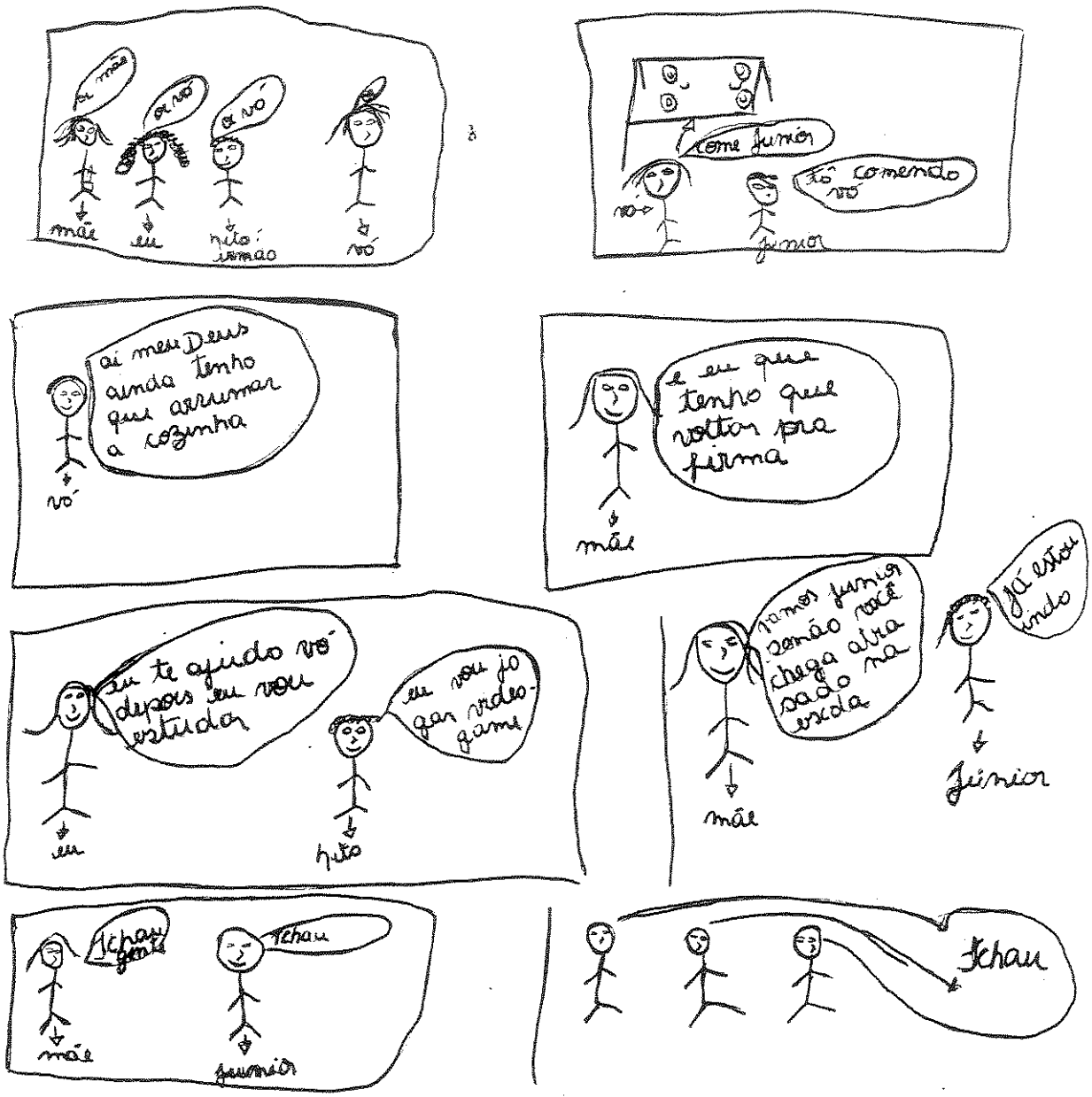
Mais tarde vamos dormir

Hariana. 15 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



Priscila, 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

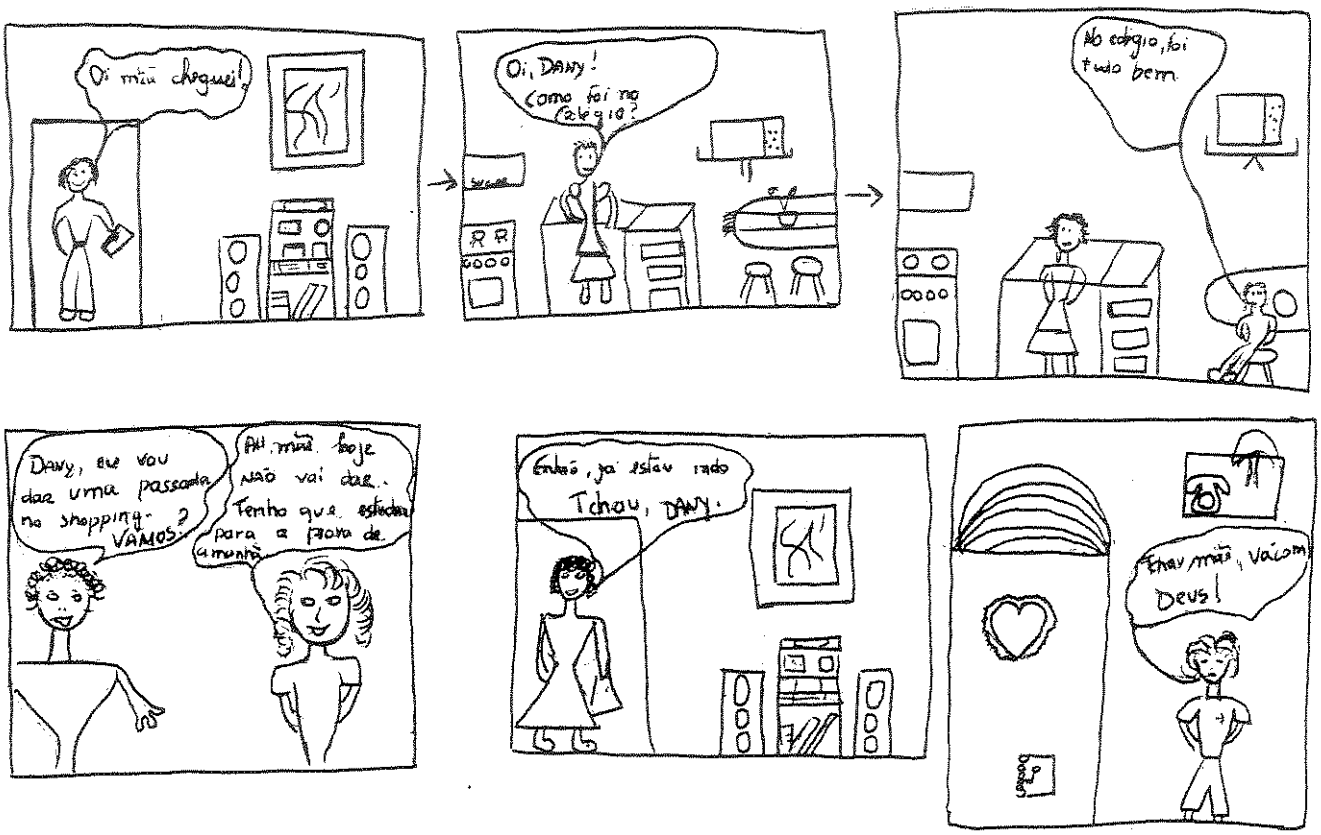


Camila, 16 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!

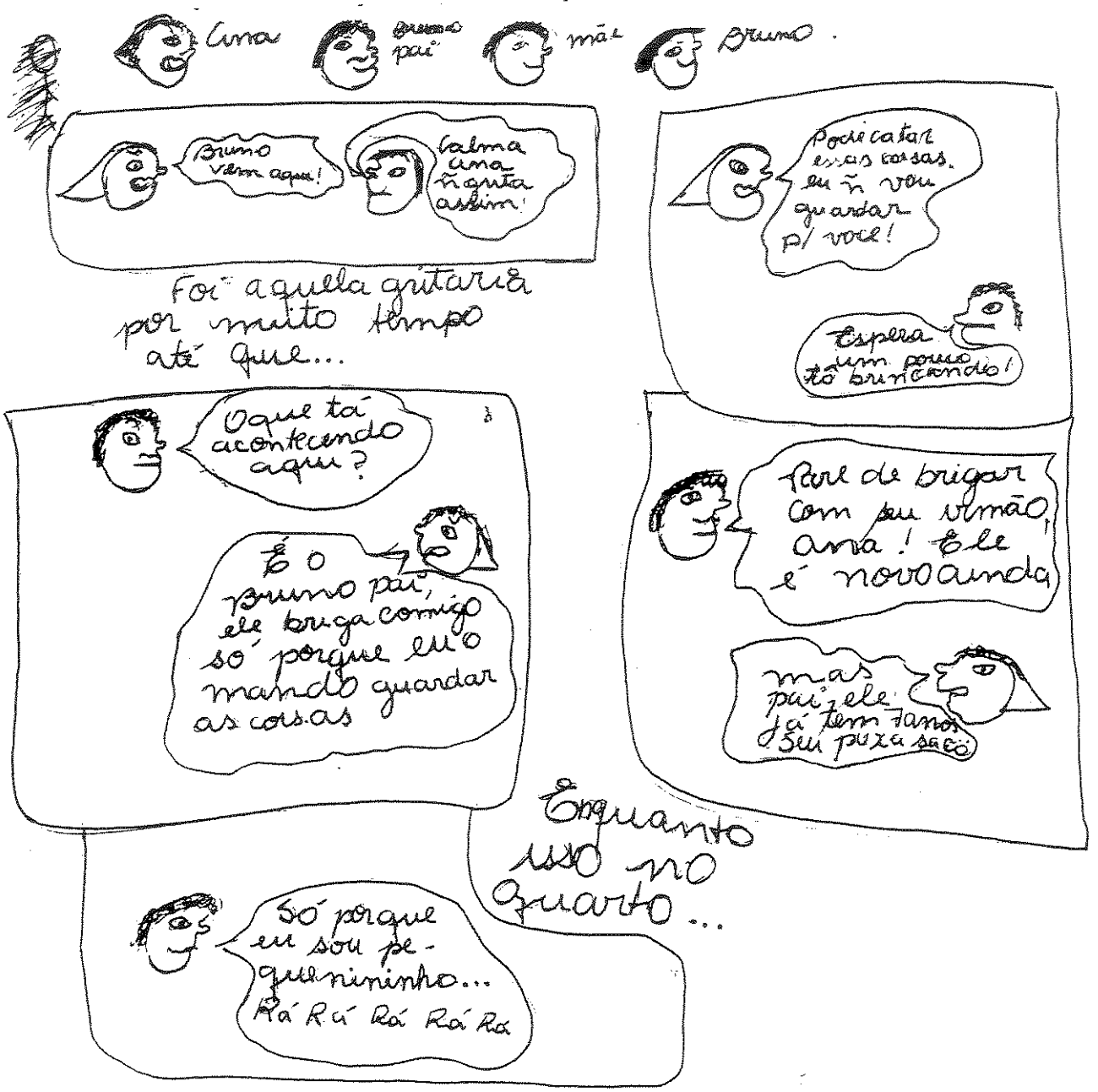


Danielly. 17 anos

Roteiro IV - Desenho

I) História em Quadrinhos: Faça uma história em quadrinhos onde as pessoas que moram na sua casa sejam as personagens.

Pense em situações que ocorrem no dia a dia para inspirar sua criação. Não se preocupe com a perfeição dos desenhos!



Kelly, 15 anos